

GUTENBERG

*Às vezes, a História
pode sair toda errada...*

MINHA

*Afinal, não é fácil
ser rainha.*

LADY

*E ela pode
perder a cabeça.*

JANE

CYNTHIA HAND

BRODI ASHTON

JODI MEADOWS



MINHA LADY JANE

CYNTHIA HAND BRODI ASHTON JODI MEADOWS

MINHA LADY JANE

Tradução: Rodrigo Seabra

Copyright © 2016 Cynthia Hand, Brodi Ashton, Jodi Meadows

Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Copyright © 2017 Editora Gutenberg

Título original: *My Lady Jane*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL *Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Nilce Xavier*

REVISÃO

Renata Silveira

CAPA

Jenna Stempel sobre imagem de Yuri Arcus (garota) e Eric Isselee / Shutterstock (furão)

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Hand, Cynthia

Minha Lady Jane / Cynthia Hand, Brodi Ashton, Jodi Meadows ; tradução Rodrigo Seabra. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2017.

Título original: *My Lady Jane*.

ISBN 978-85-8235-453-7

1. Ficção histórica 2. Ficção juvenil 3. Ficção norte-americana I. Ashton, Brodi. II. Meadows, Jodi. III. Título.

17-04929 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Tuner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Para todos aqueles que *sabem* que havia espaço suficiente
para Leonardo DiCaprio naquela porta.
E para a Inglaterra. Sentimos muito, de verdade, pelo que
estamos prestes a fazer com sua História.

*“Que é a História senão uma fábula com a qual todos
concordam?”*

Napoleão Bonaparte

“A coroa não é minha por direito. Em nada me agrada.”

Lady Jane Grey

PARTE UM

↖ (Passamos em revista um pouco de História)

Prólogo



Você pode achar que conhece esta história. Ela é mais ou menos assim: era uma vez uma mocinha de 16 anos chamada Jane Grey, que se viu forçada a se casar com um completo estranho (Lorde Guildford, ou talvez Gilford ou Gifford ou qualquer coisa assim), e, pouco tempo depois, se descobriu como governante de um país. Ela foi rainha por nove dias. E então, literalmente, perdeu a cabeça.

Sim, é uma tragédia, se você considerar que a separação entre uma cabeça e um corpo é algo trágico. (Somos meras narradoras aqui, e não é nossa intenção fazer presunções a respeito do que o leitor consideraria trágico.)

Temos uma história diferente para contar.

Preste atenção. Mexemos um pouquinho nos detalhes que pareceram insignificantes. E reorganizamos completamente os detalhes mais importantes. Alguns nomes foram trocados para proteger os inocentes (ou não tão inocentes assim, ou talvez simplesmente porque achamos que o nome em questão era péssimo e preferimos o outro nome que inventamos). E adicionamos um toque de magia para deixar as coisas mais interessantes. Então, é sério: qualquer coisa pode acontecer.

Esta é a história de Jane como pensamos que *deveria* ter sido.

Ela começa na Inglaterra (ou em uma versão alternativa da Inglaterra, já que estamos manipulando a História), bem no meio do século XVI. Era uma época conturbada, especialmente se você fosse um eðiano (que se pronuncia com a ponta da língua nos dentes, *e-thi-a-no*, caso você não esteja familiarizado com o termo). Os eðianos eram abençoados (ou amaldiçoados, dependendo do

ponto de vista) com a habilidade de transitar entre as formas humana e animal. Por exemplo, algumas pessoas podiam se transformar em gatos, o que aumentou tremendamente o consumo nacional de atum, mas também ajudou imensamente a reduzir a população de ratos da Inglaterra. (Mas também havia outras pessoas que podiam se transformar em ratos, então ninguém percebeu diferença alguma.)

Algumas pessoas achavam essa magia animal espetacular, mas outras as viam como uma abominação a ser erradicada de imediato. Esse segundo grupo (conhecido como verdádicos) acreditava que os seres humanos não tinham nada que ser qualquer outra coisa além de humanos. E, visto que os verdádicos estavam no comando de quase tudo o que havia, os eðianos foram perseguidos e caçados até que a maioria foi morta ou foi se esconder no submundo.

Isso nos leva a uma tarde crucial na corte real inglesa, quando o Rei Henrique VIII, durante um ataque de raiva, transformou-se em um enorme leão e devorou o bobo da corte, para delírio da plateia. Todos aplaudiram entusiasticamente, já que ninguém gostava mesmo do bobo. (Em momento posterior, os cortesãos perceberam que o incidente não havia sido um gesto ensaiado de caráter artístico e era, de fato, um leão bem verdadeiro mastigando um bufão. Quando a plateia entendeu o que se passava, parou de aplaudir, e ainda passou a comentar: “O que o palhaço fez para merecer aquilo?”.)

Naquela mesma noite, o rei, depois de voltar à forma humana, decretou que os eðianos não eram assim tão ruins, e dali por diante deveriam desfrutar dos mesmos direitos e privilégios dos verdádicos. A decisão de sancionar a magia ancestral repercutiu por toda a Europa. O líder da Igreja Verdádica não ficou nada satisfeito com a decisão do Rei Henrique, mas, a cada vez que Roma enviava uma missiva condenando o decreto real, o rei-leão comia o mensageiro.

Vem daí a expressão “não coma o mensageiro”.

Quando Henrique morreu, seu filho único, Eduardo, herdou o trono. No momento em que nossa história se inicia, estamos em um período tenso, com emergente animosidade entre eðianos e

verdádicos, um rei adolescente que mal podia reclamar para si o trono da Inglaterra, e um jovem lorde e uma lady que nem fazem ideia de que seus destinos estão prestes a colidir.

Totalmente contra a vontade de ambos.

CAPÍTULO UM



Eduardo

Acontece que o novo rei estava morrendo.

— Quando será? — ele perguntou ao Mestre Boubou, o médico real. — Quanto tempo ainda tenho?

Boubou enxugou as sobrancelhas ensopadas de suor. Não gostava de dar más notícias à realeza. Em sua área de atuação, aquilo às vezes poderia levar à prisão. Ou pior.

— Seis meses, talvez um ano — murmurou. — Na melhor das hipóteses.

Besteira, pensou Eduardo. Sim, já estava doente por meses até aquele momento, mas tinha apenas 16 anos. Não poderia estar morrendo. Tinha apenas um resfriado, só isso, uma tosse que vinha durando por mais tempo do que deveria, talvez, e um aperto no peito, uma febre recorrente, algumas dores de cabeça, certamente, e episódios de tontura e um gosto meio estranho na boca uma vez ou outra. Mas morrendo?

— Tem certeza? — perguntou.

— Sinto muito, Majestade. — Boubou assentiu com a cabeça. — É o que se tem chamado de “a Moléstia”.

Oh. Era aquilo.

Eduardo tentou engolir a tosse. No mesmo instante, sentiu-se ainda pior do que estava momentos antes, como se seus pulmões tivessem também ouvido a má notícia e já estivessem se fechando. Ouvira falar de outros portadores da tal “Moléstia”, sempre tossindo sangue em lenços tenebrosos, portando-se de maneira trêmula e desfalecente, o que por fim os levava a se retirar da corte discretamente para ir morrer de uma morte horrível e agonizante longe da vista das damas.

— Tem... certeza? — perguntou outra vez.

Boubou passou os dedos nervosamente pelo colarinho.

— Posso dar ao senhor um tônico para a dor e me assegurar de que permaneça confortável até o fim. Mas sim, tenho certeza.

O fim. Aquilo parecia tão definitivo.

— Mas... — Havia tanto o que ele ainda queria fazer de sua vida. Para começar, queria beijar uma menina, uma menina bonita, a menina certa, quem sabe de língua. Queria promover bailes enormes e suntuosos para mostrar aos nobres suas habilidades como dançarino. Queria finalmente derrotar o mestre de armas em um duelo de espadas, já que Bash era a única pessoa que ele conhecia que tinha se esquecido de deixá-lo vencer. Queria explorar seu reino e viajar pelo mundo. Queria caçar alguma fera bem grande e expor a cabeça do bicho em sua parede. Queria escalar o topo do monte Scafell, ir tão alto quanto uma pessoa poderia subir na Inglaterra, e então olhar lá de cima para as terras que se espalhavam sob seus pés para ter a certeza de que era ele o rei de tudo aquilo que observava.

Mas, pelo jeito, nada daquilo iria acontecer.

“Repentina” era a palavra que as pessoas usariam para definir sua morte, pensou. “Prematura.” “Trágica.” Podia praticamente ouvir as baladas que os menestréis cantariam a respeito dele, o grande rei que morreu tão precocemente.

Pobre Rei Eduardo, agora sob o chão.

Seus pulmões foram arrancados. Algum dia, os acharão.

— Quero uma segunda opinião. Uma melhor do que essa — protestou Eduardo, fechando a mão com força sobre o braço do trono. Estremeceu subitamente, com um calafrio. Puxou suas vestes reais forradas de pele para mais perto de si.

— Mas é claro — respondeu Boubou, esquivando-se.

Eduardo podia ver o medo nos olhos do médico, e por isso sentiu um súbito desejo de jogá-lo nas masmorras por justa causa, uma vez que era rei e o rei sempre conseguia o que queria, e o rei não queria nada daquilo de “estar morrendo”. Apenas tocou a adaga dourada em sua cintura e Boubou deu mais um passo para trás.

— Realmente sinto muito, Majestade — murmurou o velhote mais uma vez, olhando para o chão. — Por favor, não coma o mensageiro.

Eduardo suspirou. Ele não era seu pai, que decerto teria assumido a forma de leão e devorado o pobre homem apenas por trazer notícias nefastas. Eduardo não tinha nenhum animal secreto dentro de si, pelo menos não que soubesse. E isso sempre o deixara desapontado.

— Pode se retirar, Boubou — disse.

O médico soltou um suspiro de alívio e correu para a porta, deixando Eduardo sozinho na tarefa de encarar sua morte iminente.

— Besteira — Eduardo rosnou para si mesmo mais uma vez. A tal Moléstia parecia uma maneira um tanto inconveniente de um rei ir-se embora.



Mais tarde, depois que a notícia da decadência real já tinha se espalhado pelo palácio, as irmãs de Eduardo foram falar com ele. O rei estava sentado em seu lugar favorito — o beiral da janela de uma das torretas ao sul do Palácio de Greenwich —, balançando as pernas para fora, enquanto observava as pessoas indo e vindo no pátio interno logo abaixo e ouvia o fluxo inexorável do rio Tâmis. Pensou então que finalmente havia entendido, naquele momento, o Sentido da Vida, o Maior Segredo de Todos, que ele resumia no seguinte:

A vida é curta, e então você morre.

— Eduardo — murmurou Bess (apelido de sua irmã Elizabeth), com a boca se retorcendo em simpatia ao se sentar ao lado dele no beiral. — Sinto tanto, meu irmão.

Ele tentou dar a ela um meio-sorriso. Eduardo era o mestre dos meios-sorrisos. Aquela era a sua mais bem aperfeiçoada habilidade real, na verdade, mas, naquele momento, ele não conseguiu fazer mais do que uma careta patética sem entusiasmo.

— Então você já soube — ele disse, tentando manter a voz calma. — Mas pretendo conseguir uma segunda opinião, com toda certeza. Não me sinto à beira da morte.

— Ah, meu pobre Dudu — engasgou-se Maria, levando um lençinho bordado de renda ao canto do olho. — Meu garoto tão gentil e querido. Pobre pombinho.

Eduardo fechou os olhos por um momento. Odiava ser chamado de Dudu, e odiava mais ainda quando se referiam a ele como se fosse um garotinho de bermuda, mas até conseguia tolerar aquilo vindo de Maria. Sempre se sentiu meio mal em relação às irmãs, com aquela história toda de o pai tê-las declarado bastardas e tudo mais. No ano em que descobrira sua forma animal — o Ano do Leão, como o pessoal passou a chamar —, Henrique VIII também tinha decidido que era o rei quem faria todas as leis. Assim, anulou seu casamento com a mãe de Maria e enviou a menina a um convento para que lá vivesse até o fim de seus dias, só para que ele então se casasse com a mãe de Bess, uma das mais atraentes damas de companhia da corte. Porém, quando Esposa nº 2 falhou em dar-lhe um herdeiro varão, e circularam rumores dizendo que a rainha Ana era uma *ediana* e, de vez em quando, se transformava em uma gata preta para descer as escadas até o quarto do menestrel, o rei providenciou para que lhe cortassem a cabeça. Esposa nº 3 (a mãe de Eduardo) tinha feito tudo direitinho, o que queria dizer que tinha entregue ao rei uma criança com a genitália apropriada para ser o futuro governante da Inglaterra e, então, considerando que não era do tipo que ficava por perto para se gabar, morreu prontamente logo em seguida. O Rei Henrique VIII ainda teria mais três esposas (respectivamente: casamento anulado, outra decapitada e a sortuda que conseguiu viver mais que ele, haha), mas nenhum outro filho.

Ou seja, tinham sido apenas aqueles três — Maria, Bess e Eduardo — os descendentes da realeza, e eles vinham desde então formando uma espécie de família desconjuntada, considerando que o pai de todos era provavelmente maluco e definitivamente perigoso, mesmo quando não estava transformado em leão, e que as mães estavam todas mortas ou exiladas. Os três irmãos sempre se deram bem, especialmente porque nunca houvera competição entre eles a respeito de quem deveria herdar a coroa. Eduardo era a escolha óbvia. Só ele tinha as partes de menino.

Aliás, ele já vinha sendo rei desde os 9 anos de idade. Na verdade, só se lembrava vagamente da época em que ainda não era rei e, até aquele momento, sempre sentira que a monarquia meio que caía bem em sua pessoa. Mas que grande maravilha era ser rei naquela hora, pensou, com amargura. Preferiria ter nascido um camponês, um filho de ferreiro, talvez. Se assim fosse, talvez tivesse conseguido se divertir de verdade antes de se despedir deste mundo material. No mínimo, teria tido a oportunidade de beijar uma garota.

— Como você está se sentindo de verdade? — Maria perguntou solenemente. Maria falava tudo em tom solene.

— Molestado — ele respondeu.

A palavra produziu o fantasma de um quase-sorriso em Bess, mas Maria apenas balançou a cabeça com tristeza. Maria nunca ria das piadas dele. Ele e Bess já a chamavam de Maria Sem Graça pelas costas havia anos, uma vez que ela era sempre tão artificialmente superior a tudo e todos. As únicas horas em que Eduardo já tinha visto Maria se divertir na vida foram quando algum traidor era decapitado ou quando algum pobre eđiano era queimado vivo em um poste. A irmã tinha uma sede de sangue surpreendente quando o assunto era eđianos.

— Você sabe, a Moléstia também levou minha mãe... — Maria comentou, o lenço nervosamente entre as mãos.

— Sei sim. — Ele sempre pensara, no entanto, que a rainha Catarina tinha morrido muito mais de um caso de coração partido do que de qualquer doença física, embora também imaginasse que um coração partido quase sempre levasse a um corpo igualmente danificado.

Ele nunca teria chance de ter seu coração partido, pensou, sentindo uma nova onda de autocomiseração percorrendo-o. Nunca se apaixonaria.

— É um jeito um tanto horrendo de morrer — continuou Maria. — Você tosse e tosse, até tossir os próprios pulmões para fora.

— Ah, obrigado. Isso é muito reconfortante.

Bess, que sempre fora a quietinha comparada à irmã tão solenemente loquaz, lançou para Maria um olhar cortante e pousou

a mão enluvada sobre a mão de Eduardo.

— Há alguma coisa que possamos fazer por você?

Ele deu de ombros. Seus olhos ardiam, mas ele jurou para si mesmo que não choraria quando pensasse naquela história toda de morte, porque chorar era coisa de menina e de bebezinhos de colo, e não de reis. Além do mais, chorar não ia adiantar nada.

Bess apertou a mão dele. Eduardo apertou de volta, definitivamente sem chorar, e recomeçou a apreciar a vista da janela e a pensar no sentido da vida.

A vida é curta.

E então você morre.

Rápido. Em seis meses, no máximo um ano. E isso parecia uma quantidade de tempo terrivelmente pequena. No verão anterior, um famoso astrólogo italiano tinha feito o mapa astral de Eduardo, com base no qual tinha declarado que o rei viveria pelos próximos quarenta anos.

Pelo jeito, famosos astrólogos italianos eram uns senhores mentirosos.

— Mas pelo menos você pode ter certeza de que tudo vai ficar bem quando você se for — disse Maria solenemente.

Ele se virou para ela.

— Mas o quê?

— Com o reino, digo — ela continuou ainda mais solenemente. — O reino estará em ótimas mãos.

Ele nem mesmo tinha parado para pensar no reino. Ou em mais nada, na verdade. Tinha ficado ocupado demais contemplando a ideia de tossir os pulmões para fora, e então estaria morto demais para se preocupar com qualquer outra coisa.

— Maria! — Bess a censurou. — Agora não é hora de pensar em política.

Antes que Maria pudesse contestar (e, pela expressão em seu rosto, ela definitivamente se preparava para argumentar que qualquer hora era hora de política), alguém bateu na porta. Eduardo se manifestou, dizendo “Entre”, e John Dudley, Duque de Northumberland e Lorde Presidente do Conselho Privado do rei, enfiou seu longo nariz aquilino para dentro do quarto.

— Ah, Vossa Majestade, bem pensei que o encontraria aqui — disse quando avistou Eduardo. Passou os olhos rapidamente por Maria e Bess como se não tivesse um segundo sequer para gastar cumprimentando-as. — Princesa Maria. Princesa Elizabeth. Ambas estão muito formosas. — Virou-se para Eduardo. — Majestade, me pergunto se podemos trocar uma palavra.

— Até duas — Eduardo respondeu.

— Em particular — Lorde Dudley esclareceu. — Na sala do Conselho.

Eduardo ficou de pé e espanou as calças. Fez um aceno com a cabeça para as irmãs e elas de imediato fizeram suas medidas reais. Ele então permitiu que Lorde Dudley o guiasse pelas escadas abaixo e pelos longos corredores do palácio rumo à sala do Conselho do rei, onde os conselheiros normalmente passavam horas do dia, todos os dias, preenchendo a papelada real para tocar o país para a frente e tomar todas as decisões cabíveis. O próprio rei quase nunca passava muito tempo naquele salão, a não ser que um documento precisasse de sua assinatura ou que algum outro assunto muito importante requisitasse sua atenção pessoal. E isso raramente acontecia.

Dudley fechou a porta atrás de ambos.

Eduardo, meio tonto com a caminhada, se afundou em seu trono real vermelho, extramacio, na ponta da mesa em torno da qual se formava um semicírculo de cadeiras (geralmente ocupadas pelos outros trinta membros do Conselho Privado). Dudley puxou um lenço para o rei, que Eduardo apertou junto aos lábios enquanto se entregava a uma crise de tosse.

Quando tirou o lenço, havia uma mancha levemente rósea.

Diabos!

Ficou encarando aquela mancha e até tentou estender o lenço de volta a Dudley, mas o duque rapidamente disse: “Pode ficar com ele, Majestade”, e atravessou para o outro lado da sala, onde começou a cofiar a barba do jeito que sempre fazia quando se entregava a pensamentos profundos.

— Creio — Dudley começou a falar suavemente —, que devemos conversar sobre o que vamos fazer.

— Fazer? É a Moléstia. É incurável. Não tem mais nada que eu possa fazer a não ser morrer, pelo jeito.

Dudley se esforçou para produzir um sorriso de simpatia que não parecia nada natural em seu rosto, já que não estava acostumado a sorrir.

— Sim, meu senhor, isso é verdade, mas a morte chega para todos nós. — Voltou a alisar a barba. — A notícia é decerto desafortunada, mas precisamos extrair o melhor dela. Há uma série de procedimentos que precisam ser tomados em prol do reino antes que o senhor venha a falecer.

Ah, o reino. Lá estava ele outra vez. Sempre o reino. Eduardo balançou a cabeça concordando.

— Muito bem — disse com mais coragem na voz do que sentia de fato. — Diga-me o que devo fazer.

— Primeiro, devemos considerar a linha sucessória. Um herdeiro para o trono.

Eduardo levantou as sobrancelhas.

— Você quer que eu me case e arrume um herdeiro em menos de um ano?

Podia acabar sendo divertido. Definitivamente envolveria beijar de língua.

— Hãã... — Dudley limpou a garganta. — Não, Majestade. O senhor não está bem o suficiente para tal.

Eduardo até quis argumentar, mas então se lembrou da manchinha rosada no lenço e do quanto tinha achado cansativa apenas aquela caminhada pelo palácio. Não estava em condições de sair por aí cortejando uma possível esposa.

— Muito bem, então suponho que o trono deva ir para Maria.

— Não, senhor — Lorde Dudley atalhou com urgência. — Não podemos deixar o trono inglês cair nas mãos erradas.

Eduardo franziu o cenho.

— Mas ela é minha irmã. E é a mais velha. E ela...

— Ela é uma verdádica — insistiu Dudley. — Maria foi criada para acreditar que a magia animal é malévola, algo a ser temido e destruído. Se ela se tornasse rainha, este país retornaria à Idade das Trevas. Nenhum eðiano estaria a salvo.

Eduardo se recostou, pensativo. Tudo o que o duque estava dizendo era verdade. Maria não tolerava os eðianos (ela os preferia em versão bem tostada, como mencionamos anteriormente). Além do mais, não tinha senso de humor, era totalmente retrógrada e nunca seria boa como governante.

— Então não pode ser Maria — ele concordou. — E também não pode ser a Bess. — Girou o anel com o selo real em torno do dedo. — Bess até seria melhor que Maria, é claro, e seus pais eram ambos eðianos, se acreditarmos na história da gata. Mas não sei qual a posição de Bess com relação aos verdádicos. Ela é meio volúvel. E, além disso, a coroa não pode ir para uma mulher.

A essa altura, você já deve ter notado que Eduardo era um pouquinho machista. Não dá para culpá-lo por isso, na verdade, já que durante toda a sua jovem vida ele vinha sendo exaltado simplesmente por ter nascido menino.

Mesmo assim, ele gostava de pensar em si mesmo como um rei de inclinação progressista. Não tinha herdado do pai o traço eðiano (pelo menos até onde se sabia), mas aquilo obviamente era parte de seu histórico familiar, e ele tinha sido criado para simpatizar com a causa eðiana. Nos últimos tempos, parecia que a tensão entre os grupos tinha atingido um ponto culminante. Chegavam relatos de um misterioso grupo eðiano chamado Alcateia, que vinha atacando e pilhando igrejas e monastérios verdádicos pelo país. E depois chegavam mais relatos ainda, tratando de verdádicos que expunham e em seguida cometiam violências contra eðianos. E aí vinham histórias de ataques de vingança contra verdádicos. E assim sucessivamente.

Dudley tinha razão. Precisavam de um governante pró-eðiano. Alguém que pudesse manter a paz.

— Então, quem você tem em mente? — Eduardo se esticou até uma mesinha lateral onde sempre havia, conforme decreto real, uma bacia de amoras fresquinhas. Ele adorava amoras. Havia rumores de que elas tinham grandes propriedades curativas, por isso ele as vinha comendo aos montes ultimamente. Jogou uma na boca.

O pomo de adão do Lorde Dudley subiu e desceu e, pela primeira vez desde que Eduardo o conhecesse, o homem parecia um pouco nervoso.

— O primogênito de Lady Jane Grey, Majestade.

Eduardo engasgou com sua amora.

— Jane tem um filho? — ele falou quase cuspindo. — Tenho certeza de que eu teria ouvido a respeito.

— Ela ainda não tem um filho neste momento — Dudley explicou pacientemente. — Mas terá. E, quando deixamos de lado Maria e Elizabeth, os Greys são os próximos na linha sucessória.

Ou seja, Dudley queria que Jane se casasse e produzisse um herdeiro.

Eduardo não conseguia imaginar sua prima Jane com marido e filho, muito embora ela já estivesse com 16 anos e, pelos costumes da época, já fosse velha para estar solteira. Os livros eram a grande paixão de Jane: História e Filosofia e Religião, acima de tudo, mas também qualquer coisa que caísse em suas mãos. Ela adorava ler Platão no grego original — tanto, aliás, que o fazia por diversão, e não apenas quando seus tutores assim determinavam. Tinha poemas épicos inteiros memorizados e conseguia recitá-los a qualquer momento. Mas, acima de tudo, ela adorava histórias de edianos antigos e suas aventuras.

Não havia qualquer dúvida de que Jane apoiaria os edianos.

Havia um rumor muito difundido de que a mãe de Jane era ela mesma uma ediana, muito embora ninguém soubesse que forma ela conseguia assumir. Quando ambos eram crianças, Eduardo e Jane tinham como passatempo favorito imaginar que animais se tornariam quando crescessem. Eduardo sempre imaginava que seria alguma criatura poderosa e valente, como um lobo. Um grande urso. Um tigre.

Jane nunca conseguia se decidir como preferiria sua forma ediana; ficava sempre entre um lince e um falcão, pelo que ele se lembrava.

— Apenas pense nisso, Eduardo — ele se lembrava da voz dela, com 10 anos de idade, sussurrando para ele quando ambos estavam espichados em algum gramado em Bradgate, procurando

formas nas nuvens que passavam no céu. — Eu poderia estar lá no alto, cavalcando o vento, sem ninguém para me dizer para sentar ereta na cadeira nem reclamando que eu não sei costurar direito. Eu seria livre.

— Livre como um pássaro — ele emendava. (Fato interessante: a frase “livre como um pássaro” na verdade pode ser atribuída a Eduardo, embora só tenha começado a ser usada muito tempo depois. Você entenderá o porquê.)

— Livre como um pássaro! — Ela ria, ficava de pé e pulava, e então corria morro abaixo com seus longos cabelos ruivos esvoaçando e os braços abertos, fingindo voar.

Alguns anos depois, eles passariam uma tarde inteira, certo dia, xingando-se mutuamente, porque Jane lera em um livro que edíanos frequentemente manifestavam suas formas animais quando eram provocados. Falavam nomes feios e davam tapas na cara um do outro, e Jane chegou até mesmo a jogar uma pedra, que passou raspando em Eduardo, mas ambos permaneceram teimosamente humanos ao longo da brincadeira toda. Tinha sido um grande desapontamento para os dois.

— Senhor? — Lorde Dudley chamou.

Eduardo se desvencilhou das memórias.

— Então, você quer que Jane se case... — ele voltou à conversa. — Tem alguém em mente?

Sentiu um aperto de tristeza quando confrontado com a ideia. Jane era, com toda certeza, sua pessoa preferida no mundo todo. Quando criança, tinha sido enviada para morar com Catarina Parr (a Esposa nº 6 do Rei Henrique), de modo que Jane e Eduardo passaram horas e horas na companhia um do outro, chegando até mesmo a ter alguns tutores em comum. Foi naqueles tempos que se tornaram tão amigos. Jane era a única pessoa que Eduardo sentia que o entendia bem e que não o tratava como se ele pertencesse a alguma espécie diferente só porque era da realeza. Lá no fundo de sua mente, ele vinha até mesmo se apegando à ideia de que, quem sabe um dia, ele mesmo seria o pretendente que se casaria com Jane.

Isso era quando as pessoas não tinham lá muita objeção quando alguém desposava a prima.

— Sim senhor. Tenho o candidato perfeito. — Dudley começou a andar apressado pelo salão, para lá e para cá, coíando a barba. — Alguém de boa procedência, de família respeitável.

— Mas é claro. E quem seria? — Eduardo perguntou.

— Alguém com inquestionável magia eðiana.

— Sim. Quem?

— Alguém que não se importaria com cabelos ruivos.

— O cabelo de Jane não é tão ruim assim — protestou Eduardo.

— Sob a luz certa, ele fica menos vermelho e até que é bonitinho...

— Alguém que possa mantê-la na linha — Dudley continuou.

Bom, fazia sentido, Eduardo pensou. Jane era notoriamente teimosa. Se recusava a ser exibida pela corte como outras garotas de linhagem nobre, e desafiava abertamente sua mãe ao levar livros para algumas funções sociais e passar seu tempo nos cantos, lendo em vez de dançando ou procurando um marido.

— Quem? — ele perguntou outra vez.

— Alguém em quem podemos confiar.

A exigência já estava começando a parecer excessiva.

— Mas quem é? — Eduardo insistiu, elevando a voz. Não gostava de ter de fazer a mesma pergunta repetidas vezes, e aquela já era a quarta. Além disso, o caminhar agitado de Dudley o estava deixando enjoado. Eduardo bateu a mão fechada na mesinha lateral. Amoras voaram. — Quem é essa pessoa? Desembucha, senhor Northumberland, fale de uma vez!

O duque finalmente parou. Limpou a garganta.

— Gifford Dudley — disse calmamente.

— Gifford quem? — Eduardo piscou.

— Meu filho mais novo.

Eduardo precisou de um momento para absorver aquela informação, juntando todos os critérios que Dudley tinha elencado antes: alguém de família respeitável, certo; alguém confiável, certo; alguém com inquestionável ligação com magia eðiana...

— John...? — ele balbuciou. — Você tem herança eðiana na família?

O Lorde Dudley baixou o olhar. Era perigoso admitir que se tinha sangue eðiano, mesmo naquela era mais civilizada, quando a pessoa não necessariamente queimaria na fogueira por isso. Ao passo que ser eðiano não era mais tecnicamente ilegal, ainda havia muita gente no reino que tinha a mesma opinião de Maria: eðiano bom era eðiano morto.

— Eu mesmo não sou eðiano, é claro — Dudley disse, depois de uma longa pausa. — Mas meu filho é!

Um eðiano! Era bom demais pra ser verdade. Por um segundo, Eduardo até se esqueceu de que estava morrendo e prestes a casar sua melhor amiga como estratégia política.

— E em que ele consegue se transformar?

— Ele passa seus dias como... — Dudley ruborizou e seus lábios se moviam tentando formar a palavra certa, mas ele parecia não conseguir.

— Sim? — Eduardo se inclinou para a frente.

— Ele é... todos os dias... ele... ele... — Dudley lutava para falar corretamente.

— Vamos com isso, homem! — Eduardo esbravejou. — Fala logo!

— Bem, ele é... — Dudley molhou os lábios — ...um membro da espécie equina.

— Ele é o quê?

— Um garanhão, Majestade.

— Um garanhão?

— Um... cavalo.

Eduardo se recostou de vez, boquiaberto por alguns segundos.

— Um cavalo. Seu filho passa os dias como um cavalo — repetiu, apenas para ter certeza de que tinha dito a coisa certa.

Dudley assentiu com pesar. Eduardo continuou.

— Não é à toa que eu nunca o vejo na corte. Já tinha até me esquecido de que você tinha outro filho além do Stan. Você não tinha dito a todos que seu outro filho era meio lerdo, e por isso você o julgava inapropriado para aparecer em ocasiões sociais?

— Pensamos que qualquer coisa seria melhor que a verdade — Dudley admitiu.

— Mas quando isso aconteceu? *Como* isso aconteceu? — Eduardo apanhou uma amora da mesinha e a comeu.

— Seis anos atrás — Dudley respondeu. — Não sei bem dizer como. Em um instante, ele era apenas um rapaz de 13 anos fazendo alguma birra. Em outro, ele já era... — E não conseguiu falar a palavra outra vez. — Acredito mesmo que ele seria um bom parceiro para Jane, senhor, e não apenas por ser meu filho. É um rapaz muito estável, com ótima estrutura óssea, forte, razoavelmente inteligente (não lerdo, como o senhor mencionou) e é obediente o bastante para servir aos nossos propósitos.

Eduardo considerou a proposta por alguns segundos. Jane adorava tudo o que se referisse a *ed*ianos. Não teria qualquer problema em se casar com um. Mas...

— Quer dizer que ele passa o tempo todo como cavalo? — Eduardo perguntou.

— Só os dias. Do alvorecer ao crepúsculo.

— E ele não consegue controlar a transformação?

Dudley observou a parede mais distante à sua frente, que trazia um enorme retrato de Henrique VIII, e Eduardo então percebeu o quanto sua pergunta tinha soado estúpida. Seu próprio pai nunca tinha sido capaz de controlar a forma leonina. A raiva tomava conta dele e então mostrava as garras, literalmente, e continuava sendo leão até que o sentimento fosse embora, o que costumava levar horas. Às vezes até dias. Sempre tinha sido muito desconfortável de se ver. Especialmente quando o rei decidia usar alguém de brinquedinho de morder.

— Muito bem, então ele não consegue controlar — Eduardo compreendeu. — Mas isso significaria então que Jane só teria um marido à noite. Que tipo de casamento seria esse?

— Algumas pessoas preferem esse tipo de arranjo. Eu mesmo sei que minha vida seria bem mais simples se eu só tivesse de lidar com minha esposa entre o pôr do sol e a manhã — Dudley disse com uma risadinha fraca.

Mal seria um casamento, Eduardo pensou. Mas, para alguém como Jane, um casamento daquele jeito poderia significar a

privacidade e a independência às quais ela já estava acostumada. Poderia ser o ideal.

— E ele tem boa aparência? — perguntou. O outro filho de Dudley, Stan, tinha tido o infortúnio de herdar do pai o nariz como um bico de águia. Não agradava nada a Eduardo a ideia de casar Jane com aquele nariz.

Os lábios finos de Dudley se estreitaram.

— Gifford é um pouco mais simpático do que deveria, temo dizer. Ele tem uma tendência a... atrair a atenção das senhoritas.

O ciúme então deu uma ferroadada em Eduardo. Olhou novamente para o retrato de seu pai. Ele até lembrava Henrique um pouco e estava ciente disso. Ambos tinham o mesmo cabelo louro-arruivado e o mesmo nariz reto e majestoso, os mesmos olhos cinzentos ladeados pelas mesmas orelhas diminutas. Eduardo já tinha sido considerado um rapaz bonito, mas, naquela hora, estava magro e muito pálido, abatido por sua luta contra a doença.

— ...mas ele será fiel, e disso posso lhe assegurar — Dudley continuou desfilando qualidades. — E, quando ele e Jane tiverem um filho, você terá seu herdeiro eiliano. Problema resolvido.

Simple assim. Problema resolvido.

— E para quando seria esse casamento? — Eduardo esfregou a testa.

— Sábado, acredito eu — Dudley respondeu. — Presumindo que o senhor aprove a união.

Eduardo teve uma crise de tosse. Estavam em uma segunda-feira.

— Mas cedo assim? — ele disse com um sibilo na voz assim que conseguiu respirar outra vez.

— Quanto mais cedo melhor — Dudley garantiu. — Precisamos de um herdeiro.

Correto. Eduardo limpou a garganta.

— Muito bem, então. Eu aprovo a união. Mas sábado... — Aquilo parecia cedo demais. — Nem sei como está minha agenda no sábado. Preciso consultar...

— Já cuidei disso, Majestade. O senhor está livre o dia todo. Além disso, a cerimônia deve ocorrer apenas após o crepúsculo —

Dudley acrescentou.

— Certo. Porque, durante o dia, ele... — e Eduardo fez um leve som de relincho.

— Sim. — Dudley então tomou um pergaminho e o desenrolou na mesa sobre a qual todos os documentos oficiais da corte eram assinados e selados.

— Aposto que você gasta uma fortuna em feno — Eduardo disse, finalmente reencontrando seu meio-sorriso. Deu uma olhada no papel. Era um decreto real, ou sua permissão, em termos mais técnicos, dizendo que Lady Jane Grey, de Suffolk, deveria se casar no sábado seguinte com Lorde Gifford Dudley, de Northumberland. Seu sorrisinho se desfez.

Jane.

É claro que tinha sido apenas uma fantasia, aquela história de que ele próprio poderia se casar com Jane. Ela representava muito pouco capital político — era de uma família rica, certamente, e tinha um título, mas mais nada que pudesse fortalecer sua posição no reino. Eduardo sempre soubera que deveria se casar em prol da Inglaterra, e não por si mesmo. Durante toda sua vida, mantivera um fluxo constante de embaixadores em terras estrangeiras que sempre traziam retratos de filhas de diversos nobres europeus para que ele avaliasse. Deveria se casar com uma princesa. Não com a simples Jane cheia de livros e grandes ideias.

Dudley providenciou uma pena direto para a mão do rei.

— Precisamos ter em mente o bem de nossa nação, Majestade. Rumarei para o castelo Dudley ainda esta noite para trazer o noivo.

Eduardo introduziu a pena na tinta, mas então se deteve.

— Você tem que jurar que ele será bom para ela.

— Posso jurar, Majestade. Ele será um marido modelo.

Eduardo tossiu mais uma vez no lenço que Dudley lhe dera. Havia um gosto esquisito em sua boca, algo enjoativamente doce que não se misturava bem ao gosto residual das amoras.

— Estou casando minha própria prima com um cavalo — ele murmurou.

Então, tocou o papel com a pena, deu um suspiro e assinou seu nome.

CAPÍTULO DOIS



Jane

— E o abençoado evento acontecerá no sábado à noite.

Lady Jane Grey piscou e levantou os olhos do livro que estava lendo. Sua mãe, Lady Frances Brandon Grey, estava falando alguma coisa.

— O que vai acontecer no sábado à noite?

— Não se mexa, querida. — Lady Frances beliscou levemente o braço de Jane. — Precisamos ter certeza de que essas medidas estarão perfeitas. Não haverá tempo para alterações.

Jane estava parada, segurando seu livro tão imóvel quanto conseguia, com os braços esticados. Era uma certa demonstração de força para alguém tão magrinha que conseguia fechar os dedos em torno dos cotovelos.

— Perceba que o busto não mudou em nada — disse a costureira a sua assistente. — Provavelmente nunca mudará, se tudo continuar assim.

Em outra demonstração notável, dessa vez envolvendo calma e comedimento, Jane preferiu não dar com o livro na cabeça da mulher. Isso porque o livro era antigo e valioso: *História completa das beterrabas na Inglaterra: volume cinco*. Ela não queria avariá-lo.

— Tudo bem. Mas o que vai acontecer no sábado à noite?

— Abaixos os braços agora — pediu a costureira.

Jane abaixou os braços, marcando o ponto do livro onde tinha parado com o dedo indicador. A mãe tomou o livro das mãos dela, jogou o precioso volume com a história das beterrabas na cama com certa displicência e se pôs a endireitar os ombros de Jane.

— Fique ereta. O caimento do vestido certo é o que importa agora. E você não vai estar carregando livro nenhum durante seu casamento, afinal de contas.

— Casamento? — Uma leve curiosidade tomou conta de seu tom de voz enquanto ela se inclinava para um lado, tentando olhar para a mãe atrás da costureira. — Quem vai se casar?

— Jane!

Jane se pôs ereta mais uma vez.

A costureira tomou nota das medidas definitivas dos quadris da moça (nada boas para parir filho, o que era outra das falhas de Jane) e começou a juntar seus apetrechos.

— Já terminamos aqui, senhoras. Tenham uma ótima tarde! — E saiu da sala de estar em um alvoroço de panos e agulhas.

— Você vai se casar, minha querida. Preste atenção. — Lady Frances beliscou o ombro de Jane.

O coração de Jane imediatamente começou a bater mais rápido, mas ela mesma se aconselhou a não se preocupar. Era apenas mais um noivado, afinal de contas. Ela já tinha sido noiva antes. Quatro vezes, na verdade.

— De quem eu vou ficar noiva agora?

Lady Frances sorriu, confundindo a reação de Jane com uma aceitação.

— De Gifford Dudley.

— Gifford quem?

O sorriso se desfez em desaprovação.

— O filho mais jovem de Lorde John Dudley, Duque de Northumberland. Gifford.

Bom, Jane pelo menos sabia quem eram os Dudleys. Ainda que a família fosse meio insignificante em termos de nobreza, mais conhecida pelos cavalos de raça que criavam e comercializavam, havia outro fato interessante: John Dudley era presidente do Conselho Privado, o braço direito do rei, um conselheiro de confiança e talvez o homem mais poderoso da Inglaterra depois do próprio Eduardo. E mesmo isso, para alguns, era questionável.

— Entendo — ela disse, enfim, ainda que nunca tivesse visto o tal Gifford na corte. A coisa toda parecia meio suspeita. — Bom, tenho

certeza de que ele vai ser tão maravilhoso quanto todos os outros noivos.

— Você tem alguma pergunta?

— Já ouvi tudo o que precisava. — Jane balançou a cabeça. — É só mais um noivado, afinal.

— O casamento será no sábado à noite, querida. — A mãe parecia meio irritada. — Na residência de Londres dos Dudleys. Partimos amanhã pela manhã.

Sábado. Mas aquilo era... cedo demais. Muito antes do que ela esperava. Claro que tinha ouvido falar a palavra “sábado” ali em volta antes, mas não tinha pensado no quanto aquele dia logo chegaria, nem havia internalizado o que significava. Aquele era um casamento que poderia mesmo acabar acontecendo. Seu coração começou a se acelerar outra vez.

— É meu maior desejo vê-la muito bem casada e feliz antes que fique velha demais para tal. — Lady Frances não esclareceu se “velha demais” se referia a estar casada ou ser feliz. — Seja como for, acho que você vai gostar deste de agora. Ouvi dizer que ele é uma criatura adorável.

É claro que Lady Frances também nunca o tinha visto. Jane sentiu um calafrio. E ainda tinha a possibilidade de ele ter herdado o nariz dos Dudleys... Jane se lembrou do comentário da costureira a respeito de seu busto. E do fato de que tinha aquele cabelo ruivo pavoroso e tão baixa estatura que era às vezes confundida com uma criança. Talvez não devesse, então, julgar as pessoas. Afinal, a aparência não deveria determinar o valor de alguém. Mas aquele nariz terrível...

— Obrigada por me avisar, mãe — ela disse alto quando a mãe se retirava do quarto.

A mãe não respondeu, é claro. Havia muito a fazer antes de sábado.

Sábado. Aquilo era dali a quatro dias. Jane se vestiu rapidamente. Apanhou seu livro sobre beterrabas, escolheu um segundo e um terceiro livros (*História e queda de edianos ilustres* e *Sobrevivência na selva para cortesãos*) só para o caso de ela terminar o primeiro antes da hora, e se dirigiu ao estábulo. Se esse tal de Gifford iria se

tornar seu marido (mas um monte de coisas poderiam acontecer entre aquele momento e sábado, como ela fez questão de reforçar para si mesma), então ela tinha direito de saber exatamente no que estava se metendo.



Ao longo dos anos, Jane tinha estudado todos os mapas da Inglaterra, tanto os históricos quanto os modernos, e isso incluía ainda os mapas mais específicos do reino. Sendo assim, sabia que o Castelo Dudley, onde os Dudleys residiam quando não estavam em Londres, ficava a pouco mais de meio dia de viagem de sua casa em Bradgate. Ela poderia ter simplesmente cavalgado até o Castelo Dudley, mas havia uma onda de violência assolando o reino, e a zona rural era, segundo relatos, um local perigoso para se viajar sozinha e sem guardas. (Os empregados da casa diziam que os *edinos* eram responsáveis pela desordem — um certo grupo chamado Alcateia —, mas Jane se recusava a acreditar em tais rumores horríveis.) A última coisa de que ela precisava, para completar aquele anúncio tão súbito de casamento, era ser pega em alguma confusão. Então, em nome da segurança (e também para não enfurecer sua mãe), ordenou que uma carruagem a levasse até o castelo.

Só o que precisava fazer era checar a condição do nariz. Talvez trocar umas palavras com seu pretendido. Ou talvez não.

Fazia um dia lindo. Os morros que cercavam Bradgate brilhavam com o começo de verão. As árvores floresciam. A luz do sol refletia do riacho que fluía livre ao lado da estrada. Os tijolos vermelhos da mansão reluziam na mureta por detrás dela. Cervos saltavam à medida que a carruagem seguia, enquanto pássaros gorjeavam belas canções.

Jane gostava de Londres. Havia muitos benefícios em ir para lá, é claro, um dos quais era a proximidade de seu primo Eduardo. Mas Bradgate Park era sua casa. Ela adorava o ar fresco, o céu azul, os velhos carvalhos em ajuntamentos distantes. Seu avô tinha feito de tudo para que a propriedade se tornasse o melhor campo de caça de cervos em toda a Inglaterra — e era, frequentemente recebendo visitantes da realeza. Mas isso mal importava para Jane. (Ela não

caçava, ainda que Eduardo fosse muito bom nisso, pelo que ouvira falar.) Para Jane, caminhar por Bradgate Park era a segunda melhor forma de fugir dos problemas da vida real.

O melhor jeito, claro, ainda eram os livros. Sendo assim, quando deixou Bradgate para trás, permitiu-se capturar pela história completa das beterrabas. (Você sabia que os romanos antigos foram os primeiros a cultivar a beterraba por sua raiz, em vez de pelas folhas?)

Jane, como já mencionamos, adorava livros.

Não havia nada que ela apreciasse mais do que sentir o peso de um exemplar bem volumoso nas mãos e sentir que cada tomo de sabedoria daqueles era mais raro, maravilhoso e fascinante que o anterior. Se deliciava com o cheiro da tinta, a aspereza do papel junto dos dedos, o farfalhar das páginas, a forma das letras encantando seus olhos. Mas acima de tudo, adorava o modo como os livros a faziam sair de sua vidinha mundana e sufocante e ofereciam experiências de uma centena de outras vidas. Por meio dos livros, conseguia ver o mundo.

Não que sua mãe algum dia tivesse entendido isso, Jane pensou depois de terminar a última página do livro das beterrabas, fechando-o com um suspiro. Ao passo que Lorde Grey tinha encorajado os estudos da filha quando estava vivo, Lady Frances nunca tinha aceitado bem a sede de conhecimento de Jane. O que uma jovem lady poderia querer saber tanto, era o que ela dizia, que não dissesse respeito a conseguir um bom casamento? O que sempre importara à mãe de Jane era influência e afluência. Não havia nada que adorasse mais do que lembrar às pessoas de que tinha sangue real — “Minha avó era rainha”, deleitava-se em repetir e repetir à exaustão. Que pena que o Rei Henrique VIII tinha eliminado Lady Frances da linha sucessória anos antes. Provavelmente porque ele não gostava mesmo da atitude daquela mulher.

Poder e dinheiro. Era tudo o que importava para Lady Frances. E ela agora estava vendendo a própria filha do mesmo jeito que um comerciante negocia uma égua premiada. Sem nem perguntar se era isso o que a filha desejava. Típico.

Jane tentou não pensar no ressentimento que tinha da mãe e em seguida deixou o livro de lado, irritada ao ver uma dobra em uma beirada, que se formou provavelmente quando Lady Frances tomara o volume e o jogara na cama. Pobre livro. Não precisava sofrer só porque Jane tinha de se casar.

Casar. *Blerg*.

O que ela queria mesmo era que as pessoas parassem de querer casá-la a todo custo. Era um aborrecimento só.

O primeiro noivado de Jane tinha sido com o filho de um mercador de seda. Humphrey Hangrot era o nome do rapaz. Considerando que a Sedas Hangrot era a única companhia em toda a Inglaterra a comerciar o produto, eles determinavam seus preços e dominavam o mercado. Os pais de Humphrey jamais se continham ao lembrar aos Greys da riqueza em que incorreriam com o casamento. Aliás, isso se fazia no mais das vezes ao enrolarem o magricela do filho em camadas e mais camadas da variedade mais cara do tecido de que a família dispunha. Jane perdera a conta do número de bailes a que teve de comparecer na residência dos Hangrots; sobrevivera a eles por sempre ter algum livro à mão.

Quanto a Humphrey, ele primeiro se apresentara a Jane como “o futuro rei... da seda”, instruindo-a para que tocasse a manga de suas vestes. Não, é sério, ela tinha de tocar a roupa. *Senti-la*. Teria Jane alguma vez visto tecido mais macio? Ela então perguntou se ele sabia que as lagartas eram fervidas em seus casulos a fim de dissolver a seda, e depois disso ele nunca mais quis trocar nem uma palavra com ela. O noivado foi desfeito graças à súbita chegada de outro mercador de seda disposto a cobrir os preços da Hangrot e dominar o comércio totalmente, o que levou à imediata destituição da família. Ao que parece, ninguém queria mais pagar os preços exorbitantes praticados pela Sedas Hangrot, e a família então se viu obrigada a se recolher à casinha que mantinha no campo, onde por fim desapareceu da vista do público.

O segundo noivado tinha sido com o francês Theodore Tagler, um virtuose do violino. Ele estava em turnê pela Inglaterra com a Orquestra Oceânica quando sua família passou para visitar Londres. Diversas famílias afluentes já tinham ouvido falar da intenção dos

Taglers de encontrar uma esposa para o filho — uma moça de gosto refinado e boa família, que não fosse se importar com as longas ausências do marido caso ela resolvesse não acompanhá-lo nas viagens. Lorde e Lady Grey de imediato sugeriram o nome de Jane — ainda tentando se recobrar do escândalo envolvendo os Hangrots —, e a combinação foi aprovada logo de cara.

Jane tinha um ouvido razoável para a música e gostava de muitas sonatas, minuetos e sinfonias. Gostava até de alguma ópera ocasional, tendo como favoritas as tragédias nas quais ambos os amantes morriam no fim por algum ato trivial de misericórdia. Mas não tinha gostado do estilo de tocar do novo noivo, que considerava um tanto tempestuoso. Aliás, o próprio Theodore se mostrou um tanto tempestuoso. Aquela expressão “elefante em loja de porcelana” vinha à mente quando ela pensava nele. Era um mistério para Jane o fato de ele ter escolhido lidar com instrumento tão delicado, e foi justamente tal instrumento que acabou por desmanchar o novo noivado tão rapidamente quanto o anterior.

O violino em questão, um Belmoorus único e sem comparação, construído pelo *luthier* Beaufort Belmoor, tinha sido roubado. Levado. Surrupiado. Arrancado de seu lugar de repouso na casa dos filhos de Beaufort Belmoor. Seu rastro foi seguido e descobriu-se que saiu da França, foi para a Espanha e então foi parar na Inglaterra. O “proprietário” que tinha emprestado o violino a Theodore Tagler — emprestar era um hábito que todos os não músicos donos de instrumentos raros tinham, a fim de se assegurar que seus tesouros fossem tocados regularmente — acabou sendo preso e, apesar de Theodore não ter nada a ver com o assunto, ele e sua família foram destituídos da mesma forma.

O terceiro noivado tinha sido com Walter Williamson, neto de um inventor famoso, porém recluso, cuja suposta invenção não era publicamente conhecida porque diziam se tratar de segredo de Estado. Se não fosse pela coisa toda envolvendo casamento, Jane até teria simpatizado com Walter; ele parecia inteligente e culto, e sempre gostava de falar a respeito do legado que seu avô deixara. Ele também tinha suas aspirações a inventor. Dizia que estava em

seu sangue, mesmo que nunca tivesse demonstrado um pingô de criatividade.

Apenas um mês depois do noivado, documentos vieram a público revelando que o avô de Walter na verdade era um ladrão e estivera preso nos últimos quinze anos. A reputação da família Williamson despencou, e (como você pode adivinhar) o resultado foi destituição imediata.

E houve o quarto noivado — bom, na verdade o rapaz nem chegou a existir. A mãe de Jane (o pai falecera entre o terceiro e o quarto noivados) recebeu uma pintura minúscula de um jovem muito bem-apessoado, mas não tinha sido informada de que era apenas uma amostra de um trabalho, como uma pequena propaganda das habilidades de um artista. Mesmo que a mãe de Jane fosse uma senhora habitualmente inteligente, àquela altura já estava desesperada para casar a filha com qualquer um, e então entendeu errado o bilhete que chegou acompanhando a pintura. “Apresento-lhes esta oportunidade imperdível para alguém da estatura de Lady Jane”, diziam as palavras — mas se referindo às habilidades do artista para elaborar uma boa pintura, e não ao imaginário bonito do retrato. A mãe anunciou a aceitação da proposta antes mesmo que o artista pudesse escrever de volta negociando a viagem de Jane para ser retratada e o caráter não reembolsável da comissão que ele receberia.

Dadas a raiva e a vergonha que Lady Frances passou com o episódio, começou a contar uma história um tanto “retrabalhada”, dizendo-se vítima de uma brincadeira maldosa — e, o que era pior, logo após a morte do marido. Daquela vez, foi o artista quem sofreu imediata destituição.

Parecia então que aceitar casamento com Lady Jane Grey era um negócio bem arriscado.

Se alguém fosse se basear em seu histórico com noivos, diriam que os dias de Gifford Dudley — e os dias de prosperidade da família dele — estavam contados.

Ela já quase sentia pena dele. Jane apanhou o segundo livro, sobre eðianos, e passou o indicador sobre a palavra específica. O que ela não daria para ter uma forma animal... Ninguém se atreveria

a forçar casamentos com alguma coisa daquele tipo, como um urso. Mas, se ser eðiano fosse hereditário, como muitas pessoas insistiam em dizer, então aquele traço tinha pulado Jane. (Não era para ninguém saber a respeito, mas Jane uma vez ouvira por acaso seus pais discutindo a respeito de magia eðiana do lado da mãe.) E se aquele dom era reservado somente aos que fossem dignos (outra hipótese bem popular, ainda que menos científica), todos os seus esforços para merecer a magia tinham sido em vão.

Ao longe, um castelo se projetava do topo de um morro íngreme. Uma vilazinha borbulhante se formara na base, e os habitantes pararam para apreciar a carruagem que chegava pelos portões da cidade e começava a subida. Jane admirou a imponência do castelo (construído no século XI, se é que ela conhecia um pouco de História da Arquitetura, o que obviamente conhecia), com suas belas janelas de pedra branca, estreitas e vazadas. Parecia um lugar facilmente defensável, ela pensou, até quase ameaçador. Era como se os proprietários esperassem ataques a todo momento.

A carruagem teve de passar por mais três portões e um fosso antes de chegar ao pátio central, onde o cocheiro finalmente parou ao largo dos elegantes apartamentos voltados para o centro. Eles tinham sido claramente uma adição posterior à construção, mais modernos, com telhados pontudos e muitas janelas. O lugar inteiro parecia uma casinha do tipo “olhe, mas não encoste”. Era perfeitamente elaborado. Talvez nunca desfrutado.

Jane olhou para as dúzias de janelas em busca de algum movimento, mas estava tudo muito quieto, a não ser por cavalos pastando no campo aberto que ficava do outro lado do castelo.

Então aqueles eram os cavalos premiados de que Lorde Dudley tanto se gabava.

Ela saltou da carruagem e caminhou até um portão fechado para observá-los mais de perto.

Todos os cavalos eram criaturas lindas, de pelagem uniforme e pernas bem torneadas. Mas o mais bonito era um garanhão que estava mais distante. Seus músculos se evidenciavam quando caminhava pela grama, com a cabeça erguida e as orelhas em alerta. Ele jogava a cabeça de tal forma que sua crina deslizava

contra o vento e o sol refletia em sua pelagem castanha. Era simplesmente magnífico. Tudo bem que a experiência dela com cavalos era geralmente limitada aos tratos suaves e delicados apropriados a uma lady, mas Jane pensou que nunca antes tinha visto um cavalo mais merecedor de enaltecimento.

Como seria fantástico viver como um cavalo daqueles, ela imaginou. Ter aquela habilidade de correr, voar rente ao solo sobre pernas tão fortes e poderosas. Ninguém para aporrinhá-la nem ficar procurando defeitos, nem para comentar como ela era apenas uma pessoinha pequena e insignificante.

O que ela não daria para ter a habilidade de se transformar em cavalo e fugir não apenas daquele casamento, mas de tudo mais que parecia errado em sua vida.

— Senhorita? — chamou uma voz vinda de trás dela. — Posso ajudá-la em algo?

Jane se virou e inclinou o pescoço, percebendo antes de tudo que o rapaz que se postava ao seu lado estava muito bem-vestido. E então olhou melhor. Lá estava.

O nariz.

É verdade que era mesmo um belo e perfeitamente arqueado nariz aquilino que entraria em um quarto cinco segundos inteiros antes do restante do homem. (Pode ser de auxílio ao leitor se lembrar da máscara típica dos médicos da época da Peste Negra, que apareceria nas décadas seguintes. Diz-se comumente que o desenho das máscaras bicudas foi de fato inspirado no nariz dos Dudleys, ainda que isso jamais tenha chegado aos ouvidos da família.)

Por Deus! E se aquele fosse Gifford?

— Estou aqui para visitar Lorde Gifford Dudley — Jane disse, hesitante, se recompondo depois de se aperceber do nariz. Mas aquilo estava ali bem na frente dela. Era difícil não focar no nariz. Ela deu um passo razoável para trás, a fim de visualizar melhor todo o rosto do rapaz.

— Ah — ele exclamou com um sorriso de quem entendera. — Estás aqui para visitar meu irmão.

Ufa! Aquele nariz — digo, aquele homem — não era Gifford, mas sim Stan Dudley, o filho mais velho que geralmente acompanhava o pai à corte. (Não que Jane prestasse muita atenção à corte; tinha livros demais para ler.) Mas e se o nariz de Gifford fosse ainda pior?

Ela recolheu seus livros junto à barriga e considerou fazer uma prece. Será que rezar por um nariz de tamanho normal seria considerado sacrilégio?

— Sim, eu gostaria de ver Gifford.

— Temo que ele não esteja disponível no momento. Ele está... bem, ocupado com os cavalos. — Stan lançou um olhar para o campo de pasto, mas, se é que Gifford estava lá, Jane não podia vê-lo. As únicas criaturas ali eram mesmo os cavalos, que agora tinham se mudado para outro pedaço de grama.

— Ele não pode me receber?

— Não no momento.

Aquilo era enfurecedor. Ela queria pelo menos pôr os olhos em seu pretendente uma vez antes de se casarem. Era pedir muito?

Stan se virou, momentaneamente bloqueando o sol com o nariz.

— Vejo que a senhorita ficou aborrecida. Sinto muitíssimo, mas é que meu irmão nunca tem tempo para as senhoritas até o pôr do sol.

Senhoritas... no plural?

— A senhorita deve ser... Anne? — continuou o Lorde Nariz. — Frederica? Janette?

— Perdão... — Jane piscou sem entender. — Eu devo ser quem?

Stan cruzou os braços e a examinou mais detidamente.

— Cabelos ruivos. É bem incomum. Não consigo me lembrar de meu irmão ter mencionado que alguma de suas garotas tivesse cabelos ruivos.

— Alguma das garotas dele, é? — foi o máximo que ela conseguiu proferir, com a voz mais estridente.

— Certamente a senhorita não acredita ser a única, não é? Mas pensei que ele normalmente preferisse as morenas. Mais altas. E mais... sinuosas.

Jane engasgou. Aquilo era ultrajante. Quem aquele tal de Stan pensava que era? Por favor... Jane tinha sangue real (sua trisavó

era rainha, afinal de contas), era prima e amiga de Eduardo VI. Ela tinha total acesso aos ouvidos do rei, e de fato não transcorreria muito tempo até que a aurícula real tomasse conhecimento daquele homenzinho rude, mal-educado, presunçoso, que...

E ela então percebeu que não estava falando nada daquilo de fato, em alto e bom som. Estava apenas parada de pé, com o queixo caído, enquanto a boca sob aquele imenso nariz Dudley continuava a tentar adivinhar seu nome. E havia tantos nomes. Pelo menos um para cada letra do alfabeto. Será que Gifford tinha tido relações com todas aquelas mulheres? Ou Stan estaria apenas sendo um pouco cruel com ela?

— Muito bem — Stan disse. — Eu desisto. Direi a ele que você esteve aqui, se me disser seu nome.

Ela buscou o tom mais grave que conseguiu no fundo de si.

— Sou Lady Jane Grey. Noiva dele.

Stan ficou paralisado por um instante e então se apressou em fazer uma mesura.

— Oh, enfim percebo. Mil perdões, milady. Não tinha como saber. Nunca deveria ter dito todas aquelas coisas. É apenas que... a senhorita tem cabelos tão ruivos para alguém de tal nobreza. Digo... Eu nunca teria mencionado as outras garotas. Porque não há outras garotas. Não há, em lugar nenhum. No mundo inteiro. A não ser minha esposa. E a senhorita. Gifford será um marido muito fiel e leal a você. Fiel como um cão! Bom, não exatamente como um cachorro... — ele tentou emendar com um suspiro. — Sinto muito. Não deveria ter dito nada que...

Jane apenas o atravessava com seu olhar. Bom, olhava para o nariz, na verdade. Era difícil ver qualquer outra coisa além dele.

— Por favor, aceite minhas mais sinceras desculpas. — Stan Dudley continuou tentando reparar a situação de diversas outras formas e murmurou alguma coisa sobre deixá-la a sós com seus pensamentos — que eram certamente mais puros que os mais alvos botões de rosas do mais virginal arbusto — e sumiu de vista.

Certo. Então seu futuro marido era um mulherengo. Cheio de lábia. Um conquistador. Um gavião. Um galanteador. (Jane meio que se tornava um dicionário de sinônimos ambulante toda vez que

ficava irritada, um efeito colateral de tanta leitura.) Não era à toa que ninguém o tinha visto ainda, já que o tal libertino ficava tão ocupado durante o dia com os cavalos — ou assim alegavam — e tão ocupado com as jovens durante as noites. Aquilo era inaceitável.

Jane voltou para a carruagem pisando duro. Imaginou todas as coisas que diria a Gifford, Eduardo, sua mãe e quem mais se atrevesse a arranjar casamentos para ela. Coisas muito, muito raivosas.

Ela antes pensara que o noivado acabaria por arruinar a vida de Gifford. Mas, pela primeira vez (na vida, provavelmente), ela estava errada: o noivado com Lorde Gifford Dudley arruinaria a vida *dela* própria.

A não ser que desse fim àquilo. Jane aprumou as costas. Não se casaria com Gifford Dudley. (E que raio de nome era “Gifford Dudley”, afinal? Francamente!) Não naquele sábado. E nem nunca.

CAPÍTULO TRÊS



Gifford

(mas só o chame de Gê!)

A pior parte de acordar justo quando o sol se punha era o distinto gosto herbáceo de feno na boca — que é um desagradável efeito colateral de *realmente* se ter feno na boca. Mas não havia como evitar o sofrimento da “feno-na-boquite” (ou “boca-de-feno”, como a mãe chamava) quando o sujeito terminava todos os dias como um cavalo não domesticado e começava todas as noites como um homem não domesticado.

“Um quase homem”, como sua mãe dizia. Aos 19 anos de idade, ele era um quase homem. E definitivamente não domesticado.

Enquanto se punha em posição agachada e depois mais ereto, Gê (por favor, chame-o de Gê e evite se referir a ele por seu terrível nome de batismo, Gifford Dudley, o segundo — e portanto irrelevante — filho de Lorde John Dudley, Duque de Northumberland) esticava as ancas, que agora eram quadris.

Refletiu acerca de seu passeio daquela manhã pela área rural. Tinha ido para noroeste daquela vez, correndo em disparada por morros verdejantes e florestas exuberantes antes que tivesse de procurar por um pouco d'água. Pelo que conseguia imaginar, não havia nada que pudesse rivalizar com a sensação de uma vida sem limites ou fronteiras, e com o vento correndo pelos seus cabelos. Ou crina.

Ele não tinha pedido a ninguém para ter aquele poder. (Se tivesse, definitivamente teria requisitado também a habilidade de controlá-lo, ainda que não fizesse muito sentido que uma maldição viesse com um botão de liga e desliga.) Ainda assim, havia um lado vantajoso naquilo: ele não pertencia a ninguém. (Quem iria querer

um meio homem/meio cavalo?) Podia apenas escolher um ponto no mapa e correr para lá assim que o sol nascesse. (Se fosse o caso de seu cérebro equino lembrar a direção. O próprio Gê sustentaria que cavalos não eram conhecidos por seu excelente senso de direção, em vez de admitir que ele, mesmo como homem, conseguiria ficar perdido até mesmo dentro do armário de casa.) O melhor de tudo é que não tinha nenhuma das responsabilidades humanas.

Depois da liberdade de que desfrutava em seus dias, o período da noite vinha com certo desapontamento. Gê procurava o balde d'água que seu servo sempre deixava para ele em um canto. Uma vez que o avistava, trotava para lá (de uma maneira humana, mas provavelmente muito mais parecido com um cavalo do que qualquer outro humano poderia se parecer) e se servia de uma concha de água.

A transformação sempre o deixava desidratado, e naquela noite ele precisava estar com a mente alerta. Devido à sua existência exclusivamente noturna, havia poucas atividades das quais Gê podia tomar parte. Com seu jeito casual de falar, não raro ríspido, e seu comportamento geralmente desordeiro, era fácil que seus pais presumissem que ele passava suas horas humanas nos *boudoirs* de damas um tanto questionáveis, ou então se embriagando em bordéis. Sempre se podia ouvir Lady Dudley lamentando a respeito “daquele garoto e suas escapadelas... O que nós podemos fazer?”.

Gê os deixava acreditar em tudo aquilo. Na verdade, frequentemente se gabava de suas façanhas com garotas diferentes só para manter acesa a chama. Se eles pensassem que ele era como o Casanova (muito embora, é claro, não pudessem compará-lo ao verdadeiro Casanova, que só nasceria dali a duzentos anos), isso daria a Gê a liberdade de agir como bem entendesse. Além disso, a verdade a respeito de como ele realmente passava suas noites era bem mais humilhante. Preferia que os pais acreditassem que ele estava mesmo fornicando.

Uma batida alta veio da porta do estábulo.

— Meu senhor? — Billingsly respondeu do outro lado.

— Sim — Gê respondeu, tentando tirar o relincho de sua voz da mesma forma como alguém limparia a garganta ao acordar pela manhã.

— Suas calças.

A porta do estábulo se abriu apenas o suficiente para deixar entrar um braço vestido com o uniforme azul dos criados, estendendo as calças em questão.

— Obrigado, Billingsly. — Gê pegou as calças e as vestiu enquanto Billingsly deixava o resto das roupas em uma mesinha de madeira, de modo que o feno não sujasse a vestimenta de seu jovem mestre.

— E, meu senhor... Seu pai gostaria de ter uma palavra assim que o senhor estiver devidamente trajado.

— Meu pai? — Gê perguntou, alarmado. — Ele retornou ao castelo?

— Sim, meu senhor.

Gê fechou os botões da frente de seu casaco e tomou as botas de couro de cano alto.

— Por favor, diga a meu pai que estou ocupado com outros afazeres. Tenho... planos.

— Temo, meu senhor — Billingsly limpou a garganta —, que seu pai tenha sido bem insistente. O senhor terá de reagendar sua... hã... po...

— Billingsly! — Gê interrompeu seu criado no mesmo instante em que suas faces se enrubesceram. — Pensei que tínhamos combinado de nunca mencionar... a coisa... fora... daquele lugar.

— Sinto muito, meu senhor. Mas é que não consegui me lembrar do código que usamos para nos referirmos àquilo.

Gê fechou os olhos e deu um suspiro. Billingsly tinha apenas recentemente descoberto a real natureza das saídas noturnas de Gê, e tinha sido convencido (cof-cof, subornado) a não contar aos patrões.

— Escapadelas, Billingsly. Minhas escapadelas.

— Correto, meu senhor. Suas escapadelas terão de esperar, pois sua mãe também requisita sua companhia neste momento. Ela está com seu pai na sala de estar.

O pai e a mãe estavam ambos na propriedade da família ao mesmo tempo, na mesma sala, e tinham de falar com ele? Parecia algo tremendamente sério. Sim, seu pai por vezes requisitava a presença de Gê para tratar do futuro, da maldição equina, de sua herança (ou da falta dela, considerando que ele era o segundo filho), de seu desejo de ter ferraduras mais confortáveis e um ferreiro que fosse manter silêncio a respeito de tudo. Mas a mãe raramente participava de tais discussões. Ela ficava mais à vontade no papel de criar os filhos, como quando precisava dar dicas de como se vestir ou arrumar o cabelo (ou a crina, dependendo de qual fosse a posição do sol no céu no momento). Gê encarou Billingsly.

— Não é Natal ainda, é?

— Estamos em maio, milorde.

— É aniversário de alguém?

— Não, milorde.

— Alguém morreu? — Por um momento, ele se deixou crer que poderia ter sido seu perfeitinho irmão mais velho, Stan, quem tinha morrido e deixado para trás sua esposa perfeita e o filho perfeito. Mas então se lembrou de que Stan jamais cometia erros, e deixar uma família assim, por conta de uma morte fora de hora, seria certamente considerado de mau gosto. Além do mais, se fosse o caso, caberia a Gê ficar responsável por se casar e gerar herdeiros. Ele estremeceu só de pensar.

— Não que eu saiba, milorde — respondeu Billingsly.

Gê apertou os lábios e bufou, o que produziu um som totalmente cavalístico.

— Devo traduzir isso como uma anuência do senhor em comparecer?

— Sim. — Gê cerrou os olhos.

— Muito bem, milorde.

O que Gê não daria naquele momento para ser capaz de se transformar em cavalo quando quisesse... Assim poderia facilmente interpor 50 quilômetros entre si mesmo e o nariz do pai. (Provavelmente precisaria de 49 só para sair debaixo daquele cheirador monstruoso.)

O crepúsculo se transformou em breu profundo enquanto Gê percorria o caminho entre o estábulo e a porta lateral dos apartamentos. Sua mente galopava em velocidade vertiginosa, se perguntando sobre o que os pais queriam lhe falar.

Desde o momento em que teve idade o bastante para se sentar à mesa do jantar, Gê tinha se dado conta de sua posição de inferioridade na família. Stan sempre era servido antes dele — tanto no prato principal quanto nos acompanhamentos. Quando o pai os apresentava a alguém, era sempre algo como: “Este é Stan, o próximo Duque de Northumberland e herdeiro da fortuna dos Dudleys”. Longa pausa. “Ah, e este é meu outro filho, o irmão de Stan.”

Aqui nossas narradoras devem apontar dois fatos que provavelmente contribuíram para todo aquele embaraço do Duque de Northumberland quando na presença de seu segundo filho. Primeiro: o poder eðiano era considerado hereditário, e nem o duque e nem sua supostamente devotada esposa detinham aquela magia. Segundo: o duque tinha um nariz épico cujas proporções eram lendárias; o nariz de Gifford era de um tamanho perfeito, e seu formato poderia ter inspirado sonetos.

A combinação daqueles dois detalhes fazia o duque quase sempre olhar enviesado para a esposa e tratar Gifford diversas vezes como se ele nem estivesse lá.

Era por isso que, aos 13 anos, Gifford tinha pedido para mudar seu nome apenas para Gê, já que ninguém se importava mesmo com seu nome.

Billingsly o guiou da entrada lateral para o terceiro salão, onde Gê por acaso se viu refletido em um espelho pendurado e teve de parar para catar um pedacinho de feno que se projetava de seus cabelos castanhos. A mãe tinha regras rígidas com relação à civilidade dentro do castelo, das quais a mais importante era: “Todo e qualquer sinal de escapadelas equestres devem ser deixados no estábulo, ao qual eles de fato pertencem”.

Sua mãe sempre abordara a maldição de Gê como se fosse algo voluntário e ele passasse os dias como um quadrúpede por vontade própria. Como se fosse só mais um jeito de um adolescente

abastado se rebelar. Não raro, se esquecia de que ele não tinha pedido a ninguém para ser amaldiçoado e que, se algum dia conseguisse arranjar um jeito de controlar aquilo, daria o braço direito de Billingsly pela informação.

Como se pudesse ouvir os pensamentos de Gê, Billingsly puxou seu braço direito para a frente do corpo, longe dos olhares de Gê.

— Por aqui, meu senhor — ele disse, abrindo as portas da sala de estar com o braço esquerdo.

Dentro da sala, o pai estava sentado atrás de uma mesa de madeira bastante ornamentada, com a mãe, Gertrude, de pé ao seu lado. A mão dela repousava sobre o ombro de Lorde Dudley como se estivessem posando para um retrato. A irmã mais nova, Temperance, estava no sofá brincando com seus bonecos de cavaleiros e damas.

— Giffy! — ela exclamou quando o viu entrar na sala. Tempie era a única pessoa no mundo que tinha total permissão para chamá-lo de Giffy.

— Ei, Cachinhos — Gê respondeu, lembrando que Tempie tinha os cabelos louros mais cacheados de toda a Inglaterra.

— Ah, meu filho — Lorde Dudley se manifestou. Fez um gesto para uma mulher que se postava no canto da sala, a babá de Tempie, que imediatamente tomou a mão da menina e a retirou do recinto. Tempie deu tchau de forma meio atrapalhada enquanto segurava seus bonecos de um lado e a mão da babá de outro. — Obrigado por se juntar a nós com tanta presteza.

— Pai — Gê respondeu fazendo uma ligeira mesura com a cabeça, muito embora àquela altura já soubesse que alguma coisa estava mesmo errada, uma vez que “obrigado pela presteza” era o melhor elogio que o pai lhe dirigira em dois anos. (O último elogio tinha sido em reconhecimento a “ficar em segundo plano” quando Rafael Amador, o emissário da Espanha, fora visitá-los.)

— Temos excelentes notícias para você — o pai continuou. Gertrude empinou um pouco mais o corpo ao ouvir isso. — E para sua felicidade futura.

Oh-oh, pensou Gê. Aquela história de “felicidade futura” era sempre um código para...

— Você se tornou um belo rapaz e um robusto, hã, garanhão — o pai disse. — É certo que não temos como controlar a situação equina, mas essa diferença menor com relação ao resto da humanidade não o impedirá de levar uma vida relativamente normal, nem o privará dos direitos e privilégios garantidos a todos aqueles de origem nobre.

Para começo de conversa, Gê ficava incomodado com o fato de que nenhum dos dois ali na sua frente conseguia se referir à sua situação como ela era de fato e simplesmente usar a expressão “maldição do cavalo”, em vez de falar em “situação equina” e “diferença menor com relação ao resto da humanidade” ou qualquer bobagem do tipo. Mas a parte mais preocupante da fala de seu pai dizia respeito a “direitos e privilégios garantidos a todos aqueles de origem nobre”. Porque aquilo só poderia significar...

— Casamento, meu filho — Lorde Dudley disse. — Casamento com uma moça muito bem escolhida e, pelo que podemos prever sem termos feito nenhum exame ainda, perfeitamente fértil, de excelente linhagem e igualmente louváveis conexões familiares.

Os piores medos de Gê se tornavam realidade.

— Uau, pai. Fértil e bem escolhida, é? O senhor faz isso soar tão romântico...

Naquele momento, Lady Gertrude moveu a mão que estava no ombro do marido e a colocou em seu pescoço, como se tentando provar que tal ardente paixão também era possível em casamentos arranjados.

— Meu querido rapaz, se deixado à sua própria sorte, creio que você jamais se casaria.

— Achei que esse fato já tinha sido plenamente compreendido por todos e que tínhamos um consenso — Gê argumentou.

Um mês depois de ter começado a se transformar em cavalo, ouviu por acaso sua mãe lamentar com o pai que nenhuma lady de respeito iria querer um marido que fosse metade cavalo. E então o pai respondera que o rapaz teria mais chances se fosse um cavalo dia e noite, deixando de lado a parte humana por completo. Se assim fosse, talvez os pais pudessem vendê-lo e receber alguma

compensação por todo aquele inconveniente. Gê passou a sumir e a dormir no estábulo depois desse dia.

Agora, ali na sala de estar, Lorde Dudley se desvencilhava da mão da esposa como se estivesse tocando um inseto indesejado.

— É minha vontade que todos os meus filhos se casem.

— Mas por quê? O senhor não precisa de herdeiros meus — Gê quis saber. — Sou o segundo filho.

— E é por isso que passei os dois últimos dias me assegurando de sua felicidade para...

— O senhor quer dizer, na verdade, que estava me arranjando um casamento com uma perfeita estranha — Gê o interrompeu. — Bom, obrigado. Mas não, obrigado, pai.

Uma veia em que Gê nunca tinha reparado antes saltou na testa de Lorde Dudley.

— Estou me assegurando de sua felicidade e garantindo seu futuro e suas próprias terras e fortunas para as futuras gerações dos Dudleys, e por isso você vai se casar e gerar um filho ou dois ou mesmo sete antes que se torne um cavalo para sempre, *estamos entendidos?*

Gê deu um passo para trás, em parte para evitar os perdigotos de Lorde Dudley, que aumentaram com a veemência de sua fala, e em parte porque nunca tinha se dado conta de que se transformar em cavalo para sempre era uma possibilidade, muito embora tivesse de admitir que a liberdade de galopar para longe e se misturar aos cavalos selvagens da Cornualha era bem tentadora quando comparada àquele noivado iminente. Não que ele tivesse intenção de passar o resto da vida sozinho. O casamento tinha lá seus méritos, pelo que podia imaginar. Mas que tipo de marido ele seria? O casamento de seus próprios pais o tinha ensinado que, quando não há amor logo no começo, a familiaridade só traria mais e mais desprezo.

Além do mais, que mulher se casaria com ele quando descobrisse a verdade?

— Mas pai...

— Você *vai* se casar, ou então vou mandar castrá-lo, e falo sério — Lorde Dudley se exaltou.

— E qual é o nome da minha querida noiva? — Gê perguntou.

A resposta pareceu acalmar Lorde Dudley até certo ponto.

— Lady Jane Grey.

— Lady Jane Grey? — Gê repetiu, esperando que tivesse ouvido errado as palavras de seu pai. Ele já vinha ausente dos assuntos da corte por muito anos, mas se lembrava de Jane. Sua reputação a precedia.

A menina dos livros.

— Lady Jane Grey. Filha de Lady Frances Brandon Grey. Prima em primeiro grau do Rei Eduardo.

Lady Gertrude tomou a dianteira.

— O que acha disso, meu rapaz?

Gê inspirou profundamente e soltou um longo suspiro.

— Acho um monte de coisas. Acho, por exemplo, que o rosto dessa moça raramente foi visto até hoje porque ele está sempre enfiado em algum livro.

— Nunca antes você se opôs ao fato de uma lady ter educação — a mãe retrucou.

— E não me oponho neste momento também. Mas e se ela estiver apenas usando o *Segundo volume da História política da Inglaterra* para esconder alguma malformação horrenda no rosto?

— Gifford! — o pai exclamou.

A boca de Gê se fechou de imediato quando ouviu seu nome por extenso.

— Essa sua língua afiada não vai te trazer nada de bom. — Lorde Dudley estava com as narinas dilatadas e bufando, o que quase produzia um tufão. — Meu rapaz, por alguma razão você parece estar convencido de que esse arranjo é meramente uma sugestão. — Os lábios do pai desapareceram sob a barba, o que sempre acontecia quando Lorde Dudley ficava irritado. — Acredite em mim quando digo que as negociações para tal arranjo foram árduas e delicadas. Suas noções românticas de ficar solteiro pela vida inteira não serão toleradas. — Ele se pôs de pé e fechou a mão sobre a mesa, com o topo da cabeça quase chegando à boca do urso empalhado que pendia da parede atrás, imobilizado em pleno

rugido. — Deixe-me repetir: VOCÊ VAI SE CASAR COM LADY JANE GREY!

A voz ecoou nas paredes. Ninguém se moveu por medo de cutucar ainda mais aquela fera. Lorde Dudley desfez os punhos fechados e andou até perto de Gê.

— Meus parabéns pelo noivado iminente, meu filho. Tenho certeza de que será muito feliz.

— Obrigado, pai — Gê respondeu por entre os dentes cerrados. — Só uma última coisa: Lady Jane sabe a respeito da... situação equina?

O próprio Gê mal acreditava que também tinha lançado mão daquela expressão péssima que seu pai havia usado, como se o casamento próximo subitamente o tivesse deixado ainda mais envergonhado de sua maldição. Lorde Dudley passou o braço sobre os ombros do filho, mas apenas para escoltá-lo para fora da sala.

— Isso não importa — ele disse, e então fechou a porta bem na cara de Gê.



Não importa. O que aquilo queria dizer? Que ela sabia e não se importava? Ou que não sabia e isso nem faria diferença, desde que ela proferisse seus votos nupciais à noite?

Billingsly se encontrou com Gê próximo à entrada lateral da propriedade.

— Seu casaco, milorde. Seu cavalo está à sua espera para levá-lo às suas... escapadelas.

Gê revirou os olhos. Todas as vezes em que Billingsly usava o código “escapadelas”, fazia a palavra soar suspeita. Talvez ele devesse tê-lo instruído a usar uma palavra diferente. Ainda assim, “escapadelas” tinha uma certa musicalidade. Se ele pensasse na palavra por tempo suficiente, tinha certeza de que poderia incorporá-la à sua performance daquela noite.

Escapadelas. Escapadelas. O que rimava com “escapadelas”? Gê se concentrou ao pousar o pé esquerdo no estribo e se erguer para o lombo do cavalo chamado Westley. “Janelas... amarelas”?

Estava perdido em pensamentos, procurando rimas, quando Stan passou por ele, saindo do castelo a caminho da estrada.

— Irmão... — Stan apenas disse como que fazendo uma saudação.

Quando Gê pedira a Stan para chamá-lo só de Gê em vez de Gifford, Stan preferiu usar o ainda mais genérico “irmão”.

— Boa noite, Stan.

— Para onde você está indo?

O coração de Gê acelerou. Seu irmão nunca tinha curiosidade de saber para onde ele ia ou de onde vinha. Talvez Stan já soubesse a respeito do casamento, o que levaria Gê a merecer um pouco mais de atenção aos olhos do irmão. Ou talvez apenas estivesse puxando conversa à toa. De qualquer forma, a pergunta era inoportuna.

— Eu... estou indo... dar... umas escapadelas.

Stan inclinou a cabeça.

— Fazer uma escapadela. Ser mais *escapadelante*. — Por Deus... Gê nunca tinha investigado exatamente como usar aquela palavra, e as únicas vezes em que a ouvira de outras pessoas foram quando seus pais diziam alguma coisa do tipo: “Lá vai ele de novo. Esse rapaz e suas escapadelas...”.

— Tenho uns planos para hoje — Gê continuou. — Podem ou não envolver *escapadelagem*.

— Talvez seja com uma ruiva desta vez, hein? — Stan assentiu com a cabeça. — Uma baixinha. De olhos castanhos. Gostaria de uma garota assim?

— Eu geralmente não escolho muito — Gê respondeu com cautela. — É só uma escapadela, afinal.

— Certo. Muito bem, vá em frente.

— Obrigado — Gê respondeu. — Boa noite, Stan.

Abaixou a cabeça e apressou-se com o cavalo em um trote suave. Naquele momento, não conseguiria lidar com mais nenhuma distração nem obstáculo. Foi segurando sua lanterna tão firme quanto podia, mas não precisaria de muita luz para aquela jornada. Era apenas uma questão de virar à direita, depois à esquerda, depois mais duas direitas, mais uma direita bem aberta, só um

tiquinho à esquerda, então morro acima, passando a ponte, uma esquerda bem fechada e você chegava. Gê poderia fazê-lo de olhos fechados.

Na hora em que Gê amarrou seu cavalo no poste em frente ao Shark's Fin, a lua já estava alta no céu. Ele podia ouvir a multidão barulhenta lá dentro, comemorando e vaiando e gritando e brindando com cálices. Saudou o proprietário, assinando o nome como "John Billingsly", e então pegou um banquinho em uma mesa com outros quatro homens que claramente já tinham virado diversos canecos de cerveja.

— Então você voltou para levar mais um pouco, hein? — provocou o homem com a barba mais farta.

Gê o ignorou e pôs a mão sobre seu colete, sentindo lá dentro sua obra mais recente, *O êxtase do consumo de folhagem*. Desceu um pouco os dedos e sentiu também sua adaga na cintura.

Leitura de poesia em público era algo sabidamente difícil de se fazer, especialmente quando se estava apresentando material novo. Um homem poderia perder ainda mais que seu orgulho fazendo aquilo.

CAPÍTULO QUATRO



Eduardo

Eduardo recém-descobrira que, quando se está morrendo, as pessoas deixam que você faça tudo o que quiser. Então ele foi em frente e elaborou alguns decretos não oficiais:

1. O rei poderá dormir o quanto quiser.
2. O rei não precisará mais vestir sete camadas de roupas elaboradas e incrustadas de joias. Ou aqueles chapéus bestas com penas. Ou calças que mais parecem abóboras. Ou calças justas. Daquele momento em diante, a não ser em ocasiões especiais, o rei ficará muito bem usando apenas camiseta e calças comuns.
3. A sobremesa sempre será servida primeiro. De preferência, torta de amora. Com chantilly.
4. O rei não mais precisará tomar parte de sessões de estudo maçantes. Seus excelentes tutores já encheram a cabeça real com História, Política e Filosofia suficientes para duas vidas inteiras, e, como ele já não tem a perspectiva de viver nem meia vida, não precisará estudar mais nada. Nunca mais lições de coisa alguma, ele decidiu. Nada de livros. Nada de olhares atravessados de professores.
5. O rei, a partir de então, residirá no alto da torreta sudeste, onde poderá se sentar no beiral da janela e observar o correr do rio pelo tempo que desejar.
6. Ninguém na corte poderá mais dizer as seguintes palavras ou expressões: *moléstia, doença, distúrbio, mal-estar, disfunção, mazela, enfermidade, convalescença, indisposição, patologia, sofrimento, peste, saúde debilitada, afecção, isso que todo mundo está pegando e problema de saúde*. Acima de tudo, ninguém tem permissão de usar a palavra *morrendo*.

E, por fim (e talvez o mais importante, considerando o rumo de nossa história):

7. A partir de então serão permitidos cachorros dentro do palácio. Mais especificamente, a cachorra do rei.

Eduardo sempre amara cachorros. Cachorros não tinham complicações. Eles amavam as pessoas sem esperar nada. Eram devotados e leais, não porque ele era rei e podia cortar a cabeça de alguém que o desapontasse, mas porque era da natureza deles. Na maior parte do tempo, ele certamente preferia a companhia de cachorros a de pessoas.

O cão favorito de Eduardo se chamava Pet, diminutivo de Petúnia. Era o melhor tipo de cachorro para ele, uma galga-afegã enorme, de pelo comprido e farto da cor de trigo, e com longas e sedosas orelhas. Pet era afável, macia, divertida e sempre ótima para dar umas risadas. E por isso, nos últimos dias, apenas pelo fato de que Eduardo assim ordenara, Pet podia ficar na sala do trono, no salão de jantar, na câmara do Conselho e em seu novo quarto de dormir na torreta sudeste. Onde quer que o rei fosse, lá estaria Pet.

Deve constar que Maria, a irmã do rei, não aprovava a presença de cachorros no castelo. Era indigno. Era anti-higiênico. Bess era alérgica. (E também era mais afeita a gatos.)

Mas nenhuma das duas podia protestar a respeito, porque seu irmão estava morrendo e como é que alguém nega os desejos de um rei moribundo?

Então, na manhã de uma sexta-feira, depois de um café da manhã com muita torta de amora e chantilly, Eduardo estava fazendo nada sentado em seu trono só de camiseta e calças, sem nem mesmo usar a coroa, com Pet deitada no colo dele. Ele apenas acariciava a parte de trás da orelha sedosa, e a pata traseira da cadela ia se movendo de acordo com as carícias, simplesmente por que ela só sabia reagir assim. Maria estava no canto balbuciando alguma coisa sobre pulgas. Bess estava assoando o nariz em um lenço. Lorde Dudley, depois de retornar de sua viagem a seu castelo para comunicar o filho, estava sentado em uma cadeira bem menor do lado direito de Eduardo, lendo um documento de aparência oficial, com um par de óculos (ou um antecessor do que hoje

conhecemos como óculos) se equilibrando naquele monumento que era o nariz do homem.

Foi quando Eduardo ouviu as indignadas passadas bem fortes ressoando nas pedras do corredor lá fora e a voz tão familiar, aguda, exigindo: “Não! Preciso falar com o rei agora mesmo, por favor!”. Mas antes que o criado tivesse qualquer chance de anunciar “Lady Jane Grey, Majestade”, que era o protocolo sempre que alguém se colocava na presença do rei, as portas para a sala do trono se abriram de uma só vez e Jane entrou de supetão.

Era sexta-feira, como já dissemos. Se tudo corresse de acordo com os planos de Lorde Dudley, Jane e o filho dele, Gifford, selariam sua união na noite seguinte.

Eduardo sorriu, contente em vê-la. Não a tinha visto muito em tempos recentes devido à sua doença, mas ela estava justamente do mesmo modo como ele sempre se lembrara, ainda que meio abatida pelos dias de viagem.

Jane, no entanto, não parecia tão contente em vê-lo. Havia duas manchas bem rosadas em suas bochechas e tufo de cabelo ruivo colados em seu rosto banhado de suor, como se ela tivesse chegado à corte correndo desde Bradgate. E ela tinha a cara fechada.

— Olá, prima — Eduardo disse. — Você parece bem. Por que não se senta conosco e toma uma bela xícara de...

Chá era o que ele estava para oferecer. Porque ele era inglês, e era isso o que os ingleses faziam quando estavam nervosos: tomavam chá.

— Nada de chá — Jane interrompeu, dispensando com um gesto a criada real do chá, que já se aproximava com um bule em uma das mãos e uma xícara na outra. — Preciso falar com você, Eduardo. E é urgente!

A sala do trono, que estava repleta de cortesãos, ficou em silêncio por alguns segundos e então explodiu em murmúrios escandalizados, muito embora não saibamos dizer se os lordes e ladies presentes ficaram mais chocados pelo uso casual do prenome de Eduardo ou pela recusa um tanto rude da oferta de um pouco de chá. Lorde Dudley limpou a garganta.

— Muito bem — disse Eduardo com certo nervosismo.

O olhar de Jane se voltou para toda a sala do trono, como se só então ela tivesse percebido que havia uma plateia para seu espetáculo. Seu rosto ficou ainda mais corado.

— Preciso falar com você a respeito de... hã... do reinado de Eduardo Plantageneta II. Estou lendo um livro muito importante sobre esse período da História inglesa e queria sua opinião nesse assunto.

A sós, ela dizia com os olhos. *Agora.*

Era a respeito do casamento, claro. Eduardo ficou quieto por um momento, tentando descobrir a melhor maneira de lidar com a logística de atender Jane em particular.

— É de grande importância histórica! — Jane insistiu.

— Ah... sim... — Eduardo gaguejou. — Muito bem. Ficarei muito satisfeito em discutir o reinado do monarca...?

— Eduardo Plantageneta — Jane emendou.

— O primeiro?

— O segundo — ela corrigiu.

— Sim, pois não. Por que não damos uma volta e você me conta a respeito?

— Obrigada. — Os estreitos ombros de Jane finalmente relaxaram de alívio.

Eduardo se levantou. Seu olhar cruzou com o de Dudley. O duque tinha uma expressão de franca desaprovação, mas Eduardo o ignorou.

— Vou caminhar com Lady Jane no pomar — Eduardo anunciou.
— Continuem sem mim.

— Mas, Majestade... — protestou a Sra. Penne, dando um passo à frente. Ela era a ama de Eduardo, uma senhora já idosa e rechonchuda, de aparência gentil, que cuidava dele desde que ele era bebê, e então tinha sido chamada para ficar ao lado do rei durante aquele período de doença logo no começo do ano. Em tempos recentes, ela o vinha rodeando em todos os momentos, temendo que ele não estivesse bem agasalhado o suficiente e com medo de que qualquer passada fosse acabar sendo demais para a

condição agora tão frágil do rapaz. — Tem certeza de que é o melhor a fazer, considerando sua situação?

Aquela era uma das palavras proibidas, mas Eduardo decidiu que permitiria aquele deslize da Sra. Penne, porque sempre que ele tinha alguma de suas febres, ela se sentava ao seu lado na cama, punha um pano frio em sua testa, acariciava seus cabelos e às vezes até cantava para ele.

— Sim, meu senhor, talvez seja melhor descansar um pouco — concordou Dudley.

Eduardo fez pouco dos pedidos.

— Qual é o pior que pode acontecer? A morte vir me buscar?

Ele tentava parecer bravo e jovial em vista de seu destino iminente, mas naquele momento falhou por completo. Dudley parecia desapontado com ele. Maria parecia ainda mais solene que o de costume. E a Sra. Penne pousou a mão sobre sua boca enrugada e se retirou fungando.

Brilhante, Eduardo, ele pensou consigo mesmo. *Simplesmente brilhante*. Mas será que pessoas à beira da morte precisavam se desculpar? Jane olhou para ele, subitamente percebendo suas roupas comuns, a falta da coroa e a cachorra de rabo enrolado ao lado.

— Eduardo? O que está acontecendo? — perguntou.

— Venha — ele disse, descendo os degraus do trono e oferecendo o braço a Jane. — Vamos sair daqui.

Então foram caminhar, cão e moça e rei, para fora do palácio, pelos pátios e por toda a extensão do pomar, onde finalmente pararam sob os botões brancos de uma macieira.

— Muito bem — ele disse, quando já estavam com certeza longe de quaisquer ouvidos intrometidos. — Qual é problema, Janey?

— Não posso me casar amanhã! — ela explodiu. — Você tem de cancelar isso!

— Mas por quê? — Eduardo quis saber, retomando a carícia atrás da orelha de Pet, ao que ela fez um barulhinho canino bem fundo na garganta em sinal de alegria.

— Eu simplesmente não posso me casar com ele, é isso. Não com ele.

— Mas, pelo que eu soube, ele é um bom rapaz, Jane — Eduardo disse. — Lorde Dudley me assegurou que Gifford será um marido exemplar.

Quando não estivesse galopando pelos campos, Eduardo pensou com certa dose de culpa.

— Mas não é isso o que todos dizem? “Um bom rapaz.” “Um bom parceiro.” — Jane apertou o broche em seu vestido. — Que sorte eu tenho, de verdade. Bom... Eu fui ao castelo dos Dudleys há uns dias, pensando que talvez tivesse uma chance de vê-lo ou de falar com ele antes de nos casarmos, e...

Ah, então ela deve ter visto Gifford em seu estado equino. Deve ter sido um choque e tanto, se ninguém explicara a ela que o rapaz era um eðiano.

— E o que aconteceu? — ele perguntou.

— Foi terrível. Acontece que Gifford Dudley é... ele é um... — E ela nem conseguia terminar a frase. — Por favor, Eduardo — ela pediu, e, para horror dele, a voz dela falhou e quase não saiu mais. — Você não entende. Ele é um ca...

— Eu sei — ele disse.

— Você sabia? — Ela olhou bem para ele.

— Sim. Lorde Dudley me contou.

— Mas então por que você concordou com essa união? — ela reclamou indignada. — Como você poderia querer que eu me casasse com um...

— Pensei que você não se importaria com isso — Eduardo respondeu.

— O quê? — Os olhos castanhos dela se arregalaram.

— Pensei que você ficaria intrigada com a condição dele.

— Não, não. Posso te assegurar que não estou nada intrigada com nada que venha dele. — Jane até franziu o nariz em desgosto. — E nem diria que ele tem alguma “condição”.

— Então, o que você diria dele? — Eduardo começava a pensar que tinha se enganado sobre alguma coisa.

— Ele é um cafajeste dos piores! — exclamou. — Um garanhão, um mulherengo, um conquistador!

Oh. Então ela ainda não sabia sobre o problema equino de Gifford.

— Bom, Janey... — ele disse, tossindo. — Não é surpresa alguma, é? Todos dizem que ele é muito bonito.

— Todos dizem, é? — ela disse, já beirando a histeria. — É isso o que todos dizem?

— Sim — Eduardo afirmou. — E jovens ricos e bonitões que têm títulos de nobreza costumam sair por aí escolhendo garotas.

A não ser que você seja um rei adolescente com um problema de tosse. Jane franziu a boca em desgosto.

— Não posso me casar com ele. Por favor, Eduardo, você tem de acabar com essa história.

Eduardo não tinha como impedir o casamento, conforme ele mesmo sabia; não no clima político em que o país se encontrava. Mas sentia que, se explicasse o real motivo para a pressa daquelas núpcias (que todos esperavam que ela arrumasse logo um herdeiro para o trono da Inglaterra depois que ele morresse), aquilo só a enfureceria ainda mais. Em vez disso, tentou pensar em algo que a tranquilizasse, mas nada tranquilizador veio à sua cabeça.

— Sinto muito, Jane — ele tentou. — Não tenho como... Eu...

— Se você se importa comigo — ela disse então —, não vai me forçar a casar com ele.

Eduardo começou a sentir um aperto no peito. Tossiu em seu lenço até que manchas roxas apareceram nos cantos dos olhos. Pet levantou a cabeça do colo real e olhou de forma acusadora para Jane.

— Você está bem? — Jane murmurou. — Eduardo... Você está... doente?

— Estou morrendo — confessou.

Ele percebeu que o rosto dela ficou completamente pálido em um instante.

— Pensei que fosse apenas um resfriado — ela murmurou mais uma vez.

— Não.

— Não é a Moléstia, é? — ela adivinhou, e então fechou os olhos quando ele apenas lhe dirigiu um olhar triste.

— Tenho toda a intenção de conseguir uma segunda opinião — ele disse. — Uma melhor do que essa.

— Quando? — ela perguntou em um fiapo de voz. — Quando eles acham que...?

— É para logo. — Eduardo tomou a mãozinha dela, manchada de tinta dos livros. — Sei bem que esse casamento não é o que você quer. Acredite em mim, eu entendo. Lembra de quando fiquei noivo da Maria da Escócia? — Ele estremeceu. — Mas você tem de se casar com alguém, Janey, porque é isso que as jovens ladies de procedência nobre têm de fazer: elas se casam. Não dá pra você se esconder nos livros para sempre.

Jane abaixou a cabeça. Uma mecha de cabelo ruivo caiu sobre seu rosto.

— É, eu sei. Mas por que *ele*? — perguntou. — Por que *agora*?

— Porque eu confio em Lorde Dudley — ele disse com simplicidade. — E porque não tenho mais muito tempo. Preciso ter certeza de que vão cuidar bem de você. Depois que eu for embora, quem sabe com quem iriam te casar? Existem destinos piores do que acabar casando com um jovem rico e bonito.

— Acho que sim — ela disse.

Eduardo sabia que deveria contar a ela a respeito da coisa do cavalo. Era um detalhe do qual ela deveria, sim, estar ciente. Mas ele não conseguia encontrar as palavras adequadas para aquilo que era, essencialmente, “ah, e a propósito, o cara com quem você está pra se casar realmente é um garanhão. Literalmente”.

Ele deveria lhe contar.

Ele arrumaria outra pessoa para contar.

— Faça isso por mim, Jane — disse gentilmente. — Por favor. Te peço como rei, mas também como seu amigo.

Ela permaneceu em silêncio, encarando as mãos de ambos entrelaçadas, mas algo mudou em sua expressão. Ele podia ver ali o começo de uma aceitação. Sentiu novo aperto no peito.

— Tudo vai ficar bem, você vai ver. — Eduardo apertou sua mão. — E, se isso fizer com que você se sinta melhor, eu mesmo vou conversar com esse tal Gifford sobre esse problema de ficar

andando por aí. Vou fazê-lo jurar fidelidade a você. Vou ameaçar colocá-lo no cavalete ou algo assim.

— Você pode fazer isso? — Ela ergueu os olhos.

— Eu sou rei, lembra? — Ele deu um meio-sorriso. — Tem alguma coisa mais que você gostaria que eu fizesse com ele? A berlinda? O chicote de nove pontas? O “anjinho”? O garfo espanhol?

Ficou aliviado de ver um indício de um sorriso se formando nos lábios dela.

— Bem — disse, pensativa, deslizando sua mão para o pelo farto de Pet. — Pode ser que ele esteja necessitado de um belo escaldapés...

— Considere feito — concordou.

Jane soltou um breve suspiro.

— Creio que há algo mais que você possa fazer por mim, primo — disse após um instante.

— Tudo de que precisar — ele respondeu. — É só dizer.

Os olhos castanhos e tão calorosos dela se viraram diretamente para ele.

— Você me conduz até o altar?

O coração de Eduardo se apertou mais uma vez.

— Mas é claro. Será um prazer.



Depois de deixá-la em uma carruagem rumo a Chelsea (onde os Greys se hospedavam quando estavam em Londres), Eduardo foi à procura de Lorde Dudley, que estava na sala do Conselho tendo o que parecia ser uma conversa muito séria com a Sra. Penne. Falavam da saúde debilitada do rei, não havia dúvida.

— Então... — o duque começou quando Eduardo se aproximou. — Conseguiu persuadi-la?

A Sra. Penne apressou-se em sentir a testa de Eduardo com a mão. Ao lado dele, Pet emanou um rugido grave e bem baixo, ao que a ama recolheu a mão.

— Estou bem — ele a tranquilizou.

A ama lançou um olhar que dizia claramente que ainda estava ofendida pela repreensão de antes e se retirou farfalhando as saias.

Eduardo apenas assistiu à porta se fechar por detrás dela. Então, desabou sobre o trono vermelho e macio e esticou a mão para pegar algumas amoras.

— Senhor... — Lorde Dudley começou a falar. — O senhor precisa cuidar do...

Pet enfiou o longo focinho em meio às amoras e deu um espirro, jogando a bacia no chão, e frutas rolaram em todas as direções.

Eduardo lançou um olhar severo para a cachorra, ao que criados se apressaram em limpar a bagunça.

— Cachorra má! — ralhou.

Ela balançou o rabo.

— O senhor não deve fazer muitos esforços — Dudley continuou.

— Estou bem — Eduardo insistiu. — O ar fresco me fez bem. E, sim, Jane concordou em se casar com seu filho. Mas por que ninguém falou com ela sobre a... situação equina?

Dudley balançou a cabeça como se aquela questão fosse totalmente desimportante.

— Já concluí que as mulheres não devem ser importunadas com esses detalhes insignificantes.

Bom, isso até faz sentido, Eduardo pensou.

— Ainda assim, eu gostaria de ter uma palavra com seu filho.

A boca de Dudley desapareceu em meio à sua barba.

— Meu filho Gifford? — perguntou, como se esperando que Eduardo inexplicavelmente precisasse conversar com Stan por algum motivo.

— Sim. Convoque-o de imediato.

— Temo que seja impossível, Majestade. — Dudley apontou para a janela, onde se via o sol brilhando a oeste. Ainda haveria horas a se esperar até o crepúsculo.

— Ah. Certo — Eduardo disse. — Bem, então assim que a noite cair.

Dudley ainda parecia desconfortável com o pedido.

— Mas, meu senhor, são necessários tantos preparativos para a cerimônia de amanhã. Vai ser muito difícil tirar meu filho do...

— Desejo falar com ele — Eduardo exclamou em seu melhor tom de voz real. — Falarei com ele esta noite.

— Sim, Majestade — Dudley concedeu. — Assim que o sol se puser.

De súbito, Eduardo se viu cansado, muito cansado. Desmanchou no encosto da cadeira. Pet soltou um breve ganido e lambeu sua mão.

— Vossa Majestade está bem? — Dudley perguntou.

— Eu. Estou. Bem! — Eduardo repetiu, aprumando o corpo. — Estarei em meus aposentos — disse, ainda que não tivesse ideia de como lidaria com as escadas. — Mande Gifford ir até lá quando chegar.

— Sim, senhor — o duque respondeu de pronto, e deixou Eduardo a sós para recuperar o fôlego.



Passou-se menos de uma hora depois do pôr do sol quando, como esperado, uma batida soou na porta do quarto de Eduardo. Pet começou a latir, mas parou imediatamente quando Gifford Dudley entrou.

Os dois rapazes passaram a se examinar mutuamente. Gifford era previsivelmente alto, de ombros largos e com um queixo quadrado bem másculo. Tinha tão boa aparência quanto o pai dissera em sua descrição e, por um momento, Eduardo teve ódio por o rapaz ser tão visivelmente forte e corpulento. Mas então Gifford fez uma mesura, e Eduardo se lembrou de que era rei.

— Mandaste me chamar, Majestade? — Gifford murmurou.

— Sim. Por favor, sente-se. — Ambos se sentaram de maneira meio desajeitada. — Preciso conversar a respeito de Jane.

— Jane? — Eduardo não soube bem se a exclamação de Gifford vinha como uma afirmação ou pergunta, ou mesmo se ele sabia sobre quem Eduardo estava falando.

— Sua futura esposa.

Gifford assentiu e coçou o lado do pescoço, ostentando uma expressão bem similar àquela que Jane usara mais cedo naquele mesmo dia: a cara de quem está encarando o abismo do fim do mundo.

— Jane é uma pessoa muito especial para mim — Eduardo começou. — Ela é...

Não havia uma palavra realmente boa para descrevê-la.

— Ainda não a conheci pessoalmente — Gifford disse de maneira bem delicada. — Mas tenho certeza de que ela é bastante... especial.

— E é. — Eduardo se sentou mais próximo à beirada da cadeira. — O que me incomoda, Gifford...

— Por favor, me chame de Gê — Gifford interveio.

Eduardo franziu o cenho.

— O que me incomoda... hã... Gê... é que você não tem sido muito presente na corte nesses últimos anos e, embora eu entenda o porquê... — E então lançou um olhar para Gifford que dizia “Eu sei tudo sobre a história do cavalo”. — Bem, embora eu saiba que sua família é perfeitamente respeitável e digna de alguém... tão especial quanto minha prima Jane, sinto que não o conheço bem.

Eduardo parou de falar por um momento, uma vez que Pet, com o rabo a balançar, tinha se posto bem ao lado da cadeira de Gifford — perceba que foi da de Gifford, não da de Eduardo — e estava admirando o rapaz com ar de adoração. Gifford sorriu para ela e estendeu a mão para dar um afago no ponto em que Eduardo bem sabia que era o lugar que Pet mais adorava, embaixo do queixo.

Ela suspirou e pousou a cabeça no colo dele. Nem ela conseguia resistir aos encantos do rapaz. Eduardo começou a tossir, e tossiu e tossiu, e então tossiu mais um pouco, tão forte que seus olhos se encheram de água. Quando os espasmos se aliviaram, tanto Pet quando Gifford o observavam com preocupação.

— Bom, continuando... — Eduardo deu um sibilo profundo. — O que quero saber, Gê, é se você, como marido dela, vai tomar conta de minha adorada prima.

— Mas é claro, senhor — Gifford se apressou em dizer.

— Não, não... — Eduardo esclareceu. — O que eu quero dizer é se não vai ter mais ninguém de quem você vai tomar conta. Nunca mais. Será apenas Jane.

Uma profunda compreensão tomou o olhar de Gifford.

— Jane merece um marido devotado e virtuoso — Eduardo continuou. — Logo, você será um marido devotado e virtuoso. Se eu alguma vez ouvir um sussurro que seja, dizendo algo diferente

disso, vou ficar bastante desapontado. E você não vai querer me ver desapontado.

Gifford tinha uma expressão decididamente alarmada no rosto, o que em muito satisfazia Eduardo. Ele podia não mais ter forças, mas ainda era poderoso. Sorriu.

— Você entendeu bem?

— Sim — Gifford disse. — Entendi muito bem, Majestade.

— Muito bom — Eduardo respondeu. — Você pode ir.

Gifford já tinha se posto de pé e caminhava rumo à porta quando Eduardo o chamou mais uma vez.

— Ah, e mais uma coisa....

Gifford congelou, mas se virou.

— Pois não, Majestade?

— Jane não está ciente de sua condição. De sua...

Gifford suspirou profundamente.

— Maldição do cavalo, Majestade. Minha maldição do cavalo.

— Isso. Ninguém a informou a respeito ainda. Gostaria que você mesmo o fizesse.

Os olhos de Gifford se arregalaram com algo semelhante a um pânico.

— Mas... eu?

— Ela merece saber do próprio marido — Eduardo disse. Ali mesmo, enquanto falava aquilo, percebeu que parecia uma ideia muito boa. Uma ideia realmente régia. Inspirada. — Você provavelmente não a verá antes do casamento, entendo. Mas antes que a noite termine, antes que você e ela... — e ele se interrompeu. Nem queria pensar no fim daquela sentença. — Bem, você deverá contar a ela.

Lá estava ele outra vez, o olhar de abismo do fim de mundo no belo rosto de Gifford.

— Tenho alguma escolha, senhor?

— E algum de nós tem escolha quando se trata de uma questão de destino?

Gifford abaixou a cabeça.

— Um homem pode pescar com a minhoca que se alimentou de um rei, e pode comer o peixe que se alimentou daquela minhoca —

ele disse, com a voz aumentando em intensidade.

Eduardo observou o jovem pelo que pareceram ser longos minutos.

— Presumo que isso queira dizer que você vai contar a ela.

— Sim senhor — o jovem lorde murmurou e em seguida se despediu.

Eduardo se pôs a olhar pela janela. Lá embaixo, no pátio, Gifford montou em seu cavalo e galopou para fora do palácio. Eduardo se sentiu bem com a evolução daquela conversa. Arrastou-se para a cama e se espichou nela. Pet veio e começou a lamber seu rosto.

— Saia daqui, cachorra traidora — ele disse, empurrando-a de brincadeira. Mas depois chegou para o lado e deixou-a subir, e ela pulou para seu lado.

CAPÍTULO CINCO



Jane

O dia do casamento havia chegado.

A cerimônia se daria na casa Durham, a residência londrina dos Dudleys, e isso significava que, no sábado à tarde, Jane teve de cruzar a cidade de carruagem e ficar alojada, junto da mãe, da costureira e de Adella, sua dama de companhia, na biblioteca dos Dudleys, que serviria como vestiário nupcial. (Só que não parecia muito com uma biblioteca de verdade e estava mais para um quartinho de despejo mais ou menos arrumado às pressas para o casamento.) A luz do dia adentrava as janelas, que estavam abertas para deixar a brisa passar. Havia mesmo estantes de livros (que Jane quase podia sentir que a chamavam), uma pilha de baús de madeira e o Vestido à espera dela sobre um manequim de arame.

— Isso é tão empolgante — gorjeou Adella enquanto andava de um lado para o outro no quarto iluminado, tocando em tudo como que se aquilo fosse trazer boa sorte. Grumos de poeira se desprendiam ao toque de seus dedos. — Você finalmente vai se casar!

— Finalmente — Jane disse sem entusiasmo, observando o Vestido. Era todo de tecido brocado em tons de prateado e dourado, bordado com diamantes e pérolas. (Lembre-se de que tudo isso aconteceu bem antes de a Rainha Vitória usar branco em seu casamento e mudar para sempre a moda matrimonial.) Era uma criação realmente bonita — e também muito cara, sem dúvida. Talvez Jane até viesse a ouvir o quão caro tinha sido seu vestido se protestasse um pouco mais contra suas vindouras núpcias.

Mas Eduardo tinha lhe feito um pedido, e ela passaria por tudo aquilo por ele. Um nó se formou em seu estômago quando pensou

em Eduardo.

Houve uma vez, nos tempos em que morava com Catarina Parr, em que ela e Eduardo se esconderam nos fundos da biblioteca do Castelo Sudeley a tarde toda — algo que eles sempre faziam — e ela começou a reclamar a respeito de seus muitos noivados horríveis — algo que ela sempre fazia. Eduardo a cutucou entre as costelas e disse:

— Você é exigente demais, Jane. Bom, sempre existe a chance de você se casar *comigo*.

Naquela época, o casamento para ela era algo que se assemelhava mais a um joguinho bobo do que a uma jaula na qual você é aprisionada, como ela começava a sentir agora.

— Você estaria se colocando em enorme risco com essa história de virar meu noivo — ela respondeu. — Você bem sabe que eu sempre causo a ruína dos meus pretendentes. Além disso, não acho que eu ia querer ser rainha. Tem regras demais.

— Ah, que é isso, não seria tão ruim assim. — Eduardo deu um toquinho no nariz empinado dela e sorriu. — A gente se divertiria um bocado juntos.

Ambos deram risada do que então soara apenas como uma piada e nunca mais falaram a respeito, mas Jane de fato pensou no assunto depois daquilo. Que ele realmente pudesse estar falando sério. Chegou a suspeitar durante um tempo de que Thomas Seymour e a mãe dela estivessem planejando justamente aquilo — levá-la para morar com a rainha viúva a fim de ser bem educada e refinada para que um dia, quem sabe, se casasse com Eduardo e se tornasse rainha ela própria.

E ele também tinha razão no que dissera. Não seria um casamento tão ruim assim, mesmo que, para ela, fosse difícil enxergar Eduardo como qualquer outra coisa que não um amigo. Jane já lera sobre o amor, sobre como o coração deve palpitar na presença da pessoa amada, sobre como a respiração fica pesada, etc., etc., e ela nunca tinha sentido nada do tipo perto de Eduardo. Mas ela bem que podia pensar em destinos piores do que se casar com seu melhor amigo. Bem piores.

Mas então Catarina Parr morreu dando à luz, e Thomas Seymour cometeu traição e perdeu a cabeça por isso. Jane foi enviada de volta a Bradgate, e sua mãe começou a procurar outra vez por candidatos a marido. E agora Eduardo estava morrendo, e Jane se casaria naquela noite. Provavelmente.

A não ser que algum milagre acontecesse.

A tarde se tornou noite, e parecia cada vez menos provável que alguma catástrofe horrível pudesse se abater sobre a família Dudley a fim de salvar Jane de seu destino.

O Vestido continuava lá, a grinalda de veludo verde seguia no alto de sua cabeça e as esperanças de Jane caíam por terra.

A pior parte? Nada de livros.

Entre todos os ajustes de cabelo e de traje, Jane mal conseguiu arranjar tempo para deixar os dedos percorrerem as lombadas dos livros nas prateleiras da biblioteca. História, Filosofia e Ciência: seus assuntos favoritos. Matérias que a salvariam caso o casamento se tornasse enfadonho demais.

— Nada de livros. — Lady Frances deu um tapa na mão de Jane para tirá-la de perto das lombadas escritas com letras douradas. — Não vou tolerar que minha filha diga seus votos nupciais com o rosto atrás de um livro velho.

— Eles estariam com menos poeira se os Dudleys tivessem mais cuidado com eles. — Jane olhou longamente para aquela cornucópia literária à sua frente. Decerto estavam empoeirados, mas certamente tinham perfeitas condições de serem lidos uma centena de vezes. — Talvez a senhora prefira que eu traga meus bordados.

— Olha essa língua. Ninguém quer saber de uma esposa sarcástica. — Uma mecha do cabelo castanho de Lady Frances subitamente ficou acinzentada, como se por mágica. (Claro que não foi mágica de verdade, caro leitor, mas aquela magia que somente filhas possuem com relação às mães. Por tudo o que sabemos hoje, a única magia real é a magia ediana.)

Pelo menos o casamento já significava que Jane não precisaria mais morar com a mãe. Depois de um pouco mais de estica daqui, puxa dali, desespera acolá e de todas as providências a respeito da

quase completa falta de busto de Jane, veio uma batida na porta da biblioteca.

— Está na hora.

Uma espiada na janela revelou que a escuridão tomara o céu. Já era noite.

— Que tipo de homem é esse, que insiste em se casar só depois do cair da noite? — Jane murmurou enquanto era praticamente tocada da sala às pressas. *Um brutamontes grosseiro*, Jane pensou. *É esse o tipo.*

Ela lançou um último olhar, também demorado, sobre os pobres livros tão negligenciados. Talvez, quem sabe, viessem com o marido. Ambos poderiam combinar uma troca. Os livros por... Bom, ela descobriria algo que ele iria querer. Além de mulheres. Eduardo tinha dito que iria conversar com ele, não é? Nem mesmo alguém como Gifford poderia dizer não a seu rei.

Jane sentia que não estava conseguindo respirar direito. (E não era só pelo fato de seu corpete estar apertado demais, muito embora estivesse mesmo. Extremamente.)

Ela sempre soubera que deveria se casar em algum momento, é claro. Aquela sucessão de ex-noivos destituídos não poderia continuar para sempre.

Mas para alguém que já estivera com dezenas — talvez centenas — de mulheres, como ela poderia querer competir? Para Gifford, o que ela seria, a não ser mais uma mulher e talvez o fim de sua libertinagem? Ele se ressentiria dela durante todos os dias do casamento, e não apenas por causa de seus quadris estreitos (nada apropriados para gerar filhos) e seu estranho cabelo ruivo.

Jane bem que tentou arrastar os pés até chegar ao grande salão, mas sua mãe fez questão de apressá-la, e, antes do que se poderia julgar possível, todos já estavam à frente das enormes portas duplas, ambas escancaradas para espalhar bem o som das músicas e das vozes. A fugidia luz das velas se projetava de forma sinistra sobre Eduardo, à espera. Ele sorriu e ficou de pé quando ela chegou, se apoiando nos braços de seu trono.

— Você está linda, Jane.

— E você está... — e Jane não conseguiu completar seu raciocínio. Naquele dia, ele estava usando toda a sua parafernália real: coroa, manto e adaga dourada, todo o traje requerido a um rei que está para acompanhar sua prima ao altar. Mas, sob as várias camadas de brocados e peles, ele ainda estava muito magro. Adoentado. Morrendo.

— Eu sei. — Ele tomou as beiradas peludas do manto com os dedos cobertos por luvas brancas. — Estou com a mesma aparência real e bem-apessoada de sempre. Mas não fique encarando. Você vai me deixar envergonhado.

Jane se esforçou para dar um sorriso.

— Agora, Jane — Lady Frances disse, assim que todas as medidas e genuflexões necessárias foram feitas na presença do rei —, tente se mostrar feliz. É o dia do seu casamento!

Jane trocou olhares com Eduardo e revirou os olhos quando a mãe e a dama de companhia se dirigiram ao salão para tomar seus respectivos lugares. Jane se assegurou de ficar fora do campo de visão dos convidados que já se encontravam presentes. Assim que ela se revelasse, as pessoas esperariam que ela começasse a longa caminhada até seu prometido.

— Jane... — Eduardo disse quando ficaram sozinhos. — Eu não pediria isso a você a não ser que fosse muito importante.

— Eu sei. — Ela não via necessidade de repetir a conversa toda que haviam tido no dia anterior.

— Eu conversei mesmo com ele — Eduardo disse. — As noites de andanças acabaram.

— As noites de andanças que já aconteceram nunca poderão ser desfeitas. — Ela tentou cruzar os braços, mas as pedras incrustadas no vestido impossibilitavam o gesto, então ela deixou as mãos ao lado do corpo como estavam. Se ela danificasse o Vestido antes mesmo de pronunciar seus votos, sua mãe jamais a deixaria esquecer do vexame. — Ele é um homem libidinoso, um depravado, um...

Ela ficou sem sinônimos para usar — algo que a desapontava.

— Janey... — Eduardo começou a dizer, mas tossiu em um lenço que já estava pontilhado de rosa.

Ela aguardou um momento, incerta do que deveria fazer — se ajudava ou dizia alguma coisa sobre o estado de saúde dele —, mas, quando ele enfiou o lenço de volta no bolso, seu rosto estava vermelho com o esforço, ou talvez de vergonha, ou ambos. Em vez de continuar, Jane pulou para outro assunto que ajudaria ambos a tirar aquela doença da cabeça. — Então você viu o Gifford, hein? Vamos lá, para eu ficar preparada: o nariz é muito ruim?

Um farfalhar indicando muita movimentação veio do salão, e Jane percebeu que tinha se deixado ver pelos convidados. Eduardo levantou as sobancelhas.

— Acho que você mesma está prestes a descobrir.

Com um suspiro, Jane ergueu seu buquê — rosas brancas de York e prímulas amarelas — e tomou seu lugar ao lado do rei. De braços dados, ambos adentraram o grande salão. Estava lotado de gente, todos olhando para ela. O que ela não daria por um livro atrás do qual pudesse se esconder... Teria levado um livro reserva para Eduardo também, ainda que ele estivesse mais acostumado à atenção, já que era rei e tudo o mais.

Centenas de velas iluminavam o salão, com uma fileira delas formando um caminho até o altar, onde um padre e o noivo a esperavam. Havia ainda mais velas atrás deles, o que tornava impossível dar uma boa olhada a distância em seu prometido.

Juntos, Jane e Eduardo fizeram uma caminhada bem vagarosa e imponente pela nave, ignorando os murmúrios sobre como o rei parecia doente, sobre como a cor do Vestido ressaltava demais o vermelho-tomate do cabelo dela, e como o casamento tinha sido apressado e súbito. Jane tentou se encolher ainda mais dentro do Vestido.

Então, talvez rápido demais, alcançaram o altar e Eduardo tomou uma das mãos de Jane.

— Para o senhor, Lorde Gifford Dudley, entrego minha prima e mais querida amiga, Lady Jane Grey.

Antes que sua mão passasse de um homem ao outro, Jane apertou levemente a mão de Eduardo e piscou, tentando se livrar das lágrimas que chegavam ao fundo dos olhos. Aquilo não poderia estar acontecendo. Não de verdade.

— Obrigado. — A voz de Gifford era grave, mas seu tom foi completamente neutro quando tomou a mão de Jane e a ajudou a subir o último degrau até ele.

Ela levantou os olhos. E levantou mais um pouco. E quase deixou cair seu buquê.

Gifford Dudley era injustamente lindo; incrivelmente alto e bem-torneado no pescoço e nos ombros, com um cabelo castanho reluzente amarrado em um rabo de cavalo curto e olhos também castanhos muito expressivos. E o nariz. O nariz dele... tinha formato perfeito: não era grande nem curto demais, não era batatudo nem fino, e até os poros eram discretos. Não havia qualquer traço da Maldição do Nariz Dudley.

Glória a todos os deuses e santos: Lorde Gifford Dudley tinha um nome um tanto infeliz, mas não tinha aquele nariz! Ela queria até cantar naquela hora. Queria dar um giro até onde Eduardo estava sentado, bem na frente, e contar a ele que Gifford tinha um nariz perfeito.

Era um milagre. Uma maravilha. Um espanto. Um alívio. Afinal de contas, esperava-se que ela beijasse aquele homem ao fim da cerimônia, e a última coisa que ela queria era perder um olho. Mas também ela meio que já esperava que ele não tivesse herdado a maldição, ou haveria muitas mulheres caolhas na Inglaterra.

Mas o encanto logo se desfez.

Bom, então ele era bonito. Que bom pra ele. Afinal, haviam outros homens bonitos no mundo — homens que, aliás, não passavam cada noite com uma mulher diferente. O nariz perfeito não serviria como desculpa para seu mau comportamento.

De sua parte, Gifford não pareceu ver nada de mais na aparência de Jane. Mas é claro que não vira mesmo. Poucos viam, a não ser que estivessem comentando sobre os cabelos ruivos.

O casamento continuou, e Jane ousou dar uma olhada rápida nos convidados. Eduardo se sentava ereto em sua cadeira, os lábios cerrados como se estivesse sentindo dor. A mãe de Jane estava acompanhada da família do noivo; Jane reconheceu Lorde Dudley e a esposa, que fizeram questão de ficar meio afastados, o que não causava uma boa impressão do casamento que Gifford tivera como

modelo enquanto crescia. Lady Dudley estava sentada ao lado de uma menininha que se agarrava a uma boneca com um braço e tentou dar um aceno tímido com a outra mão. E havia Stan e sua mulher, ambos muito empertigados e com ar arrogante, com uma criança pequena em meio aos dois, se equilibrando no banco. Se Stan se lembrava de suas presunções toscas a respeito de Jane poucos dias antes, não aparentava; mas Jane fez questão de apertar os olhos quando passou por ele, enquanto o padre começou a declarar as maravilhas do sagrado matrimônio.

Primeira, o amor verdadeiro. Não havia nenhum perigo de aquilo acontecer ali. Gifford estava com os olhos fixos por sobre os ombros dela, com uma expressão entediada no rosto. Ainda guardava ressentimento da conversa que tivera com Eduardo, sem dúvida.

Segunda, a virtude. Jane fungou alto, o que atraiu olhares. Especialmente o de sua mãe, em cujo cabelo subitamente apareceu outra mecha cinza.

Terceira, a procriação. Jane empalideceu e sentiu um calafrio. Tinha quase conseguido se esquecer daquela parte do casamento. Filhos. Fazê-los. Seria esperado dela que produzisse uma criança. Ou crianças. Plural. Afinal, Jane não tinha irmãos, o que significava que caberia a ela gerar herdeiros para a fortuna dos Grey. O fato de que mulheres costumavam morrer dando à luz, ou pouco tempo depois — ela tinha em mente a mãe de Eduardo, que sobrevivera por apenas alguns dias antes de partir deste mundo — era bastante alarmante, ao passo que ter muitos filhos só aumentava o risco múltiplas vezes. E isso em especial se considerássemos a deficiência dela no departamento dos quadris.

Mas mesmo aquela seria uma preocupação para outra hora, porque enquanto o padre ia se alongando a respeito da alegria que era ter filhos, sobre como cada filho reforça os laços entre os pais, Jane percebeu que naquela noite haveria...

Digo, que ela — ou melhor, eles teriam de...

Gifford também parecia meio atordoado com a ideia deles dois juntos... e gerar descendentes nem tinha ocorrido a ele ainda.

Jane trincou os dentes. Ela tinha cabelos vermelhos e ele preferia as morenas. Será que ela era assim tão pouco atraente que até

alguém de virtudes tão questionáveis como Gifford, o Fornicador, não iria querer...? Ela nem conseguia pensar na possibilidade. Não naquela hora. Como é que sua mãe tinha chamado a coisa mesmo?

O “abraço muito especial”.

Quando ela ficara noiva de Humphrey Hangrot, a mãe tinha tentado prepará-la para a noite de núpcias.

— O abraço muito especial pode ser um pouco desconfortável — Lady Frances explicou. — Mas é parte da noite do casamento, e é parte de seus deveres como esposa. Você deve produzir tantos herdeiros quanto for capaz. O evento em si termina muito rapidamente, pelo menos. Não pense muito a respeito.

Jane ficou apenas encarando a mãe, bestificada, e depois foi atrás de todos os livros de anatomia que já tinham sido escritos. Havia, sim, todas aquelas óbvias diferenças entre os corpos do homem e da mulher, aquelas que qualquer um notaria. E aí ela descobriu outras diferenças não tão óbvias assim. Não demorou muito para Jane entender o que ia em qual lugar, e quão aterrorizante o tal “abraço muito especial” deveria ser para uma mulher.

E agora, enquanto o padre anunciava o momento dos votos, o estômago de Jane se retorcia e o buquê escorregava de suas mãos suadas. O tom de voz de Gifford foi seco como um papel quando ele disse sua parte.

— Eu, Gifford Dudley, doravante declaro minha devoção a você. Prometo amá-la, protegê-la, ser fiel e fazer de você a mulher mais feliz do mundo. Meu amor por você é tão profundo quanto o oceano e tão brilhante quanto o sol. Protegê-la-ei de quaisquer perigos. Estou cego para todas as outras mulheres que não sejam você. Sua felicidade é fundamental em meu coração.

Na primeira fileira de convidados, a mãe de Gifford enxugou os olhos com um lenço, e a menininha segurou suas risadinhas. Eduardo estava tão estoico que seu lenço pontilhado de sangue estava amassado em uma bola entre seus dedos.

Gifford tomou a mão suada de Jane e empurrou a aliança no dedo.

— Entrego-me a você.

— Eu o recebo — ela respondeu mais como um coaxar. — E eu, Jane Grey, doravante declaro minha devoção a você. Prometo amá-lo, confidenciar-me com você, ser fiel e fazer de você o homem mais feliz do mundo.

A versão original dos votos que sua mãe antes sugerira dizia “te obedecerei”, mas aquilo simplesmente não teria como ser feito. Já era suficiente que Jane tivesse concordado em manter a palavra “amor” onde preferiria a frase “sentir algum tipo de emoção”, mas ela não iria adiante com aquela história de “obedecer”. Ela o consultaria com relação às decisões que tivessem de ser tomadas, mas não tinha de ouvi-lo a respeito de nada depois daquilo. E seria fiel. Poderia tentar fazê-lo feliz, a não ser que ele insistisse em não ser razoável. Ela continuou:

— Meu amor por você faz o vento parecer mero sopro, e o mar, nada mais que uma gota. Contarei com sua sabedoria. Sou surda aos chamados das tentações. Sua felicidade é a estrela que me guiará. — Ela tomou a mão dele e enfiou a aliança de forma atrapalhada, com o buquê ainda preso entre os dedos. — Entrego-me a você. — Nunca antes ela sonhara que um dia diria aquelas palavras.

— Eu a recebo. — Ao menos, ele também parecia estar se sentindo um tanto miserável. O padre interveio.

— Há alguém aqui que gostaria de contestar essa união?

Por favor, por favor, por favor. Jane arriscou uma olhadela para Eduardo, que permaneceu perfeitamente imóvel. Não haveria nenhum resgate de último minuto. Nenhuma coincidência terrível. Nada que pudesse evitar que aquilo fosse adiante.

— Sendo assim — prosseguiu o padre —, eu vos declaro marido e mulher. Podem se beijar.

Jane apertou as mãos e esperou. Segundos inteiros se passaram, e então sentiu um toque suave em seu queixo que ergueu seu rosto, que ela tinha abaixado para olhar para os sapatos. O beijo veio rápido. Não era nada além de um toque entre os lábios dele e os dela, tão fugidio que poderia nem ter acontecido. Mas os convidados aplaudiram, e quando ela e Gifford se viraram para encarar a todos, os olhos de Eduardo estavam brilhando, a mãe tinha um sorriso

triunfante e a menininha com os pais de Gifford estava beijando a boneca.

— Agora é sobreviver à festa. — As palavras de Gifford saíram bem baixas, talvez nem fossem para que ela escutasse, mas foram as primeiras palavras verdadeiras que ele tinha dito a ela desde que se conheceram.

— Talvez haja alguma criada peituda para te ajudar a passar o tempo — ela soltou sem pensar.

Gifford a olhou nos olhos friamente.

— Talvez haja algum livro no qual você possa enfiar a cara.

Desceram do altar juntos a fim de conduzir os demais à festa de casamento, e assim a última gota de esperança que ela ainda tinha secou e morreu. Ele era tão horrível quanto ela esperava, e agora Jane passaria o resto da vida ao seu lado.

E, de súbito, aquele resto da vida que se projetava à sua frente, com a cama de casal, filhos e ter de vê-lo apenas quando estritamente necessário, pareceu um tempo demasiadamente longo.

CAPÍTULO SEIS



Gifford

Talvez tivesse sido um pouco rude.

Mas, para ser honesto, tinha tido suas razões. Ou uma razão. Que era: ele não tinha se preparado de forma alguma para a beleza da donzela que o encontrara no altar.

Até a hora da cerimônia, Gê tinha, de brincadeira, falado abertamente da possibilidade de que Jane estivesse se escondendo atrás dos livros porque tentava disfarçar o quanto seu rosto era horroroso. Contudo, lá no fundo, esperava que aquilo fosse mesmo verdade. Porque tornaria mais fácil contar a verdade a respeito de sua maldição equina. Se ela fosse bem menos atraente, haveria a chance de que um sujeito meio homem, meio cavalo fosse o melhor que ela pudesse arranjar. Mas Jane Grey certamente conseguiria arranjar alguém melhor que Gifford.

Não que ela fosse, assim, uma criatura estonteante. Tinha aquele cabelo cor de fogo, afinal de contas. Mas Gê tinha de admitir que nenhum homem em um grupo de uns vinte a consideraria inaproveitável. Os olhos dela eram da cor de carvalho envernizado, com laivos de mogno profundo — olhos perceptivos que pareciam sorver tudo à sua volta. Sua pele era leitosa e sem marcas. Sua silhueta tinha todas as partes esperadas em suas devidas proporções. Mas era o biquinho que ela formava com os lábios — e ela tinha feito muitos bicos durante a cerimônia — que poderia inspirar poesia.

Seria como beijar cerejas, pensou, mas não era lá uma boa comparação.

E agora ele teria de contar àqueles lábios a respeito da maldição. Tinha prometido ao rei que divulgaria a informação para sua esposa

antes que ele e ela... antes que eles... qual era a palavra certa para aquilo?

Ugh. *Consumassem a relação*, Gê pensou. Que coisa era essa que as pessoas tinham com a consumação do casamento? Era como se os “eu aceito” não fossem suficientes. Pelo menos a nobreza da Inglaterra não exigia plateia para testemunhar o “evento”.

Porém ali mesmo, no jantar depois do casamento, um problema maior emergia. Todas as vezes em que Gê pensava em dar a notícia a ela, virava um gole de cerveja. E ele pensou a respeito um bocado. Na verdade, todas as vezes em que olhou para sua esposa. E ele olhou para ela um bocado.

Em uma nota à parte, decidiu que o bico que ela fazia não inspiraria poesia. Porque o poema sairia algo como: “Os lábios emburrados dela o faziam querer que ambos fossem nada mais que estranhos”.

E qual era o relacionamento de Jane com o rei, afinal? Quando Eduardo convocou Gê expressamente para comunicar-lhe o quanto Jane era “especial”, Gifford ficou com a distinta impressão de que talvez o rei preferisse Jane para si próprio. Sim, ela era prima de Eduardo, mas talvez eles fossem do tipo “primos que se beijam”, julgando pelo modo como Jane se agarrara ao braço do rei no caminho até o altar. E também pelo jeito como ela ficou lançando olhares para Eduardo durante a cerimônia. Talvez sua recém-desposada estivesse apaixonada por outro homem.

O pensamento deixou um gosto ruim na boca de Gê. Ele engoliu aquilo com mais cerveja. Se virou e olhou para a multidão. Billingsly estava se aproximando, abrindo caminho em meio às mesas.

— Meu senhor — ele sussurrou no ouvido de Gê. — Seu pai me pediu para que gentilmente o convencesse a trocar a cerveja pela cidra.

— Biiiillingslyyyy — Gê disse, maravilhado com o tempo que ele próprio levou para dizer o nome. Talvez tivesse consumido mais cerveja do que pensara a princípio. — Biiiillingsssssslyyyy! — E se inclinou para longe da esposa. — Me pergunto se você me faria um favor.

— Pois não, milorde.

— Quero saber se você contaria a Lady Jane a respeito da... — e Gê fez um círculo com a mão como se dizendo — Escolha aqui como você prefere se referir àquela coisa do cavalo.

Billingsly olhou de Jane para Gê outra vez.

— Meu senhor, sob outras circunstâncias, eu o ajudaria com satisfação. Mas creio que a lady vai preferir ouvir tais notícias do senhor mesmo.

— Covarde! — Gê tomou outro gole do cálice de cerveja à sua frente. Onde tinha ido parar a honra entre criados naqueles tempos? Pegou a esposa olhando-o fixamente e, julgando pelo modo como os olhos dela estavam apertados, presumiu que ela estivesse desaprovando todo aquele consumo de cerveja. E desejou que o consumo de cerveja fosse a única causa que poderia apresentar para a desaprovação dela. Gê ergueu o copo em sua direção e disse bem alto:

— À minha bela esposa!

Todos os convivas ergueram seus copos em resposta.

— Para Lady Jane! — disseram em uníssono.

Gê tomou mais uma golada e pensou novamente no melhor jeito de dar a notícia equina.

“Minha querida, sabe aquelas criaturas quadrúpedes tão majestosas que ficam nos campos? Bem, você se casou com uma!”

Não, não seria a melhor abordagem.

“Minha cara, alguma vez já se viu com dificuldades para escolher entre um homem e uma besta? Bem, agora você não precisa escolher!”

Mais uma vez, pensou melhor a respeito da tática.

“Prezada lady, há aqueles de nós que dormem deitados e aqueles que dormem de pé. Posso fazer ambos.”

Não.

“Sabe como alguns homens dizem ter um outro lado, assim, talvez um pouco mais cabeludo?”

“Alguma vez já amaldiçoou o fato de que seu amado tinha apenas duas pernas?”

“Você sabia que cavalos têm um equilíbrio extraordinário?”

“Ei, o que é aquilo ali na frente?” E então galoparia para longe.

Gê balançou a cabeça e quase podia sentir a cerveja embebendo seu cérebro. Foi naquele momento que determinou para si mesmo que o salão de festas não era o lugar adequado para contar à esposa sobre seu *alter ego*. Havia gente demais.

Horas depois, quando Gê já estava praticamente fazendo o mesmo som de um barril de cerveja, concluiu que o caminho até o quarto do casal também não seria o melhor lugar para contar à esposa. Tinha cabeças de cervo demais pregadas nas paredes.

Minutos depois, quando a esposa entrou de repente no quarto, e Gê imitou o gesto de um homem carregando a mulher pela porta, decidiu que o quarto de casal também não era o lugar certo para revelar seu segredo. Quietos demais.

Depois daquilo, a única hora possível para contar seriam os poucos segundos entre o ato de tirar as botas e cair feito uma pedra, e ele teria falado com ela com toda satisfação, só que seus lábios ficaram esmagados contra as tábuas do chão antes que conseguisse pronunciar as palavras. Mas havia prometido ao rei que contaria a Jane, e uma promessa era uma promessa. Então, logo antes de ficar tudo escuro, ele balbuciou contra o chão:

— Mia efpova... eu zooooou um cavaaaau.

— Desculpe, não entendi — veio a voz de Jane de algum lugar em meio às nuvens escuras que já habitavam as pálpebras dele.

Ele não conseguiria repetir. Além do mais, não era sua culpa se a mulher não tinha conseguido entender suas perfeitas palavras.



Gê não tinha certeza de o que o acordara. Talvez tivesse sido o som distante dos criados começando a preparar o café na cozinha. Eles sempre começavam muito cedo.

Talvez tivesse sido o leve som de respiração que vinha da cama acima da sua. Gê não estava acostumado a dividir um quarto com outra pessoa, muito embora, naquele momento, por causa de seu cérebro enevoado, não conseguisse se lembrar exatamente quem seria.

Ou talvez tivessem sido as tonalidades cinzentas da alvorada que se avizinhava.

Alvorada.

A ALVORADA!

Gê jogou para o lado o cobertor (sua esposa talvez o tivesse depositado sobre ele em algum momento durante a noite) e, usando as franjas laterais do tecido que cobria o encosto da cama, colocou-se de pé.

Jane estava adormecida com os cabelos ruivos espalhados sobre o travesseiro como um halo de fogo. Gê parou por um instante, admirando a suavidade das bochechas dela, e se perguntou por que é que ele não tinha notado ainda como o pescoço dela se curvava de uma forma tão delicada e corretamente conectada aos ombros. Ele teria de incluir aquela parte do corpo em particular em seu poema sobre os lábios.

Alvorada, ele lembrou a si mesmo. O nascer do sol estava a momentos de acontecer.

Gê estendeu a mão e, sem querer, deu um safanão no ombro dela. A transformação já estava tão próxima que ele podia senti-la. Jane deu um gemido e tirou a mão dele.

— Milady, por favor, acorde! — Ela não respondeu. — Jane! — ele falou mais alto, cutucando-a.

Ela se virou tentando localizar de onde vinha a voz e seus olhos piscaram.

— Já é de manhã? — perguntou.

— Sim, já. O que você acha que é aquela luz lá no horizonte? Eu tenho de avisá-la a respeito de algo, e realmente não é algo assim de tanta consequência, mas pode ser um bocado alarmante em um primeiro momento, se você não estiver preparada para... — Por que é que ele estava usando tantas palavras? Por que não tinha praticado melhor aquele discurso para o momento? Mal tinha lido duas palavras até então, e de repente estava usando *todas as palavras disponíveis*. — Você certamente já ouviu falar daquela magia, alguns diriam bela, mas também ancestral, de nossos antepassados que... — Oh-oh. Era tarde demais. Em um só golpe,

ele já estava de pé acima dela, muito mais alto do que no momento anterior.

Jane arregalou os olhos. Se encolheu até a outra beirada da cama e levou a mão à boca.

— Mas o q...

Gê deu alguns passos para trás, com seus quadris se espremendo contra a parede. O quarto definitivamente não havia sido construído tendo um cavalo (em noite de núpcias) em mente. Originalmente, ele tinha planejado dar a notícia equina, gentilmente pedir licença logo antes do alvorecer e então se dirigir aos trotes para o estábulo. Mas é claro que aquele plano teria exigido uma quantidade muito menor de cerveja.

— Gifford? — Jane juntou as sobrancelhas.

É Gê, ele pensou, mas então se lembrou de que não tinha mais tempo ou acuidade mental para dizer isso. Jogou a cabeça para trás e a deixou voltar para a frente em um movimento que, assim ele esperava, pudesse ser interpretado como “sim”.

Ela levantou a mão gentilmente sobre a face dele. Gê se abaixou e cheirou a palma da mão e depois as curvas dos dedos, uma vez que seus instintos equinos já estavam tomando conta completamente. Sentiu um odor de vinho vindo do punho, com certeza algo adquirido na noite anterior, e usou seus lábios de cavalo para tentar remover qualquer resquício.

Ah, não, ele pensou. *Eu acabei de morder o punho dela.* Ele já não tinha mais como evitar. O vinho estava particularmente aromático na noite anterior. (E ele teria de perguntar aos criados que safra era aquela que haviam servido.) Mas antes que ele fizesse qualquer outra coisa, tinha de se forçar a parar de morder o punho dela. Precisava de alguma distração daquele cheiro de vinho, então abaixou a cabeça na direção da mesinha ao lado da cama e prontamente comeu o buquê. Pronto. Aquilo satisfaria a necessidade de morder.

Quando terminou, Jane deu um suspiro e juntou apenas os caules do que então tinha sido um belo arranjo de rosas brancas de York e uma dúzia de prímulas amarelas. Gê se lembrava bem do buquê porque sua mãe tinha escolhido aquelas flores muito

especificamente, uma vez que fizera seus votos segurando um buquê bem parecido quando se casara com o pai de Gê.

— Você é um eðiano? — ela perguntou, com algo entre espanto e admiração no rosto.

Gê fez o possível para assentir com a cabeça. Jane deixou os talinhos na mesa e se virou para Gê.

— Você vai ter de me contar tudo. Como adquiriu essa magia? Quando foi que ela apareceu em você?

Gê tentou seguir as perguntas, mas um odor sedutor adentrou o aposento, preenchendo suas largas narinas e fazendo sua boca salivar. Ele fungou bem alto e deu um breve relincho.

— Gifford? Você está me ouvindo? — a voz de Jane de súbito cortou a preocupação dele com seu sentido olfativo.

Ele queria responder que claramente não a estava mais ouvindo. E ela obviamente não era a fonte do cheiro que sentia. Ele bateu o casco direito no chão de madeira, esperando que a lady fosse pelo menos entender o mais simples dos sinais equinos.

— Transforme-se de volta para que a gente possa conversar — Jane pediu. — Por favor.

Mas, para Gê, aquilo soava só como *wah wah wah* e *wah wah wah*, pois só o que ele conseguia ter em mente era aquele odor no ar.

Maças, ele pensou.

Fechou os olhos e balançou a crina. Com um toque de... feno.

A porta do quarto rangeu ao se abrir apenas dois dedos, e o aroma então se intensificou. Gê se virou para o lado contrário ao da moça, que aparentemente ainda estava falando alguma coisa, já que sua boca ainda se mexia, e foi em direção à porta.

— Lady Jane? — Era a voz de Billingsly que entrava.

— Sim? — Jane puxou as cobertas até o pescoço.

— Aqui é Billingsly, milady. Creio que Lorde Gê ainda esteja no quarto, não é? Estou aqui para ajudar.

— Por favor, entre — Jane pediu.

Billingsly entrou carregando uma maçã em uma das mãos e um pequeno fardo de feno na outra. Gê deu então um belo relincho quando viu os presentes. Billingsly estendeu a maçã, Gê a tomou

com os dentes, e o líquido suculento da polpa se espalhou por sua língua.

— É um bom rapaz — Billingsly disse, acariciando o pescoço de Gê.

Antes que pudesse considerar como aquilo iria parecer aos olhos de Jane, Gê retribuiu, tocando o focinho na bochecha de Billingsly. Rapidamente se recolheu de novo e sacudiu a crina, em um gesto que esperava que parecesse muito digno. Sim, ele era um cavalo, mas ainda era um homem. A não ser anatomicamente. E, como homem, seria tratado com o devido respeito.

— Aqui, garoto — Billingsly disse, mostrando o feno na frente do focinho de Gê e lançando-o no outro canto do quarto. — Pega!

Gê caminhou calmamente até o canto e começou a mastigar.

— Eu pedi a ele que se transformasse de volta para conversar comigo, mas ele não fez isso — Jane falou. — Acho que é um desrespeito continuar sendo cavalo dentro do quarto, pelo que posso supor.

Considerando como aquilo tudo deveria ter sido um choque tremendo para qualquer pessoa, até que ela parecia estar encarando bem a situação.

— Milady, Lorde Gê não tem a habilidade de se transformar quando deseja. Ele será um cavalo do nascer ao pôr do sol.

— Como assim “não tem a habilidade”? Já li sobre eðianos que descobrem sua transformação em momentos de grande emoção, mas a habilidade de controlar a coisa pode vir depois de muito treinamento. Só é necessário ter determinação e disciplina. Talvez Gifford apenas não as tenha, mas eu ficaria feliz em ajudar. Tenho bastante conhecimento sobre eðianos.

E então lá se foi toda a boa vontade, quando ele cuspiu uma framboesa e ela se desviou.

— Mil desculpas. Ofendi o animal? — Jane disse.

— Milady, a senhora deveria considerar deixar o quarto para Lorde Gê durante todo o dia.

— E por que deveria ser eu a sair? — Ela apertou os lábios.

— Porque Lorde Gê, em seu presente estado, não passará pela porta.

(O que era verdade, uma vez que a estatura média das pessoas naquela época era bem menor do que é hoje, e os batentes das portas refletiam isso.)

Ao ouvir isso, Gê começou a procurar freneticamente por rotas de fuga. A janela era quase grande o suficiente para ele saltar; no entanto, eram no mínimo quinze metros até lá embaixo, e cavalos não eram conhecidos pela habilidade de absorver o impacto de uma queda livre de quinze metros.

Gê correu um casco pelo chão de madeira como se fosse um touro prestes a atacar. O único problema era que ele não tinha lugar nenhum para onde ir. Bufou com as narinas. Sem lugar para onde correr, a maldição parecia mais uma prisão, ao contrário da habitual liberdade que proporcionava.

— Milady, Lorde Gê tem uma afinidade por correr livre quando está nessa situação. E agora que está preso aqui pelo resto do dia e que já se alimentou...

— Não precisa dizer mais nada, Billingsly. — Jane levantou a mão e se voltou para o cavalo. — Lorde Gifford. Parece-me apropriado que você se recolha ao quarto durante o dia todo, considerando seu comportamento ontem à noite. Talvez este confinamento venha a lhe dar o ímpeto de que necessita para desenvolver a habilidade de controlar seu dom.

Dom. As narinas de Gê se alargaram. *Não há como controlar isso,* pensou. *E só me chame de Gê!*



Ele passou o dia inteiro de um lado para o outro. Sabia que sua situação era temporária e que não ficaria preso naquele quarto para sempre, mas, para Gê, correr pelos campos, preso por nada neste mundo, era uma parte essencial de sua alma. Sempre se perguntara como teria adquirido aquela maldição para começo de conversa. Algo bem lá no fundo dele ansiava por correr, por se ver liberto do desapontamento que seus pais demonstravam com relação a ele. Ele não apenas era o segundo filho, e portanto desimportante — aquele sem o estimado nariz da família —, como também, enquanto crescia, sempre era tratado como se estivesse “perdendo” seu

tempo com poesias e peças. Aquilo era lixo, no entender do pai. Aos 13 anos, Gê tinha fugido das aulas de esgrima para ler sob uma árvore atrás da casa Durham. Quando seu pai o pegou e ameaçou aplicar-lhe um castigo severo, Gê correu por todo o campo, chegou à estrada que levava para fora de Londres e não parou até chegar às bordas da Floresta Negra.

Gê vivia para correr. E corria para viver.

E agora, depois da humilhação de se transformar em cavalo bem na frente de sua recém-desposada, ele estava ali, preso naquele quarto como... um *animal* enjaulado, era a palavra que ela usara. Uma esposa era apenas mais uma pessoa a qual desapontar.

E como aquele deveria ser o primeiro dia de seu felizes-para-sempre, ele só pôde concluir que seu casamento seria constituído de quatro paredes sólidas, uma porta pequena demais que o impedia de passar e uma janela alta demais que o impedia de pular.

Os versos de um poema se formaram em sua cabeça:

*O ar sufocante, espesso e úmido da vontade de se libertar,
O cavalo, tão imóvel e preso, precisa de graxa para deslizar,
E retorcer sua figura por uma porta de tamanho reduzido,
E ainda assim, no corredor ficaria retido...*

Não era seu melhor trabalho.

CAPÍTULO SETE

— ♠ —

Eduardo

— Eduardo, querido — disse a Sra. Penne de sua cadeira ao lado da cama. — Tome sua sopa.

Levantou a colher para os lábios dele, e ele permitiu que ela o alimentasse com algumas colheradas, mas então virou o rosto.

— Só mais duas colheres — ela tentou convencê-lo.

— Não estou com fome. — Ele até fez menção de lembrá-la de que ele era o rei e não um garotinho em que ela podia mandar e desmandar, mas fazer tais palavras saírem de sua boca demandaria um esforço enorme. Em vez de falar, apenas se deixou afundar nos travesseiros e se aconchegou um pouco mais junto ao corpo quente de Pet, que estava espichada ao seu lado, abanando o rabo contra as cobertas. Ela lambeu os lábios e dirigiu ao dono um olhar pidão, dizendo que, se Eduardo não queria a comida, ela assumiria aquela tarefa com satisfação.

Ele estava cansado demais para dar um pouco a ela.

— Senhor — a ama tentou mais uma vez. — Precisa comer para recobrar suas forças.

Eduardo sabia que era verdade, mas aquilo não tornava a situação menos humilhante. Ele estava mortificado de pensar na noite anterior. Em como, enquanto se dirigia à carruagem depois da festa de casamento, suas pernas abruptamente deixaram de funcionar e ele se desequilibrou no terreno lamacento. Em como um de seus criados o tinha levantado tão facilmente nos braços, como se o rei não tivesse mais substância do que uma mocinha, e então o carregou pelo resto do caminho. Em como também precisou ser carregado escada acima até seu quarto, e em como passara cada momento desde então deitado na cama. Dormiu a noite inteira e a

maior parte da manhã, mas tinha acordado sentindo uma exaustão que parecia ir até os ossos, como se não tivesse pregado os olhos. E agora estava sendo alimentado de colher na boca como um garotinho.

Estava morrendo, e finalmente conseguia admitir isso para si mesmo.

Tinha consciência disso antes, é claro, mas agora aquela ideia parecia bem real. Suas forças o tinham abandonado e ele duvidava de que fossem retornar. As crises de tosse estavam mais frequentes, e sentia uma dor insistente em suas juntas e na coluna. Até sua cabeça parecia liquefeita, como se os pensamentos precisassem atravessar com bravura uma camada de nuvens para chegar até ele.

Estava morrendo.

Já. Ainda não tinha passado nem uma semana desde que o Mestre Boubou tinha lhe dado seis meses de vida. No máximo um ano.

Estava morrendo, pensou, meio anestesiado. E antes do esperado, pelo jeito. Tomar sopa não teria efeito algum.

— Senhor — a ama insistiu.

— Deixe-me sozinho — ele balbuciou. Quando ela não demonstrou o menor sinal de que ia se levantar rápido o bastante, Eduardo elevou a voz como em um latido: — Me deixa sozinho! — E Pet levantou a cabeça e mostrou os dentes para a velha senhora.

A Sra. Penne se apressou em sair. Eduardo acalmou Pet ao pousar a mão no alto da cabeça felpuda e começou a acariciá-la. Ela começou a abanar o rabo de novo. Ele fechou os olhos.

Por detrás das pálpebras fechadas, repassou todo o casamento de Jane. Lembrou-se de como ela estava vestida, toda em tons de dourado, prateado e com joias, os cabelos ruivos reluzindo. Lembrou-se de como o olhar de Gifford tinha se encontrado com o de Jane quando ambos se aproximaram dele, e da centelha de surpresa e definitivamente de interesse masculino que se acendeu nos olhos do noivo antes que se forçasse novamente a uma expressão de perfeita neutralidade.

Quando Eduardo viu aquela centelha, sentiu-se esperançoso por Jane. Talvez aquilo se tornasse mais do que um casamento por conveniência. Talvez ela encontrasse o amor. E pensou: *Eu nunca vou encontrar o amor.*

Lembrou-se da mão tão pequena e suave de Jane em seu braço enquanto ele a conduzia ao altar. E pensou: *Eu nunca vou sentir o toque de uma mulher.*

Lembrou-se do jeito como as faces de Jane coraram quando Gifford pousou os dedos em seu queixo para lhe dar um beijo.

E suspirou. Pet levantou a cabeça da cama brevemente e lambeu o queixo dele. Eduardo a afastou de leve, mas continuou acariciando os pelos macios atrás das orelhas.

Seu último momento com Jane tinha sido mais para o fim daquela noite, quando Lorde Dudley anunciou que era chegada a hora de o jovem casal “se recolher”, nas palavras que usou, e Jane foi lhe desejar uma boa-noite. Eduardo entendeu pelo brilho em seus olhos escuros e por sua postura tensa que a moça estava furiosa e também aterrorizada com o que se seguiria.

A consumação.

— Jane — ele se inclinou para sussurrar no ouvido dela. — Nada tema. Você vai ficar bem.

— Ele está bêbado — ela estrilou. — Então agora a gente pode adicionar “inebriante” à lista das qualidades dele. É um beerrão. Um ébrio. Um mamado. Um cachaceiro.

— Você vai encontrar alguma coisa para gostar nele — ele respondeu, e beijou seu rosto. — Seja feliz, prima. Por mim.

E então Gifford a levou embora. Para os aposentos nupciais.

Eduardo pensou: *Eu nunca vou consumir nada. Vou morrer virgem.*

E sentiu mais pena de si do que em qualquer outro momento. O chão ao lado de sua cama rangeu, e ele então abriu os olhos. Mestre Boubou o estava observando e, atrás dele, Eduardo conseguiu distinguir a silhueta do nariz de Lorde Dudley. O médico tomou a mão de Eduardo e tentou sentir seu pulso, fazendo expressão de desagrado.

— Aí vem notícia boa, hein? — Eduardo sorriu com sua própria piada e foi imediatamente tomado por uma crise de tosse.

— Temo que não, Majestade — disse Boubou assim que a tosse se acalmou. — Parece que o senhor teve uma acentuada piora. Seu coração está muito fraco. Talvez o casamento tenha sido um esforço grande demais.

Naquele instante, Eduardo resolveu que nunca, jamais, não importava o quanto a situação parecesse péssima, se arrependeria de ter estado ao lado de Jane em seu casamento.

— E o que pode ser feito a respeito?

— Eu trouxe um tônico. — Boubou ajudou Eduardo a se sentar enquanto Lorde Dudley lhe dava um cálice com um líquido escuro que tinha o gosto tão ruim quanto a aparência, algo como folhas podres com um toque de funcho. Quase imediatamente depois que o tônico tocou sua língua, ele se sentiu sensivelmente melhor, com as ideias mais claras e menos exausto.

— Mais cedo ou mais tarde terei de fazer uma sangria — Boubou continuou delicadamente depois que Eduardo tomou todo o tônico.

Eduardo tentou não se assustar com as palavras. Já tinha sido sangrado uma vez, logo que ficou doente. Pensava que, se é que aquilo tinha tido algum efeito, foi apenas o de deixá-lo mais fraco. Além do mais, era muito perturbador ficar assistindo ao seu próprio sangue pingar em uma vasilha.

— Não — ele retorquiu. — Nada de sangria.

Boubou não discutiu, mas já não parecia temer o rei, o que deixou Eduardo desapontado.

Lorde Dudley se inclinou para a frente a fim de pegar uma prancheta sobre a qual pudesse escrever, e então a depositou cuidadosamente no colo de Eduardo. Em seguida tirou do bolso um enorme pergaminho enrolado e o abriu sobre a superfície.

“Decreto revisado dispondo sobre a linha de sucessão”, era o que se lia no alto, seguido de uma torrente de letras miúdas que fluíam à frente de Eduardo.

— O que é isso? — Eduardo perguntou.

— Seu testamento real, Majestade — explicou o duque, fazendo um gesto para que Boubou pegasse para ele uma pena e um pote

de tinta. — Já discutimos sobre como faríamos do herdeiro varão de Jane Grey o seu sucessor. Lembra-se?

Eduardo tinha apenas uma vaga lembrança.

— Mas considerando esta mais recente reviravolta em sua saúde — Dudley continuou —, pensei que seria prudente revisar mais uma vez a linha de sucessão.

Por um momento, Eduardo ficou confuso. Então entendeu.

— Isso porque você não acha que eu vá viver tempo o suficiente para que Jane tenha um filho.

Dudley não disse nada, mas seu olhar pousou fixamente no pergaminho. Eduardo apertou os olhos para ler a caligrafia floreada que se seguia. No alto, estava seu título: Eduardo VI, pela graça divina, Rei da Inglaterra, da Irlanda e da França.

(Lá na época, a monarquia inglesa gostava de reivindicar para si a posse da França, ainda que a França tivesse seu próprio rei perfeitamente válido e aceito. A relação entre os dois países obviamente se viu estremecida como resultado disso.)

— “Pela ausência de herdeiros de minha própria carne...” — ele começou a ler, parando para tomar fôlego. — “...na eventualidade de minha morte, entrego meu reino, títulos e poder cabíveis a Lady Jane Grey e seus herdeiros varões que vierem a nascer.” — Olhou bem para Dudley. — Você quer fazer da própria Jane rainha da Inglaterra?

Dudley assentiu com ar de sabedoria, os olhos brilhando sobre o proeminente nariz. Eduardo nem mesmo sabia por que se surpreendeu tanto com aquela notícia.

— Mas ela é mulher... — ele murmurou. — A coroa não pode ir para uma mulher, pode?

— Jane teria meu filho para ajudá-la — Dudley contemporizou. — E a mim mesmo.

Bom, fazia sentido, Eduardo ponderou. Lorde Dudley era um de seus conselheiros mais fiéis e confiáveis havia anos. O duque nunca o deixara à deriva. Dudley entregou a pena.

Eduardo hesitou. Ignorando os protestos de Dudley, levantou-se um pouco trêmulo da cama, chegando até a janela para olhar para o pátio lá embaixo. Por um momento, teve a impressão de ter visto

Jane logo abaixo da janela, com as joias de seu vestido refletindo o sol e seu cabelo com brilho escarlate. Mas quando olhou de novo, quem quer fosse já tinha ido embora.

Jane estava em lua de mel, ele disse a si mesmo. Não estaria ali.

Então começou a considerar a ideia de Jane como rainha. Sua priminha Jane, tão teimosa, tão afeita aos livros, tão meiga. Rainha da Inglaterra.

Ela não iria gostar daquilo. Até já tinha lhe dito antes. Havia regras demais.

Mas qual era a alternativa? Maria ainda era uma verídica, além de uma verdadeira estraga-prazeres. Bess ainda não tinha opinião formada a respeito dos *edinos*. Jane era a única escolha decente na linha de sucessão real, a não ser que passassem a considerar também Maria da Escócia. Estremeceu só de pensar.

— Rainha Jane — sussurrou para si mesmo. — Rainha Jane.

Até que soava bem, ele pensou. Jane seria uma rainha gentil, pelo menos. Tinha uma boa educação — alguns diriam até boa demais para uma mulher. Era esperta. Tinha *tutano* e não deixaria os conselheiros tomarem todas as decisões. Poderia se tornar uma boa governante, excelente até, a despeito do *problema* de ser mulher. Ele ainda se permitiu o sentimentalismo de ver Jane no palácio, vivendo naqueles aposentos, fazendo suas refeições na mesa dele e lendo livros de sua biblioteca. Usando sua coroa.

— Algum problema, senhor? — Dudley quis saber. — Precisa descansar?

— Me dê o documento — Eduardo respondeu. Dudley colocou o pergaminho em uma mesinha ao lado e Eduardo o assinou cuidadosamente. O duque se inclinou sobre ele para depositar a cera na parte de baixo do papel e ajudou Eduardo a pressionar o anel com o selo real. Terminado o procedimento, Dudley assinou também, como testemunha, e em seguida Mestre Boubou. Então Dudley enrolou o pergaminho novamente e sumiu de vista.

O cansaço se apoderava de Eduardo mais uma vez, e ele então voltou para a cama, afundando-se entre suas dezenas de travesseiros. Fechou os olhos. Acabara de fazer de Jane a mulher mais poderosa da Inglaterra.

Gostava da ideia, mas ainda havia algo o perturbando. Uma dúvida. Só um quê de preocupação. Tentou ignorar. Seu estômago se retorceu, e ele decidiu que quaisquer apreensões que estivesse sentindo seriam devidas ao quão vazio e exausto estava. Deveria mesmo comer alguma coisa, pensou. Desejou que a Sra. Penne tivesse deixado a sopa.

Abriu os olhos para pedir a Dudley que a chamasse de volta, mas ficou em silêncio quando viu o duque e o doutor juntos, de pé olhando pela janela diante da qual ele mesmo estivera momentos antes.

— Então. Está feito — o duque disse em voz bem baixa.

— Está feito — Boubou concordou quase morbidamente. — E será feito, como prometido.

Um arrepio percorreu a espinha de Eduardo. Ele deve ter feito algum ruído, porque os dois homens se viraram juntos e o olharam. Eduardo rapidamente fechou os olhos e tentou controlar a respiração.

— Não levará muito tempo agora — ouviu Boubou dizendo do outro lado do quarto, e então as dobradiças da porta rangeram. — Mais um dia ou dois, no máximo.

Eduardo sentiu uma sombra se projetar sobre ele.

— Duma bem, Majestade — disse a voz de Lorde Dudley, quase com ternura, e os dedos pegajosos do duque tiraram uma mecha de cabelo da testa febril de Eduardo.

Eduardo não se moveu, mas, perto dele, sentia o corpo de Pet ficar tenso, com os prelúdios de um rosnado começando a se formar em seu peito. Ele flexionou os dedos com mais ênfase nos pelos da cachorra, tentando acalmá-la. Lorde Dudley se virou e saiu depressa, o som de seus passos ecoando com urgência escada abaixo. Eduardo abriu os olhos. Pet soltou apenas um latido baixo, mas cheio de raiva.

— Tudo bem, tudo bem, garota — disse a ela.

Pet se virou para ganhar um afago na barriga. Eduardo a acariciou automaticamente, tentando clarear a cabeça pelo menos o bastante para interpretar o que tinha acabado de ouvir.

“Está feito.” Bom, ele tinha mesmo assinado o documento, então era provavelmente àquilo que eles estavam se referindo.

Mas então Boubou disse “E será feito”, e algo sobre uma promessa. E Eduardo não tinha ideia de o que aquilo significava. E depois o mais preocupante de tudo: “Não levará muito tempo agora. Mais um dia ou dois, no máximo”.

Não levará muito tempo agora. Ele tinha quase certeza de que, naquela nova sentença, estavam se referindo à sua morte.



Dormiu até que sua ama regressou algumas horas depois. Dessa vez, ela trazia uma bandeja com torta de amora encimada com chantilly. Eduardo salivou ao ver.

Já estava de garfo em punho e com um delicioso pedaço de torta quase nos lábios quando Pet rosnou. Não deu um grunhido. Não latiu. Rosnou. E então avançou em direção à torta. Eduardo ficou tão surpreso que largou o garfo.

E a Sra. Penne ficou tão surpresa que deixou a bandeja cair, estatelando-se bem alto no chão.

Eduardo esperava que Pet tivesse avançado daquele jeito para lamber a torta toda (ele deveria mesmo ter lhe dado um pedaço da carne de cervo que havia na sopa horas antes), mas a cadela ignorou a comida completamente. Saltou no chão entre a Sra. Penne e Eduardo, mostrando os dentes, as costas arqueadas. Os sons que vinham da garganta pareciam emitidos por um animal muito maior. A ama arregalou os olhos marejados.

— A cachorra enlouqueceu — disse com a voz embargada.

Eduardo estava inclinado a concordar. Pet estava realmente aterrorizante.

— Vá se afastando para trás bem devagar — ele orientou a senhora. — Quando chegar na porta, corra e chame Peter Bannister. Ele é o mestre do canil. Mande-o vir aqui. Ele vai saber o que fazer.

— Não posso deixá-lo aqui.

— Pet não vai me machucar — Eduardo disse com mais confiança do que sentia de fato. Tinha ali uns 75% de certeza, pelo

menos, de que Pet não o machucaria.

Mas aquilo era tudo de que a Sra. Penne precisava para se dar por satisfeita. Deu três passos para trás e desapareceu porta afora.

O rosnado de Pet começou a ficar mais baixo e ela se sentou. Ainda não parecia nem remotamente interessada na torta. A pose lembrou Eduardo de uma estátua de pedra de um leão que seu pai tinha encomendado para os jardins reais: ereto, atento, com as costas empertigadas, a cabeça alta e as orelhas voltadas adiante.

Ela o estava protegendo, Eduardo compreendeu. Mas de quem? Da Sra. Penne?

Logo ouviu passos na escada outra vez, e Pet se levantou abanando o rabo.

Peter Bannister chegou esbaforido à porta. Seus olhos primeiro fitaram Eduardo, ao que ele notou a roupa de cama amarfanhada e a face pálida e extenuada do monarca, mas, ao perceber que o rei não estava ferido, ajoelhou-se ao lado de Pet. A cadela lambeu seu rosto, depois deu um ganido do fundo da garganta e se sentou de novo aos pés da cama de Eduardo.

— Calminha, minha menina — Peter sussurrou para ela com seu sotaque pesado de camponês. — Está tudo bem. Pode virar.

Virar?, pensou Eduardo. *Virar o quê?*

Pet ganiu de novo. Peter voltou à porta, passou o ferrolho pelo lado de dentro do quarto e se virou para o cachorro.

— Tudo bem. Agora, vamos com isso.

— O que exatamente você está querendo que ela faça? — Eduardo perguntou sem fôlego. — Aperte a sua mão?

Pet fungou alto.

— Sei que eu te falei para nunca fazer isso dentro do palácio — Peter disse, como se realmente estivesse conduzindo um diálogo com a cadela de Eduardo. — Mas agora estou te dizendo que é seguro.

Outro ganido.

— Petúnia — Peter ralhou. — Pela madrugada. Foco!

Pet se levantou, ergueu as patas dianteiras na beirada da cama de Eduardo e jogou o pescoço para trás como se estivesse se alongando. Fez-se um clarão, tão doloroso às vistas como se

Eduardo tivesse acidentalmente olhado para o sol, e ele fechou os olhos. Quando os abriu novamente, havia uma jovem nua de pé junto à cama.

Seu queixo caiu.

Sem dar uma palavra, Peter apanhou uma das peles que cobriam a cama de Eduardo e a enrolou na moça, que também parecia abismada.

— Dê um instante para ela se recuperar — Peter falou.

Eduardo ainda estava boquiaberto.

— Sempre precisa de um tempinho depois da transformação — Peter explicou, como se Eduardo já soubesse naturalmente do que ele estava falando. — Especialmente depois de passar tanto tempo sem assumir a forma humana.

A jovem balançou a cabeça como se estivesse clareando as ideias, o que fez seus longos cabelos louros pousarem sobre seus ombros. E então ela disse:

— O que é uma segunda opinião? — Perguntou aquilo bem devagar, como se estivesse cuidadosamente escolhendo cada palavra.

— Uma segunda opinião? — Peter repetiu.

A garota voltou os olhos calmos e castanhos para Eduardo, e naquele instante ele finalmente, sem dúvida alguma, percebeu que a moça era Pet. Pet, sua cadela. Aquela moça. Claramente uma eðiana. Uma garota eðiana nua.

Ele por fim fechou a boca.

— O que é uma segunda opinião? — ela perguntou outra vez, chegando mais perto. Não parecia nada preocupada com o fato de estar vestindo apenas uma manta de pele.

— Mas... eu acabei de fazer carinho na sua barriga — Eduardo soltou quase sem querer.

— Você quer acariciar minha barriga? — Ela inclinou a cabeça de lado.

— Ela ficou sem assumir a forma humana por um bom tempo — Peter explicou, seu rosto corando.

— Você disse algumas vezes que queria uma segunda opinião — disse Pet-garota.

Eduardo já nem estava escutando mais. Estava ocupado demais tentando pensar. *Eu venho dormindo com essa cadela já há uma semana. O corpo dela contra o meu. Meu cachorro na verdade é uma garota nua. Nua. Garota. Nua.*

— Uma segunda opinião é quando um médico te fala alguma coisa ruim, e aí você consegue um outro médico para dar outra avaliação. É pra se assegurar de que aquele primeiro estava certo — Peter disse.

Pet fez que entendeu. Então ficou em silêncio durante muitos instantes, até que finalmente disse, ainda com muito cuidado:

— É minha opinião que Vossa Majestade está sendo envenenado.

Aquela declaração deixou Eduardo ainda mais chocado e o tirou de seu devaneio “meu cachorro é uma garota nua”. Ela se curvou para pegar um pouco da torta do chão, ainda segurando a coberta em torno de si com uma mão e o pedaço de torta na outra. Aproximou-o do rosto e cheirou com vontade.

— Está com um cheiro ruim — ela disse. — As frutas. Um cheiro perverso.

Estendeu a mão para Peter, que também cheirou a torta e fez uma cara de nojo.

— Sim — Peter concordou. — Esse cheiro não está certo. Muito bem, garota.

Pet-garota sorriu um tipo de sorriso que Eduardo só conseguiu imaginar que era o equivalente a um abano de rabo. Estava começando a se sentir como se estivesse sonhando, mas o sonho mais esquisito e inapropriado que já tinha experimentado.

— Então você está dizendo que alguém envenenou minha torta de amoras — ele conseguiu dizer.

— Não “alguém” — Pet-garota disse, sem rodeios. — A ama.

— A Sra. Penne?

Pet fez que sim com a cabeça.

— O corpo dela se retesa todo quando mente. O cheiro do medo exala dela toda. Eu a observei. Ela sempre põe o cheiro ruim nas frutas de Vossa Majestade.

Aquela menina estava acusando a mulher — que um dia trocara as fraldas dele e dera beijinhos em seus dodóis e cantara para ele

dormir — de envenenar as amoras. Era inacreditável, mas Eduardo estava acreditando assim mesmo. Confiava em Pet. Talvez porque não conseguisse imaginar que aquela criatura de fala tão sincera fosse capaz de mentir.

— Mas por que ela faria isso?

— Porque o homem mau dá dinheiro para ela — Pet respondeu.

— Que homem mau? — Peter fechou o rosto.

— Aquele do focinho grande.

Eduardo esfregou as mãos nos olhos. Lorde Dudley. O que significava que o médico também estava implicado naquilo. Tudo estava se encaixando em seus lugares. Era sobre aquilo que eles estavam falando antes. Sobre assassiná-lo. Assim, Jane seria coroada rainha e Dudley comandaria o reino. Ele suspirou. Era um tanto clichê, aquela trama. Uma historinha bem familiar mesmo naquela época: o duque malvado e sedento de poder querendo a coroa para si. O grande vilão.

O que fazia de Eduardo o tolo inocente e crédulo. E ele tinha casado Jane com o filho do vilão.

Ambos eram apenas peões em um jogo político.

Ele quis se levantar. Queria correr e gritar e quebrar tudo o que visse pela frente. Queria mandar alguém para as masmorras. Tortura. Para o terreno do executor. Queria se transformar em leão e rugir pelas escadas abaixo até encontrar a garganta do duque. Mas até mesmo seus pensamentos o cansavam, e, em vez disso, como se para lembrá-lo da fragilidade de seu corpo, uma violenta crise de tosse o pegou por tanto tempo que sua visão escureceu e ele ficou com medo de desmaiar.

— Vossa Majestade ainda está respirando? — Pet perguntou suavemente assim que ele conseguiu ouvir algum som além do que ele próprio estava fazendo. Ele sentiu a cabeça dela sobre seu ombro, o corpo dela contra o seu, oferecendo conforto do mesmo jeito que ela faria em sua outra forma. E ela ainda tinha cheiro de cachorro — seu hálito e um odor amadeirado que emanava de sua pele, misturado a um aroma que ele reconheceu como sendo a colônia que ele mesmo usava.

— Estou bem. — Ele tentou se sentar.

Pet se afastou um pouco e sorriu.

— Sim. Está muito bem. Você é uma pessoa muito boa. Minha pessoa favorita.

Peter limpou a garganta.

— Por favor, desculpe minha filha, Majestade. Como eu disse antes, ela passou muito tempo longe da forma humana. — Peter pegou a mão de Pet e a tirou gentilmente da cama.

— Fiz algo de errado para Vossa Majestade? — As sobrancelhas dela se juntaram.

— Não, Pet — Eduardo disse, se virando para Peter. — Então, ela é sua filha?

Peter fez que sim.

— E todos os cachorros no meu canil são eðianos? — Eduardo quis saber.

— Não senhor. Tenho só três filhos e duas filhas no canil.

— Ah, “só” isso? — Eduardo disse em tom de deboche, mas não conseguiu encontrar seu meio-sorriso habitual.

— Minha família vem servindo a sua há gerações — Peter disse. — Sempre guardando seus castelos e suas terras. Sentados aos seus pés. Protegendo-os durante as caçadas e em casa.

Pet estufou o peito com orgulho ao ouvir as palavras do pai (não que Eduardo estivesse encarando o peito dela), como se o homem tivesse recitado um juramento antigo.

— Eu não sabia. Por que ninguém nunca me disse? — Ele parecia estar no escuro sobre tanta coisa àquelas alturas.

Peter balançou a cabeça.

— Ninguém sabe, Majestade. Nem mesmo vosso pai sabia.

— Vossa Majestade escolheu a mim, dentre todos os outros, para ficar dentro do palácio. Vossa Majestade gosta mais de mim. — Pet estava sorrindo para Eduardo outra vez.

— É verdade — ele concordou, sem forças. Aquilo já estava ficando demais para ele. Sentia-se tonto. Seus pensamentos se tornavam nublados outra vez. Ele tombou nos travesseiros e respirou profundamente diversas vezes. Seu estômago fez um som alto. Ainda estava com fome, mas como poderia confiar em qualquer coisa que qualquer um lhe trouxesse? A Sra. Penne. Dudley.

Boubou. As pessoas com quem mais contava estavam tentando matá-lo.

É claro que ficou com raiva, mas, acima de tudo, aquilo o magoava profundamente. Seus olhos queimavam de ódio.

— O que eu vou fazer? — murmurou, e sentiu a mão de Pet em seu ombro.

— Vou manter Vossa Majestade em segurança — ela assegurou.

Eduardo sentiu algo como uma brisa quente em seu rosto e, quando levantou os olhos outra vez, lá estava Pet como cachorra. Ela pulou na cama e se deitou aos pés dele.

Eduardo já não sabia se deveria ou não ter objeções quanto àquilo.

CAPÍTULO OITO



Jane

Então... Seu marido era um cavalo.

E ninguém a tinha avisado.

Nem a mãe, nem Eduardo e certamente nem o próprio Gifford. Ela teve de descobrir quando a coisa aconteceu na sua frente e então pegar os detalhes com um criado. Ultrajante.

Jane ficou andando de um lado para o outro no corredor do lado de fora do quarto, ouvindo o cavalo bater os cascos lá dentro. Apertou os talos de seu pobre e já surrado buquê. Não que ela fosse contra se casar com um eđiano. Pelo contrário, era algo que achava até bem interessante. Mas havia aquele probleminha de Gifford parecer detestá-la e o problema um pouco maior de que *ninguém a havia avisado de nada*.

Bom, de qualquer modo, ela não tinha como ter certeza de que sua mãe sabia a respeito da situação equina de seu agora marido, e Gifford era um bebereão farrista mesmo, logo não era de se esperar que ele fosse contar a verdade. Mas e Eduardo? Eduardo sabia! Tinha dito que pensava que Jane consideraria a situação de Gifford um tanto ou quanto intrigante, mas ela presumira que ele estivesse falando dos hábitos noturnos de Gifford com as mulheres, só para descobrir depois que na verdade ele estava falando do histórico cavalístico do pretendente.

Vindo de outras pessoas, aquela omissão seria perdoável, porque, afinal, só queriam mesmo usá-la em seus joguinhos políticos. Mas Eduardo era seu melhor amigo. Ela nunca escondera segredos do primo, e o silêncio dele sobre aquela situação não poderia ser relevado. E ele precisava saber disso.

Dentro do quarto de Gifford, o som de cascos parou e alguma coisa definitivamente úmida caiu no chão. Um odor fétido começou a vir do quarto. Inaceitável.

Jane jogou o buquê semidestruído na porta, pisou duro até o lado de fora da casa Durham e ordenou que uma carruagem a levasse ao palácio real.

Durante toda a viagem até lá, Jane foi praticando o que diria a Eduardo. Discorreria uma lista de tópicos: a quebra de confiança, o desapontamento, a mágoa e um lembrete de que ela só tinha se casado com o moço cavalinho ali a seu pedido.

Somente quando marchou pelos degraus do palácio, recebendo olhares de incredulidade dos membros da estimada nobreza, é que percebeu que ainda estava usando o Vestido e todo o seu aparato do casamento. O Vestido, porém, já estava com um caimento todo torto no peito e na cintura, a faixa de cabeça pendia totalmente para um lado. E as tranças de seus cabelos tinham se desfeito quando ela dormia.

Bom, o caso é que era bem tarde quando a festa do casamento acabou, e não havia nenhuma muda de roupas para ela naquele quartinho miserável, nem mesmo uma camisola. E com certeza ela não iria dormir nua na presença daquele... daquele... cavalomem.

— Milady. — Um nariz apareceu, com Lorde Dudley vindo logo em seguida. — Estou surpreso em vê-la.

Jane afofou o cabelo para trás quando o duque se aproximou.

— Sei que o senhor está bem ciente de que meu marido está meio indisposto no momento.

— Ah, sim... — Lorde Dudley fez uma careta. — Vejo que a senhora tomou conhecimento da... situação do meu filho. — A vergonha tomou conta do rosto dele, e Jane percebeu que ele não costumava discutir o problema equino com ninguém e, por isso, também não sabia disfarçar bem seus sentimentos acerca do assunto.

— Claro que tomei conhecimento. — Ela sorriu e jogou os ombros para trás, ansiosa por descontar suas frustrações em alguém. — Ele é uma criatura um tanto ou quanto magnífica, não acha? Bastante forte. Até real. Vejo que o senhor sempre comprou somente do

melhor feno para ele. Que tipo de dieta tem um animal daqueles? Cavalos são herbívoros, se não me falha a memória. Mas homens podem ser bem carnívoros. Presumo, portanto, que o senhor já tenha considerado a logística de uma dieta envolvendo carne em um estômago equino há bastante tempo. Estaria muito interessado em ver sua pesquisa, meu senhor.

O sogro ficou pálido.

— Sabe, eu já andava com vontade de adquirir meu próprio cavalo há algum tempo. Pensei que assim eu sairia mais de casa e faria mais exercícios. Imagine, então, os benefícios de poder cavalgar um animal que verdadeiramente entenda todos os meus comandos e saiba avaliar perigos não apenas de forma instintiva, mas também em escala humana. Não haveria aquele problema de ficar com medo de carrinhos de mão, vacas no pasto ou outras coisas inócuas do tipo.

A cara azeda do duque já se transformava em raivosa.

— Gifford é meu filho, não um animal.

— Dada a condição eðiana dele e suas atividades noturnas tão promíscuas, eu pensaria que o senhor já percebeu há muito que uma coisa não exclui a outra, não é? Ser seu filho e ser um animal não são excludentes entre si.

Lorde Dudley, de forma alarmante, dirigiu a ela um sorriso desagradável quando deveria talvez ter ficado ainda mais constrangido.

— Talvez ele seja mesmo promíscuo, milady, mas a senhora parece ter aproveitado muito bem a experiência dele nessa área, não?

Jane imediatamente ficou toda vermelha.

— Podemos esperar boas notícias em breve? Venho ansiando por mais netos.

Ela sentia como se seu rosto estivesse pegando fogo, mas, assim que o duque se virou para ir embora com aquele ar superior, ela disse bem alto:

— Estou surpresa que o senhor já não tenha uns cem netos!

Percebeu logo em seguida que aquela resposta não era tão certa quanto tinha pensado e, na verdade, até piorava sua

situação de perdedora naquele duelo verbal. Enquanto o duque tratava de sumir detrás de uma parede, ela cruzou os braços e mudou seu rumo para um lavabo onde pudesse se fazer mais apresentável — não que Eduardo ligasse para sua aparência, mas ela não queria todo mundo pensando que tinha passado uma noite agitada com o marido.

Passou vários minutos ajustando o Vestido da melhor forma que podia e então começou a dar jeito no cabelo. O primeiro passo era tirar a faixa. Desfazer a bagunça daria um pouco mais de trabalho, depois escovar o cabelo com os dedos e então amarrar tudo em um coque baixo e firmá-lo com um grampo.

Depois de se avaliar no espelho prateado com uma bela moldura, dirigiu-se ao quarto na torreta onde Eduardo vinha passando todo o seu tempo nos últimos dias. Uma dupla de soldados montava guarda ao pé da escada.

— Estou aqui para ver o rei — ela anunciou.

Os homens se entreolharam. O que tinha uma imensa monocelha cabeluda respondeu:

— Sua Majestade está dormindo. Se a senhora quiser esperar na biblioteca, mandaremos alguém para avisá-la quando ele estiver pronto para recebê-la.

Jane fechou a cara. Eduardo nunca fora de dormir até tarde. Mas também ele nunca tinha tido a Moléstia antes. Estava tão pálido e cansado na noite anterior que era até de se admirar que ainda estivesse sentado à mesa até o fim da festa. Bem, havia lugares piores onde ela poderia esperar do que na biblioteca, não é?

— Me informe assim que o rei acordar. Quero ficar sabendo no exato instante em que ele estiver disponível.

— Certamente, milady. — O vigia retomou seu posto e voltou a olhar diretamente à frente.

Jane foi à biblioteca, um local familiar para ela, cheio de lembranças de momentos que passara com Eduardo. Brincavam de escolher um tópico e quem conseguisse pesquisar mais fatos a respeito dentro de uma hora venciam o desafio. (Jane ganhou um monte de vezes, algo de que ela sempre lembrava Eduardo. As poucas vezes em que perdera a assombravam em pesadelos.) Foi

ali que ela primeiro soube a respeito de eðianos, como eles foram perseguidos durante séculos, e que o dom era geralmente transmitido em família, ainda que nem ela nem Eduardo tivessem sido agraciados com uma forma animal. Eduardo, junto a todas as outras pessoas, podia ficar aterrorizado com a forma alternativa do pai dele, mas Jane sempre tivera inveja da magia (bem secreta) de sua mãe.

Será que Lady Frances sabia a respeito de Gifford? Ela deixava bem clara a sua repulsa por eðianos (apesar de ela mesma ser uma), então talvez ninguém tivesse lhe dito, já presumindo que não fosse aprovar a união. (Poucas pessoas realmente percebiam o quão desesperada Lady Frances estava para casar a filha. Ela teria juntado Jane a um tronco de árvore se isso fosse permitido.)

Jane suspirou e vagueou pela seção de livros sobre cavalos: alimentação, cuidados, a história deles, anatomia, problemas de saúde e como fazer tranças com o rabo do cavalo.

Passou algumas horas perdida entre velhos livros que descreviam o processo de ferrar os cascos, a importância da companhia equina e a necessidade de cuidar não apenas do pelo, da crina e do rabo, mas também de arrancar pedrinhas presas nas ferraduras. Além disso, o que fazer caso o casco tivesse uma fenda.

Felizmente, devia ser Billingsly quem tomava conta de todos esses aspectos, e talvez Gifford nem precisasse de ferraduras, já que provavelmente não ia querer pregos enfiados nos pés toda vez que se transformasse de manhã. Ela teria de perguntar como isso funcionava.

Por volta do meio-dia, Eduardo ainda não tinha aparecido e Jane começava a ficar com fome. Deixou os livros de lado e retornou às escadas. Os mesmos dois guardas estavam de prontidão.

— O rei não acordou? — ela perguntou.

— Temo que Sua Majestade não vá receber visitas hoje. — O guarda monocelha nem se alterou.

— Ah, mas ele vai me receber. — Jane ficou com raiva. — Diga a ele que Lady Jane... — E parou de falar. Finalmente percebeu que seu nome era Lady Jane Dudley agora. Jane Dudley. Que terrível!

Engoliu em seco. — Diga-lhe que sua prima Jane está aqui para falar com ele.

— Nossas ordens são para não deixar ninguém subir hoje.

— Vá lá em cima e pergunte se ele vai me receber. Porque ele com certeza vai. — Jane cruzou os braços e colocou todo o seu peso em uma perna. — Vou esperar aqui mesmo.

— Não podemos permitir que ninguém veja o rei hoje, milady. Se ele quiser vê-la, ele mesmo mandará chamá-la.

— Mas isso é ridículo. Você precisa me deixar vê-lo imediatamente. Não vai ser problema nenhum, você vai ver — Jane apelou.

— Milady, se a senhora insistir, seremos obrigados a chamar alguém para escoltá-la para fora do palácio.

O rosto dela estava vermelho de ódio. Como se atreviam a barrá-la ali e não permitir que visse seu primo?

A não ser que... A não ser que Eduardo estivesse piorando e tivesse se isolado voluntariamente. Mas por que se isolaria dela?

Enquanto deixava o palácio — sem escolta —, decidiu escrever uma carta para ele. Parou logo antes de entrar em sua carruagem e deu uma olhada para o alto da torreta. Uma silhueta parou em frente à janela por um momento. Eduardo? Antes de seu retorno a Bradgate Park, teria reconhecido o primo só pelo formato do corpo em qualquer circunstância, mas naquele momento ele estava tão magro que ela nem sabia dizer se aquele era ele ou não.

Entrou na carruagem e foi-se embora.



Jane passou a tarde em Chelsea, evitando as perguntas da mãe enquanto Adella e outras criadas faziam os preparativos para a lua de mel. Escreveu alguns bilhetes, providenciou para que sua carta fosse entregue a Eduardo e depois tirou uma hora para decidir quais cinquenta livros levaria para o campo em sua viagem. O casal ficaria lá por semanas, e Jane queria estar preparada para passar muito tempo sozinha. Pelo jeito, Gifford passaria os dias como cavalo e não seria muito útil como companhia. Mas talvez fosse melhor assim mesmo. Pouco antes do crepúsculo, Jane pegou uma carruagem de volta para a casa Durham e retornou ao quarto de Gifford. Ele ainda

estava transformado em cavalo, mas dormindo, pelo que ela podia dizer. A cama tinha sido movida para o lado e, no canto, havia uma pilha endurecida de, bem, daquilo que se espera de um animal grande que ficou enclausurado num quarto o dia todo. Ela apertou um lenço contra o nariz e abriu a janela para deixar o fedor sair, depois foi até o guarda-roupa e encontrou uma camisa e calças.

Acendeu algumas velas e se sentou na cama para esperar que o sol se pusesse no horizonte. Da vez anterior, a transformação tinha sido bem brusca, com aquele fecho de luz que ela não esperava. Logo que ela conseguira enxergar de novo em meio aos pontos brilhantes nos olhos, o marido já tinha virado cavalo.

E agora aquele cavalo estava ali, dormindo, com seu pelo lustroso reluzindo aos últimos raios de sol. Parecia incrível que pernas tão esguias conseguissem erguer aquele corpo inteiro, e não apenas erguê-lo, mas correr e saltar e trotar. Ela não tinha exagerado quando disse a Lorde Dudley que o filho dele era um animal magnífico. Se pelo menos pudesse controlar a transformação... Bom, ele teve sorte de se casar com ela, que sabia um bocado a respeito de eðianos. Se tinha alguém que podia ajudá-lo a controlar aquele dom, esse alguém era Jane. Com seus livros.

Então, tudo aconteceu de novo. Uma luz brilhou forte, e o cavalo que dormia no chão se transformou em um homem adormecido e nu. Ele piscou algumas vezes e seu nariz se retorceu ao sentir o cheiro de seu próprio estrume. Jane se espichou até o lado da cama e estendeu as calças bem em frente a ele.

— Obrigado, Billingsly. — A voz dele tinha um tom grogue.

— Por nada.

Gifford arregalou os olhos, agarrou as calças e rapidamente cobriu as partes baixas com o tecido, sem vesti-lo. Jane se recostou na cama enquanto o marido se atrapalhava todo para ficar de pé.

— Milady, o que é isso? Estou indecente!

— Você é indecente — Jane rebateu. — Sem falar do fato de você estar sem roupas. — Ela deslizou para o outro lado da cama, mais longe dele e de sua nudez, mas também mais longe da pilha de odores terríveis. — Existe alguma razão, Gifford, para você não ter me contado sobre a sua condição?

— Por favor, me chame de Gê. — Ele segurou as calças de outra maneira, estendendo as pernas e ostentando o tecido em frente como se estivesse de roupa. Ou quase isso. — Todos me chamam só de Gê.

— Nunca ouvi ninguém te chamar de Gê. A não ser Billingsly, mas ele é só um criado. Ele te chamaria de Josefina, se você ordenasse. Seja como for, você ainda não me respondeu por que passei minha noite de núpcias ao lado de um beberrão fedendo a cerveja e depois a manhã seguinte dividindo o quarto com um cavalo.

— Bom, quando você coloca as coisas dessa maneira...

— Sinto muito, mas de que outra maneira você colocaria? — Jane se recusava a sorrir, por mais delicioso que fosse vê-lo desconfortável daquele jeito. Depois da raiva que ela passara naquele dia, tanto com Lorde Dudley quanto com os guardas, estava se refestelando com o poder que exercia sobre o marido. Já era hora de alguma coisa sair do jeito dela.

— Eu diria que você passou a noite do casamento com um cavalheiro encantadoramente inebriado que estava hesitante em pressionar uma dama obviamente tão virtuosa a...

Oh. Aquilo.

Jane corou e olhou pela janela para a estrada cheia de passantes. Uma carrocinha de maçãs pareceu particularmente fascinante, mas logo foi embora.

— E com relação ao despertar equino, devo admitir que não vejo qualquer incômodo.

— Você se refere a esse detalhe sobre o qual ninguém me contou? Parece o tipo de assunto que poderia, sabe, surgir em algum momento. Por exemplo: “Ah, a propósito, seu futuro marido se transforma em cavalo assim que o sol nasce todos os dias”.

Gê encolheu os ombros.

— Você pelo menos *tenta* controlar o processo?

— É uma maldição, milady. Poder controlar seria justamente o oposto do desejado em uma maldição.

— E o que é desejado? — Talvez se ela entendesse melhor a natureza da situação, poderia ajudá-lo a resolver aquele problema tão inconveniente.

— Não sei.

— Gifford, você nunca vê a luz do dia. — E ainda assim dizia *não ver qualquer incômodo*. — Não consigo ver um lado bom nisso, a não ser a possibilidade de que, se algum dia eu precisar fugir muito rápido, vai ser bem útil ter um cavalo à mão.

— Nada de montar no cavalo! — Gifford disse num grunhido. — Na verdade, creio que o momento é oportuno para discutirmos algumas regras para este casamento.

— Como o quê? Alguma marca preferida de feno?

— Primeira regra. — Ele fez um movimento no ar de que estava riscando o primeiro tópico com o indicador, e aí deixou as calças caírem. Jane aproveitou o momento para admirar o teto. Gifford apanhou as calças novamente e continuou, agora sem a ajuda gestual: — Primeira regra: ninguém vai montar no cavalo. Segunda: ninguém vai colocar bridão no cavalo. Terceira: ninguém vai selar o cavalo.

— Então qual é a vantagem de se ter um cavalo?

— Mas você não é minha dona! — Ele fechou os olhos e exalou vagarosamente. — Milady, será que você se importaria de sair um instante do quarto enquanto eu me visto?

— Não, acho que não vou sair não — Jane inclinou a cabeça —, porque eu também tenho algumas regras para te falar.

— Muito bem. — Gê tropeçou de leve e se refez.

— Número um: nada de tocar nos meus livros. Número dois: nada de mastigar meus livros.

— Eu nunca mastigaria seus livros! — Ele soltou um ronco de indignação.

— Você comeu meu buquê!

Gê fez cara de surpresa, como se tivesse esquecido. Então assentiu com a cabeça.

— Sim, isso eu fiz. Continue.

— Número três: nunca vai ter feno misturado aos meus livros.

— Suas regras todas têm a ver com livros? Digo, eu até entendo, porque sua inaptidão social só poderia significar mesmo que os livros são seus melhores amigos. — Por um momento, ele pareceu se abalar com a própria grosseria.

— Tem certeza de que sua forma eðiana real não é a de um jumento? — Jane falou de olhos semicerrados.

— Muito, muito engraçado, milady. E isso me lembra... — E apontou o dedo para ela. — Nada de piadas de cavalos.

Já estava ficando fácil demais.

— Uma pena, conheço piadas pra burro.

— Já chega! — Ele procurou freneticamente pelo quarto e achou um livro no criado-mudo. As calças ficaram perigosamente de lado quando ele resolveu abrir o livro. — Não me lembro de você mencionar nada a respeito de dobrar a lombada do livro.

Jane ficou alarmada.

— Deixa o livro de lado agora! — Ela queria olhar para o outro lado, já que ele tinha se distraído e não estava mais segurando as calças no lugar, mas ela não conseguia tirar os olhos do precioso livro. E se ele fosse danificá-lo? E se cumprisse o que estava ameaçando fazer?

— Nada de piadas de cavalos!

— Milorde, eu peço desculpas pela piada. Se você puder deixar o livro de lado, sem qualquer dano, prometo lhe dar uma cenoura.

— E essa foi outra piada de cavalo? — Ele segurou o livro na direção dela.

Ela resfolegou, agitando os lábios.

— E essa foi *outra*??

Antes que ela pudesse responder, uma criada entrou no quarto para preparar a cama, mas deparou com Gifford segurando as calças diante da cintura, Jane com o rosto todo corado e uma pilha de roupas rasgadas no chão (da transformação da manhã). Engasgou de susto, levou as mãos à boca e sumiu do quarto no mesmo instante com um gritinho envergonhado. Um sorriso foi lentamente se formando nos lábios de Gifford.

— Ela acha que nós consumamos.

O rosto de Jane queimava de vergonha quando ela tomou o livro das mãos dele e o colocou em segurança.

— Milorde, vou deixá-lo se vestir em paz. Uma carruagem está à espera para nos levar à lua de mel. (A expressão “lua de mel” era bem nova naquele momento da História, e realmente envolvia dar

aos noivos um suprimento de hidromel suficiente para um mês, em vez de uma viagem romântica. Mas, para acalmar os ânimos mais sensíveis entre nós, vamos fingir que a expressão significa o mesmo que hoje em dia.)

Gifford segurou as calças na cintura mais uma vez.

— Presumo que seus livros também estejam esperando por nós.

— Não se preocupe. Deixei espaço para você. — Ela pegou o livro e saiu.



Jane não sabia dizer em que momento Gifford tinha feito as malas, ou se Billingsly as tinha feito para ele, mas o fato é que as coisas do marido estavam mesmo no bagageiro no alto da carruagem. Não havia lugar para livros lá, o que a forçara a construir uma pequena muralha de textos religiosos, científicos e filosóficos entre Gifford e ela no interior do veículo.

— Isso tudo é mesmo necessário? — ele perguntou ao chegar e deparar com aquela fortaleza de papel.

— Considerando que essa casa de campo para onde estão nos levando é propriedade dos Dudleys, e que eu já vi como sua família trata os livros, não sabia bem se estava levando o bastante para me manter ocupada o dia todo. — Ela acariciou a lombada do livro mais próximo: *Uma análise das pinturas egípcias e seu impacto na sociedade: volume três*.

— Quantos desses você consegue terminar até a gente chegar? — Ele os olhou com certa desconfiança, como se os livros fossem algum tipo de exército da sabedoria. Bom, algumas bordas podiam ser bem afiadas, ela pensou.

— Nenhum — Ela fungou e indicou a lamparina que projetava apenas um brilho pálido em seu lado da carruagem. — Não tem luz suficiente para ler, e eu não estou disposta a arruinar minha visão. Em vez disso, vou fazer bordados até ficar cansada demais para me preocupar com o fato de estar aprisionada em uma carruagem. Não tive o privilégio de dormir o dia todo. Se você fosse mesmo um cavalheiro encantadoramente inebriado, teria insistido em que nós descansássemos hoje à noite e fizéssemos essa viagem amanhã cedo.

— Mas então eu seria um cavalo.

— E infinitamente mais útil ao puxar a carruagem.

— Isso violaria a regra número dois: ninguém põe bridão no cavalo.

— Cavalos de carruagem usam cabresto.

— E você aprendeu isso num livro?

A carruagem deu um tranco e eles desceram a longa rampa de entrada.

— Aprendi isso sendo observadora — ela respondeu.

A resposta não foi nem de longe tão sagaz quanto gostaria que tivesse sido, mas ele nem estava prestando atenção mesmo. (O que provava que ela tinha razão.) Ele tinha amarrado o cabelo em um rabo de cavalo e encostado a cabeça no descanso do banco. Quando passaram pela lanterna de um poste, a luz delineou muito bem a silhueta dele: era uma junção perfeita da suavidade dos lábios e das linhas retas do nariz (livre da maldição Dudley). Seus cílios indecentemente longos se movimentaram quando Gê abriu os olhos e a pegou olhando para ele.

Jane abaixou o olhar novamente para seus bordados, tentando esconder a timidez atrás de uma mecha de cabelo. Gifford era muito atraente. Ela era casada com ele. Ela podia olhar sem medo. *Deveria* olhar.

Contanto que ele não percebesse. A última coisa de que precisava era de ver o ego dele ficar ainda mais inflado. Seguiram em silêncio enquanto ela tricotava, mas, quando finalmente levantou a peça para ver como estava, o cachecol não se parecia em nada com um cachecol. Aquela pequena tragédia em lã era curta demais e fina demais nos lugares errados. Quase parecia algum tipo de roedor gordo.

— O que é isso, se me permite perguntar? — Gifford quis saber, apertando os olhos.

— Não é da sua conta. — Jane abaixou a peça e começou a desmanchar uma fileira inteira de pontos, um de cada vez, apagando sua existência com a mesma graça que demonstrou quando a criou. (Ela tinha muita prática em desmanchar coisas. Poderia desfazer guarda-roupas inteiros. Você até poderia imaginar

que uma pessoa com muita prática em desfazer teria muita prática — e habilidade — em tricotar, mas sua imaginação esqueceu de levar em conta que estamos falando da pobre Jane.)

Jane tentou de novo, dessa vez se assegurando de contar cada ponto e cada nó, e de puxar todas as fibras a cada ponto. Ao fim daquela fileira, o cachecol tinha ficado gordo demais e doze fibras soltas tinham ficado para trás como pequenos laços.

— Acho que está melhorando. — Gifford se inclinou com um cotovelo sobre os livros. — Ainda não sei bem o que isso deveria ser, mas está mais parecido com uma coisa de verdade do que dez minutos atrás.

Ela reclamou e espetou o cotovelo dele com a ponta da agulha que não estava trançada.

— Nada de encostar nos meus livros, lembra?

Gifford se encolheu, e Jane deixou as agulhas de lado.

— Então existe mesmo alguma coisa na qual você não é boa? — Gifford comentou. — Você não parece ser o tipo de pessoa que continua tentando alguma coisa na qual não seja perfeita logo de imediato. Por que continua a tricotar?

— A prática leva à perfeição — ela respondeu educadamente. — E eu queria fazer algo para o Eduardo. Ele fica com frio às vezes e...

— Então quer dizer que você e o rei são próximos — Gifford disse baixinho, com uma expressão de desagrado.

— Sim, bastante.

— Mas de quão próximos estamos falando? Do tipo amigos de infância, ou ex-namorados, ou talvez “não consigo viver sem ele”...?

Jane não tinha ideia do que ele estava falando. Felizmente, o som de gritos vindos da frente da carruagem a poupou de ter de adivinhar.

— O que é isso? — Jane bateu a base da mão na lateral. — Cocheiro, pare!

— Gritos significam perigo, milady. — Gifford tentou estender a mão para ela, mas a muralha de livros o impediu de ir muito longe. A esse ponto, a carruagem já tinha parado e Jane já tinha saído pela portinha noite adentro.

Ela levantou a barra do vestido e correu em direção ao som, tropeçando nos buracos da estrada de terra em um morro que contornava um bom pedaço de uma fazenda.

— Milady! — gritou o cocheiro, imediatamente imitado por Gifford.

Mas Jane não parou de correr até estar bem à frente da carruagem, de pé sobre uma elevação que dava para um campo aberto onde, lá do outro lado, uma vaca solitária mugia em puro terror bovino.

A lua estava alta no céu e cheia o bastante para iluminar os eventos que transcorriam nos arredores das terras lá embaixo: um punhado de pessoas brandia cajados e foices e diversas outras ferramentas na tentativa de espantar uma alcateia de lobos.

— Jane, o que você está fazendo? — Gifford a alcançou e viu o que ela estava vendo. — Por Deus...

— Gifford, você precisa fazer alguma coisa.

— Fazer o quê? — O rosto dele estava lívido e pálido sob a luz do luar. Seus olhos não conseguiam se mover para longe dos lobos lá embaixo.

— Salvar aquelas pessoas! Os lobos estão tentando pegar a vaca deles! — A maioria das pessoas era adulta, tanto homens quanto mulheres, mas alguns não tinham mais do que 11 ou 12 anos. — E os lobos vão passar pelas pessoas para pegar aquela vaca.

— E como você supõe que eu vá fazer esse resgate heroico? Será que eu deveria jogar livros nos lobos? Ou me colocar na frente da vaca para salvá-la? — Ele olhou para a cara desconfiada que ela fez, ao que uma das crianças começou a gritar e correr para longe dos lobos. O líder da alcateia soltou um ganido e dois de seus seguidores avançaram em direção à criança, que se encolheu toda como em uma bola a fim de proteger a cabeça e o pescoço, enquanto os lobos mordiam seus braços. Um homem rompeu a barreira humana e foi tentar socorrer a criança, e os lobos tiraram ainda mais vantagem daquela confusão. Dois deles pularam em cima do grupo inteiro, forçando-os a se defenderem enquanto o resto da alcateia dava a volta e partia em passadas ritmadas rumo à vaca desesperada.

— Se você não os ajudar, eu vou fazer isso! — Jane voltou à estrada e ficou procurando um pedaço que fosse menos íngreme pelo qual pudesse descer. Mas não havia nenhum ponto mais fácil, a não ser um amontoado de pedras que ela poderia usar para escalar até lá embaixo.

Gifford foi correndo atrás dela, e o cocheiro ficou em dúvida se deveria ou não deixar a carruagem. Jane chegou até o monte de pedras e se esticou para colocar o pé na primeira. Abaixo, os lobos já tinham alcançado a vaca do outro lado do campo. O berro do animal ecoou pela noite. Um homem gritou:

— É isso o que você ganha quando mexe conosco!

Jane percebeu que o homem não era um dos fazendeiros, mas um sujeito bem vestido que estava, na verdade, junto dos lobos. E havia ainda três outros homens com ele, armados com espadas e flechas. Mas... por que havia *gente* junto dos lobos? Não fazia sentido.

Lágrimas borravam a visão de Jane quando ela finalmente conseguiu alcançar a primeira pedra, e assim ela começou a se aprofundar pela encosta. No entanto, antes que fosse mais adiante, duas mãos fortes a seguraram por trás dos braços e a levaram para longe de sua missão.

Os habitantes da vila próxima ainda estavam gritando lá embaixo, mesmo depois de os lobos terem deixado a criança e os outros fazendeiros de lado. A vaca estava morta. Os quatro homens com os lobos a estavam arrastando.

— Acabou, Jane. — Gifford não a largou mais; suas mãos quentes apertavam as costelas dela.

Jane continuou olhando adiante, onde os camponeses se reagrupavam e consolavam uns aos outros. As vozes os alcançavam mesmo longe.

— É a terceira vaca esta semana — alguém disse.

— A Alcateia vai nos tirar tudo, a não ser que a gente vá atrás deles — outro homem respondeu. — As crianças vão morrer de fome.

Um gemido baixinho escapuliu da boca de Jane. As pobres crianças...

— Ele vai ficar bem? — alguém perguntou, olhando para as pessoas que cercavam a criança atacada. Jane segurou o fôlego. Mesmo Gifford parou para ouvir.

— As mordidas não foram profundas. Se elas não infeccionarem...

— A conversa então ficou baixa demais para que Jane pudesse ouvir.

Gifford se afastou, soltando-a.

— Por aqui, milady. Vamos voltar para a carruagem.

— Mas nós temos de ajudá-los a...

— Agora já acabou. O que poderíamos fazer por eles? Eles vão cuidar uns dos outros. — Ele fez um gesto em direção ao veículo, onde o cocheiro ainda se desesperava com a situação. — Você não tem de terminar aquele cachecol horrível?

Como ele podia fazer piada numa hora daquela? Claramente Gifford Dudley não tinha qualquer senso de responsabilidade ou honra. Jane enrolou os braços em torno de si mesma e olhou mais uma vez para os fazendeiros. Alguns estavam carregando a criança ferida, enquanto outros ficaram para trás discutindo formas de tornar os campos mais seguros. A pergunta de Gifford tinha sido bem colocada: o que ela poderia fazer por eles agora? O ataque já tinha acontecido. Os lobos e aqueles homens estranhos estavam sumindo de vista com a carcaça da vaca em uma carretinha.

— Muito bem...

— Obrigado. — Gifford ofereceu o braço para escoltá-la como se realmente acreditasse ser um cavalheiro. Jane se desvencilhou e andou sozinha, ainda que todo o seu corpo tremesse com a adrenalina e o pânico de ver aquela criança quase ser morta, e em pensar em como os camponeses agora poderiam morrer de fome.

Quando se sentou de volta na carruagem quentinha, cercada de livros e seu tricô ridículo, a única coisa que conseguiu sentir foi frio. Aquelas pessoas estavam em apuros. Precisando de ajuda. E Gifford não tinha feito nada.

CAPÍTULO NOVE



Gifford

Não havia nada que ele pudesse fazer. Se não tivesse impedido Jane, ela teria se ferido. Gê era um sujeito forte, ou pelo menos achava que era, mas sob nenhuma circunstância tinha capacidade de lidar com uma alcateia inteira.

E aqueles nem eram lobos comuns, aliás. Eram parte da Alcateia eðiana, ele tinha certeza. Não teria chance contra eles. A Alcateia era conhecida por toda a Inglaterra. Para os eðianos, ela representava uma espécie de figura robin-hoodiana — por tomar de volta o que, por muito tempo, lhes tinha sido negado. Para o restante do país, eram apenas bandidos terríveis. Impiedosos. Arditos. E mesmo que Gê tivesse conseguido deter aquele ataque e sair vivo, salvar um único vilarejo não contribuiria em nada para diminuir o grande número de famintos e desesperados.

Ele suspirou e passou as unhas pela moldura folheada a ouro da janela da carruagem, e um pozinho dourado acabou em sua mão. O que aqueles camponeses não dariam por um punhado daquele metal brilhante... No entanto, para o pai de Gê e outros nobres, ouro era mera decoração. Gê nunca conhecera a fome de perto, mas já a tinha visto. Tinha viajado por toda a área rural na forma de cavalo, e lhe parecia que todo o reino estava passando fome. Mas o que uma pessoa sozinha podia fazer?

Nada, ele concluiu. Uma pessoa só não podia fazer nada. Então não fazia sentido algum ser nobre a respeito.

O cocheiro passou por uma lombada e o solavanco fez um dos livros cair. Gê deu uma olhada em Jane, esperando que ela fosse fazer um resgate dramático do tomo despencado, mas o rosto dela permaneceu inalterado. Seu peito arfava um pouco, talvez ainda

sem fôlego por causa do tumulto causado pelo ataque. Logo abaixo de sua clavícula, a pele estava avermelhada e suada.

Gê apanhou seu cantil de água, derramou um pouquinho sobre um lenço e o ofereceu a ela. Ela olhou desconfiada por um instante, então o pegou e pressionou contra o pescoço delicado, passando pela clavícula e perto da linha do cabelo na nuca. Fez isso com tanta graciosidade que Gê imediatamente decidiu que incluiria uma descrição daquele movimento em seu poema sobre os lábios e a curva do pescoço.

Ah, quisera eu ser o lenço naquela mão, que pudesse tocar tal pescoço...

— Obrigada — ela disse, devolvendo o pano.

A silhueta dela à luz da lua era adorável. Aquela criatura era *casada* com ele, pensou novamente sem acreditar, e, não importava qual fosse a perspectiva (incorreta) que ela tivesse dos acontecimentos recentes, ele a tinha salvo momentos antes. Ali, naquele instante, sentia uma grande atração por ela, um desejo de protegê-la sempre. Pelo mais breve instante, Gê considerou a ideia romântica de secretamente enfiar o lenço em sua camisa e deixá-lo junto a seu coração. Quando deu por si, estava levemente inclinado na direção dela. Jane se virou para ele com as faces coradas.

— Milorde, por gentileza, permaneça em sua metade do assento. Meus livros já estão sob peso demais na situação atual.

Ah. Aí está ela de novo. A lady intratável e lamuriosa. Gê mentalmente se deu um tapa no rosto, e de novo e outra vez, até que o sentisse vermelho sob a mão imaginária e ele tivesse certeza de que tinha afastado qualquer ideia romântica. Quis dizer a Jane que eles teriam mais espaço se eles se livrassem de todos os livros, mas pensou que, no caso dela, seria como dizer a uma mãe que ela teria mais espaço se jogasse fora os filhos.

Em vez disso, pegou o lenço, sorriu gentilmente para a lady e o deixou voar janela afora. Enquanto a carruagem se dirigia à casa de campo, as preocupações de Gê com a Alcateia temporariamente deram lugar à sua indignação com Lady Jane.



A criadagem da casa estava lá para saudar o feliz casal, escoltá-lo para o salão principal e oferecer um gole de água e de vinho — nada mais de cerveja para Gê. Transportaram as imensas quantidades de bagagens para dentro da casa e, cumprindo a tradição dos criados que tinham de receber um casal em lua de mel (especialmente depois que notícias de roupas rasgadas no quarto de núpcias tinham chegado aos ouvidos de todos), saíram logo de vista, deixando o casal a sós. Para fazer o que quer que recém-casados fizessem à noite. Em lua de mel.

O que, se fôssemos considerar pelo comportamento de Jane, consistia em ficar na janela contando estrelas.

Ela ainda não tinha perdoado Gê por tê-la impedido de se jogar na frente dos lobos, mas, falando a sério... qual era seu plano para aquele ataque? Afogar os bichos em anáguas? Esmagá-los sob o vagalhão de conhecimento do *Ervas e temperos nativos das terras altas espanholas: volume dois*? Talvez ele devesse apenas considerar a noite como finda e acabada. Abriu a porta para sair da sala de recepções e se viu de frente a dois criados.

— Seus aposentos estão sendo arrumados — disse um dos homens.

Gê revirou os olhos quando o criado simplesmente fechou a porta em sua cara. Talvez seu pai tivesse instruído os empregados a incentivar o casal a ficar junto por tanto tempo quanto possível. “Nunca deixe um sair do recinto sem o outro”, era o que ele podia imaginar seu pai dizendo.

Jane ainda estava embevecida com a janela. Gifford nem sabia se ela tinha percebido que ele tentara sair. Tinha certeza de que não haveria forma de persuadi-la a ir para o quarto àquele ponto, mas eles teriam um mês inteiro pela frente naquela casa, e a única maneira de sobreviver à lua de mel seria pelo menos conseguir um nível amistoso de companhia, em vez do desdém rancoroso de agora. Assim, ele tentou ser mais amigável.

— A senhorita deseja que eu pegue algo para você, milady?

Ela nem se virou.

— Tenho criados para isso.

Gê deu um suspiro bem alto e se afundou no sofá.

— O que exatamente eu fiz para você? Além do fato tão ofensivo de eu existir e ter sido forçado a me casar com você?

Jane finalmente se virou.

— Esses dois problemas estão fora do seu controle, e eu nunca o responsabilizaria por coisas que estão fora do seu controle.

— Então, qual é o problema? O que fiz para vos ofender? — ele disse, fazendo graça com um tom mais formal.

Jane fechou a mão em um punho tão apertado que os nós dos dedos ficaram brancos.

— Você é um bêbado mulherengo que... que... nem consegue manter sua cavalice dentro das calças!

— Para ser sincero — Gê inclinou a cabeça —, não é dentro das calças que mantenho minha cavalice...

— Nem tente negar! — Jane exclamou. — Ouvi muito bem tudo o que Stan me disse quando me confundiu com uma das suas... escapadelas.

— Milady, se me permite — Gê levantou a mão —, vamos tratar dessas ofensas uma de cada vez. — Fez um gesto em direção a uma poltrona. Ela cruzou os braços. — Por favor...? — ele emendou.

Jane se sentou, ainda que não na poltrona que ele tivesse indicado.

Uma oferta de paz na forma de uma conversa franca seria a melhor ação a se tomar naquele momento.

— Primeiro, a acusação de embriaguez. Devo admitir que, na noite de nossa sagrada união, fiquei mesmo inebriado, mas aquela foi uma ocorrência isolada, eu diria até incomum, baseada no fato de que eu estava relutante em amarrar minha vida a uma senhorita sobre a qual já ouvira falar um monte, mas conhecia muito pouco.

— E também porque isso de “amarrar sua vida” representa um obstáculo para a sua agitada vida noturna, não é verdade?

— Ah, isso nos leva à segunda acusação. A de ser um mulherengo. — Gê fez uma pausa e considerou a possibilidade de contar sobre suas leituras de poesia, mas então pensou melhor. Já tinha enfrentado as humilhantes piadas de cavalos e as chacotas sobre sua inabilidade de controlar aquele poder. Será que ela não

morreria de rir se soubesse que aquele “mulherengo”, na verdade, passava os dias pensando e compondo poemas e peças teatrais e as noites escrevendo e encenando? — Sim, já tive a companhia de mulheres.

— Rá! — Jane apontou para ele como se, só com sua potente lábia, tivesse feito Alexandre, O Grande admitir que era muito ambicioso.

— Sim, sim — Gê continuou, acalmando a fera. — Eu me curvo ante seu olhar acusatório. Posso continuar?

Ela fez que sim, triunfante.

— Passo meus dias como um cavalo. Não vou à corte há anos. Não sinto o sol em minha pele pelo mesmo tempo. Nunca tive certeza se algum dia eu poderia ser um bom marido, já que venho vivendo apenas meia vida, e essa metade é aquela na qual a maioria das pessoas está dormindo. Você não consegue imaginar o quanto isso é solitário. Então, sim, até a noite de nossa tão divina união, procurei conforto em relacionamentos de natureza fugidia...

— ...com as assim chamadas prostitutas — Jane interrompeu.

— A despeito de meu histórico com senhoritas de afeições negociáveis, dei minha palavra ao rei de que seria um marido fiel da mais alta estirpe.

Jane afrouxou um pouquinho sua expressão rígida.

— E venho mantendo minha palavra.

— Por dois dias! — Ela arqueou as sobrancelhas

— Sim. Mas veja, eu vivo uma vida muito solitária. É muito difícil fazer amigos. E, apesar dos esforços do rei-leão, os eðianos ainda são temidos e maltratados.

O rosto dela se fechou de novo.

— Vamos discutir isso, então. Você tem essa habilidade mágica, essa honra ancestral que te foi transmitida por seus antepassados e que só se destinaria a agraciar os melhores dentre nós. E mesmo assim você se refere a isso como uma maldição.

— Milady, você tem uma visão excessivamente ingênua e impressionantemente otimista dos eðianos.

— Não é nada ingênua — Jane disse. — Minha opinião vem sendo cultivada por anos e anos de estudo.

— Estudando histórias que glorificam lendas.

— E você já leu nem que seja um único livro sobre eles na vida?
— ela disse entredentes, balançando a cabeça.

— Não. — Gê preferia poesia e ficção a livros didáticos. Mas não iria admitir isso. Ficou de pé e andou na direção dela, erguendo-se à frente da moça. — Não preciso ler a respeito. Eu vivo essa vida. Diga-me, milady, o que seus adorados livros de História diriam sobre aquele ataque eðiano aos pobres camponeses que nós testemunhamos mais cedo? Onde estavam a glória e a honra de se destruir uma comunidade inteira por alguns míseros pedaços de carne? Onde ficam essas histórias em seus preciosos livros?

— Aqueles não eram eðianos — Jane disse calmamente.

— Com certeza eram — Gê respondeu. — Lobos de verdade não permitiriam cachorros selvagens em seu meio, nem trabalhariam junto a homens para pilhar uma vila. Aquela ali, minha querida, era a infame Alcateia.

— A Alcateia é só um rumor — Jane disse com desdém. — Eðianos nunca fariam algo tão desprezível.

— Você está enganada. Pensar assim é pura ingenuidade.

— Eu não te entendo. Você é um eðiano, mas fala de eðianos com tanto desprezo quanto falaria de verdádicos.

Gê serviu duas taças com a água de uma jarra que estava em uma mesinha de canto. Estava determinado a manter sua compostura, apesar da natureza irritante que representava o próprio ato de conversar com sua esposa. Entregou a ela uma das taças.

— Eu não os desprezo. Só acredito que uma habilidade mágica aleatória não constitui a honra de um homem.

— Ou de uma mulher — Jane emendou, e ele fechou os olhos e inspirou profundamente.

— Ou de uma mulher — concordou. — Não escolhi ser o que eu sou. Em um momento, estava discutindo com meu pai e sonhando em ir morar bem longe. No seguinte, era um cavalo e estava literalmente correndo para longe. Desde então, se o sol nasceu, eu virei cavalo. Se o sol se pôs, voltei a ser homem. Se isso é um dom, eu não acho que mereça. Se é uma maldição, também não acho que eu mereça.

Tomou um gole de sua água e então continuou.

— O mal existe entre os eðianos da mesma maneira como o bem existe entre os verdádicos. Acredito mesmo que eðianos merecem ser protegidos contra perseguições. Os pesos de cada lado devem ser equilibrados na direção de mais igualdade. Se fosse o contrário e os verdádicos fossem os perseguidos, eu lutaria por mais igualdade do mesmo jeito. Não pela dominância de um lado. A dominação leva à tirania.

Fez-se um silêncio na sala por um longo tempo.

— Não sabia que você tinha sentimentos tão profundos a respeito desse assunto, Gê — Jane finalmente falou.

Ela o tinha chamado de Gê. Tinha de ser um bom sinal, se é que em algum momento haveria algum bom sinal. E os lábios dela estavam finalmente voltados para cima, mesmo que levemente.

— Nem eu sabia que eu pensava tanta coisa sobre isso — confessou. E era verdade. Ela desviou o olhar meio timidamente.

— Talvez se você não gastasse suas horas humanas em bebedeira e safadeza, poderia descobrir mais coisas nas quais pensar com tanto afinho.

Gê levou a mão à testa e esfregou com vontade. Pensou novamente em dizer a ela que era um poeta. Contudo, quando abaixou a mão, viu que ela estava sorrindo. E então esse sorriso aumentou. Os cabelos ruivos, que momentos antes pareciam um ninho de cobras escarlates emboladas em um coque comportado, agora pareciam raios de sol circundando um miolo em chamas. Ela estava radiante.

— Sabe como eu acho que a gente deveria passar nossa primeira noite de lua de mel? — ela perguntou em tom calmo e baixinho.

Pela primeira vez desde o anúncio do noivado, Gê sabia exatamente como ele queria passar aquela noite. Um nó de ansiedade e antecipação se formou em seu estômago. Ergueu as sobrancelhas na expectativa da resposta. Os olhos dela ficaram ainda mais acesos, se é que aquilo era possível.

— Acho que a gente deveria assaltar a despensa e levar um pouco de carne defumada para aqueles camponeses que foram atacados!

Gê teve de se esforçar um bocado para não demonstrar a decepção em seu rosto.

— Milady, você leu meus pensamentos — ele disse, agradecido pelo fato de que sua agora esposa não podia ler mentes.



Além da carne, frutas secas e queijo curado que encontraram, Gê e Jane também juntaram algumas ervas, retalhos de pano e folhas de chá.

Segundo Jane argumentava, “chá de mil-folhas ajuda a passar a dor. Aprendi isso lendo *O tratamento adequado para feridas de batalhas durante a Guerra das Rosas: um histórico*”.

Gê ficou assistindo embasbacado enquanto ela usava habilmente o pilão para moer três tipos diferentes de ervas e dois temperos. Ela removeu uma ripa de madeira, aparentemente sem qualquer uso, de uma parede do canto da despensa, enfiou a mão lá dentro e tirou uma garrafa com rolha.

— Isso é um destilado, milady? — Gê ergueu uma sobrancelha em dúvida.

— Mandeí uma mensagem antes de virmos e pedi aos criados que escondessem para mim — ela disse, como se acreditando que casamentos sólidos sempre comesçassem com bebida escondida. Talvez tivesse lido aquilo em algum livro.

Gê não sabia se deveria ficar impressionado ou incomodado com aquilo. De qualquer modo, tudo bem, ele concordava que era uma boa hora para tomar um trago... Mas então Jane despejou duas doses dentro do almofariz, tampou a garrafa de volta com a rolha e retornou o objeto para o canto escondido.

Gê fez questão de memorizar a exata localização daquela ripa na parede. Jane misturou a bebida com o pó que já tinha triturado e despejou tudo em um pote, fechando-o em seguida.

— Os camponeses só precisam deixar esse unguento curtir por oito dias, e depois ele vai ajudar a cicatrizar as feridas mais difíceis de fechar.

Gê assentiu, mesmo não entendendo nada do que ela tinha dito. Ambos tinham se vestido com suas roupas mais simples e tinham

os ombros envoltos pelos mantos mais mundanos que conseguiram arrumar, de modo a não parecerem nobres. Gê embrulhou os suprimentos em um pano e passou a trouxa por cima do ombro.

— Podemos...? — perguntou.

Jane acendeu uma lamparina e a levantou.

— Sim, podemos.

Não queriam perturbar a criadagem ou o cocheiro com detalhes do que fariam, o que tornava o ato levemente ilícito e talvez a coisa mais excitante que ambos já tinham feito na vida.

Gê contou apenas ao menino do estábulo o que estavam prestes a fazer, para que ele ajudasse a preparar um cavalo e uma charrete. Jane subiu a bordo de maneira nada feminina, o que fez Gê dar um sorriso, e então partiram.



Não havia guarda nem vigia que pudesse impedi-los de entrar na vila. Gê ia conduzindo o cavalo e a charrete bem para o centro da cidadezinha, onde luzes fracas brilhavam vindas das janelas da maior edificação. Quando finalmente pararam, os gemidos dos feridos chegaram aos ouvidos de ambos. Gê desceu do veículo.

— Espere aqui — disse a Jane.

Pelo jeito, “espere aqui” queria dizer “venha atrás de mim” para a moça, porque ela pulou da charrete logo que Gê deu o primeiro passo. Ele bateu na porta e, como ninguém veio atender, ele mesmo virou o ferrolho.

— Quem são vocês? — perguntou um homem de aparência cansada.

— Somos um casal que ouviu a respeito dos infortúnios recentes, e por isso trouxemos comida e suprimentos para ajudar com os feridos.

O homem estreitou os olhos com desconfiança. Jane deu um passo adiante, tomou a mão do homem gentilmente sobre a sua, virou a palma dele para cima e colocou um pedaço de pão.

— Senhor, tenho pão, carne seca e hidromel.

— Onde você conseguiu hidromel? — Gê olhou espantado para a esposa, que o ignorou.

— Por favor, permita que ajudemos.

Uma mulher corpulenta que estava cuidando da perna de um menino se aproximou.

— Ficaríamos gratos por isso, milady.

— Ah, não sou lady nenhuma — Jane respondeu, ainda que não tivesse como esconder seus modos elegantes e sua maneira de falar.

A mulher nem contestou.

— Deixa eles passarem, seu teimoso! — ela disse.

O homem mais velho saiu do caminho e observou enquanto Jane e Gê distribuía comida, linho, infusões e unguentos para as pessoas. Gê bem que tentou pegar a garrafa de hidromel, mas Jane disse que ficaria a cargo de distribuir aquela parte.

A mulher com quem se casara, ele concluiu em dois minutos, era uma pessoa magnífica. Não tinha medo algum de limpar sangue, e pacientemente ensinou os habitantes da vila a cobrir um ferimento da maneira certa e a preparar mais unguentos.

— Eu também gostaria de um pouco de carne — um senhor pediu a Gê.

— Fique quieto, por favor — Gê respondeu. — Estou observando a moça.

(Aquele era obviamente a primeira incursão de Gê no universo da ajuda aos necessitados, ou a qualquer outra pessoa que não fosse ele próprio, e ele não estava acostumado ao protocolo.)

— O senhor acha que ela já trabalhou como curandeira? — Gê perguntou.

— Eu sei lá. Ela é sua mulher! — disse o velho.

Jane olhou para cima de novo e percebeu o marido a observando. Sorriu e jogou para ele alguns retalhos de linho.

— Mãos à obra — ela disse.

Enquanto os dois faziam ataduras, limpavam machucados e lavavam, alimentavam e confortavam as pessoas, começaram a ouvir rumores queixosos — não a respeito deles, mas sobre o rei.

— A Alcateia só aumenta seu poder, mas o rei não faz nada.

— O rei anterior jamais deixaria chegar a esse ponto.

— O rei anterior era um leão. O atual é um camundongo.

Ao ouvir isso, Jane fez uma expressão profundamente ofendida, e Gê mais uma vez se perguntou qual seria a natureza dos sentimentos dela pelo rei. Os murmúrios continuaram.

— É tudo culpa daqueles malditos eðianos.

— Como poderíamos nos proteger, se eles conseguem se transformar em criaturas tão poderosas? Deveriam ser caçados e trancafiados, pela segurança do país.

Jane lançou a Gê uma expressão de preocupação. Ele sorriu de um modo que, assim esperava, fosse confortador, e jogou para ela mais bandagens limpas. Depois de umas duas horas, todas as feridas tinham sido tratadas, todos os cortes tinham sido lavados, limpos e tapados. Quando Jane e Gê estavam de saída, lábios agradecidos vieram beijar as mãos dos dois benfeitores anônimos.

Jane ainda não tinha recuperado o bom humor depois de ouvir aquelas lamúrias das pessoas com relação aos eðianos e ao rei, então Gê tentou animá-la, conversando sobre o que fariam se viessem a governar o país, e por fim Jane entrou na brincadeira. Logo estavam ambos enunciando decretos que baixariam se fossem os governantes da Inglaterra.

— Ninguém mais passará fome! — Jane disse.

— Remédios acessíveis a todos! Incluindo unguentos para a pele! E outros unguentos para outros lugares! — Gê disse.

— A força da lei para aqueles que se aproveitam dos mais fracos — Jane bradou.

— Uma fonte inesgotável de cerveja gratuita! — Gê anunciou, e Jane fez uma careta para ele. — E também... educação superior para todas as mulheres! — Gê emendou.

Aquilo pareceu satisfazer a moça pelo menos para o momento. Quando chegaram de volta em casa, Gê só tinha mais umas duas horas até virar cavalo outra vez. No quarto do casal, Jane pôs um travesseiro e um cobertor no chão ao lado da cama.

— Jane, não posso permitir que você durma no chão — Gê disse em tom galanteador.

Ela sorriu.

— O travesseiro e o cobertor são para o senhor, milorde.

— Ah. Claro...

Gê se sentou no chão duro de madeira, e Jane subiu na cama, apagando as velas enquanto puxava as cobertas para cima do corpo.

Nenhum dos dois disse mais uma palavra sequer. Mas ambos adormeceram ao som da respiração do outro.

CAPÍTULO DEZ

— ♠ —

Eduardo

Querido Eduardo,

Tentei visitá-lo esta manhã, mas quando cheguei ao palácio, fui informada de que você não receberia visitas. Devo confessar que fiquei surpresa e desapontada pelo fato de que você não receberia nem mesmo a mim, mas acredito que haja uma boa razão, e suspeito de que esse isolamento auto-imposto signifique que sua doença esteja cobrando um preço. Por isso,

sinto muitíssimo, meu primo, e gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para deixá-lo melhor.

Estou certa de que você deve estar se perguntando por qual razão fui vê-lo logo de manhã, poucas horas depois de meu casamento. Meu caro primo, o casamento é precisamente o tópico sobre o qual eu desejava tratar com você. Ou melhor, tinha de falar a respeito do meu novo marido.

Gifford é um cavalo.

Tenho certeza de que você já sabia disso, com suas menções

anteriores à “situação” dele e sua presunção de que eu a consideraria intrigante. O que não consigo conceber é uma razão pela qual você não me contou isso de antemão. Sempre contamos tudo um ao outro, não é verdade? Considero você meu confidente da mais alta confiança, e meu mais próximo e estimado amigo. Por que você omitiu esse detalhe tão importante? Não faz sentido para mim.

Mas mesmo nessa situação, pergunto-me agora, talvez você tenha tido uma boa razão.

Espero que possamos conversar mais sobre esse assunto quando eu retornar de minha lua de mel no campo.

*Com todo o meu amor,
Jane*

Eduardo soltou um suspiro. Com cuidado, dobrou a carta e a deixou no criado-mudo. Nos últimos três dias, ele tinha lido as palavras de Jane nada menos que umas cem vezes, e cada vez sentia como se ela estivesse sentada ao lado dele, provocando-o, é claro, mas ainda assim bem ali, ao lado.

Fechou os olhos e mentalmente começou a elaborar uma carta de resposta. Ficou mais ou menos assim:

Minha querida Jane,
Desculpe ter feito você se casar com um cavalo.
Seu sogro está tentando me matar. Mande ajuda.

Eduardo sabia, no entanto, que não deveria esperar ajuda alguma de Jane. Qualquer mensagem que viesse a escrever informando-a das atuais dificuldades ou alertando-a a respeito das intenções malévolas de Lorde Dudley para com ela e para com o reino seria certamente interceptada pelo duque. Mesmo que a mensagem de algum modo chegasse a sair do palácio, provavelmente cairia nas mãos de Gifford, e Eduardo só podia presumir que o marido de Jane estava em conluio com o pai.

Então era assim. O rei estava em apuros, ou, de um jeito mais próximo de como eles se expressariam naquela época, “tentava subir o velho riacho sem dispor do velho remo na velha canoa”.

Deu outro suspiro. Naquela noite em que Pet se revelou como uma moça humana, Eduardo e Peter Bannister (e também Pet, ainda que ela não tivesse sido de muita ajuda na estratégia, a pobre) tinham formulado um plano para tirar Eduardo do castelo. Era um plano até bom. Antes de mais nada, Eduardo tinha de parar de tomar o veneno. Depois, quando o veneno que já tinha sido ingerido sem querer fosse eliminado de seu organismo, assim que ele recuperasse um pouco de suas forças, quando pudesse ao menos sair para dar uma volta sem cair pelo caminho, ele exigiria ser levado aos jardins para tomar ar fresco. (Porque é um fato bem conhecido que ar fresco tem propriedades curativas mágicas.) Então, em uma dessas caminhadas fora do palácio, Peter Bannister apareceria com um cavalo e ajudaria Eduardo a montar. E assim Eduardo escaparia.

Todavia as coisas não estavam saindo lá muito de acordo com esse plano.

Nos últimos três dias, Eduardo não tinha comido nada que não tivesse passado por uma inspeção olfativa de Pet. E isso era complicado, porque, para conseguir uma inspeção olfativa de Pet, era necessário esperar até que não houvesse ninguém o rondando (o que, naqueles dias, estava cada vez mais difícil) e então abaixar o prato até o chão ao lado da cama (porque ele não permitia mais que Pet dormisse na cama com ele, porque, bom, isso não seria mais apropriado) e esperar que ela abanasse o rabo. Era o código para “nada de cheiro estranho aqui; sintase à vontade para engolir”.

No começo, o veneno só era oferecido uma vez por dia, no meio das frutas e demais itens feitos com elas, mas então a Sra. Penne percebeu que o rei tinha perdido o interesse por amoras, e o tal cheiro nefasto começou a infiltrar o resto da comida. E depois até o vinho.

Portanto, agora as refeições se reduziam a água e pedaços de pão e queijo que Peter Bannister às vezes conseguia escamotear para ele. Naquele ritmo, parecia que o rei poderia escolher entre morrer envenenado ou morrer de fome.

A palavra “faminto” já tinha tomado todo um novo significado para Eduardo. Ele percebeu que a maioria de seus sonhos agora se

centravam na visão dele próprio sentado a uma mesa repleta de tortas de carne, pernis de cordeiro assados e bacias e mais bacias cheias de amoras. Ah, como ele sentia falta das amoras...

Contudo, a despeito do fato de que nem uma gota de veneno tinha cruzado seus lábios em mais de três dias, Eduardo não estava ficando melhor. Mal conseguiu ficar de pé sozinho, muito menos caminhar, e precisava de ajuda até para alcançar o penico. A tosse não tinha cedido; na verdade, parecia ter ficado pior. Seu lenço estava agora mais rosado do que branco. Seus pensamentos ainda permaneciam nublados a maior parte do tempo. E Dudley começava a ficar desconfiado.

— O senhor precisa se alimentar, Majestade — aconselhava o duque ali mesmo naquele momento, enquanto a Sra. Penne oferecia um prato de canja de galinha que Eduardo rejeitava. Ao menos canja de galinha não o interessava tanto assim, mas até aquela coisa marrom e oleosa já estava fazendo sua boca salivar. Eduardo tentava a todo custo não sentir o cheiro da comida, pois poderia se ver dominado pela fome e acabar aceitando o prato e comendo tudo, fosse veneno ou não.

— Precisa ao menos tentar comer, senhor — Dudley insistiu.

Eduardo trincou os dentes enquanto tentava conter a raiva. — Por que preciso tentar? Esse prato de sopa vai evitar que eu morra?

— Não, senhor — Dudley apertava os lábios.

— Então pra quê? — Eduardo se ergueu na cama só um pouco. — Você já tem o precioso documento devidamente assinado, não tem? Não precisa mais de mim. Então, se eu vou morrer, vou fazer isso nos meus próprios termos.

Se aquilo tudo era um jogo político, ele acabara de perceber que estava mostrando suas cartas. Deveria ser mais cuidadoso, mas já não se importava mais. Estava cansado de se sentir fraco.

O duque ficou observando Eduardo com os olhos estreitados, como que estudando o rosto do rei. Então, em tom frio, disse:

— Como o senhor preferir —, e saiu do quarto de uma vez, apenas fechando a porta.

A Sra. Penne, ainda segurando o prato de canja, estalou a língua em sinal de desaprovação. Eduardo imaginou aquele corpo nada

esguio esticado no cavalete enquanto ele dava amoras envenenadas na boca da ama.

De sua posição ao lado da cama, Pet rosnou bem baixo. A Sra. Penne olhou feio para ela e saiu do quarto, levando consigo a sopa.

O estômago de Eduardo roncou. Ele grunhiu. Pet soltou um ligeiro ganido e lambeu sua mão. Ele já nem conseguia ter forças para acariciá-la. Pegou a carta de Jane e começou a lê-la mais uma vez.

— “Meu confidente” — ele murmurou para si mesmo. — “Meu mais próximo e estimado amigo”.

E se perguntou se algum dia a veria de novo.



Naquela tarde, as irmãs foram visitá-lo sem a interferência de Dudley ou da Sra. Penne ou de qualquer outro súdito.

Ele mal podia acreditar na sorte que dera. Tinha quase se esquecido de suas irmãs no meio de toda aquela confusão, mas ali estavam elas, Maria e Bess bem em seu quarto, cada uma com uma caixa, algum tipo de presente, e ambas evitando olhar para ele por não conseguirem encarar o quanto estava debilitado.

A ajuda enfim tinha chegado, ele pensou.

As irmãs, especialmente Maria, tinham boas conexões. O tio de Maria era o Imperador Romano, que Eduardo geralmente considerava como inimigo até certo ponto, mas tempos desesperados exigiam medidas desesperadas. Maria poderia reunir um exército para ele, ou pelo menos alguns soldados. Poderia até desmascarar Lorde Dudley, se a situação chegasse a esse ponto. E Bess era tremendamente esperta. Tinha estudado muitos livros sobre ervas e remédios, pelo que ele se lembrava. Talvez ela conseguisse um antídoto para o veneno.

— Estou muito feliz em vê-las — ele disse de um fôlego só, com um sorriso fraco.

— Ah, Duduzinho, estamos tão tristes por isso estar acontecendo com você. — Maria deixou sua caixa na mesinha de canto e foi se sentar na beirada da cama, de modo que Pet teve de chegar para o lado devido às saias volumosas.

Maria ignorou a cadela. Tomou a mão de Eduardo e se inclinou para ele. Seu hálito cheirava a vinho.

— Quero que você saiba que eu vou tomar conta da Inglaterra muito bem — ela disse com a voz mais alta do que deveria, como se estivesse fazendo um discurso para as massas. — Vou devolver ao nosso país sua antiga glória. Não haverá mais essas ideias reformistas blasfemas que nosso pai quis espalhar a fim de justificar seu estilo de vida pecaminoso. Vamos eliminar essa infestação eðiana, a começar por essa horrível Alcateia de que todo mundo está falando. Vou cuidar para que todos queimem na fogueira. Ficaremos livres das impurezas trazidas por nosso pai. Eu te juro.

Bem, Dudley estava certo a respeito daquela parte, Eduardo pensou. Maria realmente odiava os eðianos. Mas ele tinha problemas maiores a tratar naquele momento. Deu uma olhada em Bess, que o encarava, e então de volta para Maria.

— Escutem, vocês duas. — Ele inspirou profundamente. — Eu não tenho a Moléstia. Lorde Dudley está me envenenando aos poucos.

Maria soltou subitamente a mão de Eduardo.

— Dudu — ela disse em tom ameno. — Ninguém está tentando te prejudicar. Muito menos o Lorde Dudley.

— Não! — Ele pelejou para se sentar. — Ele está mesmo fazendo isso! Vocês têm de mandar prendê-lo!

Maria franziu as sobrancelhas.

— Dudu, meu querido. O duque vem sendo seu conselheiro fiel há tantos anos.

— Ele quer o país só para ele — Eduardo insistiu. — E me quer morto.

Fez-se um momento de silêncio pesado.

— Por que você acha que Lorde Dudley está tentando te envenenar, Eduardo? — Bess perguntou calmamente.

— Minha cachorra — ele disse já sem fôlego, exausto com o tom exaltado da conversa. — Minha cachorra consegue farejar o veneno nas amoras.

As duas se viraram para Pet, que estava sentada nas patas de trás, do outro lado da sala, e se levantou meio claudicante. Maria torceu o nariz em desgosto.

— Dudu, por favor... Não é hora para piadas.

— Não estou brincando — ele protestou. — Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Minha cachorra mesma pode confirmar isso. Não pode, Pet?

Ele olhou para Pet com olhos suplicantes. Ela apenas inclinou a cabeça para ele, incerta quanto ao que fazer.

— Vamos, Pet. Está tudo bem. Mostra para elas — ele implorou.

Todos ficaram olhando para o cachorro.

— Você acha que seu cachorro sabe falar? — Bess perguntou vagarosamente.

— Sabe. Ela é... — Ele estava para dizer “uma eðiana”, mas a palavra parou na ponta de sua língua. Maria tinha acabado de declarar o que queria fazer com os eðianos do país.

Pet soltou um leve ganido e se deitou no chão com os olhos preocupados. Maria balançou a cabeça.

— Eduardo — ela disse mais solenemente do que de costume. — Você não está bem. — Ficou de pé e foi até a mesinha onde tinha deixado sua caixa. Desfez o laço e a abriu. — Lorde Dudley o considera como um filho, sabia? E ele está muito infeliz com tudo o que está acontecendo com você.

Eduardo se recostou de novo, perplexo. Já não sabia mais o que poderia dizer para convencê-las.

— Ele disse que você não está comendo nada — Maria continuou, como se toda a explicação de Eduardo já tivesse sido esquecida. — Então eu te trouxe algo diferente.

Enfiou a mão dentro da caixa e retirou... um pudim de amora.

— Seu preferido — ela disse sorridente.

O doce aroma das amoras encheu as narinas de Eduardo. Seu estômago se revirou.

— Você não ouviu nada do que eu disse? — ele disse, decepcionado.

— Olha, Dudu, não se faça de difícil. — Maria tinha levado até mesmo a faca de prata e um prato de porcelana, e então cortou um pedaço bem substancial. Sentou-se ao lado dele e levou o garfo até sua boca.

— Só um bocadinho, Dudu — ela disse. — Por mim.

Eduardo olhou bem nos olhos dela, que brilhavam com uma determinação sombria, enquanto os dele se viam recobertos por um véu de lágrimas. Naquele momento entendeu a verdade. Maria também era parte daquele jogo.

— Seja bonzinho, Dudu. — Ela chegou o garfo mais adiante.

— Não me chame de Dudu — ele respondeu em voz baixa. Reuniu todas as suas forças e tentou pegar o garfo. Virou-o na direção contrária bem devagar, equilibrando o vacilante pedaço de pudim. Sua mão tremia e falseava, mas conseguiu levar as pontas até os lábios da irmã. — Você primeiro.

O coração de Eduardo agora ardia ao perceber aquela traição. Aquela era sua irmã. Era uma mulherzinha terrível, sem senso de humor, traidora, sedenta de sangue, solteirona e infeliz, vinte anos mais velha que ele, mas ainda era sua irmã. Sangue de seu próprio sangue.

Silêncio.

Maria ficou olhando para ele. Bess permanecia do outro lado da sala como se congelada e com uma expressão totalmente vazia no rosto. Maria deu um sorriso falso, tomou o garfo da mão de Eduardo e colocou-o de novo no prato.

— Eu não posso — ela disse por fim. — Estou de olho no meu peso.

— Olhando seu peso pra quê? — ele perguntou.

Os olhos dela se fecharam por um momento. Então, ela sorriu de novo, agora mais tensa.

— Ah, Eduardo... Sempre brincando, não é? — Maria se levantou e limpou migalhas imaginárias de sua saia. — Pelo menos a doença não levou seu senso de humor.

Ele teve vontade de lhe contar que tinha acabado de entregar o trono para Jane e ver se ela também acharia aquilo tão engraçado. Não conseguia imaginar que Maria estivesse mancomunada com Dudley se soubesse daquele detalhezinho em particular do plano do duque. Mas contar a Maria a respeito daquela revisão na linha sucessória só colocaria Jane em mais perigo. Então, ele disse outra coisa.

— O duque vai se voltar contra você também, sabe... Logo que ele acabar comigo.

— Você está muito confuso, irmão. Não está pensando com clareza. E eu sinto muito por isso. — Ela endireitou o corpo e tocou o ombro do irmão quase como se falasse com sinceridade. — Sinto muito mesmo.

Ele esperou que ela saísse antes de voltar sua atenção para Bess. Nunca tinha visto o rosto da irmã tão pálido e desalentado. As sardas até se sobressaíam no nariz dela. Ele se lembrou de quando ela era criança e o deixava contar suas sardas. Havia 22 na época, ele pensou.

— Você também acha que eu estou muito confuso, Bess?

Ela negou com a cabeça de forma quase imperceptível. Os olhos cinzentos tinham determinação e brilho; eram os olhos do pai deles, os mesmos do próprio Eduardo. Ela caminhou até a mesinha para também deixar seu presente, e então se inclinou sobre ele com um beijo no rosto.

— Acredito em você — ela sussurrou em seu ouvido. — Vou te ajudar. Confie em mim, Eduardo. — E, em voz mais alta, como se houvesse mais alguém no quarto: — Agora descanse, irmão.

Depois que Bess saiu, Eduardo abriu o presente. Era uma caixa menor que a de Maria, mas dentro ele encontrou um pote com damascos em calda de mel e uma garrafinha de água limpa.

“Confie em mim”, ela dissera.

No dia em que o pai deles morreu, Eduardo e Bess estavam sentados juntos quando receberam a notícia. Eduardo era só um menininho de 9 anos, e Elizabeth tinha 13, mas ambos perceberam naquele momento que tudo mudara. “O rei está morto. Vida longa ao rei”, anunciou o tio Seymour, o que significava que, a partir de então, Eduardo era o novo rei. Sentiu-se sobrepujado por tristeza e pânico, e começou a chorar.

— Não quero isso — ele dissera, tremendo dos pés à cabeça. — Não quero ser rei, Bess. Não sou como o papai. Não me obriguem a ser rei.

Elizabeth se virou para ele e beijou sua mão.

— Vai ficar tudo bem — ela sussurrou. — Confie em mim.

“Confie em mim.”

Eduardo comeu os damascos e bebeu a água sem nem pensar duas vezes. Se Bess também o estivesse envenenando, então ele pensou que morreria feliz ali mesmo. Quando acabou a refeição, sentiu-se renovado pela primeira vez em semanas, bem o suficiente até para se sentar e examinar o restante da caixa de Bess, onde encontrou um pedacinho de papel com a letra floreada dela. “Você está em perigo. Volto à noite.”

Então, apesar de todo o problema em que se encontrava, ele se sentiu melhor por um instante. Porque ainda havia alguém em quem podia confiar.



Acordou no meio da noite com Pet rosnando. Antes mesmo que se visse totalmente desperto, mãos fortes já estavam sobre ele, puxando seus braços vigorosamente. Homens encapuzados estavam ao seu redor. Alguém amarrou seus pulsos ao encosto da cama. Ele chutou e tentou se desvencilhar, mas sem resultado — não tinha forças para lutar, não tinha tónus algum.

Mas ainda tinha Pet. A cachorra pulou em cima dele já mostrando os dentes. Ele ouviu apenas um xingamento abafado, seguido de um som surdo e um ganido, como se um dos homens tivesse dado um safanão e jogado Pet para o lado. Então, ouviu o som de uma espada sendo desembainhada. Eles iriam matar Pet.

Eduardo parou de lutar.

— Espera! — gritou. — Eu me rendo. — E tossiu por um minuto. Não conseguia segurar o ar em seus pulmões debilitados. — Eu me rendo — falou, se engasgando de novo. — Não machuquem minha cachorra.

Pet deu outro ganido. Um dos homens pegou a cadela pelo pescoço e amarrou uma corda em torno dela. De súbito, ela pulou de novo e enfiou o focinho no ombro de Eduardo. Ele passou seu braço que ainda estava livre em torno dela e sussurrou naquela orelha longa e sedosa.

— Não se preocupe comigo, Pet. Encontre Jane. Conte a ela o que aconteceu.

Ela ganiu outra vez e o homem puxou a corda, jogando-a no chão, e a arrastou para fora do quarto.

A pulsação de Eduardo ressoava em seus ouvidos. Tossiu mais uma vez, agora no ar, visto que a mão antes livre estava sendo atada à cama. Um homem portando uma vela se aproximou. Boubou. Eduardo tentou reconhecer as outras figuras ao seu redor.

— Sinceramente — ele ainda conseguiu vociferar. — Você precisa mesmo de três homens armados para me subjugar? Eu já estou quase morto.

O homem que o estava amarrando deu um grunhido e apertou ainda mais a corda.

— Ah — Eduardo continuou com súbita clareza de pensamentos. — É porque você acha que eu vou me transformar em leão e devorar todos vocês, é isso?

Se ele ao menos pudesse...

Quando já se encontrava imobilizado, os homens se mesclaram às sombras e o deixaram sozinho com Boubou. O velho médico parecia cansado e mal-humorado, como se não tivesse o hábito de estar acordado àquela hora e isso o tivesse irritado. Ele abaixou a lamparina e pegou uma bolsa preta que levava às costas, da qual retirou um jogo de facas aparentemente muito bem afiadas.

Eduardo mal sentiu a dor quando o médico cortou seus braços e drenou parte de seu sangue em uma vasilha de metal. Já estava quase sem sentidos, à beira da sedutora inconsciência, quando a porta rangeu e, mesmo com as pálpebras semicerradas, Eduardo pensou ter visto o nariz de Lorde Dudley — o que, naquele estado meio delirante, achou hilário.

— Excelente — balbuciou. — Fico tão satisfeito de você se juntar a nós, John.

— Sempre tão petulante — respondeu o duque. — Rapaz tolo.

Agora, Boubou segurava um cálice junto à boca de Eduardo. Diferentemente do tônico que tinham dado a ele da vez anterior, antes de revisar seu testamento, esse de agora tinha um gosto tão doce que fez seus dentes doerem.

Gosto perverso, ele pensou.

Tentou não engolir, mas Boubou segurou sua cabeça inclinada para trás e continuava derramando o veneno pela garganta, sem descansar até que Eduardo fosse obrigado a engolir. O médico secou os lábios do rei com um guardanapo.

— Então vai ser assim — Eduardo fez toda a força do mundo para conseguir dizer. — Bravo, Boubou! Você acaba de cometer regicídio.

Os olhos de Boubou se estreitaram nos cantos. — Foi um prazer servi-lo, Majestade.

Eduardo riu. Estava flutuando para fora de seu próprio corpo. Boubou já desatava suas mãos, mas ele nem conseguia senti-las. Estava vagando entre a luz e as trevas. A última coisa a que conseguiu se atentar antes de apagar completamente foi ao som da porta se fechando e de uma chave trancando a fechadura.



Ouviu-se um som de arranhões. Uma vez, depois outra. Eduardo tomou um fôlego profundo, daqueles de encher os pulmões. Estava vivo. Mas *como* ele estaria vivo?

O barulho de arranhões veio de novo, ainda mais insistente.

— Pet? — chamou, sentindo a garganta raspando.

Em seguida, ouviu outro ruído mais nítido vindo da direção da porta. O miado de um gato. O que não fazia sentido algum.

Eduardo se sentou. Os ferimentos em seus braços, advindos da sangria de antes, agora latejavam, mas sua cabeça estava incrivelmente lúcida. Jogou de lado as cobertas e passou as pernas para o lado da cama. Estava testando se tinha forças.

Talvez conseguisse ficar de pé. Tentou. Cambaleou até a porta e tentou abri-la.

Trancada.

O miado veio de novo. Havia uma réstia de luz sob a porta.

Ele se inclinou e pousou a mão sobre o carvalho cru da porta para se firmar.

— Olá? — sussurrou.

— Eduardo — disse uma voz fraquinha e familiar do outro lado.

— Bess — ele falou também em tom baixo.

— Não posso ficar muito tempo — ela disse, tão baixo que ele mal pôde ouvi-la. — Eles vão voltar. Achem que você já está morto a essa altura, mas vão voltar para ter certeza. Querem dar a impressão de que você morreu por causa da Moléstia, mas se te encontrarem vivo agora, Eduardo...

— Me tira daqui.

— Não tenho como. Não tenho a chave. Você vai ter de pular a janela.

— Bess, são quinze metros de altura.

— Teria como escalar até lá embaixo — ela sugeriu. — Quando criança, você escalava muito bem. Nunca teve medo de altura.

Ele fez um som de escárnio. Pois é. Escalar até lá embaixo. Ainda assim, pé ante pé, com muito cuidado, andou até a janela e afastou as cortinas. Já era manhã e o sol começava a banhar as paredes do palácio. Lá embaixo, bem abaixo, o pátio se estendia até o rio. Havia vigias a postos em intervalos regulares. Nada bom.

— Bess? — ele murmurou.

— Estou aqui.

— Não dá para escalar. Tem de ter outro jeito.

Ela não respondeu. Eduardo se aproximou da porta mais uma vez e se apoiou nela. Sentia-se mais forte agora, mas ainda estava tão cansado que mal conseguia ficar de pé.

— Eu te dei um elixir junto dos damascos para combater o veneno, mas o efeito não vai durar muito — Bess sussurrou. — Você tem de sair daí, Eduardo. E depois vá para o norte. Para a casa da vovó em Helmsley. Ela tem como te ajudar. Vou com você, se eu puder.

— Como você sabia que eles viriam atrás de mim hoje à noite? — Os joelhos dele falseavam, mas ele lutava para se manter sobre os dois pés.

— Não dá tempo de explicar agora. Você precisa ir. Já!

— É, eu gostaria muito — ele respondeu. — Só tem um probleminha. No momento, estou preso em uma torre.

— Você vai ter de escalar... — Ela suspirou.

— Estou fraco demais. E é muito alto.

— ...ou então vai ter de se transformar. Vai ter de encontrar sua forma animal.

Ele teria soltado uma bela risada, mas estava chocado demais com as palavras da irmã para ter qualquer reação.

— Minha... forma animal? Você está dizendo que eu sou eðiano?

— Seu pai era um eðiano — ela disse sem rodeios.

— Sim, eu lembro. — Ele fechou o punho contra a porta. — Mas eu não sou meu pai.

— Sua mãe era eðiana também.

— Minha mãe? — ele segurou a respiração. Eduardo só tinha visto um retrato pintado dela, com pele muito clara e cabelos dourados, sorrindo um sorriso furtivo.

— Eu a vi se transformar uma vez — Bess continuou. — Era criança, mas nunca mais esqueci. Ela conseguia se transformar em passarinho, Eduardo. Um passarinho branco muito bonito.

Ele segurou uma tossida.

— Minha mãe...

— Está no seu sangue, meu irmão. Seus pais eram eðianos, os dois, então você também é.

Como ele queria que aquilo fosse verdade! Mas nunca tinha acontecido antes. Não importava o quanto ele tivesse se esforçado.

— Como você pode saber disso?

— Não dá tempo agora — ela disse com certa irritação. — Eles estão voltando. Faça isso, Eduardo. Procure dentro de você. Tenho de correr.

A luz sob a porta piscou de novo.

— Bess? — Eduardo sussurrou.

Sem resposta. Ele ouviu passos pesados vindos do pé da escada.

— Diabos! — resmungou para si mesmo.

Cambaleou mais uma vez em direção à janela. O céu estava todo rosado junto do horizonte, ficando mais claro a cada momento. Uma lufada de vento tocou o rosto de Eduardo, levantou seus cabelos e encheu seus pulmões doídos com ar fresco. Fechou os olhos. *Eu poderia me transformar*, pensou.

Não seria um leão. Lá no fundo, sabia disso. Sempre soubera disso

As passadas estavam mais próximas agora.

Ele teve um pensamento súbito. Correu tão rápido quanto pôde para a mesinha de canto, pegou uma pena e rabiscou uma mensagem atrás da carta de Jane.

Ela pensaria que ele estava morto. Talvez ele até estivesse.

Atrás dele, uma chave entrou na fechadura. Ele se voltou para a janela.

Desta vez, eles o matariam. Assegurariam a sua morte.

Precisava ir embora. Deixou seu robe de pele cair dos ombros para o chão. Pôs o pé no beiral da janela.

“Procure dentro de você”, era o que Bess tinha dito.

Eduardo fechou os olhos de novo. Pensou em todas as vezes em que ele e Jane tinham tentado se transformar e encontrar seu animal interior, e em como aquilo nunca tinha funcionado.

Imaginou sua mãe como um belo pássaro branco. Sua mãe, de quem não tinha qualquer lembrança. Mas talvez ela tivesse deixado aquele presente em seu sangue.

Talvez ele pudesse ser um pássaro.

A porta se abriu de uma vez, mas ele mal ouviu. Não viu Dudley irromper para dentro do aposento. Também não ouviu o grito do duque. Porque agora ele estava caindo.

E então estava voando.

E depois o vento o elevou no ar, sustentando suas asas, e ele deixou o palácio para trás.

CAPÍTULO ONZE



Jane

Jane estava sozinha. Ou, pelo menos, quando acordou de manhã depois daquela noite tão agitada com Gifford, não ouviu o som de ninguém respirando perto dela — fosse cavalo ou qualquer outro ser.

Deu uma olhada do lado da cama e encontrou os cobertores dele jogados. Ele devia ter se esgueirado para fora do quarto ainda mais cedo.

Ela se recostou nos travesseiros e fechou os olhos, pensando na aventura que ambos tinham vivido, na gratidão que tinham presenciado e nas risadas que tinham dado juntos. Gê a fizera rir. Ela o fizera rir. E aqueles comentários sarcásticos que vinham definindo a relação dos dois tinham agora uma característica quase amigável.

O ribombar ritmado de cascos veio lá de fora. O coração dela bateu mais forte em resposta, ansioso. A noite passada tinha sido tão... Ela ficou procurando a melhor palavra. Não era “mágica”. Nem “prazerosa”.

Satisfatória. Eles realmente tinham feito algo. Tinham ajudado aquelas pessoas. Mas agora havia luz lá fora, e Gifford era um cavalo outra vez. A magia da noite (talvez tivesse sido mesmo um pouquinho mágica, vá lá) tinha passado, queimada pelo calor do sol.

Jane rolou da cama e percebeu que suas bagagens tinham sido cuidadosamente desfeitas. Os vestidos estavam pendurados nos armários, perfeitamente arrumados. Por um momento, ela considerou chamar uma criada para ajudá-la a se vestir, mas mudou de ideia e escolheu um vestido bem simples para passar aquele dia. Quando já estava apresentável, pegou um livro — *A formação das*

montanhas e o equilíbrio encontrado nos vales: uma teoria da magia eðiana no mundo cotidiano — e um saquinho com guloseimas de café da manhã e foi lá para fora.

Gifford estava correndo pelo campo, jogando a cabeça para trás com a crina se agitando ao vento. Seu rabo estava hasteado e parecia escuro e reluzente naquela manhãzinha de verão. Quando em movimento, era uma criatura de grande beleza: as pernas se esticando para frente e para trás, carregando-o e levando-o pelas terras gramadas.

Quando Jane se aproximou de uma macieira de tronco bem grosso, Gifford mudou de direção e trotou rumo a ela, resfolegando. Ela se curvou para deixar o livro e a comida sobre uma raiz grande e protuberante logo ao lado, e, quando ficou de pé novamente, Gifford estava a poucos metros de distância, observando-a com seus olhos equinos muito negros.

— Bom dia! — Ela estendeu a mão e se aproximou.

Ele fungou, com seus bigodes macios na palma da mão dela, e permitiu que ela acariciasse sua bochecha macia e aveludada. Era mais fácil tocá-lo quando ele era um cavalo. Como cavalo, ele, primeiro, não daria respostinhas atrevidas, e segundo, parecia menos humano e menos intimidador. Isso fazia da preferência dela um tanto esquisita, claro, considerando que eram casados. Mas o fato de haver pelo menos uma preferência parecia um passo na direção certa.

— Tenho uma coisa para te falar.

Gê ficou de lado para que ela pudesse acariciá-lo entre as orelhas, e então balançou a cabeça ligeiramente como que a instruindo a coçar bem ali. Jane entendeu e assim o fez.

— Estava pensando naquele ataque eðiano de ontem à noite e nas suas ações. Ou melhor, naquilo que percebi como suas inações.

Gifford virou a cabeça de lado para que ela coçasse a base de sua orelha. Será que ele ao menos estava ouvindo alguma coisa? Será que conseguia ouvir, quando estava naquela forma? Na verdade, aquilo deixava a conversa mais fácil.

— Quando vi aquelas pessoas em apuros, quis ajudar. Mas não tinha ideia do que poderia fazer. Não conseguiria lutar contra a

Alcateia. Não poderia ter salvado a vaca. E, se eu chegasse parecendo toda nobre, como você diria, eles poderiam ficar ofendidos. Eu nem tinha considerado essa possibilidade, mas você considerou. Pensei que você estava tentando me impedir de tomar uma atitude, mas a verdade é que você estava me protegendo de mim mesma. Você me impediu de escalar aquelas pedras que eu nunca deveria ter pensado em escalar, e depois me impediu de confrontar os edianos que eu nunca conseguiria deter.

Gifford nem parecia estar ouvindo. Terminada a sessão de coçar orelha, vagou em direção às comidas que ela levava e começou a fuçar dentro do saquinho. Jane suspirou.

— O que estou tentando dizer é que eu agradeço o que você fez, mas não ache que vou dizer isso tudo de novo. Espero que você esteja prestando atenção.

O garanhão resfolegou triunfante enquanto puxava uma maçã da sacola e segurava o fruto tão vermelho entre os dentes. Jogou-o no ar, pegou-o em uma mordida mais forte e o engoliu inteiro em segundos.

— Eu ia comer isso, sabia? — ela disse, não que Gifford sequer se importasse em parecer envergonhado. Ela o tocou para longe. — Vai lá correr, vai. — E se sentou ao pé da árvore cheia de raízes para ler e tomar seu café da manhã. Em vez de ir, Gifford se abaixou e se acomodou ao lado dela com as pernas dianteiras dobradas para o lado. Ficou observando enquanto ela arrumava o livro entre os joelhos e começava a ler, cuidadosamente mantendo as migalhas longe das páginas.

Já se encontrava na metade de *A formação das montanhas e o equilíbrio encontrado nos vales: uma teoria da magia ediana no mundo cotidiano*, quando Gifford mordiscou a beirada da página que ela estava para virar.

— Nada de mastigar os livros — ela o lembrou, e ofereceu outra maçã, que ele prontamente tragou outra vez. Quando Jane abaixou o rosto para recomeçar a ler, Gê empurrou o volume com o focinho e ficou olhando para ela. Ela levantou o olhar. — O que você quer? Use palavras...

Ele piscou e cutucou o livro outra vez.

— Você quer que... eu leia para você?

Ele cutucou mais uma vez. O peito dela se aqueceu todo.

— Tudo bem. Mas presta atenção, hein? Não vou reler nada que você perder.

Gê balançou as orelhas para trás ao ouvir um pássaro gritar lá do outro lado do campo, mas focou nela novamente assim que começou a ler em voz alta. Depois de um tempo, ele abaixou o queixo sobre uma raiz perto dela. Enquanto Jane segurava as páginas com uma das mãos, pousou a outra sobre o focinho dele e pôs-se a acariciar vez por outra o pelo sedoso.



Alguns dias se passaram nessa toada, com Jane lendo para Gifford enquanto o sol estava no céu e ambos distribuindo comida e remédios nos vilarejos próximos à noite. Se a criadagem percebeu que o jovem lorde e sua lady estavam acabando com todo o estoque rápido demais, ninguém reclamou.

Na sala de estar, Jane terminou de ler as últimas páginas de *Joias do mundo: maravilhas feitas pelo homem e como foram construídas* assim que o sol tocou o horizonte. Ela assistiu a todo aquele laranja e vermelho fustigarem o céu, brilhando nas enormes janelas. Lá fora, Gifford-cavalo parou de correr assim que percebeu que suas cores se esvaíam, e então a silhueta de um cavalo se tornou a silhueta de um homem. Quando retomou sua humanidade, entrou para o jantar, que também era seu café da manhã.

A ansiedade corroía lá no fundo o estômago de Jane. Deixou o livro na prateleira e correu pela sala acendendo velas por alguns minutos, tentando parecer ocupada.

O crepúsculo já se aprofundava em noite quando a última porta se abriu e Gifford entrou, vestindo as roupas que ela tinha deixado para ele. Os cabelos estavam penteados e atados em um rabo de cavalo como de costume, e havia o tradicional ar animado em sua maneira de andar, como se passar o dia todo correndo não o tivesse afetado em nada.

— Boa noite, milady. Quantos livros você leu hoje? Alguma coisa sobre cavalos?

— Tem feno no seu cabelo.

Gê passou a mão de leve sobre os cabelos antes de perceber que Jane sorria.

— Nada de piadas de cavalos.

— Nunca! Mas eu tenho de perguntar: você não acha que é burrice ficar lá fora só com essas roupas?

Gifford soltou um ronco de escárnio e fechou a porta atrás de si.

— E você está tão vermelha. Espero que não esteja ardendo depois de todo aquele sol.

— Se eu não passasse todos os dias lendo para um cavalo que só consegue pensar nas maçãs que eu pego...

— Mas eu nunca pedi que você subisse naquela árvore para apanhar mais maçãs. E, já que a gente entrou nesse assunto, eu sou um cavalo, não um banquinho.

— Vai fazer uma regra a respeito disso também?

— E correr o risco de você aparecer com mais uma regra de livros? Não, acho que não. — Ele se aproximou dela, ainda checando disfarçadamente os cabelos em busca de feno. — Milady, há algo sobre o qual preciso conversar.

O tom de sua voz mudou quando disse isso, com aquele ar usualmente galhofeiro se tornando mais sério. Era o mesmo tom que ele antes usara quando precisou descrever seus sentimentos a respeito de como era ser um eðiano e como ele acreditava que “os pesos deveriam ser equilibrados na direção de mais igualdade” para eðianos e verdádicos.

— Muito bem. — É bem verdade que ele nunca estivera tão lindo quanto naquele discurso que fizera aquela noite. Foi a primeira vez que ela pensou que poderia haver mais naquela cabeça, além de mulheres, cerveja e o vento em sua crina.

— Não estava certo se deveria te contar... — Ele fechou os olhos e virou o rosto para o lado oposto ao da vela que Jane acabava de acender. — Por algum tempo, pareceu que seria mais fácil para você presumir que não tenho capacidade suficiente para compreender o que você diz, mas então dediquei um bom tempo a refletir sobre esse assunto e decidi que queria que você soubesse.

Jane olhou bem para ele.

— No outro dia, quando você foi até o campo e me disse que estava agradecida pelo que eu fiz durante aquele ataque eđiano, eu estava atento. E entendi bem.

Então quer dizer que ele tinha adotado aquele comportamento equino apenas para deixá-la mais à vontade. Era algo inesperadamente gentil da parte dele.

— Mas eu também gostaria que você soubesse que o que você tentou fazer... Aquilo foi muito digno, ainda que tão imprudente. Eu já vinha há muito estudando o comportamento da Alcateia e nem pensei em fazer nada, uma vez que já decidira que não havia nada que eu pudesse fazer. E mesmo que eu nunca vá me arrepender por tê-la impedido de ser tão tolamente corajosa naquela noite, me arrependo de não ter eu mesmo tentado fazer algo.

Jane não disse nada. As palavras eram bonitas, mas aquele era um homem acostumado a cortejar mulheres. Tinha experiência em apelar para o lado certo de cada uma a fim de levá-las para a cama. Casada com ele ou não, recusava-se a ser tão facilmente manipulada. Precisava de mais provas.

Os olhos de Gifford ainda estavam fechados, e seu rosto continuava encoberto por sombras. Jane o tocou no queixo e o virou até que olhasse para ela. Sua expressão era séria e sincera.

— Por mais que me doa que você agora venha a conhecer mais uma de minhas imperfeições — ele continuou —, eu gostaria que você soubesse que ouvi cada uma das palavras que você disse aquele dia, e cada uma das que vem dizendo até hoje. Ficar sentado ao seu lado sob aquela árvore e te ouvir ler se tornou uma das melhores partes dos meus dias.

— Só não é melhor que comer as maçãs?

A tensão nos ombros dele se desfez. — Eu sei que há muito mais em você além das maçãs.

Jane corou e disse:

— Compartilhar meus livros com você também se tornou uma das melhores partes dos meus dias.

O olhar de Gê estava fixo nela, e, ainda que ambos estivessem bem próximos, nenhum dos dois se moveu. Será que ele a beijaria? Uma parte dela esperava que sim. Talvez uma parte até grande. Ou

múltiplas partes: o frio na barriga, o coração palpitante, os lábios que se lembravam do sopro leve daquele beijo no casamento. Não houvera qualquer intenção de ser amável naquele momento, apenas rápido, mas aquilo agora representava uma prova de que ele era capaz de demonstrar ternura.

— Gê... — Ela se inclinou para o lado dele.

— Milady? — Ele a tocou no braço, mas, se ficou surpreso por ela usar aquela forma preferida de se referir a ele, não deixou transparecer. Havia uma ponta de esperança na maneira como disse em seguida: — Jane?

Uma batida na porta surpreendeu ambos, e uma criada entrou sem pedir permissão. Jane e Gê se assustaram e se distanciaram no mesmo momento, como se tivessem sido pegos em alguma posição comprometedor. O que de fato tinha acontecido, ou quase, mas eles eram casados mesmo, então não tinha problema.

O coração de Jane pulava e ela não conseguia recuperar o fôlego, ao passo que a recuperação de Gê foi bem mais tranquila. Talvez estivesse acostumado a ser pego naquele tipo de situação — ou ainda pior.

— Pois não? — Gifford respondeu em voz áspera; talvez não tivesse se recomposto tão bem quanto aparentava. — O que significa essa intromissão?

A criada saiu do caminho para dar lugar a dois brutamontes em uniformes da guarda real.

— Lady Jane deve retornar a Londres imediatamente. — Aquele era o vigia monocelha, o mesmo que a impedira de ver Eduardo no dia em que tinha deixado Londres.

Jane ficou gelada de susto. Boas notícias nunca chegavam àquela hora da noite.

— O que aconteceu?

— Não temos permissão para dizer nada mais, milady, mas a senhora deve vir conosco. Seus pertences seguirão também. Uma carruagem está à espera.

— Talvez vocês devam dizer a ela o que desejam antes de tudo — Gê interveio, aproximando-se de Jane. — Não há qualquer necessidade de mantê-la nesse suspense.

— Sinto muito, mas temos ordens de não fazer nada além de conduzir Lady Jane até a Torre de Londres.

— Ordens de quem? — Gê insistiu.

— Do seu pai, senhor. — O guarda se virou para a criada. — Arrume os pertences dela e despache tudo ainda hoje. Assegure-se de que milorde e milady tenham algo para comer durante a viagem.

A mente de Jane se revirava em dúvida enquanto os guardas seguiam dando ordens e ela era praticamente levada da casa. Por que precisavam dela na Torre? Será que Eduardo estava lá? Será que ele os teria enviado? Teria sua doença piorado?

Antes que desse por si, já estava com tudo empacotado e pronto na carruagem, com um livro devidamente posto em suas mãos. Gê se sentou ao lado, murmurando alguma coisa que provavelmente deveria ser reconfortante, mas tudo em que Jane conseguia pensar era em Eduardo: em como ele estava pálido no casamento, em como seus olhos estavam fundos e até em como ele tinha deixado de usar as indumentárias apropriadas a um rei no dia a dia.

O guarda monocelha se sentou na carruagem com Jane — só ele parecia saber falar alguma coisa, muito embora nada que dissesse fosse particularmente útil em diminuir a ansiedade da moça. Somente quando o veículo entrou em movimento é que Jane notou o resto dos guardas: eram quase vinte homens a cavalo, que seguiam ao lado dela e de Gifford na estrada. Estavam todos armados com espadas, e todos ostentavam o brasão dos Dudleys.

— Por favor — ela tentou de novo. — Qual é a razão disso tudo?

— A senhora descobrirá assim que chegarmos.

O homem era uma fortaleza inescrutável. Jane olhou para Gê com o canto do olho. Sua mandíbula estava tensa e ele tamborilava os dedos nas pernas. Seria culpa ou apreensão?

Gifford não poderia ter antecipado aquilo, não é? A não ser que tivesse planejado alguma coisa com o pai bem antes. Mas com que propósito? Mesmo que o velho Lorde Dudley não parecesse gostar muito de Jane, não haveria benefício nenhum em interromper a lua de mel.

Talvez estivesse desconfiada simplesmente porque não gostava do seu nariz. E suspeitaria de Gê justamente porque *gostava* do

nariz dele.

Talvez Eduardo tivesse se recuperado e quisesse falar com ela diretamente sobre a carta. Talvez a estivesse convocando para se desculpar. Só porque ninguém jamais tinha se recuperado da Moléstia, isso não significava que Eduardo não pudesse ser o primeiro a fazê-lo.

Jane abaixou os olhos para o livro em suas mãos. *Cavalos famosos da Inglaterra no século XIV*.

— Achei que você ia precisar de um livro — Gê disse. — E esse estava no alto da pilha.

— Obrigada. — Mas aquelas palavras saíram automaticamente, e Jane passou quase todo o resto da viagem olhando pela janela enquanto um nó de preocupação se formava em seu estômago.

Já era tarde quando chegaram às cercanias de Londres, de modo que uma certa calma era esperada, posto que a maioria da cidade estava adormecida. Naquela noite, porém, fosse por causa de sua misteriosa convocação ou porque realmente havia alguma coisa diferente com a cidade, o que encontraram foi uma quase paralisia completa nas ruas. Como se tudo fosse uma pintura. Até o vento tinha parado.

A carruagem ia fazendo um ruído excepcionalmente alto pela estrada. Algumas pessoas até apareceram à porta, querendo saber do que se tratava. A Torre de Londres também sofria da mesma estagnação quando chegaram. Aquela sensação de respiração presa.

(Gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para ressaltar que, apesar do nome, a Torre de Londres é na verdade um castelo com várias torres. Tem a Torre Branca, a Torre Sangrenta, a Torre Flint... Tudo bem impressionante, aliás.)

Algumas razões poderiam explicar por que Jane estava sendo levada à Torre no meio da noite, mas nenhuma delas significava algo bom.

— Tudo isso é muito sinistro — Gê falou baixo quando a carruagem diminuiu o ritmo até parar para que o primeiro rastrilho fosse levantado. Um dos cavalos relinchou e balançou a cabeça. — Meu amigo lá na frente concorda.

Começaram a andar de novo, cruzando a ponte sobre o fosso. Um fedor indescritível vinha das águas, mas Jane não se importou e nem se deu ao trabalho de tapar o nariz, ou de contar a Gifford a impressionante — ainda que nojenta — história do fosso da Torre de Londres. Quando o segundo rastrilho foi erguido, eles foram levados até o pátio externo, depois sob outro rastrilho (havia ali um bocado de rastrilhos, conforme Jane anotou lá no fundo de sua mente), e dali até a majestosa Torre Branca.

A carruagem parou junto à porta. Jane olhou ao longo da Torre Verde, em direção à capela. Tochas queimavam nas paredes, mas não havia qualquer movimentação a não ser o farfalhar de asas de pássaros.

— Por favor, só me diga para que tudo isso — ela pediu.

Mas o guarda apenas pegou seu livro e o deixou sobre o assento. Ela foi rapidamente conduzida a um grande salão onde uma multidão de conselheiros esperava. Muito embora todos tenham se virado para olhar quando ela entrou, flanqueada pelo marido e um destacamento de guardas, ninguém disse uma palavra. Jane olhou para o trono de Eduardo, mas seu primo não estava lá.

— O que significa tudo isso? — perguntou de novo. — Por que me trouxeram aqui? Onde está Eduardo?

Lorde Dudley tomou a frente, seu nariz apontado para ela como uma flecha.

— Lady Jane. Fico aliviado com seu pronto retorno.

Como se ela tivesse tido alguma escolha...

— Tenho notícias.

Obviamente. Jane olhou para Gê, cuja expressão tinha se tornado impassível à visão do pai.

— Por favor — Jane insistiu. — Apenas me diga o que tudo isso significa.

A voz de Lorde Dudley tinha um tom sombrio, mas ressoou por todo o salão do trono como um gongo.

— O Rei Eduardo VI está morto. Vida longa à Rainha Jane.

CAPÍTULO DOZE



Gifford

As palavras “Rainha Jane” ficaram ecoando nos ouvidos de Gê, mas um problema mais urgente naquele momento era a súbita e extrema palidez do rosto de sua esposa. Ele sentiu aquela familiar urgência de protegê-la, a mesma que tinha se manifestado durante o ataque da Alcateia.

— Eduardo está morto? — Jane disse com a voz quase inaudível.

Ah, tem isso, Gê pensou. A morte do rei é que deveria ser o problema mais importante. Apenas o fato de que Jane tinha um relacionamento íntimo com o rei impediu Gê de perguntar: “Sim, milady, mas você ouviu a segunda parte? Sobre aquela coisa de agora você ser rainha?”.

Lorde Dudley assentiu solenemente ao responder:

— Ele sucumbiu à Moléstia esta manhã.

O olhar de Jane se perdeu totalmente. Ficou fitando o nada por um longo momento. Gê fez menção de se dirigir a ela, então recuou, sem saber o que fazer. Será que iria desmaiar? Ou considerava aquilo clichê demais numa situação daquelas? Desesperado para consolá-la, quase considerou gritar: “Rápido! Alguém arrume um livro para ela! Qualquer livro!”. Mas não tinha certeza se, naquela hora, ela era a Jane teimosa que dizia “tenho criados para cuidar disso” ou a Jane que ele quase beijara mais cedo naquele mesmo dia, e ele não queria se ver humilhado na corte por ter suas tentativas de ajuda rechaçadas em público. Especialmente se ela agora seria rainha.

Um foco de movimentação se formou em um canto do salão do trono quando a mãe de Jane apareceu.

— Minha querida Jane — ela disse, dirigindo-se com agilidade até a filha e tomando-a nos braços. — Sinto tanto por seu querido amigo e primo, o rei.

Ela falou mais alto que o necessário, mas Gê suspeitou de que ela quisesse mesmo que todo mundo ouvisse. Jane retribuiu o abraço sem qualquer entusiasmo, e então de súbito pareceu perceber que aquele salão estava lotado de pessoas, todas olhando para ela.

— Acho que eu gostaria de pedir licença um minuto — ela disse, também um pouco mais alto do que o necessário e para ninguém em particular. — Tenho certeza de que todos os presentes também precisam de um tempo para manifestar seu luto.

Gê olhou para Lorde Dudley, que pareceu surpreso com a declaração de Jane.

— Hã... eu... sinto muito, milady, mas a senhora precisa estar presente para a coroação — interveio o duque.

— Ah — Jane disse. — O novo rei precisa ser coroado imediatamente?

Lorde Dudley fez uma careta de dúvida.

— Não. A nova rainha.

— Ah — ela disse outra vez. — A Princesa Maria?

— Não. É a senhora, milady. — Lorde Dudley fez uma mesura para ela.

Jane se virou para a esquerda, depois para a direita, parecendo que queria entender a quem o nobre estava se referindo. E então a percepção do momento se manifestou em seu rosto. Sua boca se abriu por um momento.

— Mas... mas... Eu nem quero ser rainha. Não é meu direito. Maria é a herdeira legítima.

Um cavaleiro deu um passo adiante e desenrolou um pergaminho.

— Por decreto real de Sua Majestade, o Rei Eduardo. Revisão na Linha Sucessória. “Na eventualidade de minha morte, entrego meu reino, títulos e poder cabíveis a Lady Jane Grey e seus herdeiros varões que vierem a nascer.”

— Posso ter o prazer de escoltá-la até o trono para que comecemos a coroação? — Lorde Dudley ergueu o cotovelo.

— Rápido assim? — ela perguntou, dando um passo para trás.

— Precisamos de uma rainha. E agora mesmo, milady — respondeu Lorde Dudley.

A mãe de Jane fez uma mesura prolongada. Gê percebeu, pela expressão desconcertada de Jane, que aquele gesto de apoio era o mais absurdo que ela poderia imaginar receber naquele momento. As sobrancelhas dela se juntaram, as mãos continuaram impassíveis ao lado do corpo e ela lançou um olhar de quem pedia ajuda a Gê. Ele teve certeza de que, se ela pudesse, se transformaria ali mesmo em um touro, irromperia num estouro solitário para fora do castelo e nunca olharia para trás.

“Cavalo”, ele pôde ler nos lábios dela. Gifford então se deu conta de que Jane estava pedindo que ele se transformasse em cavalo e a levasse para longe dali. Gê desejou que tivesse a habilidade de controlar sua magia para ajudá-la.

Ali estava sua lady, cada fio de cabelo tremendo sob os olhares pesados de todos os membros da corte. Aquela era a mesma Jane de brilhantes cabelos ruivos e rosto radiante. A mesma que nunca fingia que estava tudo sob controle. Aquela que estava acostumada a ter um livro a encarando de volta, mas não uma pessoa. Não um salão lotado de pessoas. A mesma que, ao perceber o quão formidável seria a tarefa de governar um país, nunca avançaria na chance de abocanhar a coroa. Aquela era a sua lady. Sua esposa. E ele cuidaria dela.

Gê deu um passo à frente, tomou a mão dela e a pousou sobre seu braço. Ambos ficaram ali, nariz a nariz, por um longo momento, com o murmúrio do salão diminuindo a um quase silêncio.

— Você consegue — Gê sussurrou.

— Não consigo. — A voz dela estava em frangalhos.

— Muito bem. — Ele deu de ombros. — Então você vai dizer a todos um “muito obrigada pela oferta tão generosa de governar o país, mas não, obrigada. Não tenho qualquer vontade de honrar o desejo de meu primo, o rei, em seu último pedido. Agora, onde foi que eu deixei meus malditos livros”?

Jane deixou escapar o mais tímido de todos os sorrisos.

— É mais ou menos isso mesmo!

— Ou então, talvez, como alternativa ou meramente uma sugestão — Gê correu os dedos gentilmente até os nós dos dedos dela —, você poderia aceitar o trono e fazer exatamente o que disse que faria se algum dia governasse o país.

Jane finalmente ergueu o olhar. Ele tomou o rosto dela em suas mãos.

— Lembra-se das pessoas que ajudamos? Agora você poderia ajudar um reino inteiro, dando desde uma nova perspectiva aos mais nobres até ajuda e esperança aos camponeses mais simples. Podemos ajudar a todos, juntos. Vou estar bem do seu lado. Exceto quando... eu tiver de estar lá fora, você sabe. Mas vou estar com você, Jane.

— Será que é possível? — Jane disse. — É possível a gente ajudar os outros e governar ao mesmo tempo?

Gê olhou para ela com eterno otimismo.

— E não vamos nos esquecer da fonte gratuita de cerveja sem fim.

Jane jogou os braços em volta de Gê, surpreendendo não apenas a ele mesmo como a todos os presentes. As senhoras mais conservadoras no salão ergueram seus lenços bordados até as bochechas coradas. Os criados que testemunharam a cena se entreolharam como se dissessem: “Com uma lady tão pra frente assim, não é de se espantar que havia roupas rasgadas no quarto de núpcias”.

Lorde Dudley, por sua vez, ficou orgulhoso como se o casal estivesse produzindo um herdeiro varão ali mesmo na frente de todos.

Um arrepio percorreu a espinha de Gê quando ele viu o sorriso do pai. Seu pai nunca sorria. O que fez Gê se perguntar o que o duque estaria tramando.



Lorde Dudley conduziu Jane até o trono, mas ela não soltou a mão de Gê nem um segundo. Na verdade, apertou seus dedos até que ele se encolhesse um pouco, aumentando a pressão aos poucos à medida que o Arcebispo de Canterbury foi baixando a

coroa até a cabeça dela. Jane soltou a mão do marido apenas quando teve de aceitar o cetro e a orbe, os símbolos restantes da monarquia.

A mão que aceitou a orbe tremeu bastante, e os olhos de Jane se estreitaram de um jeito que Gê pensou que ela poderia jogar a bola no narigão de águia de Lorde Dudley. Até ele tinha de admitir que o alvo era bem tentador. Mas ela se conteve e recolocou a orbe e o cetro de volta na almofada onde eles repousavam.

— Vida longa à Rainha Jane! — Lorde Dudley anunciou.

— Vida longa à rainha! — festejaram os outros membros da corte.

E então acabou. Simples assim. Horas antes, estavam sozinhos em sua casa de campo, possivelmente prestes a se beijar, e agora Jane era a rainha. Muito embora Gê tenha faltado em seus últimos anos na corte e, por conseguinte, a qualquer mudança no protocolo de tratamento à realeza, ele se lembrava distintamente da coroação do Rei Eduardo. Foram três dias de celebrações só para antecipar o evento, e a própria coroação durou horas. Além disso, tinha acontecido na opulenta Catedral de Westminster, não em uma sala do trono bem menos formal como aquela. O Rei Eduardo tinha só 9 anos naquela época e mal parecia capaz de ficar de pé sob o peso da coroa e do manto real.

Mas a coroação de Jane tinha durado dez minutos. Não houve celebrações nas ruas para receber bem a nova rainha. Nada da pompa e do esplendor que deveriam acompanhar uma coroação. Mesmo depois, quando Gê deu uma olhada geral em torno do salão, as expressões nos rostos de todos variavam entre sorrisos forçados e olhares de preocupação, a não ser pela mãe da rainha e do próprio pai de Gê, estranhamente radiante.

Lorde Dudley estava ao lado do trono, assumindo uma posição de poder um tanto ou quanto prematuramente, segundo a avaliação de Gê. Uma fila tinha se formado para saudar a rainha e jurar lealdade, mas Gê não estava atento àquelas pessoas. Em vez disso, sua atenção se voltou para uma movimentação na entrada. Um mensageiro tinha chegado à sala — com muito cuidado, como faziam todos os mensageiros depois do reinado do rei-leão.

Quando Lorde Dudley o viu, casualmente desceu de sua posição ao lado do trono e foi ter com o rapaz, que lhe entregou um envelope selado. Gê inclinou a cabeça para tentar ver melhor para além de uma dama de companhia particularmente corpulenta. Dudley rompeu o selo, mas não antes que Gê percebesse a estampa real na cera vermelha que selava a carta.

Enquanto o duque lia o pergaminho, foi franzindo a testa mais e mais. Dobrou o papel de volta, enfiou no bolso e saiu apressado. Ninguém mais notou aquela transação. A atmosfera antes incerta em torno de Jane tinha se tornado franca excitação pela nova Rainha da Inglaterra. Gê se inclinou e sussurrou no ouvido de Jane:

— Vossa Majestade.

Ela piscou os olhos em desaprovação.

— Não se atreva a me chamar de “Majestade”.

— Milady — ele sorriu —, me dê licença por um minuto.

A preocupação tomou os olhos de Jane, mas ela assentiu.

— Não demore.

Gê rapidamente e de maneira discreta seguiu seu pai até um canto mais distante do salão. Lorde Dudley puxou seu mais confiável conselheiro até uma alcova. Tirou o envelope do bolso e lhe entregou. O conselheiro leu o conteúdo, também franziu a testa e abaixou a mão que segurava o papel.

— É como eu temia — disse Lorde Dudley. — A despeito de nossos melhores esforços, a notícia da ascensão de Jane chegou aos ouvidos de Maria antes que nossos homens pudessem capturá-la. Alguém deve ter enviado um alerta antes.

Gê se abaixou ainda mais atrás de uma pilastra.

— E onde ela está? — o conselheiro perguntou.

— Eles não sabem. Muito provavelmente fugiu para Kenninghall, mas o mais importante é que ela se recusa a aceitar Jane como legítima rainha.

Gê sentiu o coração bater por cima das costelas quando ouviu isso. Mas o que seu pai diria em seguida seria ainda mais assustador.

— Encontre-a. Prenda-a. Faça isso até o cair da noite de amanhã. Se falharmos, Maria poderá conquistar apoio de nosso exército. Se

isso acontecer, perderemos o trono.

A pele de Gê ficou fria quando o conselheiro sumiu por uma porta, presumivelmente a fim de executar as ordens de Lorde Dudley. Como Maria não ficara sabendo daquela revisão na linha sucessória? Talvez o rei não tivesse ido longe a ponto de consultar suas irmãs, mas certamente teria ao menos comunicado aquele desejo antes de sua morte. Não teria?

Gê continuou observando o pai, que puxou para baixo as bainhas de seu paletó e endireitou as costas, tudo isso enquanto mudava de rosto, de uma expressão tensa para outra bem ensaiada de otimismo e decoro. Gê seguiu atrás dele.

— Pai — chamou.

Lorde Dudley se assustou, mas se recuperou prontamente.

— Gifford, você deveria estar ao lado da rainha.

— Pai, eu vi o mensageiro.

— Ah, aquilo não foi nada. — O duque fez um gesto de pouco-caso. — Só um probleminha ligado aos seus novos aposentos. Há tantas coisas a serem arranjadas.

Gê inspirou profundamente, hesitante em revelar que estava ouvindo a conversa. Mas ele tinha de saber mais.

— Ouvi o que o senhor falou com seu conselheiro. Sobre Maria.

Lorde Dudley pegou Gifford firme pelo braço e o puxou para trás de um dos estandartes pendurados no teto.

— Tenha muito cuidado, filho. Não fale de certas coisas. Não são assunto seu.

— Se são uma ameaça à minha esposa, então são sim assunto meu — Gê disse, tentando não levantar a voz.

— Pois eu discordo. Uma rainha e seu consorte não precisam ser informados de cada detalhe de como o reino é conduzido. É assim que mantenho o meu emprego.

— De “cada detalhe”? Mas eu o ouvi falando que... — Gê falou um pouco alto demais e seu pai o cortou com um olhar de censura. — Eu o ouvi falando — Gê continuou mais calmamente — que o senhor... que nós perderíamos o trono caso Maria não fosse capturada.

O duque pousou a mão pesada no ombro do filho e ergueu o nariz ao respirar profundamente. Gê ficou surpreso com o fato de ele não inalar metade da corte naquele gesto.

— Filho, vou explicar isso uma única vez. Sua esposa é a rainha. O falecido Rei Eduardo foi quem providenciou essa sucessão e depois recebeu as assinaturas de ratificação de todos os 31 membros do Conselho Privado. Você é apenas o consorte da rainha e em breve será um poderoso rei.

Gê? Como rei?

Bom, era uma ideia aterrorizante, mas ele e Jane tinham mesmo conversado bastante sobre o que fariam se um dia governassem o país. Juntos, poderiam fazer a diferença. Além disso, ele ficaria ótimo de coroa.

— Mas você ainda tem muito a aprender — continuou o pai. — Deixe esses assuntos aos meus cuidados. Acredite: não vou deixar nenhuma solteirona ilegítima birrenta entrar no meu caminho!

— O senhor quer dizer entrar no caminho da rainha, não? — Gê disse vagarosamente. — Não é isso, pai? No caminho da rainha?

— Sim, sim, no caminho da rainha — Lorde Dudley se corrigiu sem qualquer convicção.

— Mas Maria é bem popular entre o povo, apesar de ser tão séria. Se ela tentar conseguir apoio...

— Gifford... — O pai levantou a mão. — Eu me esforcei muito para assegurar o seu futuro e o futuro de nossa nação. Fiz coisas que você nunca seria corajoso o suficiente para fazer. Mantenha o foco em se tornar rei. Até lá, atenha-se a dar opiniões sobre assuntos de que você entende bem. Como maçãs.

Com isso, o pai se esgueirou de trás do tecido que os escondia, deixando Gê com uma expressão de desencanto que somente a repreensão de um pai consegue produzir. Saiu da capela. Quando Jane o viu, não deu um sorriso. Talvez o pai estivesse certo. Até que fosse coroado rei, Gê não precisava se preocupar com assuntos que não eram dele.

CAPÍTULO TREZE



Eduardo

O rei (e estamos falando do rei de verdade), não por sua própria culpa, estava perdido.

Durante as primeiras horas de sua recém-adquirida forma eðiana, ele fora tomado por algo que só pode ser descrito como uma espécie de belo êxtase passeriforme — a linda euforia de voar, de cavalgar os ventos, de testar a força de suas asas, de ser engolfado pela serenidade absolutamente silenciosa do mundo visto de tão alto. Ele se perdera na maravilhosa sensação de não estar mais... bem, morrendo.

Eduardo nem sabia disso na hora, porque não tinha como olhar para si mesmo e avaliar em que tipo de pássaro tinha se transformado, mas o caso é que sua forma era a de um francelho, o que quer dizer, para aqueles leitores que não são entusiastas de aves, uma espécie de falcão pequeno — o *Falco tinnunculus* — com bonitas penas salpicadas de pintas marrons. Eduardo apenas percebia que agora tinha asas e um bico e duas perninhas que terminavam em garras, o que decerto fazia dele algum tipo de ave. E ele sabia que, lá no alto, junto ao céu, ele se sentia livre como nunca antes se sentira.

Contudo, depois de um tempo — e quem poderá dizer quanto tempo se passou na verdade, já que falcões não são particularmente conhecidos por sua habilidade de medir o tempo —, começou a sentir um pensamento humano incômodo lá no fundo de sua cabeça, e o pensamento era o seguinte:

Tinha alguma coisa que eu deveria estar fazendo agora.

O que levou a: *Tinha um lugar para onde eu deveria ir.*

Ele se esforçou para se lembrar de mais. *Não é um lugar para onde eu deveria estar indo, mas sim um alguém*, pensou. *É alguém que vai me ajudar*.

E então se lembrou de que não era apenas um pássaro, mas um rei, e que alguém tinha tentado assassiná-lo e usurpar seu trono, e que tinha uma irmã chamada Bess que tinha lhe dito... O que mesmo ela tinha dito? Que a mãe dele também se transformava em pássaro, um passarinho branco lindo, e o quanto era divino poder ser um pássaro e governar os ares, e mergulhar e arremeter, e planar, e aí aquele êxtase passeriforme o tomou mais uma vez.

Algum tempo depois, ele pensou: *Não, não foi só isso que Bess me contou. Ela disse para ir até a vó...* A sua avó. Mas ele não via aquela senhora havia tantos anos. Era em Helmsley. Que aliás era um velho castelo abandonado e semidesabado.

Ao norte, em algum lugar. Mas para onde era o norte mesmo?

Como um rapaz de 16 anos, Eduardo nunca tinha tido um senso de direção particularmente acurado, já que, na maior parte das vezes, quando queria ir a algum lugar, era levado de carruagem e não precisava guiá-la. E, como um pássaro de apenas algumas horas de idade, também não fazia ideia de para que lado ficava o norte. Sabia que havia um rio em uma direção e um punhado de morros baixos em outra, um campo verde bem aberto logo abaixo e, naquele campo, de alguma forma, ele sabia também que tinha um camundongo marrom que acabara de sair de sua toca. Sem consultar sua consciência, seu corpo simplesmente mergulhou rumo à criatura indefesa, com as asas recolhidas e as garras projetadas, até atingir o camundongo com força tremenda e arrancá-lo da face da terra. Aquela pobre coisinha só soltou um guincho horrível, o que foi bem compreensível, e então ficou completamente em silêncio. Eduardo-falcão bateu asas rumo a um galho de árvore próximo, ainda segurando o bicho, e então, para horror de Eduardo-gente... começou a comê-lo, com os ossinhos, pelos e tudo.

Eduardo permaneceu na árvore por mais um tempo, enojado de si mesmo por um lado, mas, por outro, louco para sair de novo e encontrar mais um ratinho delicioso, ou talvez até uma bela cobrinha-de-jardim. Uma ave em fase de crescimento precisa

comer, afinal. Mas decidiu que tinha de manter sob controle aqueles impulsos de ave. Precisava seguir adiante. O sol estava se pondo. Mas não tinha sido manhã logo agora?

Norte. Preciso achar o caminho para o norte, disse a si mesmo com toda a seriedade. E para onde era o norte mesmo?

O sol se põe a oeste, ele se lembrou vagamente. Com isso, apontou o corpo para onde pensou que seria, pela lógica, o norte. Mas, uma vez no ar, bastavam alguns minutos para que o vento o enfeitiçasse de novo e o êxtase passeriforme viesse novamente, e quando se dava por si outra vez, tinham se passado um montão de horas, já estava escuro e não havia jeito de saber em qual direção ele vinha voando ou qual caminho deveria tomar.

De modo que, como dizíamos antes, o rei estava perdido.

Por um tempo, tentou seguir uma carruagem que estava indo vagarosamente por uma estradinha. Devia estar levando alguém importante, concluiu, porque havia guardas montados em todos os lados dela. Então, concluiu que, com tantos homens — talvez uns vinte — aquela comitiva poderia estar indo para Londres, e aquele era o último lugar onde ele queria estar naquela hora. Virou-se e voou na direção oposta.

A estradinha o levou a um vilarejo muito mal-acabado. Na borda de um aglomerado de edificações havia um carvalho bem grande, e ele decidiu pousar em um dos galhos mais altos e analisar o entorno. Percebeu que sua visão era especialmente maravilhosa naquele escuro.

O vilarejo era composto de alguns sítios espalhados, com seus telhados de palha, uma construção com uma chaminé soltando fumaça, que devia ser uma casa de ferreiro, um estábulo diminuto e um grande galpão de madeira mal construído, localizado bem no centro e que parecia se virar para todas as outras edificações com suas janelas acesas e uma placa sobre a porta com uma cabeça de cavalo entalhada. Ele podia ouvir música vulgar vindo lá de dentro, assim como homens dando risada e falando alto. Era uma taberna.

Ele poderia se tornar humano de novo e entrar. As pessoas certamente o reconheceriam — afinal, seu rosto estava na moeda que usavam. Seus súditos o adoravam, não era verdade? Ele era

seu amado rei, designado por Deus para ser o governante. Era o que sempre ouvira na vida.

Mas como era mesmo que ele se transformaria de volta em gente? Não havia palavras mágicas, pelo menos até onde ele sabia, nem gestos ou encantamentos para mudar de uma forma para a outra. Ele nem tinha certeza de como tinha ido de humano para pássaro, para começo de conversa. Apenas pulou da janela, desejou ter asas e esperou não morrer na queda.

Olhou para a taberna outra vez. Era o tipo do lugar onde haveria comida. Comida de verdade, não camundongos. E jantares inteiros. E copos grandes de cerveja. E provavelmente nada daquilo estaria envenenado.

Haveria um ensopado — talvez de coelho, tão macio que desmancharia na boca, com cebolas e um pouco de cenoura e batata, o que cairia muito bem em seu estômago vazio. Talvez eles tivessem até amoras.

Eduardo caiu da árvore. Como estava em um dos galhos mais altos, sua queda fez uma barulheira espetacular, partindo outros galhos, e ele foi xingando à medida que caía, até bater com força no chão. Caiu em cima do tornozelo esquerdo de maneira toda errada, o que o alertou para o fato de que agora tinha tornozelos de novo. Tinha conseguido se transformar de algum modo. Só desejou ser humano e comer comida de humanos, e ali estava ele.

A porta do sítio mais próximo se abriu de uma vez, e uma mulher grande e de bochechas muito vermelhas, usando um avental, saiu da casa. Estava segurando um rolo de macarrão. De trás dela vinha um cheiro muito bom de pão assando, o que imediatamente fez o estômago de Eduardo roncar e sua boca salivar.

Deus, como estava com fome. Pelejou para ficar de pé. O tornozelo doía tanto que seus olhos lacrimejaram.

— Senhora — ele balbuciou.

A mulher o olhou de cima a baixo, o que levou Eduardo a perceber uma segunda novidade importante a respeito de sua presente condição. Aparentemente, ele estava pelado.

Eduardo tentou responder àquela situação tão humilhante da forma mais régia que um rei poderia tentar. Reis não se

acovardariam escondendo suas partes pudendas com as mãos como se fossem cidadãos comuns. Ele endireitou o corpo. Tentou olhá-la nos olhos.

— Ééé... senhora... eu sei que isso parece... bem longe do ideal, mas é que... eu posso explicar. Eu sou...

— Perverso! — ela gritou.

— Não, não, a senhora entendeu errado!

— Você é um daqueles eðianos imundos, não é? — ela gritou, seu rosto ganhando novas tonalidades de vermelho.

Ou talvez ela não tivesse entendido tudo errado.

— Esta vila era um lugar decente até sua laia chegar e começar a emporcalhar tudo. Ladrões e assassinos, é isso o que são. Como aqueles cachorros que ficam assistindo na janela enquanto eu troco de roupa e depois saem correndo. Bando de perversos!

— Não, não! Eu posso garantir que eu nunca...

A mulher abriu uma bocarra enorme e levantou o rolo de macarrão acima da cabeça como se fosse um guerreiro escocês.

— PEEERRRVEERRRTIIIIIDOOO! — ela berrou, correndo na direção dele e o acertando onde quer que conseguisse alcançar.

Eduardo tentou correr. Seu tornozelo não colaborou, e ele ficou sem fôlego com poucos passos, de modo que não conseguiu escapular tão rapidamente quanto gostaria. Mas a senhora também não estava em sua melhor forma. Depois de acertá-lo dos lados da cabeça algumas vezes com o rolo, pareceu satisfeita em se retirar e apenas gritar mais um “Perverso!”, enquanto Eduardo se atrapalhava para caminhar nu pela noite.

Ele tentou furtar algumas roupas que estavam secando no quintal de uma fazenda, mais adiante da estrada, mas o fazendeiro tinha um cachorro que acabou lhe dando uma bela mordida na panturrilha direita — a perna que não estava ferida antes, claro. Por fim, acabou chegando a outra fazenda, ou melhor, a um grande celeiro, e se escondeu no mezanino sob uma manta de cavalos e em cima de uma pilha piniquenta de feno.

Eu estava melhor como ave, pensou em tom amargo. Tentou se transformar de novo — imaginar-se com asas mais uma vez —, mas nada aconteceu. O feno o fez espirrar, depois tossir, e então tossir

mais um pouco. O veneno ainda estava em seu corpo, agindo com toda a sua malevolência. E ele se sentia tão fraco. E agora seu tornozelo latejava. A panturrilha queimava onde o cachorro tinha mordido. Havia um belo galo crescendo perto da orelha, onde a mulher o atingira com o rolo, e diversos machucados espalhados por seus braços finos e trêmulos, além dos cortes infligidos antes por Mestre Boubou durante a sangria.

E ele ainda estava com muito frio. E faminto. E terrivelmente perdido.

Enterrou a cara na manta e tentou conter as lágrimas amargas que se formavam. O que ele não daria para ter sua cadela ali, naquele momento, com seu calor e proteção, mesmo que aquela ideia de Pet como uma garota ainda o perturbasse... Aliás, Pet agora era passado. Tudo era passado. Jane. Bess. Sua coroa. O reino.

O que ele iria fazer?

E então, pelo fato de que estava exausto, além de envenenado e machucado e faminto, o rei — ou talvez devamos dizer que Eduardo não era mais rei àquele ponto, já que a carruagem que ele vira mais cedo levava Jane e Gifford para o castelo para que ela, apenas momentos depois, fosse oficialmente coroada Rainha da Inglaterra —, ou o rapaz que havia sido rei, desabou em sono profundo.



Eduardo acordou com uma lamparina muito brilhante perto de sua cabeça e com uma faca em sua garganta. Porque esse era o tipo de noite que ele vinha tendo.

— Olá — disse a dona da faca.

Uma moça. Uma moça mais ou menos da idade dele — certamente não tinha mais de 18 anos, mas era difícil dizer sob aquela luz —, de olhos verdes aguçados. Ele não se atreveu a se mexer. Porque... faca, sabe?

— Bom... — ela continuou, depois de uma longa pausa. — O que você vai dizer em sua defesa?

Só que Eduardo não entendeu direito o que ela tinha dito. O que ouviu foi algo mais como “Qui cê vai dizê in sua defez?”.

— Você é escocesa — ele murmurou, reconhecendo o sotaque.
— Estou na Escócia?

Ela deu um ronco em resposta.

— Vou considerar isso como um não — ele disse.

Seus olhos verdes se estreitaram. A faca não se afastou da garganta dele. — Quem é você? — ela exigiu saber, e ele entendeu bem melhor a pergunta da segunda vez. — O que está fazendo aqui?

Eduardo não sabia bem como responder. Se contasse quem realmente era, as chances eram de que ela: a) não acreditasse nele e acabasse cortando sua garganta; b) acreditasse nele e, pelo fato de ele ser o rei da Inglaterra e de ela ser escocesa e de aquele ser o ano de 1553, ela adorasse ainda mais cortar a garganta dele. Nenhuma opção era boa.

A garota continuou encarando-o com expectativa, enquanto a faca na pele era fria e decididamente nem um pouco prazerosa, de modo que ele decidiu que era melhor começar logo a falar alguma coisa e fazer isso muito bem.

— Meu nome é Dennis — ele soltou.

— Então, Dennis — ela repetiu. E ainda com a faca. — É seu prenome ou seu sobrenome?

— Sou o aprendiz do ferreiro da vila — ele emendou rapidamente, tentando encobrir o fato de que não sabia responder se Dennis era primeiro ou último nome. — Fui surpreendido por ladrões ali na estrada.

Ao ouvir isso, a garota moveu os lábios em um sorriso encantador — ou ao menos é como Eduardo teria considerado se ela não estivesse com a vida dele nas mãos naquele momento. Ela era bonita, e os olhos verdes eram só o começo. Um amontoado de cachos escuros descia em volta de seu rosto, que era bem branco e em formato de coração, com um queixo delicado e pontudo e uma boquinha vermelha.

— Você é um mau mentiroso, é isso que você é. — Com a mão que estava livre, ela subitamente puxou a manta que o cobria, olhando-o dos pés à cabeça e tudo o que havia no meio.

Eduardo ficou chocado demais para protestar.

— Só estou me assegurando de que você não está com uma espada guardada aí debaixo — ela disse com um sorrisinho maldoso. — Mas não estou vendo nada particularmente perigoso. — Ela finalmente tirou a faca do pescoço dele e se sentou. — Pobre coisinha. Você está numa pior, não está?

Eduardo agarrou a manta e puxou-a de volta sobre si mesmo até o peito. Não tinha certeza de a que ela estaria se referindo quando falou em “pobre coisinha”. Certamente, não era a nenhuma parte dele. Seu rosto estava queimando como ferro em brasa.

— Fui surpreendido por ladrões, como eu disse — ele gaguejou, por fim. — Levaram tudo.

— Então você estava usando sedas finas, não estava? Tolice! Quem é você de verdade? — Ela agarrou a mão dele e a virou. — Porque você certamente não tem mãos de ferreiro.

Eduardo puxou a mão, meio atrapalhado, e ficou de pé quase perdendo o equilíbrio, ainda se agarrando ao cobertor à sua volta. A garota também se levantou e tirou o feno das calças. Aliás, ela *estava usando calças*, ele percebeu. Calças pretas com uma túnica branca e um manto preto por cima, com botas também pretas que chegavam quase até os joelhos. Ele nunca tinha visto uma mulher usando calças antes. Não era adequado. E era meio irritante. E surpreendentemente atraente.

— Quem é você? — ele disparou de volta. — Porque não acho que você seja a filha do fazendeiro daqui.

Os olhos verdes piscaram, mas ela sorriu mais uma vez. — Sabe o que eu acho?

Ele nem saberia por onde começar a adivinhar.

— Acho que você é um *ediano* em fuga. E, quando começou a chover, você entrou aqui para se abrigar, ainda na forma animal, é claro, mas agora está preso aqui sem nem uma peça de roupa. — Ela fez um *tsc-tsc* com a língua, como que demonstrando simpatia. — E aí, em que animal você consegue se transformar?

— Está chovendo? — ele disse, finalmente se dando conta do som da água batendo no telhado. Porque, mais uma vez, aquele era o tipo de noite péssima que ele vinha tendo.

— Você é parte da Alcateia? — ela perguntou. — Você ainda parece estar meio verde para isso.

Ele já ia dizer alguma coisa — que não tinha ideia de sobre o que ela estava falando com aquela história de Alcateia, e que é claro que ele não era eđiano. Mas, antes que pudesse deixar sair qualquer palavra, a garota inclinou a cabeça um pouco de lado, ouvindo, e apagou a chama do lampião. O celeiro caiu na mais profunda escuridão.

— Mas o q...? — Eduardo começou a falar, mas ela chegou mais perto e pousou o dedo em seus lábios para aquietá-lo, fazendo-o perder a linha de raciocínio completamente.

Abaixo deles, a porta do celeiro se abriu. Um homem também carregando um lampião entrou. Passou alguns minutos alimentando os animais, ao mesmo tempo em que balbuciava coisas amaldiçoando a chuva. Durante todo aquele tempo, Eduardo e a moça ficaram imóveis no mezanino, a um sopro de distância um do outro, com o dedo dela ainda nos lábios dele.

Mesmo no escuro, os olhos dela eram verdes. Como esmeraldas nas joias da coroa. Eduardo estava segurando o fôlego. Queria muito beijá-la, logo percebeu, mas isso seria ridículo. Ela estava segurando uma faca na garganta dele apenas momentos antes. E era uma completa estranha. E uma mulher que usava calças. Não era alguém em quem se podia confiar.

Ainda assim, lá estava ela, com o dedo nos lábios de Eduardo, fazendo-o pensar em colocar seus lábios nos dela. Quando ele abaixou o olhar, fitando-a não mais nos olhos, mas na boca, uma excitação tipicamente de menininha se manifestou nas faces da moça. E isso só fez aumentar a vontade de beijá-la. O fazendeiro saiu.

A moça se afastou e aquela expressão de antes deixou seu rosto. Ela limpou a garganta e tateou a faca em seu cinto com certo nervosismo.

— É melhor eu ir — ela disse.

Por algum motivo, aquela era a última coisa que ele esperava ouvir — que ela deveria ir embora justo então, depois de acordá-lo,

ameaçá-lo e questioná-lo com tanta veemência. E *agora* ela iria embora? Ele não queria que ela fosse.

— Mas está chovendo. — Aquela desculpa pareceu idiota demais até para ele mesmo. — E você ainda não descobriu quem eu sou.

— Pois é... — Ela deu de ombros. — Infelizmente, não estou nem aí pra isso mesmo.

A garota se aproximou da escada que levava até o chão do celeiro. Em mais um minuto, teria ido embora para todo o sempre, e ele se veria na mesma situação em que tinha começado — sem roupas, sem dinheiro, sem planos. Sozinho.

— Espera — Eduardo chamou.

Ela começou a descer a escada. Logo que chegou lá embaixo, a porta se abriu de novo, de uma vez só, e lá estava o fazendeiro outra vez, agora carregando uma velha espada enferrujada. A moça fez um movimento como se fosse correr, mas o fazendeiro conseguiu espetar o lado afiado da espada bem no meio do peito dela. Ela congelou no lugar.

— Sabia que você estava aqui — ele grunhiu. — Não conseguiu ficar longe das minhas galinhas, não foi? Tinha de voltar para pegar o resto.

Ela levantou as mãos em um tipo de rendição, mas aquele sorrisinho sarcástico se formou em sua boca.

— Eram mesmo umas galinhas muito boas. Não pude evitar.

— Eu deveria te atravessar aqui mesmo e acabar logo com isso — disse o fazendeiro num rosnado de reprovação. — Mas vou te mandar para o oficial de justiça de manhã, e ele vai mandar cortar suas mãos. Isso vai te ensinar.

Eu tenho de fazer alguma coisa, Eduardo pensou. *Salvá-la de algum jeito*. Mas ele estava nu e desarmado. Não era exatamente um cavaleiro de armadura brilhante.

A moça aprumou o corpo.

— Ou então, que tal isso: você me deixa ir e eu fico longe das suas galinhas no futuro. — Sem nem esperar resposta para sua própria proposição, ela fingiu avançar por um lado e pulou para o outro, mas o homem conseguiu apanhá-la pelo cabelo e arrastou-a

porta afora. Ela lutou e tentou alcançar sua faca, mas ele pegou a arma primeiro e a jogou no chão de terra.

Eu realmente deveria fazer alguma coisa, Eduardo pensou. *E agora seria uma boa hora.*

—Ou talvez — disse o fazendeiro — eu devesse cortar suas mãos eu mesmo...

Beleza, agora já é demais, Eduardo concluiu seu pensamento.

Fez-se uma luz brilhante no mezanino. O fazendeiro olhou para cima, assustado, e então o falcão que era Eduardo mergulhou sobre ele, com as garras direto no rosto do homem. Ele gritou e soltou a espada. A moça aproveitou a oportunidade para acertar o joelho nos países baixos do fazendeiro, que caiu no chão. Ela o chutou até que fez uma pausa, como se fosse dizer alguma coisa, uma de suas frasezinhas espertas e ensaiadas, mas então pareceu pensar melhor. Apenas pegou a faca e saiu correndo.

Eduardo foi seguindo lá do alto da melhor maneira possível. Foi muito oportuno que tivesse se transformado em uma ave com uma visão tão boa, porque a menina tinha uma ótima habilidade de se misturar às sombras da floresta. Era difícil para ele se localizar em meio às árvores. Ao menos a chuva estava começando a ceder, já era um chuvisco àquele ponto, e a lua começava a espiar em meio às nuvens. A moça correu e correu, sempre muito ligeira e se guiando muito bem, como se estivesse acostumada a fugir daquele jeito no meio da noite.

Percorreu de dois a três quilômetros antes de parar em um ajuntamento de árvores para descansar. Eduardo pairou em meio aos galhos da árvore logo acima dela. Ela olhou para o alto.

— Devo me preocupar com cocô de passarinho na cabeça? — ela falou com uma risada.

Ele soltou um crocitado indignado.

— Vem aqui embaixo. Você pode se destransformar agora. — Ela tirou o manto das costas. — Aqui.

Ele pousou no chão, mas ficou lá por muitos minutos na forma de ave sem que nenhum brilho súbito acontecesse como antes.

— Você é bem verde mesmo, não é? — ela disse. — Não sabe como se transformar de volta em gente?

Então se transformou. Ainda nu. A moça olhou para o chão, segurando um sorriso, e estendeu o manto. Eduardo o pegou e se enrolou, o que era muitíssimo melhor do que a manta para cavalo de antes, mas ainda o fazia se sentir exposto e desprotegido demais.

— Obrigada pela ajuda. — A moça ajeitou um cacho negro atrás da orelha. — Eu teria conseguido me livrar dele sozinha, mas ia ser bem mais complicado.

— Então você é uma ladra de galinhas — Eduardo disse.

— Entre outras coisas — ela admitiu.

Ele nunca tinha conhecido uma criminosa comum antes. Teria considerado aquilo tudo deveras excitante se já não estivesse cansado demais de viver um monte de coisas deveras excitantes.

— Sou Gracie — ela se apresentou, olhando-o nos olhos.

— E é seu prenome ou o sobrenome? — ele perguntou.

— Grace MacTavish — ela esclareceu, sorrindo e fazendo uma mesura. — Ao seu dispor.

— Eduardo — ele respondeu com simplicidade.

— Não é Dennis? — Ela tinha covinhas, ele percebeu, não quando ela sorria abertamente, mas quando tentava não sorrir.

— Não é Dennis.

— Isso é bom. Eu sentiria muito por você se seu nome fosse mesmo Dennis. Podemos ir?

— Para onde? — ele quis saber.

— Algum lugar mais seguro.

“Mais seguro” era uma boa proposta. Por hábito, ele estendeu o braço. Gracie olhou para ele incrédula, mas então o tomou e ambos saíram caminhando.

— Eu teria me transformado também — ela disse enquanto atravessavam em meio às árvores. — Mas aí também perderia as roupas, e é meio dia de viagem até o próximo lugar onde eu escondi uma muda de roupas. E eu adoro essas botas — ela acrescentou.

— Se transformado? Então você também é eðiana? — O coração dele trovejava estupidamente em seu peito. O que essa menina tinha que o perturbava tanto?

— Sim, sou eðiana. Nunca tinha visto um eðiano francelho antes. Você vira um pássaro bem bonito.

Seu estômago se revirou.

— Eu sou um francelho? Tem certeza de que é isso que eu sou?

— Eu não sou muito de ficar observando pássaros, mas conheço bem as aves de rapina — ela disse. — Por que você ficaria incomodado com isso?

Eduardo não respondeu, mas a verdade é que, segundo as regras da falcoaria, que ele praticava desde garoto, havia certas aves que eram apropriadas para determinados cargos da hierarquia. A ave do rei era sempre um gerifalte, o maior e mais majestoso dos falcões. Como príncipe, ele tinha trabalhado com falcões-peregrinos (um pouco menores em estatura), enquanto os cavaleiros de seu pai usavam falcões-sacres; as ladies só dispunham de esmerilhões; os escudeiros tinham falcões-lanários, e assim por diante.

O francelho era a menor e mais fraca espécie de falcão. Somente os servos treinavam com eles.

Ele segurou uma tossida.

— E que animal é você?

— Acho que você vai ter de esperar pra ver...

Mais covinhas. As pernas dele de repente ficaram bambas, e não era um efeito causado pela menina bonita à sua frente. Todo aquele esforço tinha sido excessivo. A cabeça estava toda enevoadada. Eduardo se desequilibrou. Gracie segurou o braço dele com mais firmeza.

— Você não está bem. Precisa dar uma parada?

Ele assentiu com a cabeça. Ela o levou para debaixo de uma árvore que tinha uma porção enorme de raiz projetada para fora da terra e na qual ele poderia se sentar. Eduardo passou minutos tossindo levemente em uma beirada do manto. Ela ficou a alguns passos de distância, estudando-o.

— Por acaso você tem a Moléstia? — Ela parecia meio preocupada com a possibilidade de tê-lo acompanhado de braços dados por tanto tempo, um rapaz enfermo daquele jeito.

— Não — Eduardo respondeu, levantando os olhos. — Não, eu fui envenenado.

As sobrancelhas arqueadas da moça se arquearam.

— Envenenado? Por quem?

— Pelo Lorde Dudley — ele admitiu, cansado demais para pensar em alguma resposta que não fosse a verdadeira.

— Por que alguém iria querer te envenenar?

— Porque... — Aquele era o momento. O momento em que teria de dizer quem ele era e a garota decidiria o que fazer com ele. — Porque eu sou... — ele tentou de novo.

— Vamos com isso! — ela insistiu. — Não sei se aguento tanto suspense.

Bom, se ela iria decidir cortar a garganta dele logo ali, depois de tudo aquilo, então pelo menos seria um fim rápido. Era melhor acabar logo com o assunto.

— Meu nome é Eduardo Tudor — respondeu. — E preciso da sua ajuda.

CAPÍTULO QUATORZE



Jane

Bom. Então ela era rainha. Por essa ela não esperava.

Jane soltou uma risada meio de pânico, meio de descrença. Como Eduardo poderia ter feito aquilo? Aliás, *por que* teria feito aquilo? Ele nem mesmo acreditava que mulheres deveriam ocupar cargos de liderança. Se Eduardo estivesse de posse de suas faculdades mentais, nunca a teria escolhido como rainha.

Pois deve ter sido exatamente por isso: Eduardo não estava com a cabeça no lugar naqueles dias. A Moléstia estava fervendo seus miolos e destruindo sua capacidade de tomar decisões — que até pouco antes tinham se mostrado, na opinião de Jane, bastante razoáveis. Mas o que Eduardo poderia esperar que ela fizesse de diferente estando de posse da coroa?

Deu outra risada, muito embora o som tenha se manifestado mais como um lamento. Ela era rainha. A governante. A monarca. A soberana. A líder. A chefe de estado. A cabeça da coisa toda. Aquela que usava as calças, como diz a expressão. A pessoa no comando. A patroa. A. Rainha. Da. Inglaterra.

Jane sempre objetara contra a noção de que mulheres eram mais fracas que homens, não fisicamente, mas intelectualmente. Sua educação tinha sido tão boa quanto a de Eduardo — eles inclusive tiveram alguns tutores em comum durante algum tempo —, e Jane sempre fora muito bem-sucedida nas tarefas às quais realmente se dedicara. Sabia falar oito línguas, pelo amor de Deus, e era considerada por alguns de seus professores como um prodígio da retórica e da lógica. Compreendia as complexidades da filosofia e as nuances das religiões. Devorava livros diversas vezes por dia da mesma forma que as pessoas comuns devoram refeições.

Memorizara poemas em latim só como passatempo. E tudo aquilo ela sabia fazer tão bem quanto qualquer homem.

Mas conseguiria governar um país?

Jane andava de um lado para o outro em seu novo quarto de dormir — um recinto na ala real da Torre de Londres construída exatamente para (o que mais podia ser?) reis e rainhas. Na noite anterior, depois de receber seus súditos (um conceito que fazia o estômago de Jane se revirar), ela tinha sido enviada a seus aposentos para repousar. Lorde Dudley dissera que uma rainha não deveria ficar acordada até tão tarde e precisava estar disposta para um longo dia seguinte cheio de atividades reais que a esperavam.

Jane estava exausta, então obedeceu, mas se assegurou de que ninguém pensasse que ela estava sendo mandada para seu quarto, como uma criança. Lançou um olhar para Gifford — ele a acompanharia? —, mas Lorde Dudley o puxara de lado para ter uma palavrinha. Então Jane pegou um livro sem nem ver qual era (*O pós-vida: o debate centenário da relação entre edianos e a reencarnação*) e o largou sobre a cama quando percebeu que tratava de morte.

Foi quando a verdade a atingiu: Eduardo estava morto.

Ela nunca mais o veria de novo. Tinha se ido.

Depois de uma longa sessão de choro e muito ressentimento, ela ainda não tinha conseguido dormir e, quando o sol nasceu e, em algum lugar (preferencialmente lá fora), Gifford se transformou em cavalo, ela se pôs a explorar o novo quarto. A decoração era irritantemente opulenta. Longas cortinas de seda decoradas com brocados emolduravam as janelas, enquanto vários guarda-roupas forravam as paredes, lotados de mais vestidos do que ela poderia se imaginar usando em uma vida inteira. Nos dois pontos das paredes que não estavam tomados por armários, havia uma porta, que presumivelmente ligava o quarto da rainha ao do rei, e uma penteadeira com um espelho enorme, em caso de ela querer se ver e admirar o quanto ela não era nada régia.

Não mesmo. Havia bolsas escuras sob seus olhos devido à jornada da noite anterior e à posterior tristeza. Sua pele, antes tão corada pelos dias sob o sol, agora parecia pálida e sem viço. Os

olhos estavam destruídos de tanto chorar, coçando, vermelhos e inchados como um pão saído do forno. Sem contar suas imperfeições de sempre.

Não se parecia em nada com uma rainha.

A pior parte de ter aqueles novos aposentos era que, com todos aqueles guarda-roupas e a penteadeira e as cortinas, não havia lugar — nenhum mesmo — para uma estante de livros. E quem neste mundo ficaria confortável em dormir em um quarto que não tinha livros?

Eduardo nunca mais dormiria outra vez, ela pensou, já lacrimejando novamente. Nunca mais leria um livro.

Uma batida veio da porta e ela ignorou, preferindo se jogar bem no meio da cama, cercada de travesseiros e cobertores, e assim fazer uma lista mental de todas as coisas que Eduardo nunca mais poderia fazer. As coisas óbvias, como comer e respirar, ela deixou para lá. Tinha chegado ao número 27 — acariciar o cachorro no meio das orelhas — e no 28 — comer quantidades absurdas de pudim de amoras — quando seu visitante bateu outra vez e entrou sem pedir licença.

— Bom dia. — A mãe adentrou o quarto de vez, seguida por muitas damas de companhia. Sob ordens de Lady Frances, algumas delas prepararam um banho, perfumando a água com óleo de rosas até que a fragrância tomasse todo o recinto e os olhos de Jane ardessem. Outras abriram a penteadeira e começaram a escolher uma grande variedade de cosméticos. Outras ainda iam depositando bandejas e mais bandejas de comida na mesa: linguças com ovos, pães cobertos de mel e frutas com rios de creme por cima.

Enquanto tudo isso transcorria em volta, Jane permaneceu na cama, sem se mover e sem ser movida.

— E então? — Lady Frances quis saber, estalando os dedos para Jane e atraindo olhares assustados das criadas. Depois de um momento, percebeu o que tinha feito, então atenuou o tom da voz e abaixou a mão. — Jane, minha querida. Vossa Majestade. É hora de seu banho e café da manhã. A senhora deve se preparar para conhecer seus súditos.

Jane já tinha conhecido seus súditos na noite anterior.

— Estou de luto por meu primo.

— Eu entendo, minha querida, mas você deve... Digo, creio que seria melhor a senhora se mostrar mais forte e capaz logo de imediato. Não espere uma crise acontecer antes de tomar uma atitude.

— A senhora acha que eu deveria tomar uma atitude? — Jane perguntou.

— Pois certamente. — A boca da mãe se contorceu em um sorriso. — Acredito que a senhora deveria se provar uma governante capaz o quanto antes.

Capaz. Tá certo. Jane torcia a beirada de um cobertor (outra coisa que Eduardo nunca mais faria).

— Há alguns problemas que eu acredito que deveriam receber atenção. Problemas menores. — Eram problemas enormes. Quando Gifford tomara o rosto dela em suas mãos e a lembrara de todas aquelas conversas na casa de campo, ele a fizera se lembrar das pessoas. Aquela era a única razão pela qual tinha aceitado o trono: as pessoas. Os pobres. Faria de tudo para ajudá-los.

— Muito bom. — Lady Frances estendeu a mão e puxou Jane para fora de sua fortaleza de cobertores. — Então vamos levar esses problemas para o Conselho e começar a consolidar seu reinado. A senhora sabe que Lorde Dudley deseja estar ao seu lado da mesma maneira que auxiliou o Rei Eduardo — que descanse em paz — e, assim como ele, também muitos dos outros na corte, incluindo eu mesma. Todos queremos ajudá-la a se tornar a rainha que a senhora merece ser.

— Mas eu nunca mereci ser rainha.

— E mesmo assim o é.

— A senhora acha que serei uma boa rainha? — Sua voz soou baixinha, mesmo sem intenção. Não eram aquelas as palavras que queria dizer, mas assim que elas saíram Jane se viu tomada de um desejo de aprovação e apoio da mãe.

Lady Frances apertou os olhos e olhou para Jane do mesmo jeito que avaliava os empregados em suas tarefas de casa.

— Se a senhora focar em governar o reino em vez de ficar lendo esses livros bobos, será uma rainha memorável.

Pelo jeito, nem mesmo a ascensão de Jane ao trono era suficiente para fazer a mãe ter orgulho dela. Ela engoliu o desapontamento em seco. Nada daquilo importava, pensou. Não precisava mais da mãe para nada.

Ela tinha Gifford. Jane não sabia se teria como governar um país. Não tinha sido talhada para uma vida no trono. Não estava nem remotamente preparada para se tornar rainha. Mas sabia de uma coisa: Gifford estaria lá com ela e para ela, e a ajudaria, e ela tentaria fazer aquilo do melhor jeito possível.

— Quero ver o corpo de Eduardo — Jane anunciou mais tarde. — Para me despedir.

Estava caminhando pelo salão com a mãe, e Lorde Dudley estava alguns passos atrás. Estavam indo dar início às atividades diárias, não que alguém tivesse se incomodado em avisá-la de quais seriam. Jane supôs que descobriria logo de qualquer forma, e então, no meio-tempo, julgou que o silêncio entre os três era bem apropriado para ela começar a fazer suas exigências.

— Quero ver o corpo dele ainda hoje. Agora de manhã.

— Sinto dizer que essa simplesmente não é uma boa ideia, Majestade — disse Dudley em tom grave. — Ele estava muito doente. É melhor nos lembrarmos dele como ele era antes.

Jane engoliu um soluço repleto de luto que veio como uma onda. — Eu quero vê-lo. Onde ele está?

— Mas, Majestade, simplesmente não é apropriado que...

Jane cerrou as mandíbulas e então deliberadamente as relaxou outra vez. — Eu sou a rainha e exijo ver o corpo de meu primo agora mesmo.

— Há simplesmente coisas demais a se fazer hoje.

Se Lorde Dudley dissesse a palavra “simplesmente” mais uma vez, Jane *simplesmente* mandaria cortar a cabeça dele.

Não. Nem era verdade. Ela nunca mandaria fazer isso. Ele era o pai de Gifford.

— Lorde Dudley. — Ela se dirigiu somente a ele naquela hora, considerando que a mãe tinha ficado em silêncio durante a conversa. — Como rainha, é meu dever cuidar dos arranjos para o funeral de meu antecessor, e eu pretendo prestar meus respeitos a ele antes disso. Em particular.

Ele se calou quando todos entraram em um salão onde havia mais pessoas. Todas imediatamente olharam para Jane e começaram a sussurrar. Alguns se curvaram.

— Muito bem — Lorde Dudley concordou. — Cuidarei para que a senhora o visite. Sinto apenas que não terá como ser hoje. Há coisas demais a serem feitas.

Se eles esperassem tempo demais, ela acabaria visitando um cadáver em putrefação. De acordo com *Os gloriosos e grotescos estágios da morte: um guia para iniciantes*, os corpos começavam a se deteriorar, inchando, exalando odores e se decompondo muito rapidamente, até que tudo o que restava era um horrível eco da pessoa que um dia estivera ali. Jane tinha visto seu pai e Catarina Parr logo depois que ambos morreram, e só aquilo já tinha sido terrível o suficiente. Não queria testemunhar Eduardo em seus estágios de putrefação. Pensar naquilo a fazia estremecer toda.

— Providencie para o quanto antes — ela respondeu secamente, com pensamentos terríveis vindo à mente.

Dudley não queria que ela visse o corpo do primo. Algo estava errado ali, além do óbvio erro de Eduardo estar morto e de Jane agora ser rainha. Algo estava muito errado, de fato, e ela tinha toda a intenção de descobrir o que era.



O resto do dia foi um redemoinho de momentos tipicamente “primeiro dia como rainha”:

Ficar plantada na frente do Conselho enquanto cada membro se apresentava. Sentar-se no trono enquanto alguns dos comerciantes mais prósperos de Londres vinham visitá-la.

Assinar documentos a respeito dos serviços do palácio, das posses de diversos lordes e de pedidos de casamentos. Essa última parte a fez se sentir um pouco culpada, mas era evidente que os primeiros pedidos na pilha vinham mesmo de gente que queria ver

seus arranjos aprovados pela rainha, então ela decidiu encarar aquilo como se estivesse apenas dando sua bênção à união. Mesmo assim, sentia que era um tanto desconcertante ter aquele tipo de poder nas mãos.

E aquelas eram mais atividades das quais Eduardo nunca mais poderia participar: assinar seu nome, puxar um fio solto no assento do trono e ouvir cada membro do Conselho se gabar do quanto era uma pessoa espetacular e terrivelmente importante. (Talvez disso ele não fosse sentir falta.)

Havia também um punhado de convites para presidir eventos públicos, visitar diversas casas de campo de nobres e comparecer a algo chamado Casamento Vermelho. Jane apenas preencheu o quadrinho de “não vou comparecer” sem nem pensar duas vezes nesse último convite. Como se ela quisesse ir a mais casamentos...

Nada daquilo parecia muito importante, entretanto. Nada de significativo ou que realmente fosse de ajuda para o povo. Era só trabalho e trabalho. Até lhe davam algum tempo para comer alguma coisa, mas, de resto, era só trabalho. Quase não havia oportunidade de pensar em Eduardo ou inquirir a respeito das motivações de Dudley, ou a respeito de qualquer outro assunto, a não ser se questionar se não haveria jeito de conseguir um novo trono — Jane se sentia uma criança naquele cadeirão, já que seus pés mal chegavam ao chão.

Além disso, Lorde Dudley insistia irritantemente em acompanhá-la em todos os momentos. Era como se ele estivesse com medo de que, assim que ela saísse de vista, pularia a janela e correria para as montanhas.

O que, aliás, não soava como uma ideia tão ruim assim naquele momento.

— Houve muito que Eduardo não pôde fazer em seus últimos dias — ele agora lhe dizia em tom pesaroso. A noite se aproximava. Ambos estavam esperando por Gifford em uma entrada próxima aos estábulos, com a luz do sol de cor âmbar entrando pela porta aberta e projetando longas e escuras sombras no corredor. — Nosso falecido rei estava tão doente. Um de seus últimos atos foi nomeá-la como sua sucessora. Era seu único pensamento, seu único objetivo

naquelas horas finais, o de indicar uma pessoa na qual confiasse mais que em qualquer outra.

Mais do que no próprio duque? Certamente ele só estava tentando bajulá-la.

— Muito bem. E eu ainda desejo ver o corpo dele — ela disse.

— Talvez amanhã — Dudley consentiu sem muita convicção.

— Também gostaria de visitar o palácio de Greenwich assim que pudermos, para eu dar uma olhada no quarto e nos livros dele. E o que aconteceu com a cachorra dele, a Petúnia? Também gostaria de vê-la. Alguém poderia trazê-la aqui?

— Mas é claro — Dudley concordou, ainda que Jane pudesse ver em seus olhos que ele não tinha qualquer intenção de cumprir aqueles desejos reais. Mas por que negá-los? O que ele estaria escondendo?

Jane voltou seu olhar para o sol, que agora caía suavemente atrás da linha do horizonte. Ela queria que fosse mais rápido. Se sentiria melhor com Gifford ali.

— Também quero que todos os armários do meu quarto sejam removidos e só deixem um — ela acrescentou, como se aquela fosse uma conversa que viessem tendo há horas. — Não há necessidade de ter aquele tanto lá. Guarde-os em algum outro lugar se o senhor realmente acha que preciso de todas aquelas roupas.

— Seu quarto ficará um tanto ou quanto vazio sem eles, Majestade — Dudley observou com os lábios se afilando de desgosto.

— Vamos substituir aqueles guarda-roupas todos por alguma outra coisa, é óbvio.

— O que mais uma rainha poderia querer em seus aposentos? — Lorde Dudley parecia genuinamente perplexo. — Um espelho bem grande, de modo que o quarto pareça maior? Um pedestal de ouro no qual deixar sua coroa todas as noites?

Jane nem mesmo estava usando a coroa naquele momento. Nem fazia ideia de onde ela estava. Dudley continuou.

— Um tear? Quadros? Uma roda de fiar? Uma poltrona na qual se sentar para tricotar?

Ele claramente não a conhecia bem.

— Ah, minhas habilidades com as agulhas são a razão de muitas lendas dos bordados reino afora... — ela disse sarcasticamente, resistindo à tentação de revirar os olhos.

Dudley pareceu aliviado, como se tivesse finalmente adivinhado de verdade alguma coisa com a qual Jane gostaria de ocupar seu tempo.

— Então, a senhora terá sua poltrona para tricotar! E todos os novelos e as agulhas que uma bela rainha deve ter.

Haha...

— Pai, não seja tolo. — Gifford se aproximou pela porta, uma silhueta alta contra o céu crepuscular. — O que minha esposa deseja, e o que o senhor deveria ter percebido logo, se estivesse prestando atenção, são estantes nas paredes. E muitos livros, é claro, para preenchê-las. Não decorações e bobagens sem utilidade. Ela quer livros.

O coração de Jane deu um pulo quando Gifford se postou ao lado dela, com a manga de sua camisa roçando no cotovelo da rainha. Ele sabia das estantes. A tinha chamado de esposa. Um pequeno calafrio de felicidade irrompeu em meio a toda aquela sensação de luto e confusão na qual ela vinha afundada o dia todo.

— Meu marido está corretíssimo — Jane disse com um sorriso. — Estantes. Livros. Não há nada que eu queira mais do que isso.

— A não ser eu mesmo. — Gifford deu uma piscadela; ambos sabiam que aquilo não era verdade.

— Ah, meu filho! — Dudley deu um tapinha no ombro de Gifford. — Fico feliz que tenha retornado de suas tarefas diárias como...

— Sim — Gifford respondeu, limpando a garganta. — O mesmo que faço todos os dias.

Uma tensão se formou entre os dois homens. A pele de Jane se arrepiou toda quando ela subitamente se lembrou de Gifford sumindo na noite anterior para ir falar com o pai. O que será que Gifford e Dudley teriam conversado? Gifford não tinha lhe revelado nada desde a coroação. Estava estranhamente quieto, aliás, sobre quaisquer assuntos — quieto como ele não costumava ser. Alguém até poderia dizer quieto demais a ponto de levantar suspeitas.

Bom, ele tinha passado o dia todo como cavalo, claro. Não tinha tido tempo de conversar muita coisa. Jane deu um suspiro. Não confiava em Lorde Dudley, mas por quê? Tinha de haver mais naquela desconfiança do que apenas um desgosto pelo homem (e por seu nariz).

— Venha. — Gifford estendeu o braço e ela o tomou. — Vamos entrar para jantar. Estou morrendo de vontade de comer alguma coisa que não seja feno.



O jantar foi insuportável. Primeiro, Jane teve de se vestir com camadas e mais camadas de ridículos tecidos finos: peles e sedas e veludos, e pôr joias nos dedos e no pescoço e nos cabelos, e o pior de tudo, um tipo de sapato de plataforma que ela era obrigada a usar para que os vestidos, já ajustados para sua baixa estatura, não se arrastassem no chão. Daí ela e Gifford foram escoltados até o grande salão, onde uma centena de cortesãos aguardavam. No momento de sua chegada, todos ficaram de pé e aguardaram até que Jane tomasse seu lugar na ponta da mesa. Todos a observavam, e ela só queria se encolher e rastejar sob a mesa — duas atitudes que não caíam nada bem a uma rainha.

Gifford se sentou à sua esquerda, com Lorde Dudley à direita, durante os muitos pratos servidos àquela refeição: sopas e suflês, tortas e confeitados, e carnes de novilho e de cervo. Havia tanta comida que Jane achou que fosse explodir. Tanta comida que as pessoas nos vilarejos que ela e Gifford visitaram poderiam passar uma semana só com aquilo. O pensamento de que ali havia tanta extravagância e desperdício, enquanto outros ingleses sofriam e passavam fome, a deixou enjoada.

Estavam no meio da refeição — comendo algum tipo de torta de carne — quando Lorde Dudley se virou para Jane.

— Majestade — ele disse baixo, de modo que outras pessoas à mesa não pudessem ouvir, a não ser Gifford. — Penso que deveríamos discutir o melhor momento para a coroação de meu filho. Não esta noite, pois estou certo de que a senhora está exausta, mas amanhã à noite talvez fosse bem apropriado, e então

teríamos o dia todo para nos prepararmos. Eu até já escolhi a coroa para ele.

Jane parou no meio do movimento, com o garfo pronto para encontrar os lábios.

— A... coroa dele?

— Sim. Para fazer de Gifford o rei.

Gifford como rei.

A mão de Jane tremeu quando ela pousou o garfo de volta no prato.

O rei. Então era isso! Aquela bagunça toda finalmente fazia sentido. O casamento apressado. A generosidade em lhes dar a casa de campo. O modo como o duque insistira em coroá-la rainha apenas momentos depois de Jane ficar sabendo da morte de Eduardo, passando por cima de todos os protocolos de costume.

Era tão óbvio que ela se sentia burra por não ter percebido antes. Por meio dela, e então de Gifford coroado rei, o que John Dudley queria mesmo era governar a Inglaterra.

— Não. — A palavra simplesmente saiu como se tivesse sido cuspidada. Jane lançou um olhar para Gifford. O rosto dele estava tomado de choque, e então se desfez como uma vela que se apaga.

O nariz de Dudley ficou vermelho.

— E por que não?

Jane fechou o cenho de vez. Talvez devesse ter usado sua coroa naquela noite.

— Majestade? — ele continuou.

Ela abaixou o tom de voz para um quase sussurro.

— Há muitas razões, nenhuma das quais eu sou obrigada a contar a você. Mas vou te falar a mais óbvia de todas, que é o fato de Gifford ser um cavalo.

O queixo de Dudley praticamente caiu, o que apenas deu mais coragem a Jane para continuar.

— Considere o seguinte — ela disse, inclinando-se para o duque.

— Como seu filho pode me ajudar a governar o reino se ele só está presente metade do tempo, e essa metade é quando a maioria das pessoas está dormindo?

Gifford fez sinal para que o rapaz do vinho enchesse seu copo.

— Majestade, por favor, reconsidere — Lorde Dudley implorou. — Sua posição será tão mais forte se seu marido for o rei. O povo verá como um sinal de força e...

Jane inspirou profundamente.

— Eles precisam de sinais da *minha* força, não da minha confiança nos homens ao meu redor.

— Mas toda rainha precisa de um rei — Dudley argumentou, ao que recebeu a negativa dela.

— Se o senhor acha que ele precisa de um título, então faça dele um duque. Duque de Clarence, talvez. O que acha?

Gifford deu uma bufada (um som que parecia extremamente equino), ergueu seu cálice e bebeu de uma vez.

— Majestade, devo implorar para que mude de ideia. — Dudley fez uma pausa e começou a abordar o mesmo assunto de um jeito novo, bem calculadamente gentil. — São tempos compreensivelmente difíceis para a senhora. Não vamos nos apressar nessa decisão.

— Certamente — ela concordou com muita calma. — Eu sem dúvida me sentiria muito mais à vontade se pudesse ver o corpo de meu primo. Talvez depois disso nós possamos discutir a história de um príncipe consorte.

Lorde Dudley coçou o queixo, quase perdendo um dedo para a espada que era seu nariz, e assentiu. — Devemos adiar esta discussão até que se faça um momento mais apropriado.

— Sim — Jane novamente concordou. — Em um momento mais apropriado.

Ela lançou outro olhar para o marido. As bochechas de Gifford já estavam vermelhas, e seus olhos, brilhantes, quando ele sorveu mais uma taça de vinho. Um servo se adiantou para enchê-la novamente.

— Basta — Jane falou um pouco alto demais, enquanto estendia o braço sobre o prato do marido e colocava a mão na borda do cálice, pouco antes que o servo começasse a verter mais vinho. — Você já bebeu o suficiente.

As conversas paralelas no salão de jantar foram diminuindo até pararem totalmente. Todos encaravam Jane com a mão sobre o

cálice de Gifford, o servo parado todo sem jeito e Gifford sentado entre os dois com o rosto ficando levemente ruborizado.

Um pouco tarde demais, Jane percebeu o que tinha feito. Sob os olhares de choque e até divertimento de todos, Jane tirou a mão da frente de Gifford e sua taça ainda vazia, e lentamente se pôs de pé. Todos a acompanharam prontamente.

— Foi um longo dia — ela anunciou. — Gostaria de me recolher aos meus aposentos para passar a noite. Caro marido, o senhor deseja me acompanhar? — Talvez se eles conversassem, Gê viesse a dizer todas as coisas que Jane queria ouvir: que concordava com ela, que achava aquela história de ser rei um tanto ou quanto tola e desnecessária, que aquela ideia e os planos todos vinham somente do pai, e não dele próprio.

Jane se virou para Gifford. O que pareceu sair de sua expressão foi mais ou menos um “Não sei. O que você quer que eu faça? Afinal, sou apenas um súdito seu”. Mas então ele estendeu o braço para que ela o tomasse.

— Nada me daria mais prazer do que passar mais tempo em sua magnífica companhia.

Ambos caminharam em tenso silêncio. Quando chegaram ao quarto, ela entrou rapidamente e jogou o manto que estava cobrindo todas as suas roupas, como se não aguentasse mais aquele peso, e se pôs a arrancar as joias do pescoço e do cabelo. Gifford se demorou junto à porta.

— Você não vai entrar? — ela perguntou, fazendo uma pausa para arremessar os sapatos de plataforma em um canto. — Não tem lugar para sentar, mas fique à vontade para abrir um armário, se quiser.

Ele entrou e fechou a porta detrás de si.

— O que a senhora gostaria de discutir comigo, Majestade? — O tom de Gifford agora não continha nada de sua costumeira amabilidade. Os olhos castanhos estavam frios e apagados. Um músculo latejava em seu queixo.

— Você está com raiva — ela observou.

— E que direito eu tenho de estar com raiva? Sou apenas seu súdito, Majestade. — Gifford arqueou a sobrancelha.

— Não seja bobo. Você não é só mais um súdito. — Jane fez pouco-caso.

— Então, o que eu sou, Majestade?

Jane fechou o punho e andou mais rápido.

— Você é meu marido. Meu príncipe consorte.

— Sim, Majestade. E como seu príncipe consorte eu devo permanecer.

Ele estava sendo tão infantil.

— Pare de me chamar de Majestade! — Jane tirou uma das muitas almofadas que estavam na cama e a jogou nele. Ele apenas deu um passo para o lado e a evitou. — Já te falei pra não me chamar assim!

Gifford piscou vagarosamente, como se quisesse passar a impressão de ingenuidade.

— Então do que devo chamá-la, Majestade?

— Apenas pelo meu nome.

— Pois não, Majestade. — Ele fez uma mesura e gesticulou muitas vezes em uma maneira excessivamente dramática de demonstrar cortesia. — Como quiser, Majestade. E não com a intenção de questionar Vossa Majestade, mas a senhora não deveria estar usando o plural majestático? A senhora é toda a Inglaterra agora. — E ele fez apenas uma pausa. — Majestade.

— Por que você estaria bravo com tudo isso? — Jane jogou outra almofada, da qual ele mais uma vez habilmente se esquivou. — Você detesta política. Tem evitado comparecer à corte por anos. — Ela deu uma gargalhada maldosa. — É uma ideia tão ridícula que é quase triste. Dá para imaginar você trotando pelo salão do trono e ganhando cenouras entre as assinaturas e os documentos? Que utilidade você poderia ter como rei?

— Então você acha que eu sou ridículo. E acha que eu sou inútil.

— Não falei isso. — Ela segurou outra almofada.

— Não precisou dizer. Só porque eu não passo o tempo inteiro com o nariz enfiado em livros, não quer dizer que eu não sei interpretar o sentido do que você quis dizer. — Ele ainda não tinha se movido, a não ser para se desviar das almofadas. Estava com as

mãos para trás. O queixo estava levantado. Até o cabelo estava perfeito. — Admita. Você tem vergonha de eu ser eðiano.

— Não tenho! Mas aqui ainda é um lugar perigoso para eðianos, e o fato de a gente só jantar depois que escurece já está causando alvoroço, assim como nosso casamento noturno, mesmo no meio do verão.

— Então diga a todos que eu sou um vampiro. Isso vai dar assunto para todo mundo. Afinal, e aqueles decretos todos de que a gente conversou? A história de deixar o reino mais seguro para os eðianos? E proteger os inocentes? Ajudar os pobres? O que a senhora estava fazendo o dia todo, Majestade, que não estava se assegurando da segurança de nosso povo?

— Umas cem coisas diferentes que você nem teria como começar a entender, já que passa o dia todo galopando nos campos e comendo maçãs. Não pedi por nada disso, sabia? Não tive um momento de paz desde que chegamos aqui. Primeiro, me dizem que meu melhor amigo está morto, e ah, por acaso, isso significa que eu sou rainha agora — surpresa! —, um cargo para o qual eu não estava nem remotamente preparada e só aceitei porque você me encorajou. Então, em vez de me deixarem ficar de luto pelo meu primo, ficam me mudando de um lugar pro outro, assinando documentos insignificantes e escolhendo cor de tecido da toalha de mesa e encontrando gente que eu detesto, e tudo isso enquanto eu me pergunto por que seu pai tão claramente quer você no trono a qualquer custo.

— E por que ele não iria me querer no trono? — Gifford perguntou.

— Bom, você tem de admitir que isso é bastante conveniente para você, não é? Um casamento rapidinho com alguém que, de repente, apareceu na linha sucessória para o trono. Afinal, você não se casou comigo pelo meu cabelo.

— Eu me casei porque não tive escolha nenhuma.

— E é claro que você nem fazia ideia de que seu pai estava planejando te fazer rei da Inglaterra. Você não ouviu ele falando, Gifford? Ele já até escolheu a sua coroa.

— E por que você tem tanto medo de dividir o poder? — ele rebateu nervoso. — Por que eu não poderia ser rei?

Ah, lá estava. Ele queria ser rei. Talvez fosse aquilo o que ele vinha querendo aquele tempo todo.

A almofada caiu da mão dela. Jane deu um passo para trás, sentindo aquela traição perfurá-la no peito. Em toda a sua vida, sabia que vinha sendo usada como peão nos jogos políticos dos outros — por seu pai, por Thomas Seymour, por sua própria mãe e agora por Lorde Dudley. Mas não queria imaginar que estivesse sendo usada também por Gifford.

— É só isso que eu sou para você? — ela perguntou, lutando para vencer os tremores de sua voz. — Um meio para alcançar um fim?

— Você não confia em mim. — Ele a encarou com a mágoa clara nos olhos.

— Não confio em ninguém! — ela gritou. — Como eu poderia, quando está claro que é tudo um jogo?

— Jane...

— Eu vi você e seu pai conversando depois da coroação. Ele pôs a mão no seu ombro como se estivesse orgulhoso de você. Do que raios vocês estavam falando?

Gifford não respondeu.

— Está vendo? Você está fazendo exatamente o que ele quer! — O rosto dela queimava. Fervia. Jane nunca se sentira tão magoada e furiosa em sua vida.

— Não estou! — Gifford pegou uma almofada do chão e a jogou em Jane, embora sua mira fosse péssima e ele tenha errado por muito.

— Você é terrível até para jogar as coisas! — ela gritou.

— Errei de propósito! — Ele pisou duro até a porta que conectava o quarto dela ao dele. — Agora, se me dá licença, Majestade, já sofri acusações demais em uma noite só.

— Ótimo! Vai embora! Não quero te ver mesmo.

Gifford abriu a porta com raiva e encontrou a outra porta à frente. Não tinha maçaneta. Ele a empurrou, chacoalhando-a algumas

vezes contra o batente antes de perceber que não conseguiria passar.

— O que te faz pensar que você é qualificado para ser rei se não consegue nem abrir uma porta?

Com um grunhido de indignação, ele bateu a porta dela e pisou duro mais uma vez até a porta da frente.

Blam.

Alguns segundos depois: *blam.*

Tinha conseguido entrar em seu próprio quarto. Bom, ótimo assim.

— Nunca mais quero te ver! — ela berrou na direção da porta conjunta.

— Vai ler seus livros estúpidos!

— Meus livros não são estúpidos! Você é que é estúpido! — Jane jogou uma almofada contra a porta. Outro barulho vindo de lá assinalou o lançamento de outra almofada, ou talvez de um sapato.

Jane afundou na cama com aquele furor todo finalmente se esvaindo.

Engasgou em um soluço. Não iria chorar. Não iria. Se recusava a chorar por causa de Gifford.

Mas então ela chorou. Era uma moça de 16 anos, afinal de contas, e às vezes uma mocinha dessa idade precisava se jogar de cara em um travesseiro e deixar as lágrimas saírem como quisessem.

CAPÍTULO QUINZE



Gifford

Nunca na vida Gê tinha desejado tanto jogar uma almofada em alguém. Não conseguia acreditar no quanto aquela noite tinha sido ruim. Também não podia acreditar como sua esposa realmente via sua utilidade — como um mero meio-homem, incapaz de governar seu próprio cálice de vinho e muito menos um país. Jane não queria que ele fosse rei.

Não que algum dia ele tivesse mesmo desejado a coroa. (Ser da realeza significava apenas ter gente demais querendo dizer a você o que fazer, na opinião dele.) Ainda assim, quando a esposa de alguém usava a coroa, aquele alguém poderia pensar que tal adorno capilar não poderia ser assim tão ruim. Fazia sentido. Se não fosse assim, como seria apresentado o casal real?

— Senhoras e senhores, apresento-lhes Sua Majestade, a Rainha da Inglaterra! E ao lado dela... esse cara aqui.

Na verdade, Gê deveria culpar seu pai. Dudley o vinha preparando para se tornar rei, falando da coroação como se fosse algo inevitável. Dizendo coisas como “Vamos conversar disso quando você for rei...” e “Quando você for rei, vai precisar construir um *closet* bem ao lado dos estábulos”.

Ele nunca tinha almejado a coroa. Mas também nunca tinha pensado que sua esposa iria negá-la a ele. E ainda mais com tanta voracidade. É certo que eles só estavam casados havia pouco mais de uma semana, então não deveria ser surpresa que ela ainda não confiasse nele. Mas como ela podia não confiar nele?

Gê passou a manhã do quinto dia do reinado de Jane trotando nas planícies gramadas ao norte e a leste do castelo. Ficou

tentando enumerar todas as razões pelas quais não seria bom ser rei.

Primeira: seria difícil galopar com uma coroa.

Segunda: se fosse rei, raramente conseguiria ficar sozinho, e dificilmente poderia passear no campo por conta própria. Provavelmente teria sempre um conselheiro no seu pé. Que coisa degradante.

Terceira: ele tinha de admitir que sua esposa era bem mais estudada que ele. Ele tinha certeza de que, em algum momento, Jane já tinha lido um livro com um título do tipo *Como governar um reino mesmo que você seja a trigésima-segunda na linha de sucessão e existam chances de que você nunca venha a governar nada: volume um de três*.

E, finalmente: ser rei era exatamente o tipo de responsabilidade que Gê preferia evitar. Se fosse rei, as pessoas começariam a esperar grandes feitos dele. Cada uma de suas ações seria julgada e comparada às de monarcas do passado. E, se cometesse erros, bem, os erros de um rei têm consequências. Era muita pressão.

Perturbada é a cabeça que segura a coroa, Gê pensou. E era uma bela frase. Ele queria ter caneta e papel por perto. E também mãos com polegares opositores para que pudesse escrever.

Gê soprou pelas narinas (o equivalente equino a suspirar). Nunca tinha desejado ser rei. E sua lady agora apresentava um punhado de razões bem lógicas para a decisão que tomara, apesar de que, naquele momento, ele teria apreciado que tais razões lógicas tivessem sido explicadas a ele de maneira menos hostil. Preferivelmente com menos almofadas voando perto de sua cabeça. Ainda assim, a rejeição doía.

Gê reduziu o passo e trotou para perto de um córrego que descrevia um caminho sinuoso pelo vale. Abaixou a cabeça e sorveu um pouco d'água. A sensação em sua língua era de muito frescor, e isso ajudou a acalmar seu ego flamejante.

Como seria a vida de um príncipe consorte? Ele só conseguia se imaginar como uma espécie de assistente pessoal, que sempre ficava à esquerda da rainha com uma devoção astuta, e assim que ela dissesse “Estou com sede”, ele responderia com um saltinho

ligeiro e palavras como “Majestade, mesmo que eu tenha de procurar sozinho pelas águas mágicas da Romênia, matando montes de bandidos no caminho, nada tema. A. Senhora. Terá. Sua. Água”.

Gê sacudiu a crina e relinchou, som que definitivamente soou como uma lamentação até mesmo para seus ouvidos. Percebeu que, na realidade, não seria um assistente pessoal, e, mesmo que viesse a ser, provavelmente sempre haveria uma jarra de água por perto.

O sol percorreu o céu muito mais rapidamente do que ele gostaria naquele dia. Quase dava para ver os rastros da passagem solar no azul celeste.

Às vezes Gê temia se transformar em cavalo e deixar sua humanidade de lado, mas, naquele dia, temia mais ainda o sol poente e o fato de que dali a pouco teria de encarar a esposa. Queria ser um marido apoiador e carinhoso, queria conversar sobre como eles transformariam o reino, não queria se sentir inferior ou sem ação, porque ele conhecia Jane — ou pelo menos achava que conhecia — e sabia que ela não o faria se sentir inferior ou sem ação.

Gê sempre pensara em si mesmo como um sujeito meio que iluminado, especialmente se comparado a outros homens de seu tempo. Quando a esposa de seu irmão questionou Stan durante um jantar de família, acabou confinada no quarto durante três dias. Gê nunca reagiria de maneira assim tão grosseira. Jane amava livros, e aquilo nunca o amedrontara como acontecia com outros homens. Sim, era algo que o irritava no começo — uma reação perfeitamente razoável —, mas isso era porque os livros eram pesados e ocupavam muito espaço, e ainda pareciam ser mais importantes para ela do que ele próprio. Ou do que as pessoas em geral. Mas então Jane tinha lido para ele sob a árvore, com aquela voz tão melodiosa, tão segura nas pronúncias de todas as palavras difíceis. Como “sesquipedal”, que Jane explicou ser um adjetivo para descrever palavras ou versos muito extensos.

Gê nunca a tinha culpado por ser uma leitora. Ou uma pensadora. Ou por dar sua opinião com tanta frequência. E, por Deus, como ela

dava sua opinião com frequência. Mesmo assim, ele nunca usaria de sua posição de “lorde e senhor” para cima dela.

Mas agora Jane era sua rainha. Sua soberana. Sua comandante. Na noite da coroação, ele tinha jurado lealdade a ela, e somente a ela.

Como poderia ser apenas um marido depois daquilo? Deveria ser um lorde e senhor em seu próprio lar somente se com isso concordasse sua própria esposa, a rainha?

O sol continuou sua trajetória veloz rumo ao horizonte, e Gê se virou de volta para Londres e apressou o passo.

Seus pensamentos não soavam como se fossem seus. Pareciam mais algo advindo de seu pai ou de seu irmão. Gê nunca tinha realmente formado uma opinião a respeito do papel dos homens e das mulheres no mundo. Sua parceria com Jane sempre tinha parecido justamente isso: uma parceria. Não uma dominação. Não uma situação de mestre e serviçal. Mesmo quando não estavam gostando muito da companhia um do outro, tratavam-se igualmente com desdém.

Jane tentara se lançar contra um ataque da Alcateia, e ele a impedira.

Gê tentara beber cerveja até ficar estuporado, e ela escondera a bebida.

Jane o ensinara a respeito de ervas e... aquelas outras plantas que... cresciam... naquele lugar sobre o qual ela estava lendo. Ele a ensinara que nem todos os eðianos são bonzinhos.

Ela sabia a respeito de unguentos. Ele sabia muito de alfafa.

Ela tinha a pele macia e a tez do rosto tão delicada, e aquele jeito peculiar como seus lábios se moviam com as palavras quando lia alguma passagem especialmente intrigante...

Gê fechou os olhos. A pele macia. Os lábios.

Aqueles lábios que a própria mão do Amor criara, ele compôs mentalmente, desejoso.

À medida que ia se aproximando dos estábulos da torre, se perguntou quem estaria lá para saudá-lo naquela noite. Sua Majestade, a Rainha da Inglaterra... ou sua lady?



Gê entrou no salão de jantar, preparado para encontrar um suntuoso banquete repleto de criados, talheres e comidas que cabiam a uma rainha, mas o que viu o surpreendeu profundamente.

Eram apenas dois lugares, duas velas, uma bandeja com um pequeno pato assado rodeado por vegetais e enfeites, e uma pequena bacia de frutas. E a Rainha da Inglaterra sentada na cabeceira da mesa. Ele fez um ar desconfiado.

— Majestade... — Gê cumprimentou.

— Milorde — ela respondeu, acenando com a cabeça.

— Onde está todo mundo?

— Quem?

— Sua... corte? Suas damas de companhia? Seus criados?

— Ser rainha tem suas vantagens — ela deu de ombros —, uma das quais é a possibilidade de ordenar que todo mundo saia do salão e eles obedecerem.

— Inclusive meu pai? — Gê perguntou.

Jane se retesou à menção do homem, mas se recuperou rapidamente e substituiu a cara de antipatia por uma expressão vazia.

— Inclusive seu pai. Você deveria ter visto a expressão no rosto dele. Mas, sim, inclusive ele.

O pai de Gê era obviamente um assunto tenso entre os dois, mas naquele momento qualquer assunto parecia ser tenso entre eles. Gê apanhou um frasco de vinho e dois cálices na ponta da sala, mesmo que tivesse quase certeza de que apenas um seria usado. Sentou-se em seu lugar à direita dela. Encheu seu cálice e ergueu o frasco na direção dela em um gesto questionador (ela recusou, claro), e então depositou o frasco à sua direita, fora do alcance da rainha. Ela não fez objeção.

Se tinha algo a ser dito daquela noite, era que ele provaria ser capaz de lidar com seu próprio cálice. Seria rei de sua taça.

Ambos se serviram dos pratos à frente, e Gê desviou a conversa para tópicos mais amenos. Conversaram sobre o dia dela, circulando pelos assuntos reais; e o dia dele, circulando pelos

morros a nordeste. O dia dela, com escolhas da cor dos brocados de suas ladies; e o dia dele, retirando feno de entre os dentes com a língua.

Jane contou que Lorde Dudley tinha se plantado ao lado dela o dia inteiro, o que a deixou um tanto irritada com aquela presença constante, e que estava feliz com a ausência dele do castelo no dia seguinte.

— Meu pai está indo a algum lugar? — Gê perguntou. Ah, ótimo. Lá estavam eles de volta ao assunto do pai.

— Sim. Achei que você soubesse. Ah, não, é claro que você não saberia. Ele recebeu a mensagem enquanto você estava no seu... hã... estado quadrúpede. Ele foi chamado com urgência na área rural. Não quis dizer o porquê, então presumi que fosse algum assunto pessoal. — Ela levou a mão aos lábios. — Ah, me desculpe. Eu deveria ter percebido que o assunto poderia te importar também, já que você é filho de Dudley.

Jane disse aquilo como se o laço de sangue com o homem dissesse algo sobre o caráter do marido. Gê lutou contra a vontade de voltar a desbravar aquele mesmo território que ambos já tinham percorrido e então levantou a mão.

— Milady, tenho certeza de que tudo está bem com meu pai. — E a verdade era que Gê não estava nem um pouco preocupado com nenhum tipo de emergência familiar. Apenas conseguia pensar que o assunto urgente que convocara Lorde Dudley para longe teria mais a ver com o assunto que vinha ocupando a mente do pai nos últimos anos: o controle do trono inglês.

Gê concluiu que a mensagem mais recente provavelmente teria a ver com a caçada a Maria. E, se seu pai estava respondendo ao chamado pessoalmente, era porque as coisas não estavam indo bem.

— Gifford? Você está bem? — Jane perguntou.

— Só para ter certeza... — ele começou a responder, mas se livrou logo daquele pensamento. Muitas vezes naqueles dias ele tinha considerado contar a Jane o que tinha ouvido na noite da coroação, mas concluiu que era melhor não. Ela já estava tão

perturbada com aquela história de virar rainha, e se ficasse sabendo que Maria não a aceitava como soberana...

Não, ele iria se segurar para não dar mais margem às especulações e esperaria até que seu pai retornasse com notícias verdadeiras. Apesar de que se ela descobrisse que ele tinha escondido informações, acabaria tendo uma razão mais séria para não confiar nele.

— Estou apenas preocupado com o nosso... digo... com o seu primeiro decreto como nossa soberana.

— Ah. Certo. Eu estava pensando nisso hoje enquanto lia um livro chamado *Elaborando decretos: a antiga linguagem da arbitragem legal*. — Ela pôs a mão sob a mesa e puxou uma pilha remexida de pergaminhos, muitos dos quais cobertos com sua letra, frases rascunhadas e palavras riscadas. — Estou praticando como eu poderia usar o palavreado de modo que eu não mencione eðianos diretamente, nem verdádicos, aliás, mas de uma forma que inclua a eles e também a outras pessoas que possam ser injustamente... — Sua voz sumiu enquanto ela olhava para Gê.

Ela tinha usado a palavra “eu”, não “nós”. (Ele queria que ela usasse ali um nós “Jane e Gifford”, não o nós majestático, que ela ainda se recusava a usar.) Aquela era definitivamente a Rainha da Inglaterra, e não sua esposa, sentada na cabeceira da mesa. Gê se recostou e se serviu de mais uma taça de vinho.

— Estou te entediando? — Jane quis saber.

— Não — Gê respondeu —, mas só porque eu parei de ouvir faz tempo.

— Ah... — Jane soltou.

Ela olhou para o prato à sua frente, com as faces rosadas, e Gê se perguntou se teria sido direto demais com ela. Mas, a sério, será que ela precisava mesmo que ele estivesse ali para aquela conversa? Ela obviamente não precisava dele ao seu lado ao governar o reino. Por que precisaria para elaborar decretos?

Ambos terminaram o jantar em silêncio, assim que ficou claro que não haveria tópicos seguros a serem discutidos, e então seguiram separadamente para seus respectivos quartos sem que as portas entre os dois jamais fossem abertas.



Os dois não se viram muito nos dias que se seguiram. As horas diurnas de Gê eram passadas cada vez mais longe do castelo, até chegar a um ponto na oitava noite do reinado de Jane que ele tinha ido tão longe que, quando o sol se pôs, ainda estava a quilômetros de distância. Tinha conseguido chegar a um ajuntamento de árvores nos arredores de uma vila perto de Londres assim que a transformação aconteceu, e aí teve de se esconder com um punhado de arbustos. Como é que ele ainda não tinha arrumado um jeito de controlar aquela maldita maldição?

Talvez porque não tivesse realmente se esforçado.

O que ele não daria para estar no castelo dos Dudleys naquela hora, com sua localização tão remota e as estradas que conhecia tão bem até na noite mais escura...

Sim, ele já tinha passado por aquele problema algumas vezes antes, quando tinha se deixado levar e ainda morava na casa dos pais, e descobrira que o melhor a se fazer era encontrar uma taberna com um bordel anexo. Ali seria fácil encontrar roupas jogadas cujos donos estariam bêbados demais para se importar. E aquele tipo de taberna era fácil de encontrar. Bastava seguir o barulho.

Gê catou alguns ramos mais frondosos, posicionou-os nos lugares certos e se aventurou para fora das árvores e pela vila adentro, esgueirando-se sempre nas sombras e seguindo o barulho até a taberna mais próxima, chamada de The Three Ladies. Julgando pelas mulheres à porta, que nada tinham de ladies, Gê tinha encontrado o lugar certo.

Existem duas regras para se encontrar roupas quando você precisa delas e não tem nada à mão no momento: a primeira é agir como se soubesse o que está fazendo o tempo inteiro; a segunda é agir em modo contínuo, sem parar. Gê tomou conhecimento da primeira janela escura que pôde ver, respirou fundo e então soltou os ramos que o protegiam na parte de trás. (Ele precisaria de uma mão livre.)

Abriu a janela e subiu para dentro, o que provocou um gritinho feminino e um pedido de outra figura mais volumosa para acender a luz. Mas já era tarde para aqueles dois, pois Gê já saía porta afora usando as calças emprestadas de alguém e enfiando os braços nas mangas de uma camisa igualmente alheia.

Para os dois ocupantes daquele quarto, Gê pode ter sido encarado como um fantasma. Isso até a manhã seguinte, quando o proprietário das calças descobrisse a ausência das roupas.

Gê caminhou até a taberna adjacente, segurando as calças para compensar a pança do ocupante anterior. Ao notar isso, decidiu na mesma hora reduzir seu consumo de cerveja.

A coroação da rainha tinha sido algo tão recente que Gê tinha quase certeza de que ninguém reconheceria direito Sua Majestade, a Rainha Jane, e muito menos seu consorte. Ainda assim, manteve os olhos baixos o tempo inteiro enquanto passava na frente de todos os quartos rumo ao bar. Estava tão concentrado em chegar à porta da frente sem sobressaltos que quase não ouviu o sussurro.

— Vida longa à Rainha Maria.

Gê parou e se virou. Dois uniformes vermelhos chamaram sua atenção. Os soldados estavam de pé em frente à bancada do bar, e o atendente lhes entregava duas bolsas marrons cheias de alguma coisa pesada.

Talvez Gê tivesse ouvido errado aquela declaração. Mas não... Os nomes “Maria” e “Jane” não eram nada parecidos. Então ouviu outra voz, tão sussurrada quanto a primeira, desta vez vindo de um dos soldados como resposta.

— Vida longa à rainha verdadeira e de direito.

Os passos de Gê congelaram ali mesmo. Seu coração parecia querer escapar pela goela. Ele o engoliu de volta. Sabia que deveria se manter discreto, muito embora aquela tivesse sido uma decisão automática muito antes de qualquer reação lógica. A razão, afinal, o informaria de que ele era agora o consorte da rainha. Os soldados deveriam estar sob o jugo de sua esposa.

E, ainda assim, ali estavam os rumores de traição naquela pequena taberna nos arredores de Londres. Muitos outros soldados pontilhavam os assentos do salão principal, mas não tinham

nenhuma cerveja à sua frente. Era apenas comida e água. Gê tirou um momento para agradecer por não estar vestindo suas roupas finas de costume, de modo que então não parecia deslocado na ocasião.

Correu para a porta da frente com uma urgência renovada nos passos. Assim que saiu, notou pontos de luz brilhando no morro próximo.

Eram fogueiras. Barracas. Um acampamento. A uma curta distância de marcha até Londres. Ele precisava chegar até a torre, e depressa. Maldita fosse sua maldição. Por que ele não conseguia se transformar quando quisesse? Ele era cavalo apenas minutos antes. Minutos! Ficou de quatro ali mesmo no chão de terra e apertou os olhos bastante até que...

— Fique de pé, seu mendigo burro — ralhou um dos clientes inebriados da taberna.

Gê fez um gesto de pouco-caso e tentou focar na sensação do vento em sua crina, e seu traseiro pulando com o impulso das...

— Já bebeu demais, esse aí — outro homem falou em tom arrastado. — Acha que é um jumento!

Percebendo que sua estratégia não ia funcionar, Gê ficou logo de pé.

— Um cavalo — ele disse para qualquer um que quisesse ouvir. — Um cavalo! O reino de minha esposa por um cavalo!

Um grupo de outros bêbados olhou para Gifford como se estivessem enojados por alguém ter consumido tanta cerveja.

— Sossega, seu pançudo! — rebateu o maior e mais suarento dos homens com uma cusparada. — Ninguém pegou seu cavalo não!

— Não, eu é que preciso de um cavalo!

— Mas é claro que precisa — o grandalhão deu uma risada. — Aí, Mason, arruma um cavalo pro mendigo aqui!

O grupo todo deu risada, e Gê conseguiu se segurar para não dizer a todos que não tinha ouvido nada de engraçado, e que o tal homem que estava falando com ele é que era um pançudo. Em vez de discutir, apenas saiu correndo na direção do castelo.

Correu com tudo de si por bem mais de um minuto, coisa de um e meio, antes de perceber que teria de diminuir o ritmo e que, como homem, não tinha o mesmo vigor de que desfrutava como cavalo.

Seria uma longa viagem até o castelo.



Horas depois, quando chegou aos portões — e teve de gastar um tempo extra convencendo os guardas de que ele era realmente o príncipe consorte —, adentrou o salão principal e alcançou as escadarias que o levariam ao quarto da rainha. Já tinha se passado tempo suficiente para que a rainha tivesse desistido de esperá-lo e se recolhido. Bateu na porta do quarto com o punho fechado.

— Jane! — gritou. — Jane, abre aqui.

Depois de muitos momentos, ela abriu a porta com vestígios de sono ainda em seus olhos e um longo robe sobre os ombros. Ao ver Gê, ela puxou o robe ainda mais junto de si.

— O que significa isso? — ela disse com petulância.

Ele entrou atabalhoadamente e fechou a porta atrás de si.

— Isso é muito... — Jane começou a dizer, mas Gê a cortou.

— Milady, Majestade... Jane. Você precisa convocar uma reunião do Privado Conselho.

— É Conselho Privado, Gifford.

— Isso. Isso aí. Convoque uma reunião. Agora. — Ele a sentou na cama e contou uma versão bem resumida dos eventos, continuando mesmo depois que ela ergueu as sobancelhas ao ouvir a parte em que ele estivera em um quarto de bordel e até chegar na parte dos soldados. Quando terminou, Jane se agarrou a um dos postes que faziam as vezes de pé da cama.

— Mas... mas seu pai me garantiu que estava tudo bem.

— Onde está meu pai? — Gê perguntou. — Você o viu hoje? Ele já voltou?

— Não, eu não o vejo desde que ele partiu há alguns dias.

Gê respirou bem fundo.

— Olha, eu não tenho sido tão honesto com você quanto poderia, mas, por favor, acredite em mim. Achei que estava agindo em seu benefício e depois posso explicar tudo o que você quiser. Mas

agora, neste momento, nós precisamos convocar uma reunião do Conselho.

Jane assentiu. Gê saiu porta afora, gritou para o criado mais adiante para reunir os membros do Conselho e voltou correndo para explicar tudo para sua esposa. A mensagem que o pai recebera a respeito de Maria. O fato de que Maria não aceitara Jane como rainha. A carta de emergência que o pai recebera chamando-o para terras distantes. Depois que ele terminou, o rosto de Jane estava sem cor, se é que isso era possível em criatura já tão naturalmente pálida.

— Mas... com certeza nós teríamos ouvido falar de soldados acampados assim tão perto daqui, especialmente se fossem hostis à coroa.

Gê assentiu.

— É por isso mesmo que quero convocar uma reunião do Conselho Privado. Todos eles ratificaram a decisão do rei de mudar a linha sucessória, mas acho que alguns vêm escondendo coisas de você, e também de mim, porque acharam que nós não teríamos como lidar com isso por enquanto.

O rosto de Jane ficou ainda mais branco, de forma que sua pele agora estava mais próxima de um cinza.

Gê tomou a mão dela. Era a primeira vez que ele a tocava em muitos dias.

— Vai ficar tudo bem. Tenho certeza de que o Conselho já sabe desses avanços e está fazendo seus preparativos.

Jane foi trocar de roupa enquanto esperavam os membros se reunirem. Gê se ofereceu para sair e chamar uma das damas de companhia para ajudá-la, mas Jane pediu que ele ficasse (com a cadeira virada para a parede, claro) e insistiu que poderia se vestir sozinha, porque vinha se vestindo sozinha nos últimos anos e certamente não tinha se esquecido de como...

Gê implorou para que ela parasse de explicar. Jane trocou de roupa, e Gê passou pela porta comum dos quartos, rapidamente vestiu calças que lhe serviam e uma túnica simples e retornou para junto da esposa em seguida.

E esperaram. E esperaram. E esperaram.

Horas se passaram. Não havia ainda nem pista da alvorada no céu, mas com certeza não demoraria.

Jane começara a andar de um lado para o outro no salão, e Gê até teve um pensamento fugaz de que teriam de trocar o piso depois de ela ter andando tanto naqueles... quantos mesmos tinham sido? Quase nove dias como rainha.

Finalmente veio uma batida na porta.

Gê abriu e ali estava o mensageiro que ele tinha enviado originalmente.

— Senhor lorde, mandei avisar os membros do Conselho e, bem, alguns deles têm alojamentos próximos ao castelo e outros não, enquanto alguns tiveram de ser procurados em outras localidades e... bem...

— Bem o quê? — Gê perguntou. — Já estão todos reunidos?

— Não, milorde.

— Muito bem. Vamos nos reunir com os que compareceram. — Afinal, já estava ficando bem tarde, e ele queria fazer aquela reunião antes que desse a hora do cavalo.

— Mas senhor... é que... não tem ninguém...

— Ninguém?

— Peço mil desculpas, senhor. Não há ninguém. Não sei onde estão. Pedi à guarda da rainha para procurá-los, mas não sei se tentaram o suficiente...

De súbito, o mensageiro parou de falar e apenas correu para longe.

— Gê? — Jane perguntou. — O que foi?

— Fique aqui. Vou ali checar uma coisa.

Gê saiu pela porta e Jane foi logo atrás. Ele já deveria saber que ela não ficaria.

Os corredores estavam estranhamente silenciosos, mesmo para aquela hora da madrugada. No ponto mais alto da Torre Branca, pararam frente a uma janela que avistava justamente a posição do tal acampamento. Gê pôs a cabeça para fora e viu soldados e seus estandartes com uma romã bordada sobre um campo de rosas.

Foi quando sua boca se contraiu em desalento. Seus ombros caíram. E seu coração se apertou.

— O que você está vendo? — Jane perguntou em um sussurro.

— Um exército em nossos portões. — Gê tentou não parecer tão aterrorizado quanto realmente estava. — O exército de Maria.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— ♠ —

Eduardo

— Já chegamos? — Eduardo perguntou pela enésima vez.

— Estamos cinco minutos mais próximos que desde a última vez que você perguntou — Gracie respondeu.

— Tá. E quando é que a gente chega?

— Mais um dia de viagem. Talvez dois, se você continuar me fazendo perguntas bestas.

Eduardo deu um suspiro. Depois de dias e dias (e mais dias) rumo ao norte em meio à floresta em uma chuva que parecia nunca dar trégua, sempre encharcado e gelado até os ossos, o rei finalmente tinha se cansado de andar. Seus pés estavam moídos, sua cabeça doía, seu tornozelo machucado incomodava e crises de tosse e zonzeira o acometiam a toda hora.

O veneno ainda o estava matando, ele concluiu.

Naquela hora, porém, o veneno era uma preocupação menor. Alguns dias antes, tinham visto soldados na estrada. Aquela visão tinha enchido Eduardo de temor, porque os estandartes que eles portavam não traziam o leão vermelho que marcara seu reinado, e sim a romã em um campo de rosas. A insígnia de Maria.

E eles marchavam rumo a Londres. O que significava que as coisas iam ficar realmente feias para Jane.

— Não tem como acharmos um jeito mais rápido de seguir? — ele perguntou também pela enésima vez.

Gracie sorriu um sorriso de falsa gentileza. — Sabe, essa jornada toda seria bem mais rápida se você se transformasse em pássaro e ficasse no meu ombro. Mais rápida e mais silenciosa.

Eles já tinham tido aquela discussão antes.

— Não. — Eduardo não considerava adequado que ele fosse carregado por uma mulher. Afinal, como ela poderia vê-lo como um homem se era ela que o estava levando até um lugar seguro? — Se pelo menos pudéssemos seguir pela estrada aberta... — Também já tinham tido aquela discussão antes.

— Não — ela recusou de pronto. — A última coisa de que precisamos é bater de frente com mais soldados, ou pior, com membros da Alcateia. Precisamos ficar fora de vista.

— Então talvez pudéssemos arrumar um cavalo...

Gracie parou de andar e se virou para ele.

— Arrumar um cavalo, é? Será que você conhece alguma fazenda legal e amigável aqui em volta, que esteja simplesmente dando cavalos pros outros?

— Você é uma ladra, não é? — Eduardo olhou sugestivamente para ela. Pelo menos era essa a ocupação que ela alegava ter: ladra de galinhas, bandidinha profissional, assaltante de carruagens se assim se fizesse necessário, invasora invisível de casas e ocasional punquista. Ela admitia abertamente que era pouco afeita à lei. Eduardo se perguntou como é que alguém conseguia desenvolver todas aquelas habilidades na tenra idade de 17 anos, que era o quanto ela dizia ter, mas Gracie não respondia a muitas perguntas quando o assunto era seu passado. E era meio evasiva quando se tratava de seu presente também.

— Roubar cavalo é punível com morte, você sabe — ela o lembrou.

— A não ser que você conheça um rei que vá perdoar seu crime.

Gracie levou a mão à cintura e ele instantaneamente se arrependeu de lembrar a ela quem ele era. Desde que ele confessara ser o rei, a garota tinha ficado meio temperamental. Bom, parecia que ela o suportava bem a maior parte do tempo; era gentil e tinha mesmo um espírito alegre, às vezes até parecia estar maravilhosamente ou estranhamente flertando, o que o deixava confuso, mas vez por outra ela se lembrava de que ele não era só o companheiro de viagem, e sim o Rei da Inglaterra, e aí ficava toda amuada de novo. Ou pior: ficava irritada com ele sem razão aparente. Como agora, por exemplo.

— Bem, meu senhor... — Ela adorava chamá-lo de “senhor”, mas o jeito como ela falava o fazia suspeitar de que ela estivesse apenas de troça. — O senhor pode não ter percebido, mas você não é exatamente rei aqui por estas bandas. Não pode estalar os dedos e imediatamente ter uma carruagem à disposição com rodas douradas e quatro cavalos brancos majestosos para nos levar a qualquer lugar onde desejarmos ir. Precisamos fazer isso com nossos próprios pés.

Eduardo tentou pensar em uma resposta inteligente, mas teve de parar para se apoiar em uma árvore porque estava completamente sem fôlego. Gracie viu a expressão de exaustão no rosto dele e se virou para oeste, onde o sol rapidamente se punha.

— Melhor pararmos para passar a noite. — Ela apoiou a bolsa em um tronco ao lado e começou a montar um acampamento improvisado.

— Eu consigo continuar mais um pouco — ele disse entre arfadas enquanto ela agilmente se abaixava para pegar gravetos. — Estou em perfeitas condições de continuar. Ela o ignorou. — Muito bem, então — ele graciosamente aceitou a proposta de parar assim que ela acendeu uma fogueira. — Podemos parar, se você acha que não tem como prosseguir.

Mesmo com aquelas palavras, seu corpo o traiu ao despencar quase de uma vez ao lado do fogo, desesperado por um pouco de calor. Fechou os olhos. Mas era só para descansá-los um momento.

— Você vai ficar bem? — Gracie perguntou, ao que Eduardo abriu os olhos e limpou a garganta.

— É claro que vou. Estou muito bem. Só concordo em pararmos porque sei que mulheres precisam de muito mais descanso que homens, por causa de sua constituição delicada.

— Tá certo então — ela disse com um ronco de escárnio. — Espere aqui. Minha constituição delicada e eu voltaremos logo. — Ela se abaixou e tirou as botas. Eduardo tentou não ficar encarando as formas femininas dos tornozelos da moça (uma visão que teria sido indecente na corte real, uma vez que tornozelos eram considerados escandalosamente provocativos naquela época), mas não conseguia parar de olhar.

Ela tinha mesmo lindos tornozelos, ele pensou. Tão bonitos.

Gracie levantou o olhar como se tivesse sentido os olhos dele. — O senhor gostaria de pintar meu retrato, senhor? Porque ia durar mais tempo.

Eduardo corou de imediato e olhou para o lado, o que foi uma coisa boa, porque ela se virou de costas para ele e tirou rapidamente o resto das roupas, ficando assim, completamente nua pela incrível duração de três segundos, que ele conseguiu captar só pela visão periférica, até que uma luz intensa piscou e, onde antes estava Gracie, havia agora uma raposinha vermelha completa e perfeita, com orelhas pontudas, bigodes e um rabinho felpudo de ponta branca.

Sim, Gracie era uma raposa.

A raposinha saiu correndo sob arbustos baixos, silenciosa como uma sombra. A escuridão caiu. Ele ficou observando as estrelas saírem. A chuva finalmente tinha parado e uma suave brisa soprava, esfriando o rosto de Eduardo. Uma coruja piou em algum lugar em meio às árvores. Era uma linda noite. O tipo de noite que faz alguém ficar mais reflexivo. E lá estava ele, todo sozinho.

Deve-se salientar que Eduardo não estava acostumado a ficar sozinho. Em sua vida anterior, era extremamente raro que tivesse quaisquer quinze minutos de paz por conta própria. Ele era como um sol glorioso em torno do qual outros homens orbitavam o tempo inteiro. Homens que vigiavam para que ele não se engasgasse enquanto comia. Homens que o ajudavam a montar em cavalos. Homens que o ensinavam latim. Homens que penteavam seus cabelos. Homens que enchiam seu copo quando este esvaziava, o que era nunca, porque sempre havia um homem enchendo de novo. Até quando dormia havia homens montando guarda em frente à porta.

E agora ali estava ele, completamente sozinho. Achava aquela situação tanto um motivo de euforia (ele podia até se coçar que não teria ninguém para ver; ninguém o julgaria — ninguém mesmo!) e de preocupação (e se ele se engasgasse?).

Eduardo podia usar aquele tempo para pensar em muitas coisas: considerar qual seria seu próximo passo para encontrar Helmsley e

sua avó e uma cura para o veneno, refletir acerca da natureza da confiança e da traição e sobre o quanto era difícil, mesmo para um rei, encontrar ajudantes bons e confiáveis naqueles tempos, bolar um jeito de retomar seu reino, ou pelo menos se preocupar com a situação de sua priminha Jane naquele momento, enfrentando o exército de Maria. Mas Eduardo não pensou em nada disso.

Só pensou em Gracie. Em como ela era uma raposa (não que Eduardo estivesse ciente, naquela época, de que a palavra “fox”, que significa “raposa”, em inglês, seria usada em um futuro longínquo como sinônimo de “mulher atraente”, já que, segundo podemos afirmar com nosso parco conhecimento, isso só aconteceria quando Jimi Hendrix compôs a música “Foxy lady” em 1967). Em como ela era, sem dúvida, uma ladra (mesmo que estivesse claro para Eduardo que, muito embora ela fosse mesmo uma criminosa, nada nela dizia “ladrazinha comum”). E no quanto ele queria beijá-la.

Essa última parte era a que ele considerava a mais assustadora. Gracie seria a mulher menos apropriada do mundo para ele ter como primeiro beijo de sua vida; ele sabia bem disso. Ele era Rei da Inglaterra. Ela era uma batedora de carteiras escocesa. Mas ainda assim, contra todas as possibilidades e praticabilidades, era ela que ele queria beijar.

Ela era a mulher certa, segundo decidira. A sortuda que ele beijaria.

Agora ele só tinha de entender como faria para dar o referido beijo. Geralmente, quando Eduardo queria alguma coisa, simplesmente pedia e a coisa acontecia. Não tinha dúvidas de que, na corte, se quisesse que uma mulher o beijasse, tudo o que precisaria fazer era dizer “Senhora Fulana de tal, quero que a senhora venha aqui neste momento e encoste seus lábios nos meus”, e com isso seu desejo seria literalmente uma ordem para ela. Ele nem precisaria pedir “por favor”.

Aquela situação, entretanto, era diferente. Em primeiro lugar, como Gracie tinha tão generosamente deixado claro, ele não era rei nenhum ali por aquelas bandas. Segundo, se ele se manifestasse abertamente e pedisse a Gracie um beijo, ele tinha o

pressentimento de que ela ia rir na cara dele. E terceiro: ele não queria apenas beijar Gracie. Queria que *ela* também quisesse beijá-lo.

Mas como poderia despertar nela a vontade de beijá-lo? Tinha lhe parecido que ela tivera pelo menos uma leve intenção de fazer alguma coisa lá no celeiro. Afinal, ela tinha olhado para ele *daquele jeito*. Eduardo se ajeitou desconfortavelmente na frente do fogo. Mas, logo depois, ela tinha imediatamente tentado se desvencilhar dele. E então começou a ajudá-lo. E então estava sempre deixando-o sozinho.

Mulheres eram criaturas bem complicadas.

Os arbustos farfalharam de novo e Gracie-raposa pôs a cabeça para fora e deu um latidinho engraçado, um sinal para que Eduardo se virasse de novo e ela pudesse se transformar e se vestir. Ele olhou para os pés e a luz *ediana* piscou mais uma vez, e Gracie-garota pegou rapidamente as roupas e desapareceu em meio à floresta mais uma vez.

Quando finalmente reapareceu, veio carregando um coelho morto e um pacote embaixo do braço. Passou o embrulho para ele. Eduardo começou a desenrolá-lo ansiosamente. Sempre que ela o deixava sozinho por algum tempo, reaparecia com alguma coisa de que eles precisavam: calças, para começo de conversa (porque era a coisa que mais fazia falta para Eduardo), depois um manto velho, depois uma camisa de linho cru e então um cobertor quentinho de lã. Um pedaço de pão aqui. Uma garrafa d'água ali. Uma espada levemente enferrujada, mas apesar disso bem decente. E, por último, mas não menos importante, botas. Um ótimo e apropriado par de botas exatamente do tamanho dele. Como ela tinha conseguido aquilo, ele nem tinha ideia. Achou melhor nem perguntar. E o pacote de agora acabou se revelando um par de meias descombinantes.

— Obrigado — ele agradeceu, imediatamente tirando as botas para calçar as meias.

— Por nada. — Ela nem olhou para ele; em vez disso, se sentou em um tronco do outro lado da fogueira e tirou da cintura uma faca de caça com um belo cabo com uma pérola incrustada. Eduardo

sentiu certo enjoo quando ela abriu a barriga do coelho e puxou a pele inteira com um só movimento suave. Antes daquele dia, a maior parte de sua comida tinha sido servida a ele já devidamente preparada e com cara de comida, não de um pobre animal indefeso.

Ele se lembrou então do camundongo que comera enquanto era pássaro. Seu estômago se embrulhou todo, insatisfeito. Voltou sua atenção para as meias.

— Ah, tem um buraco em um dedão — ele descobriu.

— Tem? — Ela nem levantou os olhos de onde estava arrancando as vísceras do coelho. — Suponho que você vá querer que eu costure para você.

— Sim, seria muito bom — ele disse agradecido. — Quando você tiver tempo.

— E você quase deixou o fogo apagar, então também vai querer que eu reacenda para você.

— O que você precisar para cozinhar esse coelho... — ele respondeu.

— Devo também passar sua camisa enquanto ele cozinha?

— Sabe, ela está *mesmo* um pouco enrugada — ele admitiu, muito embora não tivesse certeza de como ela faria para conseguir tudo aquilo.

Fez-se um barulho nojento bem nos pés dele — vísceras de coelho. Eduardo engasgou, olhou para cima e deparou com Gracie diante dele, com os pés separados e os olhos verdes furiosos.

— Não sou sua criada! — Ela balançou o coelho limpo bem no nariz dele. — Disse que iria te ajudar, e vou fazer isso, mas você não vai me dar ordens. Você não é meu rei e eu não sou sua súdita. Então pode parar de me dizer o que eu tenho de fazer.

Ele piscou os olhos, pego de surpresa.

— Mas eu não estava... Não quis de jeito nenhum te dar ordens, nem queria que você fizesse todo o trabalho. É só que...

Ela cruzou os braços.

— Eu nunca tive de me cuidar sozinho antes — ele balbuciou olhando para os pés. — Não sei fazer isso.

Ela ficou parada por um momento e então ele a ouviu se distanciando. Quando se atreveu a olhar para cima de novo,

Eduardo a viu assando o coelho em uma vareta sobre o fogo, com os cachos escuros caindo sobre seu rosto e ombros, e uma expressão bastante séria enquanto encarava as chamas. O coração dele se apertou. Ela o odiava. Estava provavelmente pensando em qual seria o melhor jeito de se livrar dele.

— Me desculpa — ele disse gentilmente.

Gracie levantou a cabeça e o olhou nos olhos, com o rosto iluminado pelo fogo.

— Me desculpa também — ela disse por fim. — Eu não deveria ter pulado na sua jugular desse jeito. Só é um assunto que me incomoda, eu acho.

— Qual assunto?

— Reis ingleses.

— Oh. — Ele deu um sorriso tímido. — Bom, notei isso. Mas acho que minha jugular ainda está inteira. Pelo menos da última vez que chequei.

As covinhas de Gracie reapareceram; estava tentando não sorrir de volta. A esperança reaflorou no coração dele. Talvez ela até gostasse dele um pouquinho.

— Acho que não é culpa sua. Você deve estar muito acostumado a ter as pessoas em volta de você, todas de quatro e se atropelando só para te servir melhor.

— É isso. — Mas então Eduardo hesitou em lhe dizer como ele frequentemente se sentia preso em uma gaiola de ouro com toda aquela atenção. O quanto queria conseguir fazer as coisas por conta própria.

— E você passava seus dias assinando decretos, e não trabalhando para se manter alimentado e aquecido — ela continuou, e ele deu de ombros.

— Até deixei a maior parte das assinaturas para meus conselheiros. — Sempre achara que tocar o dia a dia do país era tão interessante quanto ver grama crescer, então tinha delegado as tarefas chatas. Era para isso que eles estavam lá mesmo, segundo ele concluiu.

— Então o que você fazia? — ela quis saber. — Só comia, bebia e fazia festa o dia inteiro?

— Não. — Ele deu uma tossidinha nervosa, mas se lembrou de como começava todos os dias de rei sendo vestido por seus criados, tomando o desjejum que lhe era dado literalmente de bandeja, depois ia para horas de lições com os mais impressionantes tutores do reino. E então almoçava. E aí passava as tardes (antes que a doença o pegasse, pelo menos) jogando tênis ou praticando com o arco ou a espada. Também se saía razoavelmente bem com o alaúde, e às vezes encenava pequenas peças com seus assistentes. E vez ou outra saía para caçar. Normalmente, cervos. E ursos. E (opa...) raposas.

Foi quando ocorreu a Eduardo que ele, de certa forma, vinha o tempo todo se preparando para ser rei, em vez de realmente *ser* um. Limpou a garganta.

— Então... que idade você tinha — ele perguntou, tentando mudar de assunto — quando descobriu que era *ediana*?

— Ah, eu sempre soube — Gracie respondeu. Virou o coelho bem devagar para assar o outro lado. — Meu pai e minha mãe eram, e também todos os meus tios e tias e tal. Teria sido uma decepção muito grande se eu tivesse saído diferente.

— Mas quando foi que você descobriu que era uma raposa? — ele quis saber.

— Muitos escoceses são raposas — ela deu de ombros. — E também veados-vermelhos, martas, corças e outros animais que geralmente são caçados, é o que nós somos. Por que você acha que os ingleses têm tanto prazer em nos perseguir?

Glup... “Os ingleses” significava “Eduardo” — muito embora ele considerasse as desavenças entre Inglaterra e Escócia como um problema criado exclusivamente por seu pai, e que certamente nada tinha a ver com o próprio Eduardo, a não ser por aquela história com a Maria da Escócia. Ele estremeceu de frio.

— Então, por que você está me ajudando, se você é escocesa e eu sou inglês e a gente deveria estar tentando se matar?

Ela levantou o espeto com a carne e sacou a faca novamente, agora para partir o coelho. Em resposta à pergunta, ela disse apenas: — Eu sempre tive coração mole para as criaturas mais patéticas deste mundo.

— Ah, muito obrigado! — ele disse sarcasticamente, e em seguida queimou a língua no coelho assado. — Por Deus, isso tá muito quente!

Gracie passou a ele um frasco com água, que Eduardo bebeu com gratidão.

— Então, conte sobre essa vovozinha sua que vai salvar o dia. — Ela teve o bom senso de soprar a carne antes de comer, e por um momento Eduardo ficou apenas a observando. — Essa vovozinha em Helmsley?

— Ah. Ela é a velha Rainha Mãe — Eduardo explicou. — A mãe de meu pai, Elizabeth. Era pra ela ter morrido coisa de meio século atrás, mesmo antes de meu pai virar rei. Mas eles só disseram a todo mundo que ela tinha morrido, quando, na verdade, a esconderam em Helmsley, onde ela vem morando desde então.

— Por quê?

— Porque ela é um gambá.

Gracie deu uma risada esrachada.

— Um gambá?

— Uma eðiana nos tempos em que era ilegal ser eðiano — Eduardo continuou, enquanto mordida mais cuidadosamente um pedaço do coelho. — Mas meu avô a amava, amava de verdade, então, em vez de queimá-la na fogueira, decidiu encenar a morte dela e mandá-la para longe. Em alguns anos, a gente fazia viagens para a casa de campo para vê-la, Maria, Bess e eu, e às vezes até minha prima Jane, já que a vó é bisavó dela. Ela é bem velhinha, eu diria que já deve estar beirando os 90 anos, e não tem nenhuma papa na língua. Uma vez, ela deixou meu pai tão furioso que ele virou leão e a gente ficou com medo de que ele fosse devorá-la, mas aí ela virou um gambá e borrifou bem na cara dele. Ele levou semanas para se livrar do cheiro.

— Parece que eu vou gostar dela — Gracie disse com um sorriso.

— Jane e eu a adorávamos. Ela gostava de brincar com a gente. A cara no baralho é ela, sabia? Sempre que você vê uma dama de copas.

— É mesmo? — Gracie já tinha acabado sua porção de coelho e jogou os ossinhos nas brasas. Ela sempre comia rápido, como se

tivesse de fugir a qualquer momento, sem nada que nem de longe lembrasse boas maneiras. Eduardo, por outro lado, saboreava a refeição vagorosamente. Estava achando aquela comida feita na fogueira muito melhor do que a que serviam no palácio, porque, agora que conseguia comer de novo, estava esfomeado o tempo todo e podia sentir que a comida lhe dava as forças de que precisava tão desesperadamente. Aquela comida estava lhe dando vida.

— Agora é só mais um dia até a gente conseguir chegar a Helmsley? — ele perguntou ao terminar.

— Se não tivermos mais problemas. — Gracie lambia a gordura de coelho dos dedos. — Mas, como eu já disse mais de uma vez, a gente chegaria muito mais rápido se você pudesse...

— E eu já te falei mais de uma vez também — Eduardo interrompeu. — Não vou virar passarinho e seguir no seu ombro como se fosse seu bicho de estimação. Se fosse tão simples assim, eu poderia só me transformar e voar até lá, não poderia? Poderia te deixar para trás.

— Bom, não se atrase por mim. — Ela se recostou nos braços cruzados e ficou a olhar as estrelas. — Então voa.

— Não posso — ele admitiu. — Não sei o caminho.

Ela fez um som como o de quem dá uma risada e segura.

— Além do mais — Eduardo continuou com leveza no tom —, acho que comecei a gostar da sua companhia.

Poderia ser uma esperança vã, mas a escocêsinha pareceu gostar dessa declaração dele.

— Começou, é? Bom, então acho que também gosto da sua companhia, quando você não está sendo um moleque mimado.

— Ah, muito obrigado de novo — ele murmurou.

— Imagina, por nada. Mas você deveria voar para longe mesmo, se tem como fazer isso. Helmsley não está longe para um francelho.

Ele balançou a cabeça.

— Quando eu viro pássaro, fico esquecido das coisas. Esqueço de tudo, a não ser do vento e do céu. Estou voando, flutuando sobre tudo o que há, e é a melhor sensação do mundo. Não estou doente. Não sou rei. Só sou livre.

Gracie chegou mais para perto enquanto ele contava a respeito de como era voar, com uma expressão pensativa. Olhou de novo para as estrelas, e ele tentou não se distrair com a voltinha inebriante do pescoço dela.

— Parece mesmo lindo lá em cima — ela murmurou. — Sempre sonhei em voar.

— Mas eu perco toda a noção de tempo e de objetivo quando faço isso — ele continuou. — Isso acontece com você quando se transforma? O lado animal toma conta?

Gracie refletiu por um instante.

— Eu tenho mesmo pensamentos raposais, eu acho. Uma atração por buracos. Por correr. Por ouvir o último cacarejo desafinado de uma galinha quando enfio meus dentes no... — Ela corou e mostrou suas covinhas de novo, com os olhos dançando nas chamas à frente.

Ele fingiu esticar os braços, só para chegar mais perto dela. (Isso, é claro, não está nos livros de História, mas gostaríamos de aproveitar o momento para salientar que esta foi a primeira vez que um jovem tentou aplicar esse movimento particular de esticar o braço sobre uma jovem. Eduardo foi o inventor do estica-braço, uma técnica que rapazes adolescentes vêm usando há séculos.)

Gracie não se moveu. O beijo poderia ter acontecido ali mesmo, mas, naquele exato momento, o vento mudou e jogou uma nuvem de fumaça bem na cara deles. Ambos tossiram, claro, mas Eduardo engasgou e então tossiu e tossiu e tossiu até ficar com as vistas borradas. *Maldito seja Dudley e seu veneno e seus planos e toda a porcaria de tosse que me causou*, ele pensou. De jeito nenhum ela iria beijá-lo depois de quase ter posto os pulmões para fora daquele jeito.

Gracie ficou de pé e se ocupou de controlar a direção do fogo.

— Bom, de qualquer forma, você ainda é verde — ela disse ao arranjar estrategicamente mais pedaços de madeira. — Acabou de descobrir sua forma eðiana. Vai aprender a controlá-la em pouco tempo.

Ele suspirou.

— Como você controla?

— Não é tão difícil assim. Quando quero me transformar, respiro bem fundo para clarear a cabeça e penso alguma coisa do tipo: “Virar raposa agora significa achar a nossa janta, e achar a janta significaria ajudar o jovem rei”, e então a raposa toma conta da situação. Por falar nisso — ela continuou, virando-se para seus pertences —, trouxe uma sobremesa.

Ela pegou um lenço, desdobrou-o, e, ali, refletindo a luz do fogo, estava um belo punhado de amoras.

Eduardo não sabe o que aconteceu. Em um momento, estava ali, muito bem, satisfeito com a possibilidade de sentir o gosto de amoras outra vez, e então, no momento seguinte, estava se debatendo em uma série de convulsões violentas, com os olhos virando e a boca espumando. Mal conseguia discernir o rosto de Gracie à sua frente, os olhos da menina tomados de preocupação.

Depois de alguns minutos, a crise passou. Ele se deitou de lado por um instante, encurvado, exausto e arfando; então, tossindo mais um pouco, sempre tossindo, vomitou todo o coelho. Quando terminou, Gracie pousou a mão fria sobre a testa dele.

— Você está tão quente — ela disse baixinho.

— Me desculpa — ele disse. — Acho que não tenho um ou dois dias para chegar até Helmsley, não é? Ainda estou morrendo, pelo jeito.

— Você precisa se transformar — ela trincou os dentes. — É o único jeito.

O resto de orgulho que ele tinha até então pareceu abandoná-lo.

— Mas como? — sussurrou.

— Vou te enfaixar de um jeito mais solto para que não se machuque, e então vou te amarrar junto de mim e te carregar.

— Me amarrar? — ele quis entender, já lutando para manter os olhos abertos.

— Como uma mãe carregaria seu recém-nascido — ela explicou, agarrando a mão dele. — Você ficaria a salvo e nós andaríamos bem mais rápido. Eu consigo correr como o vento, mesmo quando não sou raposa. — Ela pôs a mão dele em seu peito, onde ele pôde sentir as batidas fortes do coração dela. — Eu te prometo. Vou te levar até sua avó.

— Tudo bem — ele sussurrou com um arremedo de sorriso nos lábios. — Não tenho como recusar passar o resto da noite descansando junto do seu peito, não é?

— Não seja atrevido! — Ela jogou a mão dele para longe.

Eduardo deu uma risadinha muito discreta, e então já era um falcão. Gracie suspirou, envolveu-o com o manto, e tudo ficou escuro e quentinho junto dela. A sensação era boa. Tão, tão boa.



Eduardo lentamente se deu conta do leve cheiro ruim à sua volta. Tentou se esticar e ficou surpreso por estar em forma humana novamente, aparentemente em uma cama de verdade e envolto em peles. Abriu os olhos. Uma vela solitária queimava na escuridão. Quando seus olhos se ajustaram, ele conseguiu discernir uma silhueta sentada na beira da cama. Uma mulher.

— Gracie? Onde estamos?

— Você está em Helmsley — respondeu uma voz, mas não tinha o sotaque escocês. Aquela era Bess. Ela sorriu para ele e pegou sua mão. — Estava começando a achar que você não conseguiria chegar.

— Eu também estava achando isso — admitiu.

— Toma aqui. — Ela levou um copo até os lábios dele. Eduardo bebeu e se encolheu ao sentir o gosto. Não era água, mas uma poção tão ruim que fez os olhos lacrimejarem.

— Isso vai tirar o veneno do seu sangue — Bess disse. — Foi a vó quem fez.

— A vó está aqui?

— Claro que estou aqui — veio a voz rouca lá da porta. — Onde mais você acha que eu estaria?

— Oi, vó!

— Você se meteu em uma confusão e tanto, hein, meu menino? — disse a vó. Foi até a janela e recolheu as cortinas pesadas de veludo. O sol quente do meio-dia se espalhou pelo quarto.

— Vó — Bess disse em tom de afetuosa repreensão. — A senhora não deveria chamá-lo de menino. Ele ainda é o rei.

— Ele é um menino com cabeça de passarinho, pelo que eu sei — a velha senhora disse com uma risada. — Digo, ele conseguiu ser envenenado. Pela madrugada, minha criança. Quando eu era rainha, as pessoas tentavam me envenenar umas dez vezes por dia. E nunca conseguiram.

— Pois é, vó — ele respondeu. — Foi muita bobeira minha ser envenenado desse jeito.

— Agora você tem de se levantar — ela ordenou. — Precisa fazer o sangue circular no corpo todo para dar ao antídoto a chance de agir.

Ele ainda se sentia tonto e com a cabeça pesada, mas nem discutiu. Deixou que Bess o ajudasse quando se sentou e pôs as pernas para fora da cama. Foi quando descobriu que estava usando apenas a camisa branca de linho que Gracie tinha furtado para ele, que ia até o meio da coxa.

— Hã... cadê minhas calças?

— Ah, por favor! — A avó fez um gesto de pouco-caso. — Você não tem nada que eu já não tenha visto antes. — Ela se aproximou dele pelo outro lado e o cutucou entre as costelas. — Vamos, fica de pé.

Eduardo se levantou. Não deixou de notar que a avó tinha aquele odor desagradável de costume, mas o cheiro de gambá na verdade o estava ajudando a clarear a cabeça. Sentia-se fraco demais e vazio, e estava seminu, claro, mas certamente estava melhor. Talvez já não fosse morrer.

Gracie apareceu na porta. Seus olhos foram direto para as pernas branqueadas do rapaz.

— Majestade — ela disse com um sorriso, e fez medidas impertinentes que pareceram totalmente erradas porque ela continuava usando calças.

Ou talvez ele quisesse mesmo morrer, afinal.

Mas, como a avó tinha falado: nada que ela não tivesse visto antes.

A avó e Bess olharam para Gracie e depois de volta para Eduardo com uma expressão de divertimento. Então Bess deu por si e finalmente pegou as calças do irmão. Ele tentou ignorar o fato de

que estava com o rosto todo vermelho de vergonha enquanto ela o ajudava a vesti-las, uma perna depois da outra. Assim que as amarrou, ele ficou ereto e disse que daria conta a partir dali. Deu um chega-para-lá em Bess, que continuava tentando ajudar, e vagarosamente, mas com firmeza, andou pelo quarto até chegar à janela. Lá fora, o dia parecia tipicamente de verão: pássaros cantando, grama verde balançando em um jardim quase bem-cuidado, o céu tão azul que ele poderia até duvidar que pouco antes estivera chovendo.

— Desde quando a gente está aqui? — ele perguntou.

— Vocês chegaram hoje muito cedo — Bess respondeu.

Menos de um dia, então. Gracie tinha conseguido correr com ele em menos de um dia.

Ele olhou para ela.

— Você corre bem rápido para uma menina.

— Bom, talvez eu tenha rendido um senhor na estrada e pegado o cavalo dele emprestado — ela confessou.

Um crime punível com a morte, ele lembrou.

— Devo minha vida a você — ele disse, e lá estavam as covinhas dela outra vez.

— É só o que uma menina como eu poderia fazer, meu senhor.

— Ah, gostei dela — disse a avó. — Você sabe jogar baralho, querida?

— Só um pouco. E ouvi falar que a senhora é a dama de copas — Gracie respondeu, o que claramente deixou a velhinha ainda mais satisfeita.

— Não há tempo para jogar agora, vó. — A expressão no rosto de Bess era tão solene que quase lembrava Maria por um instante. O que fez Eduardo realmente se lembrar de Maria. E dos soldados dela que estavam marchando rumo ao castelo. A avó suspirou.

— É bem verdade para vocês, mas não para mim. Vem aqui comigo — ela disse para Gracie, já tomando o braço da moça e a conduzindo porta afora. — Vou te mostrar como jogar rouba-monte.

— Fica de olho nas mangas dela — Eduardo disse para Gracie enquanto elas iam saindo. — Nunca se sabe o que ela escondeu.

Gracie fez uma cara de quem diz “e eu lá pareço alguma amadora?”, e ele se viu tentado a dar o mesmo conselho à avó, dizendo que aquela mocinha escocesa era bem mais do que aparentava. Mas então ambas se foram.

— Precisamos conversar — Bess disse baixinho.

Ele se virou de costas para a janela e se recostou no beiral. Bess fechou a porta e puxou uma cadeira para perto dele.

— Muito bem, Bess — ele disse também baixo. — Me conta tudo o que aconteceu.

— A Jane virou rainha, como você queria.

— Como Dudley queria — ele a corrigiu de um jeito sombrio.

— O duque também tentou capturar a Maria e eu e nos trancar na torre, para que a gente não fosse ameaça nenhuma à Jane — Bess continuou. — Mas consegui escapar quando os ouvi chegando, e a Maria ficou sabendo antes por meio de um dos melhores espiões dela, e então escapou para sua propriedade em Kenninghall, e de lá para Flanders para conseguir a ajuda do Imperador Romano. Amealhou um belo exército, é claro, e, pelo que eu soube, ela conseguiu tomar o trono hoje de manhã.

— Precisamos correr para lá — Eduardo disse. — Eu preciso voltar o quanto antes.

Bess balançou a cabeça negativamente.

— Maria também queria isso tudo: a sua morte e a coroa para enfim livrar o reino dos eðianos e restaurar a “pureza” de antigamente. Ela não vai descansar enquanto não conseguir.

Ele se lembrou da colherada de pudim envenenado que a irmã tinha pressionado contra os lábios dele com veemência. Para garantir aquilo mesmo que Bess dizia.

— Então ela estava por dentro desse tempo todo? — ele perguntou. — Junto com Dudley.

— Não — Bess respondeu, contraindo os lábios com vontade. — Foi por acaso que a Maria e eu descobrimos que o Dudley estava te envenenando. Um dia, quando estávamos indo te ver, ouvimos sem querer uma conversa entre o médico e a ama, sobre o “ingrediente extra” que eles estavam adicionando às suas amoras. Quando a Maria confrontou o Dudley a respeito, ele alegou que estava

justamente abrindo caminho para a Maria chegar ao trono, muito embora eu suspeite de que o que o Dudley queria desde o início fosse a Jane no comando, o Gifford no comando dela, e ele próprio no comando de ambos. Mas a Maria engoliu essa história e se juntou ao plano, assim como eu — embora eu só tenha feito isso para poder te ajudar.

— Como no caso do pote de damascos — ele se lembrou. — Você realmente me salvou ali.

— Você é meu irmãozinho — ela assentiu e sorriu com ternura. — Eu não podia deixar que eles fizessem mal a você.

— Mas Maria também é minha irmã — Eduardo emendou. — E ela é até minha madrinha, caramba. Como ela se atreve a roubar o que é meu por direito de nascença? Eu sou o rei por direito! — Ele se viu tomado por mais uma onda de fadiga, tão aparente que Bess ofereceu a ele a cadeira, e ele não pôde fazer nada a não ser aceitar.

— Eu sou o rei — ele murmurou.

— Não para Maria — Bess disse, pousando a mão no ombro dele. — Já não é mais.

CAPÍTULO DEZESSETE



Jane

Não houve nenhuma batalha pelo controle do reino.

Minutos depois da chegada de Maria, soldados vestidos de vermelho tomaram tudo, tiraram a espada de Gifford (não que ele tenha realmente tentado usá-la) e amarraram as mãos dele e as de Jane com cordames. Pouco depois, ambos foram conduzidos escada abaixo e pela torre afora sob a lâmina de espadas.

— Vou tentar conversar com ela — Jane disse quando chegaram à sala do trono.

— E você acha que isso vai adiantar? — Gifford perguntou, pálido, mas percebendo que ela tentava ser corajosa naquela situação.

— Não sei. Mas deixa que eu falo por nós. Todos sabem que a Maria odeia eðianos.

— Mas ela não teria como saber só de olhar para mim, não é? Tipo, eu não tenho um rabo escondido nas calças.

— Mesmo assim. Agora seria uma ótima hora para você conseguir controlar seu dom.

Chegaram à sala do trono, que estava lotada tanto de soldados quanto de nobres. As damas de companhia estavam todas lá, algumas mais pálidas por conta da confusão e outras com o nariz empinado como se, para começo de história, nunca tivessem mesmo considerado que Jane era uma boa escolha para rainha.

A mãe dela também estava lá. Olhou para Jane e Gifford assim que eles foram conduzidos salão adentro, mas não conseguiu olhar nos olhos da filha. Um guarda cutucou Jane entre as costelas para instigá-la a andar em direção ao trono. Onde Maria a esperava.

A irmã mais velha de Eduardo se recostou no trono com a coroa de Jane já adornando sua cabeça. Usava um vestido volumoso de seda carmim, com rosas bordadas no azul das bainhas. Tinha mesmo uma aparência régia, como se tivesse sabido a vida inteira que era aquilo que tinha de alcançar.

— Jane — o tom de Maria foi até gentil quando ela se inclinou para falar. — Você não foi ferida, foi?

Jane estava à frente de seu próprio trono. Tentou se manter tão impávida e altiva quanto possível, enquanto seus olhos percorriam os arredores em torno do trono: duques, membros do Conselho e, bem à frente, John Dudley, o Duque de Northumberland.

— Você — Jane murmurou. — De que lado está agora?

A única resposta do homem foi um sorriso fugidio.

— Jane — Maria insistiu com uma nota de irritação. — Você não foi ferida, foi?

Jane voltou o olhar para Maria.

— Você está sentada no meu trono.

Algumas pessoas na multidão engoliram em seco, mas Maria apenas sorriu.

— Jane. Querida. Você certamente sabe que somente pelas maquinações de outros é que você chegou a este trono. Eu sempre fui a segunda na linha sucessória a não ser que o Eduardo... — e a voz dela falhou ao pronunciar o nome do rei deposto — produzisse um herdeiro. Infelizmente, meu irmão nunca teve essa oportunidade. Foi tirado de nós muito cedo. A lei determina que este trono é meu.

— O Eduardo fez um adendo em seu testamento. Foi seu último ato real antes de morrer. — Jane não olhou para Dudley quando disse isso, mas... não tinham sido aquelas mesmas palavras que ele dissera antes? E agora ali estava ele, simplesmente aceitando Maria como sua nova rainha?

— Sinto muito por você, Jane. — Maria balançou a cabeça como que para si mesma. — Você foi arrastada para o meio desse jogo sem ter a menor ideia de como jogá-lo.

— Eduardo deixou o trono para mim. — Jane manteve a voz calma, porém firme. — Ele mesmo reviu a linha de sucessão.

— Meu irmão estava muito doente e muito susceptível a tomar atitudes sem sentido pela influência daqueles que tinham a ganhar com sua situação. — Maria olhou diretamente para Lorde Dudley. — Essas pessoas tiveram a chance de escolher; a mesma chance que te dou agora.

— Mas a coroa não é sua por direito — Jane argumentou, apesar de sentir, apenas dias antes, que também não era direito dela própria. Pelo menos ela sabia disso, ao passo que Maria acreditava mesmo que aquele era seu direito.

— O Conselho Privado discorda.

Teria o Conselho votado a entrega da coroa para Maria? Jane se arrepiou toda. Como eles se atreviam a ir contra ela? Ela não conseguia acreditar. Depois de ouvir aquelas pessoas se gabarem por horas a fio em seu primeiro dia de reinado, ela preferia sentir que pelo menos tinha ganhado o respeito e a lealdade delas.

— Como eu dizia — Maria continuou —, quero ser justa. Quero dar a todos uma chance de se curvarem perante mim.

Gifford, que estava quieto aquele tempo todo, de súbito se inclinou na direção de Jane e chegou a boca bem perto do ouvido dela.

— Eu tenho de sair daqui. Já é quase de manhã.

Ele tinha razão. Ela já podia sentir o brilho da alvorada vindo por detrás das cortinas. E Maria não estava aparentando ser uma pessoa muito razoável.

— Nos dê até hoje à noite — Jane pediu. — Precisamos apenas de tempo para pensar nos...

— Não há nada no que pensar — Maria interrompeu. — É só uma questão de sim ou não.

Gifford começou a ficar irrequieto.

— Jane...

— Eu não comi nada nem dormi — Jane argumentou. — Antes de tomar uma decisão assim, preciso descansar. E pensar. Por favor, se nós pudéssemos apenas...

Tarde demais. O primeiro raio de sol irrompeu pela janela. Ao lado de Jane, outra luz brilhou forte. Fez-se o som de roupas rasgando e de cascos batendo no chão de mármore.

A multidão toda se engasgou em horror. Guardas deram um passo adiante com as espadas em punho. Maria se levantou do trono.

O coração de Jane se apertou. Gifford era um cavalo.

Jane teve um pensamento súbito de montar nas costas dele e sumir dali galopando o mais rápido que eles pudessem. (Claro que isso violaria a regra número 3: nada de montar no cavalo.) Mas seria muito difícil para ele se orientar em meio aos corredores e escadarias estreitas naquele estado. E, mesmo que Gifford estivesse ainda mais próximo de Jane como que para protegê-la, não haveria jeito de montá-lo. As mãos dela ainda estavam atadas para trás.

— Prendam-nos! — Maria ordenou.

Os soldados foram para cima deles. Jane tentou se desvencilhar, e Gifford bateu a cabeça e deu coices, mas um dos homens segurou uma espada junto ao pescoço do cavalo. Outro também colocou uma faca na garganta de Jane.

Moça e cavalo se entreolharam, e foi quando ambos pararam de lutar.

— Muito bem — Maria disse, se recostando no trono. Já falava naquele tom gentil outra vez, mas agora Jane conseguia bem perceber o traço de desprezo nas palavras. — Que surpresa, não é?

Um guarda passou um laço em volta do pescoço de Gifford. Ele não resistiu. Outro veio por detrás de Jane, cortou as cordas que a seguravam e fechou um par de algemas de metal. O que parecia um tremendo exagero.

— Minha cara Jane — Maria começou —, meu finado irmão tinha tanto apreço por você. É em memória dele que faço esta oferta. E também devido ao que eu dizia antes, sobre como eu sempre senti pena por você. Não apenas porque você não conseguiu compreender o jogo se desenrolando à sua volta, mas também por causa desse infeliz cabelo vermelho. Ele é simplesmente... Bem não quero ser rude.

Não, Jane pensou. Você só quer tomar meu trono e matar meu marido.

Ela se virou para Gifford, que nem se mexeu. Ele só era seu marido havia poucos dias, muito pouco tempo, relativamente falando. Ela nem sabia qual era a cor favorita dele nem a comida de que ele mais gostava — além de maçãs, que pareciam ser uma preferência de todo cavalo. Jane presumiu que ele era parte daquele tal jogo, tentando manipulá-la como todos os outros, mas aquilo nem importava mais no momento. O que aconteceria a ele? O que aconteceria a ambos?

— Minha oferta é justa, e insisto que você a aceite — Maria ia dizendo.

— E eu ainda estou esperando para ouvir que oferta é essa — Jane disse já sem ânimo.

— Ah. Querida. Sinto muito. Pensei que a essa altura já estivesse óbvio o que quero de você. É o que todos os outros já fizeram. — Maria gesticulou na direção de Lady Frances e Lorde Dudley. — Aceite-me como sua legítima rainha e denuncie o mal. Denuncie os hereges. Denuncie os eðianos.

Mas é claro.

— Minha doce e gentil Jane. Você adora falar longamente de eðianos e heróis e outras coisas sem sentido. Você é jovem, e sei que tudo isso lhe parece muito atraente, mas é hora de crescer. Renuncie aos eðianos, incluindo seu marido, e viva o resto de seus dias em exílio. Já providenciei para que você seja levada a um monastério, inclusive. Você ficará bem segura e confortável lá.

— E se eu não aceitar?

Maria fez um gesto rápido de quem corta a garganta.

— Achei que isso também nem precisava ser dito, depois de toda essa vida de leitura que você vem vivendo, mas acho que a superestimei.

Jane olhou para a mãe, que fez que sim com a cabeça. Estava pedindo que ela aceitasse. Como ela própria tinha feito. O salão do trono ficou em silêncio enquanto todos esperavam a resposta de Jane.

— O que vai acontecer com meu marido?

Maria balançou a cabeça com falsa tristeza, mas seus olhos brilhavam.

— De manhã, ele será queimado na fogueira.

As mãos de Jane correram para sua boca — ou o teriam feito, mas ela ainda estava algemada para trás. O metal estava bem apertado e lhe machucava a pele enquanto ela se debatia.

— Não — ela disse baixo. — Não o machuque. Ele não tem como evitar ser assim.

Maria inclinou a cabeça.

— Então você sabia que ele era uma abominação?

Jane olhou para Dudley.

— É claro que *eu* não tinha a menor ideia disso, Majestade — o duque disse. — Considerando que Gifford estava fora de casa quase o tempo inteiro e se recusava a comparecer à corte, presumi que meu filho estivesse apenas agindo como qualquer rapaz normal. Por que presumiria que ele tinha um segredo ainda mais obscuro a esconder?

— Isso é mentira — Jane disse, mas ninguém acreditou.

— Estamos falando de você, minha querida. Você sabia que seu marido era uma besta? — Maria insistiu.

— Fiquei sabendo em nossa noite de núpcias. Todos os que sabiam antes — e ela olhou bem para Dudley — falharam em me contar.

— E você ficou surpresa? — o tom de Maria agora era doce como mel.

— Certamente fiquei.

— E você rejeita essa magia vil? Você renuncia a seus laços com ele? — Maria chegou para a frente. — É bem simples. Proclame-se uma verdádica e sua vida será poupada. Ou me renegue e eu terei sua cabeça em minhas mãos.

Jane fechou os olhos. Seus ombros doíam. Os pulsos ardiam, e um calor líquido escorria das mãos — era sangue. Nunca antes ela havia sido tão maltratada, e uma parte desesperada dela queria dizer sim, que ela o denunciaria como sendo o mal, e que iria viver em um monastério, exilada para o resto de seus dias. Mas Gifford morreria.

Ele não a abandonara. Antes mulherengo e beberrão e até (naquele momento mesmo) um cavalo, sim ele era tudo isso, mas já

tinha se provado a pessoa mais leal na vida dela. Apesar do modo como ela o tratara, suas acusações, as almofadas jogadas e o desdém, ele tentou avisá-la. Não tinha fugido quando o exército apareceu na porta. Não tinha mudado de lado.

Como ela poderia abandoná-lo agora?

Gifford-cavalo manteve a cabeça baixa durante todo aquele interrogatório, com o focinho quase encostando no chão, o retrato da docilidade. Mas agora ele levantara a cabeça. Os olhos, ao mesmo tempo humanos e equinos, encontraram o olhar dela. *Faça isso, eles diziam. Renuncie a mim. Salve-se.*

Lembranças dos tempos dos dois juntos no campo vieram à memória dela: as conversas bobas, as leituras sob a árvore, a ajuda aos necessitados e, mais que tudo, aquele quase beijo quando o céu estava imerso no crepúsculo e as velas queimavam em torno deles. Não havia como negar: Gifford Dudley era um bom homem, fosse eðiano ou não. E era o marido dela. Para bem ou para mal.

A resposta deve ter transparecido em sua face.

— Pequena Jane, seja razoável. — Maria juntou e apertou as mãos em um gesto condescendente. — Para que serviria a sua morte?

— Serviria para provar que você não controla este reino. Serviria para provar que nem todos vão se curvar perante você. Você acha que pode nos governar por meio do medo, mas não vai conseguir isso. Nunca vou renegar minhas crenças, e nem meu marido.

O rosto de Maria ficou obscurecido pelo ódio.

— Tirem-na daqui! E façam algo com esse... animal!

Soldados agarraram Jane. Ela não tinha como resistir, não com os pulsos sangrando e algemados nas costas, mas continuou a falar.

— Eðianos são gente também! Você só os odeia porque os teme!

Os guardas de Maria a levaram embora, e ninguém ergueu um dedo que fosse para ajudá-la.



Jane já tinha lido a respeito do desespero.

A completa desesperança de Sócrates, que sentiu que nada mais poderia fazer, a não ser tomar veneno, em vez de passar a vida em uma prisão feita em uma caverna. O terror de Ana Bolena, a mãe de

Bess, que tinha sido decapitada anos antes, depois de julgada por adultério. A resignação de Cleópatra, que tinha tirado a própria vida com a mordida de uma cobra depois que ela e o marido perderam a Batalha do Ácio.

O desespero retratado nos livros era algo distante e seguro. Ela pensara ter entendido a profundidade daquela emoção enquanto lia as páginas de seus amados volumes, com sua vida de certo modo tocando aquelas de homens e mulheres há muito falecidos. Ela tinha sentido muito por eles, tinha chorado por eles, tentado respirar mesmo quando eles não mais respiravam. E então podia fechar o livro, colocá-lo na estante, e as palavras ficavam ali, enclausuradas entre as capas de couro.

Ah, às vezes ela demorava horas ou até dias para se recuperar de uma leitura particularmente emocionante, mas sempre haveria outra para tirar sua cabeça de toda a angústia.

Ali, não havia livros.

Nada poderia distraí-la de sua marcha forçada escada acima, rumo à chamada Casa da Rainha (construída a mando de Ana Bolena e, ironicamente, onde ela passou seu tempo de cativo antes de ser executada), e depois em um quarto completamente vazio, onde Jane passaria as horas remanescentes que tinha de vida. Nada poderia distraí-la das quatro paredes de tijolos em volta, do frio e da escuridão, ou da dor lancinante em seus pulsos e ombros mesmo depois que as algemas foram retiradas.

Doída e cansada demais para andar de um lado para o outro como costumava fazer, Jane apenas ficou jogada no meio do chão. Não havia mobília; tudo tinha sido retirado para que ela nem pudesse passar sua última noite em uma cama. Tal grau de decência, ela concluiu, estaria muito acima dela, uma herege amante dos eðianos.

— Eu tenho 16 anos de idade — ela disse ao quarto vazio. — E amanhã eu morro.

Foi o que os guardas lhe disseram. No dia seguinte, ela seria decapitada.

Quem iria primeiro? Ela ou Gifford? Será que ainda poderiam se ver antes que tudo acontecesse? Talvez Jane até fosse forçada a

ver seu marido arder na fogueira, e aí eles cortariam a cabeça dela antes mesmo que pudesse derramar uma lágrima. Ou poderia ser o contrário. Gifford poderia ver o machado descer sobre ela e o fulgor de cabelos vermelhos voando, e então acenderiam a pira aos pés dele.

Jane abraçou os joelhos e estremeceu. Sua imaginação era vívida demais.

A noite caiu. Ela sabia disso apenas porque a fraca luz que vinha das janelas se apagou, e não porque seu corpo tinha dado algum sinal. A cabeça estava confusa com tanta sede e fome. Quando corria a língua nos lábios, eles estavam secos e rachados. O estômago estava vazio. Se pudesse escapar adormecendo, teria feito isso, mas os pensamentos de terror e pânico atacavam sua mente a cada dois minutos, lembrando-a de que aquelas eram suas últimas horas neste mundo.

Se ela dormisse, as perderia. Por mais uma hora — ou uma quantidade de tempo que nem tinha como julgar — Jane pensou em Gifford e no que ele estaria fazendo naquele momento. Era provável que não estivesse mais nos estábulos e tivesse sido levado para um lugar mais seguro, agora que era noite. Ela pensou na risada dele e em suas piadas, no jeito encantador que ele tinha de encontrar humor em tudo. Conseguiria achar algum humor naquela situação? E na manhã seguinte?

Se pelo menos pudesse vê-lo agora... Ela se desculparia pela última semana e meia. Ela o nomearia rei. Ela o beijaria e diria que confiava nele. E ela... ela... Talvez não fosse muito seguro pensar em Gifford àquela hora.

Jane desviou os pensamentos para Eduardo, se perguntando se ele teria se sentido tão profundamente desconfortável quanto ela quando a morte estava iminente. Ansiedade. Trepidação. Horror.

Tentou reunir mais sinônimos, mas uma pálida luz laranja veio por debaixo da porta. Passadas ecoaram na escadaria e, um momento depois, a porta se abriu.

A luz de uma chama brilhou quarto adentro e a cegou temporariamente. Ela deu um guincho e escondeu o rosto com os

braços e as pernas. Então, com os olhos quase fechados, tentou olhar para cima.

— Jane? — Lady Frances entrou rápido, segurando uma tocha que logo enfiou em um suporte na parede. — Os guardas me deixaram entrar. Temos alguns minutos, se muito. Vim pedir que reconsidere a oferta da Maria. — Ela se ajoelhou em frente a Jane com uma expressão *quase* maternal em seu olhar de preocupação. — Quero que você saiba que sinto muito por não ter... te apoiado mais lá no salão. Por favor, me perdoe.

Jane olhou bem para a mãe. Nunca antes ouvira um pedido de desculpa saído dos lábios de Lady Frances, e agora não estava muito certa do que fazer com ele.

— Não importa — ela disse, por fim. — O trono trocou de mãos bem rápido, não foi? Ninguém resistiu.

— O Conselho todo se virou contra você. — Lady Frances abaixou a cabeça. — Dudley também nos traiu. No momento em que a Maria chegou, ele declarou sua lealdade a ela, mesmo não sendo mais Lorde Presidente do Conselho àquelas alturas, e seu ódio aos *eðianos*. Declarou-se um *verdádico*. Fez parecer que na verdade estava abrindo caminho para a ascensão da Maria ao poder. Mas esqueça o Dudley por agora. Estou aqui para falar de você. Aceite a oferta da Maria. Ainda não é tarde demais. Uma vida no exílio é melhor do que isto aqui.

— Não.

— Jane, não é hora de mostrar o quanto você sabe ser teimosa.

— Não é teimosia. É uma questão de honra. Não vou denunciar o Gifford ou os *eðianos*, o que inclui a senhora, mãe — Jane tossiu por causa da secura de sua garganta.

Os olhos de Lady Frances se desviaram rápido para a porta, como se mortos de medo de alguém ter ouvido a conversa.

— Menina ingrata. Você não tem a menor ideia do que está falando. Eu não sou *eðiana*.

— Eu sei que é. Ouvi a senhora e meu pai falando disso anos atrás.

A mãe balançou a cabeça como se fosse negar, mas então suspirou.

— E odeio isso — ela sussurrou. — Eu nunca me transformo, não se puder evitar. Empurrei essa parte de mim lá para o fundo até que ficasse enterrada. Não é natural.

— E ainda assim é parte de você — Jane disse em tom implorante. — Em um dos meus livros sobre eðianos, o autor fala que, muito tempo atrás, nas eras antigas, todas as pessoas eram capazes de se transformar em animais. Todo mundo era eðiano. Isso era considerado a natureza real das pessoas. Era considerado algo divino.

— Bobagem! — A expressão da mãe esfriou. — Aqueles livros todos ficaram enchendo sua cabeça com essa besteirada. Eu deveria ter queimado todos, e então talvez não estivéssemos nesta situação.

Jane fechou os olhos por um momento. Então, empurrou todos os seus músculos rijos para conseguir ficar de pé.

— Não me peça mais para renegar os eðianos, mãe. Você não vai me fazer mudar de ideia.

Vozes vieram da sala à frente. Lady Frances olhou por cima do ombro para a porta.

— Nosso tempo aqui já quase se esgotou — Jane disse. — Acho que devemos dizer adeus agora.

— Por favor, Jane. — A mãe pegou no braço dela. — Você não precisa morrer. Isso vai causar a ruína da família. A minha. Vou perder Bradgate. Vou perder tudo.

— Sinto muito, mas não posso fazer nada quanto a isso — Jane respondeu com toda a convicção do mundo. Ela também amava Bradgate, mas o lugar não valia toda a honra dela. — A senhora sabe onde Gifford está preso?

— Levaram-no para a Torre Beauchamp depois que a noite caiu. É tudo o que eu sei.

— Eu gostaria de vê-lo. Pode pedir isso por mim?

Lady Frances balançou a cabeça.

— A única maneira de vê-lo agora seria denunciando-o, e então você poderia vê-lo na fogueira.

Os guardas chegaram. Escoltaram Lady Frances para fora sem que nenhuma palavra a mais fosse trocada entre as duas, e Jane se

viu sozinha outra vez. A prisão parecia se encolher à sua volta. O desespero que ela conhecera antes tinha se transformado em uma gota no oceano. Uma estrela no universo inteiro. Sua mãe a abandonara, não importava o quanto negasse. Havia apenas uma pessoa no mundo na qual ela podia pensar, e essa pessoa era Gifford, trancafiado na Torre Beauchamp, ali bem perto da Casa da Rainha, mas tanto faria se fosse do outro lado do mundo.

Jane se afundou no chão mais uma vez, se afogando em mágoa e miséria e tristeza e desilusão e... Uma luz brilhante e branca piscou ao seu lado, fazendo-a enxergar bolinhas luminosas.

Quando conseguiu enxergar de novo, tudo estava diferente. O quarto estava muito maior, para começar, e ela se sentia... engraçada. Mais baixa ainda, o que era notável, mas estranhamente comprida. Sua coluna dava uma sensação esquisita e encurvada, e ela estava de quatro. E aquele sentido de olfato tão apurado! Havia alguma coisa azeda nela — algo como o cheiro de humano sem banho — e certamente odorífica.

O som das vozes vindas lá de baixo, a sensação do chão de pedra sob as patas — era tudo incrível.

Ela tinha se transformado em... alguma coisa.

Ela era *eðiana*.

Ela era eðiana!

Jane saiu pulando pelo quarto em uma dancinha maluca, balançando a cabeça de um lado para o outro tão forte que acabou batendo-a contra uma parede. Sem se abalar, fez um sonzinho com a língua e se pôs a dançar de novo, com uma sensação de alegria sobrepujante tomando-a inteira. Ela era *eðiana*, como sempre sonhara ser. Mas o que ela era agora? Nem importava. Ela era pequena e peluda (podia se contorcer e olhar para o próprio corpo, mas era difícil ter uma ideia do todo baseando-se apenas em partes vistas muito de perto) e tinha o melhor olfato e a melhor audição e as melhores habilidades de dança que já tivera na vida, mesmo que dançar às vezes significasse trombar nas paredes. Gifford não acharia divertidíssimo vê-la naquela hora?

Gifford.

Toda aquela sensação esfuziante desapareceu quando ela se lembrou de seus problemas e, agora que era... alguma coisa animal... acabaria sendo queimada na fogueira junto com ele.

Mas seu eu animal era pequeno, ela sabia disso, e talvez ela pudesse fazer algo de útil com aquilo agora. Pulou para junto da porta. Havia uma fresta bem larga por baixo, mas nada grande o suficiente para passar uma mão humana, por exemplo. Talvez ela coubesse ali?

Jane enfiou a cara na fresta. Sua cabecinha passou sem problemas, seguida pelos ombros, mas então o resto do corpo ficou meio preso. Era embaraçoso, aquilo.

Ela se espremeu e pelejou e empurrou até que conseguisse sair do outro lado. Havia mais luz vindo do corredor. Era o pôr do sol em seus termos humanos, mas, naquele estado, conseguia enxergar muito bem ainda assim, pelo menos alguns metros à frente.

Tudo além daquilo parecia nublado ou estranhamente chapado. E tudo estava em tons de cinza, a não ser uma fraca sombra avermelhada em algumas coisas, como a luz de uma lamparina na parede.

Então, sua visão não era exatamente fantástica, mas pelo menos ela era pequena e baixa, então para que precisaria de uma visão fantástica? Ela tinha outros sentidos. Sentidos muito melhores.

Jane se esgueirou para a beirada do primeiro degrau e parou, olhando lá para baixo. O que, para um humano, não era nada particularmente difícil, de repente pareceu um tanto ou quanto desafiador. Ela não tinha como simplesmente dar um passo adiante.

Apertou a barriga contra o chão de pedra e esticou as patas da frente o quanto conseguiu, deslizando-se degrau abaixo até que as patinhas conseguissem alcançar o próximo. O resto de seu corpo seguia em um embolado meio ridículo. Ela foi repetindo o processo mais algumas vezes até que encontrou uma maneira melhor de controlar sua traseira desengonçada e descer a escada em ritmo mais acelerado.

No primeiro patamar, viu guardas. Ela era do tamanho das botas deles. Resistiu à tentação de cheirar todos os interessantíssimos

cheiros de terra que se apresentavam à sua volta, e em vez disso correu por eles tão rápido que ninguém a notou.

Outras vozes nos andares mais abaixo ficaram mais fortes conforme ela desceu mais escadas, longe demais para os guardas logo acima ouvirem, mas... os ouvidos dela eram fantásticos. Espetaculares. E provavelmente uma gracinha também.

Um dos falantes era Lorde Dudley, ela tinha certeza, ainda que, naquela forma, o som fosse um tanto grandiloquente e ela conseguisse detectar qualidades que nunca notara como humana.

— O que foi? — ele perguntou.

— Consegui um corpo — outro homem disse. A voz também era familiar. Seria o médico real? Ela não conseguia se lembrar do nome dele.

— Muito bom. — Dudley espirrou e fungou. — Enrole um manto nele e ninguém saberá que não é Eduardo.

Jane parou de se mexer. Parecia que todo o pelo de seu corpo tinha se eriçado ao mesmo tempo. Então eles não estavam de posse do corpo de Eduardo?

— Não o encontraram ainda? — perguntou o médico. — O veneno já o teria matado a essa altura. Não haveria como ele sobreviver sem um antídoto.

— Ele estava doente. — Dudley suspirou. — Machucado. Faminto. Tem de ter deixado algum rastro.

As vozes ficavam mais distantes, como se estivessem descendo escadas.

Jane deslizou o restante dos degraus com seu diminuto coração batendo muito forte. Eduardo tinha sido envenenado? Dudley tinha envenenado Eduardo? Então Eduardo tinha... o quê? Fugido?

Seu coração se animou com aquela ideia. O quão facilmente, ela pensou, o desespero pode se transformar em esperança.

No pé da escada, Jane olhou para depois da quina da parede. O salão era enorme, mas estava vazio naquele momento. Se ela ficasse nas sombras, não seria vista. Assim esperava. E então poderia escapar da torre. Encontrar Eduardo.

Mas, primeiro, ela tinha de resgatar seu cavalo.

CAPÍTULO DEZOITO



Gifford

Queimado na fogueira. Com certeza um péssimo jeito de se ir embora, Gê pensou. Quando era apenas uma criança de 5 anos, assistiu a um homem ser queimado na fogueira. Era 1538, e John Lambert foi revelado como eðiano quando, depois que Frederic Clarence escreveu um popular panfleto denunciando a magia eðiana, ele se transformou em cachorro e comeu os papéis, o que levou Clarence a proclamar publicamente: “O cachorro comeu meu trabalho!”.

Lambert foi sentenciado à fogueira, e Lorde Dudley insistiu para que os filhos presenciassem a execução. Depois, diria a Gê que ninguém confiava naqueles que detinham a antiga magia, e que o país ficaria muito mais seguro se todos os eðianos tivessem o mesmo destino de Lambert. E parecia, na época, que o pai de Gê realmente acreditava nisso.

Tudo de que Gê se lembrava daquele dia eram os gritos que pareciam durar uma eternidade. Aquilo e o cheiro. Ele olhou para a vela solitária que seus captores deixaram no quarto fechado e prestou atenção à pequena chama no pavio. Nunca algo tão inócuo tinha parecido tão imponente. Ele passou a mão sobre a chama.

— Por Deus! — exclamou, recolhendo a mão depois de apenas um instante. Nunca tinha sentido tanta dor em sua vida inteira, o que, já no instante seguinte, decidiu que era uma afirmação muito triste porque... que raio de homem de 19 anos era aquele, que só sentira dor com uma vela esquentando a pele?

Era um homem que passava as noites assistindo a peças e leituras de poesia. Ele suspirou. Geralmente, ficaria com alguns versos na cabeça para acalmar a ansiedade, mas, no momento, Gê

não tinha vontade nenhuma de arrumar uma frase que rimasse com “carne em brasa”.

Examinou a palma da mão direita, esperando ver pele queimada, mas é claro que não havia nada. Nem mesmo vermelhidão.

Depois que a dor passou (não que houvesse muita dor para passar, para começo de conversa), desviou seus pensamentos para Jane, ou especificamente para o modo como ela tinha se recusado a denunciá-lo como herege. Fechou os olhos e se lembrou da postura confiante dela ao defendê-lo, tão certa de sua decisão, mesmo que pudesse facilmente tê-lo sacrificado para ganhar a própria liberdade. Mas ela não o traía.

Tola, leal, linda menina. Pelo menos a morte dela seria mais rápida que a sua.

Ele olhou pela janela. De onde estava, quase podia ver o lugar onde Jane encontraria seu destino, no pátio da torre. Gê, no entanto, sabia que seria executado na Torre Hill, onde todos os outros criminosos comuns e hereges davam seus últimos suspiros. Era onde ele seria queimado.

Só podia ser um dia triste aquele no qual ele rezava para ter uma limpa e ligeira decapitação. Em vez de tentar compor poesia mórbida (“ser ou não, essa era a questão...”), decidiu entalhar um nome na parede de pedra. O nome de Jane, é claro.

J

Jane. Gê se perguntou se ela estaria pensando nele também. Se em algum momento ele a veria de novo.

A

Ele nunca mais veria muita gente de novo. Nunca mais beijaria sua mãe, nem faria troça de Stan (que nem era tão ruim assim, era? Não, não era. Tinha sido injusto ao se ressentir de Stan por tanto tempo, Gê pensou). Nunca mais daria alguma ordem ridícula a Billingsly, nem faria Tempie rir, nem nunca irritaria seu pai apenas para ver a raiva no rosto do homem.

N

Seu pai. Gê apertou a pedra com mais força. Seu pai. Que tinha orquestrado toda aquela confusão. Que sem dúvida sairia daquela situação sem qualquer arranhão, desde que sempre pudesse se virar para o lado vencedor.

E

Que deixaria seu próprio filho ser queimado se isso salvasse sua vida.

Gê decidiu que não podia mais ficar pensando nisso tudo. Deu retoques finais na última letra do nome de Jane e se pôs a andar de um lado para o outro no quarto, procurando alguma coisa, qualquer coisa, que tirasse sua mente da imagem de carne queimando. Encontrou alguns livros, folheou as primeiras páginas de todos e foi jogando um a um para o canto. Talvez aquela devesse ter sido a prisão de Jane. Ela provavelmente estaria trancafiada em algum lugar com um barril cheio de maçãs.

Um ruído quase inaudível veio da porta e o fez parar de andar. Alguém tinha enfiado um pedaço de papel pela fresta. Gê correu para ver, desdobrou-o e reconheceu a letra de Jane. Seu coração bateu mais forte. Nunca antes tinha recebido uma carta de amor, e, muito embora soubesse que aquela carta provavelmente seria também de despedida, sentiu uma esperança rebelde de que ela fosse confessar algum sentimento por ele.

*Querido Eduardo,
Tentei visita-lo esta manhã, mas
quando cheguei ao palácio, fui
informada de que você não
receberia visitas. Devo confessar*

que fiquei surpresa e desapontada pelo fato de que você não receberia nem mesmo a mim, mas acredito que haja uma boa razão, e suspeito de que esse isolamento auto-imposto signifique que sua doença esteja cobrando um preço. Por isso, sinto muitíssimo, meu primo, e gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para deixá-lo melhor.

Estou certa de que você deve estar se perguntando por qual razão fui vê-lo logo de manhã, poucas horas depois de meu casamento. Meu caro primo, o

casamento é precisamente o tópico sobre o qual eu desejava tratar com você. Ou melhor, tinha de falar a respeito do meu novo marido.

Gifford é um cavalo.

Tenho certeza de que você já sabia disso, com suas menções anteriores à “situação” dele e sua presunção de que eu a consideraria intrigante. O que não consigo conceber é uma razão pela qual você não me contou isso de antemão. Sempre contamos tudo um ao outro, não é verdade? Considero você meu confidente da mais alta confiança,

e meu mais próximo e estimado amigo. Por que você omitiu esse detalhe tão importante? Não faz sentido para mim.

Mas mesmo nessa situação, pergunto-me agora, talvez você tenha tido uma boa razão.

Espero que possamos conversar mais sobre esse assunto quando eu retornar de minha lua de mel no campo.

Com todo o meu amor,

Jane

Gê dobrou a carta outra vez, resistindo à vontade de simplesmente amassá-la e jogá-la no canto. Não ficou ofendido pela surpresa dela com sua condição, mas precisava mesmo ter assinado “com todo o meu amor”? *Todo* o amor dela parecia um excesso.

Estava abundantemente claro para Gê que Jane amava Eduardo; ele nunca se esqueceria da expressão no rosto dela quando ficou sabendo que o rei estava morto. Mas será que ela o amava *amava*

mesmo? Estaria pensando no primo naquele momento, preparando-se para se juntar ao seu amado no além?

Não que nada daquilo importasse. Gê tentou deixar de lado sua insegurança e, em vez disso, se sentir agradecido por quem quer que tivesse entregado aquela carta a ele. A mão de sua esposa tinha escrito aquelas palavras. Ele conseguia até visualizar o rosto dela enquanto escrevia, a boca levemente contraída e a sobrancelha se juntando da maneira como ela sempre fazia quando se concentrava. Gê já estava para guardar o papel no bolso do casaco quando notou algo escrito em letra diferente perto do canto meio dobrado.

Era só uma palavra.

Gambá.

Bem, que palavra surpreendente. Não havia beleza nenhuma em uma palavra como “gambá”.

Ele não reconheceu a letra. Mas não importava quem a tivesse escrito; aquela era sua única conexão com Jane. Gê enfiou o papel no bolso da camisa e, por um momento, apertou a carta junto ao peito.



Pouco tempo depois, ouviu um som de arranhões vindo da porta. Gê balançou a cabeça cheia de sono, creditando o ruído aos barulhos de costume no castelo cheio de rangidos e batidas, mas então voltou a ouvir. Era um som bem distinto de arranhões.

Levantou a vela, que agora só tinha um dedo de cera, e caminhou cuidadosamente até a porta, a tempo de ver dois olhinhos brilhantes espreitando por debaixo. Mal teve tempo de perceber aqueles olhos quando um corpo inteiro, bem peludo, deslizou para dentro do quarto, bem espremido junto ao chão.

Gê soltou uma sílaba e deu um passo para trás. (Mas definitivamente não gritou feito uma menininha.)

Assim que passou pela porta, a criatura pareceu se recompor inteira em um todo só, enquanto Gê apanhava qualquer coisa que estivesse à mão para tocá-la dali. Uma almofada. Ele fez mira e jogou, mas o pequeno peludo se esquivou.

Era comprido demais para ser um camundongo ou um rato, mas pequeno demais para ser... que outros tipos de roedores havia? Parecia um filhote de gato com cobra.

Gê avançou por cima do bicho e bateu o pé.

— Vai embora, esquilo nojento!

A criaturinha passou longe de seu pé, e ele bateu de novo, agora em direção da porta.

— Xô! Não tem nada para você aqui! Vá embora do mesmo jeito que você veio!

Mas o bicho não fez nenhuma menção de ir para a porta. Em vez disso, se apressou até a cama, escalou pelas bordas pendentes, alcançou as cobertas e foi até a cabeceira, onde se aninhou em cima de um travesseiro.

— Sai daqui, seu rato nojento! — Gê pegou um dos livros que tinha deixado no canto e levantou sobre a cabeça.

Ao ver isso, o bichinho ficou atento e se ergueu sobre as quatro patas com o longo rabo em riste. Gê balançou o livro em um gesto de ameaça, e então o bicho fez uma coisa bem estranha. Começou a mexer a cabeça de um lado para o outro, como se acompanhando o movimento com os olhos brilhantes fixos no objeto. Gê puxou o livro de volta só um pouco, e o bichinho se encolheu.

— Muito bem, então vamos chegar a um acordo — Gê gentilmente abaixou o livro até a cama, e foi quando o bicho fez algo ainda mais estranho: correu até o livro e se aninhou sobre ele, como uma mãe passarinho faria com seus ovos.

— Espera um pouco... Jane?

O bicho fez que sim com a cabeça.

— *Jane?* — ele disse de novo.

A criatura repetiu o gesto, mas de maneira mais exagerada.

— Jane! Você é um... um... rato?

Jane congelou e então começou a correr freneticamente em torno da cama, depois pelo quarto afora, escalou o pé da cama e então por entre as borlas. Gê ficou preocupado que ela fosse fazer alguma loucura do tipo se atirar da cama para a morte.

— Espera! Espera. Você não é um rato. Eu só disse “rato” porque... bom, eu não estava pensando direito. Você não é um rato.

Ela parou no alto de um dos pés da cama, esperando ansiosamente. Jane queria que Gê dissesse o que ela era.

— Você é... uma... bom, é uma coisa que eu acho que nunca vi. Mas você é bem peluda, tem um pelo muito bonito — ele acrescentou quando ela começou a se balançar toda. — E tem olhos graciosos, quatro patas bem fortes, ainda que curtas, mas não pequenas demais — ele continuou. — Por favor, pode descer daí para que eu continue a descrever?

Ela bateu a patinha antes de descer. Ele quase podia ouvi-la bufando de raiva. Meu Deus, era tão óbvio que aquela era Jane. Como ele não percebeu isso logo no minuto em que os olhinhos brilhantes apareceram sob a porta?

Jane se acomodou na cama e Gê se sentou ao lado. Ficou tentando a acariciá-la como se fosse um cachorro, mas resistiu. Ela poderia achar aquilo humilhante. Olhou para ela.

— Muito bem, então você é... uma eðiana — ele disse, optando pela referência mais segura quanto à aparência dela. — Mas acho que você não é a típica eðiana que pode se transformar de volta quando quiser; se fosse assim, já teria se transformado para me dizer que você era você mesma. — Ele parou um momento. — Pois é, sei que isso soou meio redundante, mas o que eu quero dizer é que você não sabe controlar a mudança, não é?

Ela fez que sim.

— Sim, não consegue controlar a mudança? Ou sim, consegue? — Ele percebeu o quanto sua pergunta era estúpida. — Esquece. Eu vou colocar de outra forma. Você consegue controlar a mudança?

Ela balançou a cabeça dizendo que não.

— Tudo bem, estamos chegando em algum lugar agora. Mas bem devagar, e temo que o sol vá nascer logo. Então, o que você vai fazer? — Ele suspirou. — Se ao menos tivéssemos um cavalo...

Se um porco-espinho ou um guaxinim pudessem ter uma expressão de incredulidade, então foi exatamente a cara que Jane fez. Se lançou da cama e correu até a porta, passou por baixo, voltou, passou de novo e voltou. Gê deu um tapa na testa.

— Ah, certo! Temos algo melhor que um cavalo. Temos... uma fuinha?

Jane rolou e fingiu de morta.

— Não, não é uma fuinha, milady, mas o que quer que você seja, acho que estou captando sua mensagem. Você tem como entrar e sair da torre. E talvez roubar uma chave?

Ela fez que sim.

— E trazer a chave até aqui, e aí destrancamos a porta, descemos as escadas, pegamos o guarda de surpresa, apagamos ele, tomamos a espada dele para despachar os outros guardas que vierem, vamos aos estábulos, roubamos um cavalo e rumamos para as montanhas.

Ela fez que sim outra vez, agora também rodando em volta da cama como que fazendo uma dancinha feliz.

— Bom, por que você não disse isso logo? Da maneira como você explicou, devo dizer, pareceu muito confuso.

Jane nem ficou por perto para discutir. Deslizou logo por baixo da porta (o que envolvia se achatar em um movimento que parecia desafiar as leis da Física) e deixou Gê andando de um lado para o outro, esperando. E esperando e andando. E então andando e esperando mais um bocado. Olhava pela janela o tempo todo tentando ver se o sol já nascia. Se Jane não chegasse a tempo, escapar seria impossível. Ele não passaria pela porta.

Talvez seus captores não soubessem a respeito do efeito da luz do dia em sua maldição, e, se o plano de Jane não funcionasse, seu corpanzil de cavalo inclusive atrasaria a história toda de queimar na fogueira. Ou talvez eles soubessem e iriam buscá-lo ainda antes do nascer do sol.

— Depressa, milady — ele sussurrou para si mesmo enquanto andava e esperava. — Por favor, depressa.

Por fim, acabou ouvindo uma leve batidinha de metal vinda de longe, e cada vez mais perto e mais perto, e Gê imaginou um texugo carregando um molho de chaves escada acima. Ficou junto da porta, e logo Jane apareceu lá debaixo.

Ela jogou as chaves aos pés dele e empurrou com o focinho para indicar pressa.

Gê as pegou e se perguntou se a fuga tinha sido tão calma quanto ela pensava. Não tinha: ele logo ouviu passos vindos da escadaria. Além do mais, havia pelo menos dez chaves naquele molho.

— Qual será? — ele murmurou. Enfiou a primeira na fechadura e girou. Nada.

Enquanto tentava a segunda, Jane subiu pelas pernas dele e pela camisa, atravessando para os braços como se quisesse dar mais urgência à situação.

— Estou indo tão rápido quanto posso!

Terceira chave. A fechadura não cedeu. As passadas ficaram mais próximas.

Quarta chave. Nada. Jane enterrou suas garrinhas no braço dele.

— Você não está ajudando — Gê disse.

O guarda já estava logo atrás da porta.

— Onde está você, seu ratinho miserável?

Jane afundou as garras outra vez.

— Não se preocupe, querida. Ele não quis te chamar de rato.

A quinta chave deu certo. A fechadura clicou. Todos os três ouviram. Assim que o guarda investiu contra a pesada porta de madeira, Gê a puxou e a abriu de uma só vez. O guarda caiu e Gê o atingiu na cabeça com o pé da cama. O homem foi direto para o chão, imóvel, mas ainda respirando.

— Rápido! — Gê chamou Jane para seu ombro e pegou a espada do guarda.

Enquanto se apressava escadas abaixo, ele pensou que, como uma fuinha, Jane poderia ter se salvado e o deixado para morrer. Mais uma vez.

Porém, quando chegou a hora de pensar só nela, ela não fez isso. Mais uma vez.



Era a hora perfeita da noite para escapar da Torre de Londres, acima de tudo porque era o momento com o menor número de guardas, e aqueles que estavam em serviço já estavam exaustos ou bebericando às escondidas de cantis de bolso.

Ainda assim, Jane e Gê se depararam com três guardas. Afinal, os dois eram nada menos que prisioneiros reais. Não dava para esperar chegar ao estábulo completamente desimpedidos.

O primeiro guarda, Gê despachou rapidamente com um movimento que Jane descreveria como uma elegante habilidade com a espada, mas Gê sabia que na verdade foi só o resultado da espada deslizando em sua mão suada. Quando ele avançou para recuperá-la antes que ela caísse no chão, acabou enterrando a espada no coração do guarda que tinha acabado de chegar do outro lado da parede.

O segundo encontro não foi assim tão gracioso. O guarda ergueu sua espada e a outra mão em posição de luta, ao que Gê fez o mesmo, esperando que não ficasse óbvio demais que tinha matado metade de suas aulas de esgrima na infância em favor de jogos de rimas com uma de suas babás.

Os dois ficaram naquela por um longo tempo, se encarando e se preparando... para quê?, Gê se perguntou. Atacar? Contra-atacar? Algum dos dois avançar primeiro?

Jane, impaciente com o impasse, desceu do ombro de Gê, correu para o guarda, subiu em sua perna e entrou em sua camisa.

O guarda fez todos os movimentos estranhos possíveis, não muito diferente de uma criança aprendendo a famosa dança espanhola chamada estampida. Gê usou aquela distração para despachar também aquele homem, assegurando-se de que a espada não chegasse perto de nenhuma parte estufada onde Jane poderia estar.

O terceiro guarda veio em seguida, viu o segundo ainda sangrando, olhou para Gifford com a espada em riste (que era uma visão e tanto, se o oponente não soubesse da falta de habilidade do rapaz) e simplesmente saiu correndo.

Gê tomou Jane nos braços e também deu no pé. Foi na direção dos estábulos onde antes tinha sido detido.

— Precisamos correr — ele disse, tentando não imaginar qual seria seu aspecto naquele momento, conversando com um porco-espinho no ombro. — Aquele último guarda provavelmente vai soar algum alarme. Precisamos pegar um cavalo.

O bichinho mais uma vez enterrou as garras em seu ombro.

— Sim, eu sei, eu sei. Mas precisamos de um cavalo que continue sendo cavalo. Especialmente depois que os soldados vierem atrás de nós.

Abriu a porta do estábulo tão silenciosamente quanto possível, correu para dentro, olhou para fora para verificar se havia alguém atrás deles e, quando viu que não havia ninguém, fechou a porta, se virou rapidamente e quase foi de encontro à espada de um quarto homem.

O dono da espada era alto, de barba e uniforme, mas não aquele típico dos soldados. Era mais do tipo de um ajudante contratado.

Gê levou a mão até seu ratinho estranho em um gesto automático de proteção.

— Por favor — ele disse. Mas, antes que pudesse continuar, o homem abaixou a espada.

— Você é Gifford?

Gê não sabia se deveria tentar negar quem era, mas não havia motivo para isso. Apenas fez que sim com a cabeça.

— Onde está a rainha? — o homem perguntou.

— Desculpe, mas... quem é você?

O homem passou por ele e o afastou para o lado, abriu só uma fresta da porta, olhou lá fora e a fechou de novo.

— Onde está a rainha? — perguntou mais uma vez.

— Sinto que você não vai acreditar se eu contar — Gê respondeu.

— Experimente.

— Aqui. — Gê tirou Jane do ombro (ela estava tremendo naquela hora) e a aninhou nos braços.

A expressão sisuda do homem se aliviou, ao que ele se inclinou para a frente com um sorriso.

— Ah! Ela é um pequeno furão. Que coisinha mais linda.

— Furão! — Gê exclamou. — É isso o que você é, minha querida, um furão! — Ele já tinha ouvido falar daquelas criaturas, mas nunca tinha visto uma. — Viu só? Muito melhor que um rato.

O homem agarrou Gê pelo braço e o puxou para dentro dos estábulos.

— Melhor a gente te mandar para longe daqui bem rápido, se você tem alguma esperança de escapar.

— Quem é você? — Gê perguntou outra vez. — Foi você que passou a carta por baixo da minha porta?

O homem fez que sim.

— Meu nome é Peter Bannister. Sou o mestre dos canis reais. Era leal ao Rei Eduardo. Enviei minha filha para protegê-lo, mas não adiantou porcaria nenhuma.

— Protegê-lo? De quê? Da Moléstia?

Peter abriu uma das baias e colocou a sela em um macho que estava dormindo lá.

— De tipos como aquele seu pai imundo. O rei nunca teve a Moléstia.

Gê ficou imóvel e boquiaberto em espanto.

— Não há tempo de explicar. Sobe no cavalo. Siga minha filha. Ela vai levar vocês para um lugar seguro.

Enquanto Gê montava o cavalo (com Jane em seu ombro), Peter desapareceu pelos fundos do estábulo e depois por uma porta que levava ao canil. Retornou momentos depois com uma bela galga-afegã.

— Essa menina aqui é muito boazinha — ele disse, afagando o pelo da cadela. — Siga a Petúnia, milorde. Ela vai ajudá-los.

— Achei que você tinha dito que a gente deveria seguir sua filha.

Naquele mesmo momento, uma corneta soou ao longe, e então outra. Peter arregalou os olhos.

— Vão logo!

Abriu a porta dos estábulos de uma vez, e Gê, Jane, seu cavalo e Petúnia saíram em disparada pela noite afora.

PARTE DOIS

↪ (Jogamos o lado histórico
pela janela)

Meiólogo



Ei, você! Somos nós aqui, suas narradoras amigas. Só queríamos fazer uma pausa para dizer uma coisa importante: até agora, tudo o que mostramos foi livremente baseado no que descobrimos em nossa pesquisa, só preenchendo as lacunas onde foi necessário.

Só que, deste ponto em diante, prezado leitor, vamos pular para algo mais profundo, bem mais profundo, nas profundezas abissais do manto terrestre de tão profundo a respeito daquilo que os historiadores não querem que você saiba; o tipo de coisa que eles fazem de tudo para esconder. (Porque... dá para imaginar o custo e a aporrinhção de ter de reescrever todos os livros de História?) Atravessamos as grandes planícies de Hertfordshire, galgamos os túneis sombrios de Piccadilly, escalamos os morros de Cotswolds procurando os descendentes de nosso casal de amantes e do rei envenenado, e conseguimos então compilar aquilo que delicadamente chamados de... A VERDADE. (Por causa do perigo envolvido, consideramos mudar nossos nomes. Mas acabamos não fazendo isso. Ainda assim, sempre dormimos com nossas espadas sob o travesseiro.)

Se a verdade do que aconteceu com nossos heróis e a heroína te dá medo — e, por Deus, deveria! —, então não se aventure além deste ponto.

Mas se você for um opositor do sistema, um campeão da verdade, um aliado do amor e um crente em magia, continue lendo.

CAPÍTULO DEZENOVE

— ♠ —

Eduardo

— Toma isso, seu porqueira da calça frouxa! — Gracie gritou, brandindo sua espada. Eduardo se esquivou do golpe no último segundo. Estufou o peito.

— É Rei Porqueira da Calça Frouxa para a senhorita.

— Sim senhor — ela riu. — Claro. Como eu poderia esquecer?

O coração dele palpitava por algo além do esforço daquele exercício. A história de treinar com uma menina era bastante desconfortável para Eduardo. Não era adequado, é claro. E se ele acabasse ferindo a moça? Mas a avó tinha dito que era bobagem e mandou os dois lá para fora para “suarem um pouquinho”.

Certo. Eduardo estava definitivamente suando depois daquilo. Gracie se assegurou disso, com aquelas calças que o distraíam por apertar nos lugares certos enquanto ela investia contra ele, com os olhos brilhantes e as faces coradas, o fio reluzente de suor na testa e todos os relances do pescoço que ele conseguia ver em meio aos cachos negros daqueles cabelos. Era simplesmente uma injustiça, ele pensou. Como alguém poderia esperar que ele se concentrasse?

— Majestade — ela disse com um sorriso e investiu contra ele mais uma vez. Ele a atacou de leve, com uma série de movimentos bem calculados para impressioná-la com seu vasto conhecimento na esgrima, e ela se esquivou.

— Você até que não é ruim. Para uma garota — ele disse.

O golpe seguinte de Gracie resvalou no ombro dele, não com força, mas certamente de forma inesperada. De algum modo, ela conseguiu furar as grandes técnicas de defesa de Eduardo, mas deve ter sido só por sorte. Ele deu um rápido passo para trás e

retomou sua posição, então avançou sobre ela de novo. Gracie recuou. E se abriu toda para um ataque — isto é, mostrou-se vulnerável para que ele a atingisse em diversos pontos. E ainda assim ele não conseguia tocá-la de verdade em nenhum momento.

— Vamos, meu senhor — ela fez troça quando o cabo de vassoura dele roçou gentilmente sua perna. — Basta de cavalheirismo.

— Milady — ele disse todo galante —, posso parar assim que a senhorita fizer o mesmo. Talvez se saia melhor se procurar atividades mais apropriadas a uma mulher, como bordados ou música ou...

Ela o acertou bem nas costelas. Se fosse uma espada de verdade em sua mão, em vez de metade de um cabo de vassoura, Eduardo estaria liquidado. Da forma como foi ali, ele caiu de joelhos completamente sem ar. Gracie então atingiu a mão dele e arrancou o pedaço de madeira, que logo chutou para longe. Antes que Eduardo conseguisse alcançá-lo, ela levantou o pé e o empurrou rolando na grama. Quando ele finalmente conseguiu olhar para cima de novo, o lado menos afiado do cabo estava em sua garganta. Derrotado. Por uma garota.

Inconcebível.

Sua mente disparou a procurar desculpas. Ele ainda estava se recuperando dos efeitos do veneno, é claro. O tornozelo torcido continuava um pouco sensível, sem mencionar a mordida de cachorro na perna. Um cabo de vassoura não era tão bom quanto uma boa espada — era só um substituto vagabundo, na verdade, bem diferente em termos de equilíbrio e aderência. O sol estava nos olhos dele.

— Você se rende? — ela perguntou.

Ele deu uma risada e passou a outra mão nas juntas dos dedos, bem onde ela tinha acertado.

— Ei, isso doeu, viu?

— Oh, me desculpe, meu senhor — Gracie disse, mas sem nenhuma expressão de arrependimento. — Agora, a Inglaterra se rende?

— Para a Escócia?

— Isso.

— Jamais! — Ele segurou o cabo de madeira de Gracie, o que nunca poderia ter feito com uma espada de verdade, e conseguiu derrubá-la para junto dele. Eles se engalfinharam, o que deu a Eduardo algumas oportunidades maravilhosas de tocá-la e sentir as suaves curvas de seu corpo junto ao dele. Mas Gracie era uma fera em seus braços, e não no bom sentido (muito embora o sentido também não fosse ruim). Em pouco tempo ela deu um jeito de virá-lo e sentou-se em seu peito, prendendo os braços dele no chão.

Inconcebível.

— Você se rende? — ela perguntou sem nem esperar.

Ele estava para dizer outra vez que não, mas então se pegou admirando os cílios dela, tão longos que projetavam sombras nas bochechas rosadas. E ele sabia que diria sim para qualquer coisa que ela perguntasse naquela hora.

— Sim — ele admitiu. — Eu me rendo. — Arfando, olhou para cima, onde ela estava. — Estou meio enferrujado, eu acho. — Era verdade, somado ao fato de que as pessoas sempre o deixavam ganhar até então.

Ela saiu de cima dele e apanhou o cabo de vassoura. Ele tentou não parecer muito desapontado com isso.

— Você está ficando melhor — ela disse, muito embora não estivesse se referindo às habilidades de luta dele, e sim sobre sua condição geral. Ele *estava mesmo* ficando melhor. Mesmo depois de apenas dois dias no castelo abandonado, sob os cuidados meio tortuosos mas eficientes da avó, o corpo dele estava mais forte e seus pensamentos estavam mais claros. Ele já quase não tossia. Iria viver.

Gracie estendeu a mão se oferecendo para ajudá-lo a se levantar.

— Quer tentar de verdade agora, meu senhor? Já acabou de brincar de casinha?

— Me chame de Eduardo — ele pediu, se ajeitando para ficar de pé sem a ajuda dela.

Gracie logo assumiu posição de luta mais uma vez. Eduardo pegou sua estaca que estava na grama. Limpou o suor da testa e sorriu.

— Toma isso, sua vilã tacanha! — Ele tentou, de verdade, atingi-la desta vez. Mas ela se esquivou com facilidade, quase saindo totalmente da sua frente. Eduardo suspeitou de que ela vinha pegando leve até então.

— Quem você está chamando de “vilã tacanha”? — ela zombou, dando risada. — Sua mãe era um hamster e seu pai fedia a sabugueiro! — E lá foram eles de novo, se rodeando e investindo com suas vassouras quebradas, quase fazendo uma dança no gramado.

Ela era boa. Muito boa.

— Onde você aprendeu a lutar assim? — ele disse entre arfadas quando ela quase o desarmou outra vez. Não era a primeira vez que ocorria a Eduardo que, embora estivesse por muitas horas ao lado de Gracie, ele não sabia quase nada a respeito dela.

Ela tirou o cabelo do rosto e atacou com força contra o cabo de vassoura dele. Ele se esquivou por pouco.

— Fui aprendendo com a vida — ela respondeu, tão vagamente quanto sempre fazia com aquele tipo de pergunta. — Mas prefiro facas. Nada é melhor que uma faca afiada dentro da bota.

— Aprendendo com a vida? Mas onde foi essa vida? — ele insistiu. — Por que você está na Inglaterra?

— Cuida da sua vida! — Ela investiu contra ele mais uma vez, mas Eduardo a conteve. — Seu rufião cabeça de besouro das orelhas de abano.

Ele deu uma bela gargalhada.

— Vil gusano! — ele gritou, tentando acertar um golpe que a fez se abaixar. — Mas sério, Gracie... Você não acha que é hora de me contar alguma coisa sobre você?

— Comigo, o que você vê é o que você tem, senhor. — Ela fez uma reverência rápida e depois investiu de novo. — Seu sapo venenoso das costas cheias de verrugas!

“Senhor”, de novo. Ele talvez preferisse “sapo” mesmo.

— Chega — ele disse com um suspiro, e então subitamente jogou seu cajado na grama. — Não quero mais esses joguinhos.

— Senhor? — Gracie abaixou seu cabo de vassoura, incerta do que fazer.

— Talvez você devesse seguir seu caminho, Gracie. Eu agradeço muito tudo o que fez por mim, mas tenho certeza de que você tem mais a fazer do que brincar de espadas comigo. Você disse que iria me trazer até minha avó e foi o que fez. Não precisa ficar.

O coração de Eduardo estava acelerado outra vez. Estava blefando e sabia bem disso. Queria ver o que ela iria fazer. As sobrancelhas dela se juntaram.

— Você não confia em mim? Depois disso tudo?

— Eu quero muito confiar em você, de verdade, mas é que não sei nada a seu respeito — ele respondeu. — Fico muito grato pelo que você fez para me ajudar, mas não consigo entender suas razões para isso. Você poderia até estar me espionando para a Maria da Escócia, pelo pouco que sei até agora. — Ele até estremeceu ao pensar nisso.

Gracie olhou bem para ele durante algumas batidas tensas de coração, com as sobrancelhas ainda incrédulas, e então deixou cair seu cajado no chão.

— Tá certo — ela disse com irritação. — Vem.

Ela saiu andando para os limites do terreno, onde a floresta começava, longe das ruínas do castelo e do alcance de quem mais pudesse ouvi-los. Ele a seguiu. Ela passou alguns segundos catando gravetos na floresta e jogando-os de volta, como se estivesse procurando alguma coisa. (Ele esperava que ela não tivesse finalmente concluído que ele não valia toda aquela chateação e estivesse procurando um galho grande o suficiente para bater em sua cabeça.) Por fim, pareceu ter encontrado o que queria. Sentou-se junto a um olmo. Eduardo também se abaixou no chão a alguns centímetros dali. Esperou que ela dissesse alguma coisa.

— Você me perguntou uma vez quando é que eu descobri que era uma raposa. — Ela tirou a faca da bota e começou a tirar a casca do ramo de madeira em sua mão. — Eu tinha 7 anos.

Gracie estava prestes a contar uma história triste; ele já sabia pela forma como a luz tinha se esvaído dos belos olhos naquele rosto. Ficou tentado a impedi-la, porque ele não gostava de histórias tristes, e também porque achou que não tinha o direito de pedir algo

tão pessoal, mas o fato é que havia, sim, algo de verdade no que ele acabara de dizer: precisava saber melhor quem ela era. Gracie afiava habilmente o galho com sua faca, o olhar fixo em seu trabalho para que ela não precisasse olhar para Eduardo enquanto conversavam.

— Naquela noite, acordei com nosso sítio pegando fogo. Estávamos todos lá dentro: minha mãe, meu pai e meus irmãos — eu tinha dois irmãos homens —, e alguém tinha bloqueado a porta do lado de fora e pregado ripas nas janelas também.

— Os ingleses — Eduardo arriscou, e ela não respondeu. Mas, se tivesse sido alguém mais, ele sabia que ela o teria corrigido.

— Minha família era toda de eðianos, como já te contei. Meu pai era um belo cervo-vermelho, minha mãe era justamente a fêmea da espécie dele, e é por isso que se davam tão bem. Meu irmão Fergus era um cavalo preto com uma estrela branca na testa. — Ela deu uma risadinha tímida. — Meu irmão Daniel era um cachorrão grande e corpulento. Quanto a mim, eu nunca tinha me transformado antes. Aquela noite foi a primeira vez.

Ela ficou em silêncio. Eduardo ficou sem saber que posição tomava em seu assento.

— O resto da família era grande demais para conseguir fugir do sítio — ela continuou depois de um momento. — Só eu consegui me esgueirar para fora. Meu pai ficou dizendo que eu tinha de ir. Disse que eu tinha de seguir para o sul, até um convento na França onde eu tinha uma tia. Até desenhou uma espécie de mapa para mim, enquanto a casa se enchia de fumaça, e então amarrou no meu pescoço com o lenço da minha mãe. — Ela fechou os olhos.

— Mas por quê? — Eduardo perguntou em tom suave. — Os soldados ingleses só... queimavam as casas com as pessoas dentro?

— Queimavam qualquer lugar onde houvesse eðianos. — Com sua faca, ela atravessou o galho sem dó, e pedacinhos voaram para os pés dela. Todo aquele trabalho estava tomando forma agora, mas Eduardo ainda não sabia dizer o que era. — E também queimavam as casas daqueles que os protegessem.

Ele não era assim tão ingênuo de negar que coisas como aquela tivessem mesmo acontecido. E sob as ordens de seu pai, sem dúvida. Eduardo queria acreditar que, como rei, nunca teria autorizado aquele tipo de abuso. Mas, mesmo com toda a sua convicção, não tinha certeza. Tinha sido um tanto ou quanto relapso na condução do reino. Tinha assinado papéis que seus conselheiros lhe entregavam sem nem olhar. Tinha confiado neles para fazerem o que fosse melhor para o país. O mundo lhe parecia bem diferente, agora. Ele mesmo se sentia diferente.

— E você chegou à França? — ele perguntou.

— Bem que tentei. — Ela deu uma risada amarga. — Perdi o mapa depois da primeira semana, depois disso só corri para o sul o quanto minhas patas aguentaram, até sangrarem. Quase passei fome, porque ainda não tinha aprendido a caçar nem a roubar. Teria morrido se...

Ela parou por um momento e engoliu em seco, como se a parte seguinte da história fosse ainda mais doída do que a perda da família.

— Se...? — Eduardo perguntou com gentileza quando ela não concluiu o pensamento.

Gracie ergueu o olhar e mirou os olhos dele.

— Se a Alcateia não tivesse me encontrado.

Eduardo inspirou forte com o susto.

— Ah — disse, tentando não demonstrar que aquilo era chocante.

— A Alcateia.

— Eles não eram tão maus quanto agora — Gracie explicou. — No começo, o grupo era só um jeito de proteger os eðianos. Sim, a gente roubava e saqueava, e ocasionalmente batia de frente com alguns soldados, mas na maior parte do tempo a gente só vivia nas sombras. Sobrevivíamos. Nos ajudávamos. — Ela tirou uma mecha de cabelo errante do rosto. — O líder era como um pai para mim. Me acolheu quando eu não tinha mais ninguém. Me ensinou tudo o que eu sei, e não só as coisas de sobrevivência. Me ensinou a ler e escrever. A remendar uma camisa. A fazer contas. A usar um arco, uma faca e uma espada. A entalhar e esculpir madeira. E também me ensinou um pouco de História, Filosofia e coisas assim.

— O que aconteceu com ele? — ele perguntou, porque conseguiu depreender da expressão dela que tinha sido algo ruim. E não tinha sido muito tempo antes, ele pensou.

— Ele ficou velho. — Gracie recomeçou a esculpir. — Outro homem, o Thomas Archer, o desafiou pela liderança do bando e o venceu. Depois daquilo, tudo ficou diferente. Archer acredita que os eðianos devem fazer mais do que apenas sobreviver. Ele acredita que somos unos com a natureza e, portanto, deveríamos dominá-la. Tomar o que quisermos. Punir todos aqueles que desafiarem ou ferirem os eðianos. Archer reuniu um grupo de homens que se transformam em lobos, e foram eles que começaram a causar confusão.

— E aí você foi embora — Eduardo presumiu.

— Isso. — Ela franziu o rosto em concentração quando começou a trabalhar nos detalhes de seu entalhamento. — Fui embora uma noite e não voltei. E isso não pegou bem para o Archer. Eu era útil para ele.

— Então é por isso que você queria tanto evitá-los.

— Bom, é. — Ela tossiu timidamente. — Archer ofereceu um preço pela minha cabeça.

— Quanto? — Eduardo quis saber.

Ela olhou bem para ele.

— Por que você iria querer saber isso?

— Porque a gente está quase sem dinheiro, claro. Cada pouquinho ajuda.

Ela percebeu que ele estava brincando. As covinhas reapareceram.

— Dez soberanos.

— Dez soberanos inteiros? — Seus olhos se arregalaram. — Como a gente faz pra encontrar esse Archer?

— A Alcateia usa uma taberna como quartel-general — ela respondeu prontamente, como se entregá-la fosse mesmo uma possibilidade. — Chama-se The Shaggy Dog. Fica a meio dia de viagem daqui, eu diria.

Ela estava terminando o que fazia no galho. Limpou a faca e gentilmente a deslizou de volta na bota. Eduardo se inclinou para a

frente para tentar discernir o formato da escultura. Era uma raposa notavelmente semelhante à própria Gracie em sua forma eðiana, graciosamente retratada como se tivesse sido pega em meio a uma corrida.

— Tem alguma coisa que você não saiba fazer? — ele perguntou.

— Bordar — ela disse com um sorriso. Pôs a raposinha na mão dele. — E só sei esculpir raposas. Sempre que eu tento alguma outra coisa, sai como um cachorro cheio de bolotas.

Ambos olharam juntos para a raposa de madeira.

— Ficou boa — Eduardo murmurou. — Obrigado.

— Por nada.

— Só tenho mais uma pergunta, então — ele disse, ao que ela fez que sim.

— Pergunte.

— Se os ingleses mataram sua família, te forçaram a sair de casa, te caçaram e te machucaram diversas vezes, por que você me ajudou? E não me vem com aquela lenga-lenga de ser amiga das criaturas patéticas do mundo. Me fala de verdade o porquê.

Era a primeira vez que ele a via ficar envergonhada. Gracie deu um breve suspiro.

— A verdade?

— A verdade.

— Eu fui com a sua cara.

Ele se recostou, maravilhado. Pensou (embora não estivesse totalmente certo disso) que ela queria dizer que o tinha achado bonito.

— Você gostou de...?

— Você tinha olhos sinceros. E um sorriso legal. — Ela ruborizou.

Era uma notícia simplesmente maravilhosa.

— E você algum dia já viu seus próprios olhos? — ele disse em um impulso. — São verdes como... musgo da floresta.

— Musgo?

— Como lagoas de... — Ele se amaldiçoou por não ser tão poético.

— De...? — Os lábios dela se retorceram enquanto ela claramente tentava não dar risada.

— Olhos lindos — ele se atrapalhou.

— Lagoas de olhos lindos?

— Isso. Exatamente. E seu cabelo. E seu sorriso também, é tão... E você é tão engraçada e esperta. E corajosa. Nunca encontrei uma moça como você.

— Ah, eu não sou lá muito corajosa. — Ela estava olhando firme para ele. *Daquele jeito*. Ele conseguia sentir o perfume dela, o cheirinho de sabonete de lavanda da banheira da avó misturado à sua fragrância amadeirada costumeira.

Ele olhou para a boca da menina. Não conseguiu evitar.

E (milagre dos milagres) ela também olhou para a dele.

Eduardo lambeu os lábios nervosamente. E se não soubesse fazer aquilo direito? E se os narizes trombassem? E se ela achasse que os lábios dele estavam muito secos? E se ele estivesse com bafo?

— Gracie — ele murmurou o nome que saiu como música de seus lábios. — Grace. — Os dois já estavam bem próximos. Quase próximos o bastante.

O coração dele começou a bater como um tambor de guerra. Ele se aproximou mais alguns centímetros.

— Meu senhor... — ela soltou fracamente. — Eu...

— Por favor, me chame de Eduardo — ele disse. — As coisas não precisam ser tão formais entre nós.

Antes que perdesse totalmente a calma, ele estendeu a mão e colocou um dos cachos rebeldes de Gracie atrás da orelha. Se inclinou. Era aquilo. Era seu primeiro beijo. Seu prim...

— MENINO? — gritou uma voz distante. — ONDE ESTÁ VOCÊ, MEU MENINO?

Gracie se recolheu abruptamente.

— Sua avó está te chamando.

— Ah, ela pode esperar — ele disse.

— ESTÁ NA HORA DO SEU REMÉDIO! — a avó continuou.

— Você deveria ir. — Gracie ficou de pé.

— MENINO?

Sem muito cuidado, ela bateu nas calças para tirar a poeira.

— Além do mais, acabei de me lembrar de algumas coisas de casa que sua irmã queria que eu fizesse. Umas coisas muito importantes. Cheias de... tarefas...

— Tarefas? — Eduardo disse, confuso.

— Sim, tarefas. Muitas.

— Gracie — ele começou a dizer antes que ela fugisse. — Espera!

— VEM AQUI, MENINO!

Ele só ficou olhando sem fazer nada enquanto Gracie sumia rumo ao castelo, quase correndo.

— MENINO?

Naquele momento, devemos confessar que Eduardo brevemente considerou a possibilidade de assassinar sua querida e doce avó. E poderia até se safar se fizesse isso, considerando que o resto do mundo pensava que a velhinha já estava morta mesmo.



Quando Eduardo chegou ao pátio, a avó já o esperava com uma daquelas poções horrorosas.

— Ah, aí está você, meu menino. Beba isto.

— Preferiria que a senhora parasse de me chamar de “menino”, vó.

— E do que eu deveria te chamar?

— Já sou um homem.

A velha senhora inclinou a cabeça grisalha e deu uma risada gostosa.

— Mas que gracinha. Agora conta outra.

Ofereceu a ele um cálice com algo soltando fumaça. Ele protestou:

— O quanto deste negócio a senhora ainda vai me fazer tomar? O veneno já saiu, não saiu? Isto tem gosto de maçã podre! — Mas ela o fez engolir assim mesmo. A avó já o tinha feito sofrer de muitas maneiras para tirar aquele veneno do corpo dele. No primeiro dia, além da poção de maçã podre, que ela o fez beber uma jarra inteira, também mandou que ele ficasse por vinte minutos sob os respingos gelados de uma cascata próxima, e depois se banhasse em uma

banheira de leite fervido. No segundo dia, enrolou uma moela de galinha no pescoço dele, enfiou um pedaço de carvão sob sua língua e o fez dizer o alfabeto de trás pra frente.

— Para que era essa parte do alfabeto? — ele perguntou quando finalmente chegou no A.

— Nada — a avó disse com uma risada. — Só queria ouvir você dizer isso.

A avó se deliciava em torturá-lo.

— Quando você acabar aí, vá ver sua irmã. Se não estiver se sentindo machão demais para falar com uma mulher — a avó disse, também com uma gargalhada, enquanto ele engolia a tal poção.

Ele fez conforme ordenado, mas só porque já vinha querendo falar com Bess de qualquer modo. Não porque ele fosse um menininho com medo da avó. Encontrou a irmã sentada esperando no quarto por ele.

— Vem. Senta aqui — ela disse, apontando para uma cadeira. Eduardo se sentou. Na mesa à sua frente havia um mapa da Europa com diversas figurinhas de madeira colocadas em posições estratégicas. Todas as figurinhas lembravam cachorros com bolotas. Era uma das maneiras como Gracie estava se fazendo útil por ali.

Ele dirigiu o olhar a Londres, e seus pensamentos de súbito foram até Jane. Bess tinha uma rede de espiões eðianos atuando na forma de corvos na Torre de Londres, e ocasionalmente um deles chegava a Helmsley com notícias, a mais recente dizendo que a nova Rainha Maria tinha prendido todos os eðianos da equipe do castelo com a intenção de fazer deles o exemplo de o que aconteceria, colocando-os em uma enorme fogueira no fim daquele mês. Depois disso, planejava enviar soldados por toda Londres para prender os demais eðianos da cidade.

O expurgo que Maria planejava para os eðianos já estava acontecendo.

Mas apesar dos esforços de Bess, estranhamente não havia qualquer notícia a respeito do que acontecera com sua prima. Era como se Jane e Gifford tivessem simplesmente desaparecido de Londres no mesmo dia em que Maria chegou. Eduardo presumiu que Maria tivesse secretamente aprisionado Jane em alguma torre

em algum lugar, se é que ele conhecia bem a irmã. Mas ele também conhecia bem Jane, e sabia que ela conseguia ser... determinada... quando desafiada; Maria tirando dela o trono daquela forma seria o maior desafio de todos. A prima tinha o complicado hábito de falar o que viesse à cabeça nos momentos mais tensos.

E Maria ficava ofendida com facilidade e tinha se afeiçoado muito aos dizeres “Cortem-lhe a cabeça!”.

Em outras palavras, Eduardo estava preocupado. No entanto, eles não tinham como resgatar Jane ou impedir a fogueira eðiana — não ainda. Não estavam prontos para encarar as consideráveis forças leais a Maria, ou seja, o exército inglês. Pelo menos não de acordo com Bess, que parecia estar bolando um plano. Eduardo analisou o mapa por alto e as figurinhas de madeira.

— Esses aqui são parte de um exército? — perguntou a Bess, incrédulo. — Qual deles?

Os lábios dela se ergueram em algo que não era propriamente um sorriso.

— O meu. Tenho meus contatos e gente que me deve favores. Quando descobri que você estava sendo envenenado e que a Maria estava reunindo um exército secreto para tomar o trono, pensei que era melhor eu também reunir um exército meu. — Bess aplainou o mapa com as duas mãos e seu sorriso se apagou. — Mas não tenho homens suficientes, Eduardo. O exército da Maria é uns cinquenta por cento maior. Ela tem o apoio tanto dos espanhóis quanto do Imperador Romano. A armada espanhola é formidável. Imbatível, dizem. Ainda não sei como conseguiríamos vencê-los.

Ele ergueu os olhos para a irmã. Seu rosto estava tomado de concentração. Ela estava olhando para uma fileira de navios sobre o Canal da Mancha.

— E de quem são esses aqui? — ele perguntou, tomando um dos navios.

— Da França. Acredito que o Rei Henrique apoiaria você como monarca de direito, e não a Maria, assim que descobrisse que você está vivo. Ele ficaria com medo de ver uma mulher usurpando o trono da maneira como ela fez. É a única solução na qual consigo pensar.

Eduardo tinha subestimado Bess. Agora via isso. Ela conhecia o mundo de um jeito que nem o próprio Eduardo entendia.

— Se conseguíssemos navios e tropas da França — Bess continuou, quase como se falasse consigo mesma — e talvez, ao mesmo tempo, o apoio da Maria da Escócia, os reforços escoceses, aí talvez tivéssemos uma chance...

— Você disse... Maria da Escócia? — Ele sentiu toda a cor se esvaír de seu rosto, mas Bess pareceu não ter notado o espanto.

— Claro. Quem mais conheceria bem o estado do exército escocês? E a ajuda da França não viria barato. O rei provavelmente vai querer alguma coisa em troca, e você estaria em débito com ele para a vida toda, se formos bem-sucedidos. Mas é o único jeito.

O único jeito. De retomar o trono. De salvar Jane.

Eduardo engoliu em seco.

— Então parece que eu estou indo para a França — ele disse calmamente, mas com o coração batendo forte. — Quando posso partir?

Bess mordeu o lábio.

— Quero que você descanse mais alguns dias. Reúna suas forças. Você vai precisar de tudo o que tiver.

— Não podemos mandar alguém para resgatar a Jane?

— Quem poderíamos mandar? A vó? — Bess balançou a cabeça.

— Bom, a vó não é a pior ideia do mundo...

— Sei que a Jane é muito querida por você. E também sei que ela está em perigo iminente. Mas a Jane é só uma pessoa, Eduardo. Há milhares de vidas em jogo. Há todo um reino no fio de uma espada. Precisamos agir com muito cuidado.

Ele suspirou. No mapa, Londres estava a apenas um dedo de distância de Helmsley. Mas Jane estava muito, muito longe.

— Muito bem — ele disse circunspecto. — Mais alguns dias e parto para a França. — Levantou-se da cadeira, foi até a janela e pôs uma perna do lado de fora do beiral. Queria ser um pássaro naquela hora. Assim, poderia voar ao encontro de Jane. Para pelo menos lhe dizer que não tinha se esquecido dela. Que estava indo resgatá-la, mesmo que demorasse mais do que ele gostaria.

Bess se retirou do quarto silenciosamente por trás dele, fechando a porta.

— Sinto muito — Eduardo sussurrou. O céu em cima dele estava bem azul e o chamava, mas ele resistiu à tentação. — Sinto muito, Jane. — Uma onda de melancolia tomou conta dele. — Ah, Janey, onde você está?

CAPÍTULO VINTE



Jane

Acontece que Jane estava fugindo para salvar sua vida.

Depois de escapar da cidade, tinham seguido em... alguma direção de que nem faziam ideia. Ainda em seu estado de furão, Jane se agarrava ao ombro de Gifford, que cavalgava o cavalo roubado para fora de Londres tão rápido quanto podia. Pet ia correndo à frente, abrindo o caminho. Para onde, Jane não sabia dizer.

Era para longe dos soldados de Maria; isso era tudo o que importava.

As estradas seriam o primeiro lugar onde todos vasculhariam, então eles se desviaram para dentro da floresta. Os cascos do garanhão batiam no chão em um ritmo inexorável. Cachorros latiam alto a distância, fazendo Pet levantar seu focinho para farejar o ar. Parecia que seus perseguidores se aproximavam. Jane se aninhou na curva do pescoço de Gifford, aterrorizada e exausta, enquanto se embrenhavam aqui e ali, perdidos na noite escura.

Gifford estava com o corpo todo inclinado sobre o cavalo. Jane se atrapalhou tentando se ajeitar para equilibrar o novo peso, mas ele a apanhou e a segurou junto ao peito.

— Eu tenho um plano — ele disse.

Maravilha. Jane amava planos.

Ele olhou para ela.

— É um bom plano, eu acho.

Jane o mordeu de leve, apressando-o para falar logo.

— Daqui a pouco, o sol vai nascer e eu vou recomeçar minha despedida diária do meu estado bípede para o estado quadrúpede, e aí vamos ter como correr ainda mais rápido. Vou mandar meu

amigo equino aqui em outra direção e assim criamos uma distração. Enquanto isso, você continua como furão e eu carrego você para... algum lugar seguro.

Jane balançou a cabecinha afirmativamente. Não era lá um plano terrível (ainda que fosse um pouquinho vago), mas... e quanto à regra número 3 (Nada de montar no cavalo)?

Gifford balançou a cabeça.

— Sei no que você está pensando agora, minha cara, mas não é hora de regras. Precisamos ser rápidos. Você pesa quase nada nessa forma. Se a gente conseguir um jeito de você se agarrar a mim sem que seja usando essas garras magníficas, vou conseguir correr na velocidade máxima.

Parecia bom o bastante para Jane.

— Excelente! — Gifford exclamou. — Fico feliz que concordemos.

Passaram então para uma trilha de cervos bem estreita. Os minutos transcorriam como horas. Com as árvores cada vez mais altas e mais velhas em volta deles, era difícil seguir a lua e as estrelas. Por fim, o bosque foi tomando uma coloração púrpura bem suave, os pássaros começaram a gorjear, e Jane começou a sentir a respiração mais fácil. Aquela noite terrível estava quase acabando e ela tinha sobrevivido. Ainda estavam sendo caçados como cães, tudo bem, mas as coisas nunca pareciam tão ruins quanto de fato eram quando à luz do dia. Gifford chamou Pet e puxou as rédeas do cavalo.

Já tinham reduzido a um trote quando Jane se transformou. Em um instante, ela era um furão aninhado na mão de Gifford e guardado junto ao peito. No seguinte, foi engolfada em uma luz forte, toda branca, e era uma moça de novo, sentada de lado na sela com as pernas penduradas para um lado, e estava definitivamente nua.

O cavalo roubado grunhiu e parou, desgostoso com o súbito aumento de peso.

— Jane! Isso não era parte do plano! — Gifford desamarrou seu manto e o jogou em volta dela. — Você não me mordeu quando eu estava explicando, então achei que tivesse concordado.

Jane deslizou da sela e aterrissou em uma parte meio indigna do chão. Tentou se levantar, mas suas pernas estavam trêmulas depois da transformação súbita.

Gifford apeou do cavalo e se ajoelhou ao lado dela.

— Você está bem?

Ela fez que sim. Havia tanto que queria dizer antes, quando estava trancada na torre, mas agora (talvez pela primeira vez na vida) Jane se sentia sem palavras.

Gifford também parecia querer dizer algo. Tomou-lhe as mãos, os dedos passando pelos círculos cortados e arroxeados em seus pulsos causados pelas algemas, e ela então tomou um profundo fôlego. Os pulsos não doíam tanto enquanto ela era furão, ainda que houvesse uma pontinha de dor. Mas agora pareciam estar em chamas.

— Você está bem machucada — Gifford observou.

— Não é nada. — Ela tentou sorrir para ele. — Então, acho que ainda não sei controlar a transformação.

— Mas o que é isso que você está dizendo? — Ele arqueou uma sobrancelha para ela. — Você não sabe *controlar a transformação*? Como isso é possível, quando você já leu tantos livros sobre *edïanos*?

O rosto dela corou e parecia quente. Ela se sentou mais ereta.

— Bom, são condições bem longe das ideais. Vou conseguir dominar essa mudança com um pouquinho mais de prática, tenho certeza.

— Ah, tenho certeza de que sim. Você deveria tentar agora. Transforme-se aí e vamos embora.

Gê a provocava, mas não tinha certeza se ela estava gostando daquilo. Jane respirou profundamente outra vez e se concentrou na ideia de ser um furão, porque aquele era o plano. Mas nada aconteceu. Ela tentou de novo. Nada.

Gifford observou as clavículas dela. E depois suas formas sob o tecido.

— Espera. Esquece. Fica assim mesmo.

Jane puxou o manto mais apertado em torno de si e ficou de pé.

— Gifford Dudley! Mantenha esses olhos aí com você!

Ele riu e começou a tirar as botas. E depois as meias. E depois o cinto.

— O que você está fazendo?

— É manhã — ele explicou enquanto continuava se despindo. — Essas são minhas únicas roupas. Os guardas me deram quando me transportaram dos estábulos para a torre. Então seria muito ruim se eu as destruísse na minha transformação.

A camisa saiu em seguida, revelando os contornos de seu peito. Jane tentou não ficar olhando. Quando ele começou a desabotoar as calças, ela soltou um gritinho muito breve, bateu as mãos nos olhos e se virou.

— Você não tem vergonha?

— Nenhuminha.

— E vou presumir que você não tenha trazido roupas para mim...

Ele relinchou como resposta. Jane se virou.

— Nenhuma roupa para mim? — repetiu para o marido-cavalo.

Gifford não respondeu. Ela mordeu o lábio e olhou para as roupas jogadas no chão. Calças. Que degradante. Mas menos degradante, possivelmente, do que passar o dia enrolada em um manto fino sem nada por baixo.

Um latido alto cortou o ar, e ela se assustou. Pet tinha voltado e descoberto os dois ali, parados e fazendo nada. Latiu de novo, e Jane se lembrou dos soldados que estavam atrás deles. Tinham de correr.

O plano de Gifford tinha sido bem bolado e dado certo até ali, mas... que tipo de plano era “vamos para um lugar seguro”? Agora que ela era a única humana do grupo, as decisões caberiam a ela, pensou. Porque ninguém ali era capaz de responder coisa alguma. Primeiro, ela decidiu, iria se vestir.

— Gifford. — Ela limpou a garganta. — Não quero questionar sua honra, mas é exatamente o que estou fazendo agora. — Ela jogou o manto sobre a cabeça dele para que não pudesse olhar enquanto ela vestia as roupas que ele descartara.

Gifford soltou uma bufada, mas ficou quieto enquanto Jane se vestia. As roupas estavam quentinhas e ligeiramente suadas. Tinham cheiro de cavalo. Era tudo meio grande demais, mas ela

apertou o cinto tanto quanto conseguiu e enrolou as barras da calça e da camisa. Depois, amarrou rapidamente o cabelo em uma trança e tirou a venda de Gifford.

— Então... devo montar nas suas costas? — ela perguntou nervosamente. — E quebrar a regra do cavalo número 3?

Gê balançou a cabeça afirmativamente. Jane caminhou nas botas largas demais para dar uma olhada na sela do outro cavalo.

Tinha lido a respeito de selas em *A grande controvérsia das selas: prós e contras de variadas selas e a melhor escolha do inglês patriota*. Aquela sela lembrava vagamente alguma que ela tinha visto desenhada no livro, mas o quão difícil seria mexer com aquilo? Assento, correias, pelego. Havia também um pequeno alforje, mas Jane não abriu para saber o que tinha lá dentro. Não havia tempo. Pet soltou um ganido. Parecia que queria dizer “Rápido!”.

— Segura esse galope — Jane falou baixinho enquanto começou a remover a sela do cavalo emprestado. Aquilo se provou desafiador, já que o cavalo era bem mais alto que ela e a sela pesava pelo menos metade do peso dela própria, mas ela finalmente conseguiu tirá-la e jogá-la no chão.

O pelego embaixo estava úmido de suor, mas ela não tinha escolha a não ser jogá-lo sobre Gifford com um pedido de desculpas. Mas até aí ela estava usando as roupas dele. Claro que ele poderia usar o pelego do outro cavalo.

Em seguida, a sela outra vez. Gifford pelo menos foi gentil o suficiente para caminhar até o lado de uma pedrona reta para que Jane subisse. Mas o movimento fez o pelego sair todo do lugar, de modo que ela teve de largar a sela, arrumar o pelego e depois implorar a Gifford que ficasse quieto enquanto ela ajustava tudo no lugar. Com alguma dificuldade, passou as correias pelas argolas e amarrou tão forte quanto conseguiu. Quando desceu da pedra para ver seu trabalho, percebeu que Gifford estava bem mais... rotundo que o habitual.

— Você está prendendo a respiração?

Gifford soltou o ar e suas proporções voltaram ao normal, ao que Jane foi obrigada a novamente apertar as correias. Àquela altura, Pet já estava andando em círculos em volta dos dois. Jane apertou

mais um pouco — Gifford deu uma baforada dramática — e então foi pegar o bridão do outro cavalo.

Gifford começou a se esquivar dela, soltando roncos indignados. A mensagem era clara: ela poderia quebrar as regras 1 e 3, mas a número 2 ainda valia. Nada de colocar bridão no cavalo.

— Certo. Mas pelo menos deixa eu tirar isso aqui. Não quero que ele tropece nas rédeas. — Ela desamarrou o bridão e o deixou cair no chão. Pegou o alforje e o amarrou em Gifford.

Pet ganiu e latiu e andou em círculos mais um pouco, cada vez mais próxima. As orelhas dos dois cavalos se viraram para trás em resposta. Até Jane conseguia ouvir o batido de cascos agora. Os homens de Maria estavam chegando. Ela se jogou sobre o lombo de Gifford e tentou não cair quando ele se lançou como uma flecha na direção que eles vinham seguindo, com o outro cavalo correndo logo atrás.

Jane tentou manter a cabeça baixa. Gravetos e folhagens iam se partindo em volta deles enquanto Gifford corria desabalado. Saltava e mudava de direção, pulava entre árvores e por cima de arbustos, com uma passada confiante e forte. Mesmo quando a floresta pareceu fechada demais para muita velocidade, ele teimosamente continuou adiante.

Já estavam correndo por um bocado de tempo quando, tão abruptamente quanto começara, Gifford parou. O outro cavalo fez o mesmo, assim como Pet, que se sentou a alguns metros de distância. Por um instante, todos simplesmente pararam ali, arfando muito.

— O que estamos fazendo aqui? — Jane reclamou.

O outro cavalo começou a comer montes de grama. Gifford balançou a cabeça, como se reconhecendo que era mesmo uma boa ideia, e abocanhou seu próprio montinho verdejante.

— Gifford, não é a melhor hora para dar essa parada — Jane avisou, se inclinando sobre o pescoço do cavalo. — Os soldados ainda estão perto.

Gifford balançou a cabeça para que sua crina passasse pelo rosto dela. Ela cuspiu pelo de cavalo, tentando ouvir alguma coisa além

do vento que farfalhava as árvores e dos dentes de cavalos que trituravam grama, produzindo uma gosma verde.

— Isso é burrice — ela comentou.

Então, sem aviso, Gifford virou para o outro cavalo e mordeu o ar próximo ao focinho dele. O cavalo emprestado — antes acreditando que Gifford fosse um colega semi-humano — se retraiu e soltou um relincho alto. Jane também gritou e se segurou no pito da sela tão forte quanto pôde, enquanto Gifford continuou avançando, dando cabeçadas e pulando na direção do outro cavalo. Começou a rodeá-lo até que a pobre criatura não teve opção senão sair em disparada pela floresta.

Ouviram-no quebrar arbustos adiante. Então, Gifford, Jane e Pet estavam sozinhos. Jane levou as mãos ao peito e abaixou a cabeça no pescoço de Gifford.

— Isso foi maldade — ela disse, e estendeu a mão para acariciar a orelha dele. — Ele era um bom cavalo.

Gifford soltou uma baforada e imediatamente começou a seguir o mesmo caminho de antes, pela trilha de cervos. Isso era para deixar uma trilha menos visível, Jane concluiu. Daquele momento em diante, qualquer um que os estivesse seguindo provavelmente iria atrás da trilha deixada pelo outro cavalo.

— Entendo agora — Jane falou. — Acho que eu tinha me esquecido do plano. Mas, ainda assim, foi maldade. Você deveria tentar ser mais amigável com outros cavalos. Vocês são animais de manadas. Com quem você vai correr se ele voltar dizendo para todos os outros que você é um duas caras? Com quem você vai comentar sobre qual maçã é a melhor? Logo, logo, você não vai ter mais nenhum amigo a não ser eu.



Continuaram correndo e correndo, até que o sol ficou vermelho-fogo. Os perseguidores já tinham ficado para trás horas antes, não havia mais cachorros latindo nem cavalos com cascos de trovão no encalço deles, mas ainda assim mantiveram o passo firme em meio à floresta. Jane já estava para sugerir que montassem acampamento quando chegaram a uma pequena fazenda abandonada. Gifford fez uma pausa na linha das árvores, dando a

Jane uma chance de avaliar a casinha meio em ruínas e o celeiro logo atrás.

— Parece um bom lugar onde passar a noite, não?

Gifford fez um som como de quem concorda, e ela então desceu de suas costas para olhar melhor os arredores. Pet foi com ela, com o rabo em pé por pura alegria canina, parando a cada poucos metros a fim de detectar algum perigo. Não encontraram nada de errado. A casinha estava em mau estado, com o telhado de palha meio caído e os quartos cheios de pássaros e ninhos de camundongos, mas o celeiro parecia intacto. Eles poderiam se abrigar por lá.

As pernas de Jane estavam moles depois de cavalgar tanto, e seu corpo todo parecia mais fraco pela fome, mas ainda assim ela conseguiu abrir a porta do celeiro, que era grande o bastante para passar um cavalo, de modo que Gifford trotou para dentro, pausando para farejar o ombro dela quando passou ao lado.

— Estou com tanta fome que poderia comer um cavalo. Oh. Não, desculpa, Gê. Não você, claro. — Ela fechou a porta. Havia uma lamparina enferrujada na parede e ela foi tentar acendê-la. Virou-se para Gifford. — Agora, deixa eu tirar essa sela ante que você a destrua quando se transformar de volta.

Pet correu pelo celeiro todo, farejando aqui e ali. Então, assim que Jane se preparou para pôr mãos à obra, a cadela voltou à porta e começou a arranhá-la, pedindo para sair. Parecia bastante desconfortável.

— Você deveria ter ido ao banheiro antes de a gente entrar — Jane falou sem ânimo e abriu só uma fresta na porta. Sozinha com seu marido-cavalo, Jane começou a desamarrar as correias para livrá-lo daquela humilhação. Ele se balançou todo e se alongou, aproveitando-se da liberdade, e aí, para horror de Jane, deitou-se no chão, rolou e se esfregou contra o chão de terra.

— Olha, isso foi muito ridículo. — Jane tirou o pelego, espalhando gotas de suor para todos os lados, e o colocou sobre uma cerca para secar. A sela foi em seguida.

Não demoraria muito até o sol se pôr, por isso ela deixou o manto ao lado dele e foi olhar o que haveria dentro do alforje, na

esperança de encontrar mais roupas.

Não havia. Em vez disso, encontrou um saquinho de carne de sol e dois cantis d'água. Bebeu um inteiro e devorou metade da carne antes de perceber que era melhor esperar pela transformação de Gifford, e daí dar a maior parte para ele. Ele certamente estaria tão sedento e faminto quanto ela. Tinha passado o dia todo correndo.

— Parece que a gente vai cair no tapa por estas roupas — Jane disse. — Um de nós fica com a camisa e as calças, e o outro com o manto. Quanto às botas, elas não me cabem mesmo, então você vai ter de continuar me carregando.

Um clarão se fez dentro do celeiro, e então Gifford respondeu:

— Como preferir.

— Gê! — Jane se virou a tempo de ver Gifford puxando o manto e se cobrindo. Impetuosamente, deu um abraço nele, a despeito da situação embaraçosa (e escandalosa também — mas, se eles eram casados, será que contava mesmo como um escândalo?) das vestimentas de ambos.

— Jane. — Ele passou os braços em volta dela e a beijou no alto da testa.

Aquilo a surpreendeu, o gesto espontâneo de carinho, mas ela achou bom.

— Sobrevivemos a este dia — ela disse junto ao peito dele. — Conseguimos manter nossas cabeças. Três vivas para nós.

— Sim, conseguimos. Viva, viva, viva! — Uma risada o tomou de súbito.

Jane se distanciou para sorrir para ele, e então sentiu um papel no bolso da camisa.

— O que é isto? — Ela se lembrava vagamente de ter sentido um papel dobrado naquele bolso, mas estava ocupada demais correndo e não deu atenção. Pegou o papel e instantaneamente reconheceu sua própria letra.

Era a carta que ela tinha mandado a Eduardo logo antes de sair de lua de mel.

— Peter Bannister passou a carta por baixo da minha porta na Torre Beauchamp. — Com certa hesitação, Gifford passou os dedos

pelo rosto de Jane e ajeitou seu cabelo. — Pensei que você iria querer ficar com ela.

— Obrigada. — Até que enfim ela se sentia um pouco mais segura pela primeira vez desde a última noite de ambos na casa de campo. Ficou tentada a voltar para os braços dele, mas a carta parecia mais importante. — Por que o Peter Bannister iria querer que você ficasse com isto?

— Não sei. Pensei que ele estivesse apenas me dando algo seu. Para me confortar.

Jane virou o papel. No canto da parte de trás, uma única palavra: “gambá”.

Ela tomou um susto.

— Essa letra é do Eduardo!

— Do Eduardo? — Gifford franziu o rosto.

— É dele! Eu a reconheceria em qualquer lugar do mundo. Está vendo como ele faz essa letra G? Quando éramos mais novos, tivemos um tutor que era terrível, o nome dele era Richard Cox, e ele sempre comentava sobre a letra feia do Eduardo. “Você tem de escrever com a letra de um rei”, ele sempre o repreendia. Fez o rei escrever páginas e mais páginas do alfabeto. — Ela sorriu ao se lembrar. — Pobre Eduardo querido.

— Sim, pobre Eduardo querido — Gifford concordou sem ânimo. — Mas afinal, o que ele quis dizer com “gambá”?

— Não sei. Eu... — Jane suspirou. — Nossa avó (minha bisavó, na verdade, e avó dele) se transformava em gambá. Ela foi banida para um castelo abandonado ao norte anos atrás. Eu a visitei lá. É um lugar chamado Helmsley.

— Isso quer dizer que o Eduardo está vivo?

— Acho que sim. — Ela abraçou Gifford mais uma vez, fascinada com a ideia de rever o primo. — Se o Eduardo estiver vivo, então ele foi para a casa da avó e nós também podemos ir para lá, e aí vai ficar tudo bem, você vai ver, e aí você e eu podem...

E Jane se transformou em furão.

CAPÍTULO VINTE E UM



Gifford

Antes que Gê pudesse se surpreender com a transformação de Jane, alguma coisa começou a arranhar a porta. Ele fez menção de tirar a espada de sua bainha. (Não que ele fosse bom com a espada, mas era mestre em blefar daquele jeito — agir como se soubesse lutar muito bem. Algumas vezes, só era preciso passar a impressão.)

— Quem está aí? — ele perguntou alto e com o coração na boca.

Ouviu-se apenas um ganido urgente como resposta. Gê abriu a porta e Pet correu para dentro. Deu dois latidos finos, correu porta afora outra vez, depois para Gifford, para fora e então ficou encarando a noite com uma patinha levantada, imóvel.

— O que ela está tentando dizer? — perguntou para Jane-furão. Jane respondeu subindo pela perna de Gê, depois pela camisa e então se enrolando no pescoço dele como uma cobra, até chegar ao topo da cabeça.

Naquele instante, Gê percebeu que estava perguntando a um furão o que um cachorro dissera. Com Jane no lugar de um chapéu, ele apertou os olhos tentando ver no escuro e distinguir o que tinha feito Pet ficar tão angustiada. A cachorra correu alguns metros, se virou e arfou para Gê. Foi um pouco para mais longe do celeiro, como se quisesse seguir naquela direção e estivesse pedindo a Gê que a seguisse.

— Pet, lembre-se dos soldados maus. Agora não é uma boa hora para viajar, especialmente quando eu não estou na forma de cavalo e não tenho como correr.

Pet entrou no celeiro como um raio e, com um clarão de luz, de repente era uma mocinha. Uma mocinha nua com longos cabelos

louros embolados.

Nua. Sem nem uma peça de roupa.

— Acabei de farejar o cheiro de Sua Majestade, o rei! — ela falou.

Um rabinho macio passou pelo rosto de Gê e foi para a frente dos olhos dele, mas Gê ainda teve como ver um novo clarão quando Pet voltou a ser cachorro. Ficou parado ali por um momento, perplexo.

— Você viu a moça... vestida de forma menos casual... que estava logo ali? — perguntou a Jane. Ela enterrou as garras na cabeça dele. — Você tinha alguma ideia de que a Pet era uma garota? Muito embora ela não tenha parecido muito confortável como humana. Nem fez nenhuma menção de se cobrir. — Agora, Jane arranhou o rosto dele. — Não que eu tenha notado alguma coisa...

Pet emitiu um latido bem fino mais uma vez e apontou o focinho para fora do celeiro, e só naquele momento Gê se lembrou de que ela tinha dito palavras. Parada de pé ali na frente dele. Nua.

— Você farejou o cheiro do Eduardo? — Gê perguntou.

Pet latiu duas vezes e correu até a porta.

— Não podemos sair agora. É muito perigoso.

Com mais um clarão, ela era a garota nua de novo.

— Precisamos ir agora! Já é um rastro bem fraco, e a chuva vai deixar ainda pior. — Novo clarão e lá estava o cachorro. Daquela vez, Jane não teve nem a chance de cobrir os olhos dele. Como Pet trocava de forma assim tão facilmente, quando Gê, e aparentemente também Jane, eram governados pelo sol? Teriam de pensar nisso mais tarde.

— Pet, não temos suprimentos.

A cadela grunhiu.

— Tá certo, tá certo. Nós vamos.

Gê agarrou seu manto e o alforje, tirou sua lady da cabeça e a posicionou no ombro, e seguiram Pet noite adentro.



Pet era uma grande farejadora. Com seu focinho no chão, parecia flutuar atrás do rastro, e mesmo assim mantendo um passo ligeiro sem nunca perder o contato entre as narinas e o chão. Gê tentava

acompanhar. Pelo menos, naquela noite, a lua estava especialmente brilhante, o que o ajudava a não tropeçar em tudo. Mesmo assim, tiveram de parar diversas vezes para que ele recuperasse o fôlego. Durante uma dessas pausas, enquanto Jane-furão dormia em torno do pescoço de Gê, Pet voltou a virar gente e se pôs diante dele.

— Por que você não se transforma também?

Gê tentou não olhar para as partes baixas da garota, e depois também para as partes altas, e então decidiu que o único lugar seguro para olhar eram as estrelas.

— Não tenho como controlar. É uma maldição. Quando o sol se põe, eu sou humano. Quando ele nasce, eu sou um garanhão. — Bom, tudo bem, talvez “garanhão” fosse um certo exagero.

Pet deu um grunhido de decepção.

— Arruma sua casa aí.

— Minha casa? Eu nem tenho casa.

— Não a casa de lá — ela disse, apontando para a direção de Londres. (Ele pôde vê-la apontando pelo canto dos olhos, ainda que seu olhar ainda estivesse desviado.) — Sua casa aí dentro — Pet explicou, batendo o dedo na testa e depois no peito dele.

— Ai — Gê disse. Os dedos dela pareciam incrivelmente fortes. — Ai. Como que eu poderia...

Mas a luz se fez novamente e ela se transformou em cachorro e começou a correr de novo antes que ele pudesse terminar a pergunta.

Correram mais e descansaram um pouco, e então correram mais um tanto. Sem fôlego e arfando, Gê queria muito que o sol nascesse, em parte porque isso daria um descanso para seus pés humanos e em parte porque Pet não parecia nada impressionada com as habilidades de corrida dele e deixava isso bem claro.

Pet parou, olhou em volta e pareceu estar confusa. Farejou uma direção, depois outra e outra... e não conseguiu escolher uma só. Farejou todos os caminhos possíveis e até os troncos de algumas árvores, depois se deitou e soltou um lamento, os cantos dos olhos castanhos caídos de decepção.

— Qual é o problema, garota? — Gê se abaixou e afagou a cabeça dela.

Fez-se o clarão de luz e Pet era uma moça de novo, e Gê ainda estava abaixado sobre ela com a mão em seus cabelos. Era um gesto que definitivamente ia além da afabilidade entre gente e cachorro. Ele saltou para trás tão rapidamente que quase jogou Jane em meio às árvores. Pet estava com uma expressão de quem poderia cair no choro a qualquer momento.

— Sua Majestade estava viajando com alguma outra pessoa. Eu estava seguindo os dois cheiros. — O nariz dela se franziu todo como se ela achasse desagradável o odor da outra pessoa. — Mas o cheiro de Sua Majestade... parou aqui. Alguma coisa ruim aconteceu.

Antes que Gê pudesse pedir que ela explicasse melhor, ela se transformou em cachorro de novo. Parecia mais confortável naquela forma, como se pudesse controlar melhor seu desespero. Gê sentiu o pequeno furão tremendo em seu ombro, e percebeu que Jane temia que o pior tivesse acontecido a Eduardo.

— Ele está bem — Gê sussurrou, e então olhou para a cadela. — Pet, vamos seguir o segundo cheiro então. Se ele não nos levar ao Eduardo, com certeza vai nos levar a alguma resposta. — Sua esposa estremeceu mais uma vez em seu ombro. — Mas tenho certeza de que vai nos levar ao Eduardo também.

Jane fez que sim com a cabecinha furônica e se achatou toda, pronta para que ele começasse a correr de novo. No entanto, Gê não estava nem um pouco disposto a se encontrar com o pobre e querido Eduardo como Jane estava.

E se perguntou se isso fazia dele uma pessoa ruim.



Muitas horas depois, e depois de uma cochilada bastante rápida, Gê virou cavalo e Jane virou gente outra vez. Ele se perguntou como eles iriam se arranjar sem a sela (que ficou para trás quando da correria lá no celeiro), mas Jane nem hesitou em pular nas costas nuas dele.

(Naquela época em particular, era um escândalo uma mulher montar um cavalo sem sela. Seria considerado repreensível — e talvez até justificasse uma sentença de prisão — que uma mulher fizesse isso, ainda mais quando o cavalo era um homem. Mesmo que aquele homem fosse seu marido.)

Ninguém jamais tinha cavalgado Gê antes. Era estranho, mas não totalmente desagradável sentir o peso de Jane em seu lombo, as pernas delas tentando se agarrar em torno de sua barriga.

— Você se importa se eu me segurar em sua crina? — ela perguntou, em voz tão solene quanto a que usaria em um jantar cheio de gente para pedir “Por favor, me passe a manteiga?”.

Gê levantou a cabeça, oferecendo a crina em resposta. Ela encheu as mãos, mas não apertou forte.

— Vamos, Pet, vamos lá encontrar o Eduardo — ela pediu para a cachorra que esperava. — Esse cheiro que você está sentindo deve nos levar a Helmsley.

Pois é, Gê pensou com certa tristeza. Vamos lá achar o Eduardo.

Caminharam por horas até que ele sentiu Jane escorregar para cima de seu pescoço e perigosamente para o lado. Gê se inclinou um pouco para o lado oposto para contrabalançar, e aí ela conseguiu se firmar.

— Desculpe — Jane disse. — Vou segurar mais firme.

Eles precisavam muito de comida, Gê pensou. Ninguém ali tinha comido nada além de umas mordiscadas em carne seca nos últimos dois dias. Tudo o que havia no alforje já tinha ido embora, e até a própria bolsa foi deixada para trás pelo fato de que, mesmo com tão pouco peso, ela iria apenas atrasá-los.

— Precisamos de comida — ela disse, como se tivesse lido a mente dele.

Mas para conseguir comida eles teriam de coletar da floresta (nenhum deles tinha qualquer experiência nisso) ou caçar (e nenhum deles jamais tinha matado outro animal), ou então teriam de se aproximar da civilização (onde poderia haver soldados à espera para matá-los). Além do mais, Gê não tinha como fazer nada daquilo em seu estado atual. Tudo o que podia fazer como cavalo era tentar andar sem balançar muito.

— Vou encontrar alguma coisa — Jane anunciou. Gê parou, e ela desceu de suas costas. Ele ficou esperando enquanto ela se desgarrava do grupo, retornando alguns minutos depois com um punhado de frutinhas roxas. — Peguei todas que eu pude. São amoras de Dorset. São seguras para comer. Li sobre elas no *Frutas venenosas e não venenosas da natureza selvagem: as alegrias de sobreviver na Inglaterra com baixo orçamento*. Pelo menos eu acho que essas aqui são do tipo seguro. As figuras no livro não eram lá muito claras.

Depois de dar aquela garantia tão incrivelmente segura, Jane deixou as frutinhas sobre um lenço, dividiu-as em três porções iguais, arrastou um montinho para Pet e levou outro até a boca de Gê. Ele as comeu rápido, tentando não engolir um dedo dela com tamanha excitação de finalmente ver comida em sua frente. Jane olhou para sua mão, agora coberta de baba de cavalo.

— Eeeeccaa! — Começou a limpar as mãos na traseira de Gê. — Isso aqui você vai ganhar de volta.

E então ela comeu a terceira pilha.

— Precisamos ir até alguma vila agora — ela disse com os lábios arroxeados.

Mais uma vez, era exatamente o que Gê estava pensando.



Logo chegaram a uma estrada, e em seguida acabaram encontrando uma cidadezinha que era centrada em uma taberna gigantesca com uma placa de madeira sobre a porta que trazia a silhueta de um cachorro sarnento. Já era quase o fim da tarde, e os três viajantes cansados não tinham dinheiro nem qualquer outra coisa que poderiam usar em uma eventual troca, então ficaram nas bordas da floresta esperando até bolarem um plano.

Jane adorava bolar planos. Desceu das costas de Gê e pôs o manto sobre ele, antecipando a iminente transformação. Então, subiu em uma árvore e olhou em volta para ter uma ideia da cidade. O sol já tocava o horizonte. Um clarão depois, Gê já era um homem. Segurou o manto em torno de si e foi para perto de Jane.

Havia um brilho nos olhos dela e um sorriso em seus lábios que faziam o coração dele se alegrar todo.

— Há uma despensa nos fundos da taberna — ela disse toda animada. — Vi um homem carregando coelhos mortos e carne curada.

— Ah, com certeza eles trancam o lugar. A gente ia ter mais sorte se eu invadissemos uma casa.

— Mas nós não vamos roubar! — Ela balançou a cabeça como se não acreditasse que ele tinha sugerido uma coisa daquelas. — Só quis dizer que eles têm comida. E nós podemos conseguir um pouco. E por “nós”, quero dizer você. Você vai ter de ir lá dentro e fazer alguma coisa para conseguir uma troca.

Gê se imaginou em um canto do salão lendo poesia para um grupo de completos estranhos com um furão em cima do ombro. Imaginou o furão o mordendo se não gostasse da poesia. Não que ele tivesse tido alguma chance de preparar qualquer coisa. Ou de carregar consigo uma página com qualquer poema escrito. Da primeira vez em que leu para uma plateia, queria recitar de cabeça; chegou a dizer “o mundo inteiro é...” e aí deu um branco; e aí ele murmurou algumas palavras sem sentido que rimavam vagamente e saiu correndo do lugar.

— Não estou certo de que essa seja a melhor estratégia — ele ponderou. — Minhas habilidades são meio limitadas por causa da minha coisa diária de ser cavalo e eu pude... digo... faz um tempo que... quer dizer...

Jane ficou com o rosto todo vermelho.

— Ah, nós somos casados, de qualquer forma. E você acha mesmo que alguém pagaria para você fazer isso?

Gê não entendeu do que ela estava falando. Piscou olhando para o vazio algumas vezes até que percebeu: ah, ela queria dizer a tal “consumação”. E dizer que ninguém pagaria para que ele fizesse aquilo soava como um insulto, mas não havia tempo para ficar ofendido.

— Ah... Oh, mas eu não... Digo, eu não fiz...

— Esquece isso. — Jane tentou mudar de assunto. — Não faça nada disso que você está pensando em fazer. Só limpe umas mesas

e passe pano no chão. Tabernas sempre estão com o chão sujo, não é verdade? Com toda aquela cerveja derramada e o vômito e tudo mais.

Jane parecia duramente crítica às tabernas de maneira geral.

— Ah, sim. Isso eu posso fazer. — Gê começou a descer o morro, mas ela o deteve. O que provavelmente era uma boa ideia. Afinal, conforme ele mesmo percebeu, estava usando apenas um manto.

— Espere! Eu vou com você.

— Mas você está prestes a se transformar — ele lembrou.

— Vou como furão mesmo. Dentro da sua bota.

— Jane — ele reclamou. — Isso pode ser perigoso. Não sabemos o que esperar de lá. Não vou ter como me concentrar se ficar preocupado com a sua segurança.

— Mas...

— Por favor, fique aqui e fique bem.

Ela franziu o rosto e fez menção de protestar, mas então fez-se um clarão, as roupas dela caíram no chão, e ela já era um furão outra vez.

Gê vestiu as roupas. Ainda estavam quentinhas pelo calor do corpo dela, e ainda traziam seu perfume. Ele ficou tentado a tirar um momento para sentir aquele cheiro tão bom, mas Jane já estava pulando para dentro da bota.

— Não, minha querida, você fica aqui. Eu volto logo. Prometo.

Ela parou, soltou um longo lamento furônico e se suspirou toda até ficar completamente estatelada e rente ao chão. Parecia inacreditavelmente entediada.

— Considere a possibilidade de dar uma cochilada. Você merece.

O interior da taberna era bem iluminado e estava lotado de homens e mulheres vestindo roupas cotidianas, mas meio pesadas, a maioria com algum tipo de pele de bicho, como se todos ali trabalhassem com isso. Não pareciam em nada com pessoal de fazenda. Um fedor estranho ficava o tempo todo subjacente, logo abaixo dos aromas de carne assada e pão, e aquela comida toda fez o estômago de Gê roncar alto. Estava se segurando para não avançar no prato mais próximo. A falação de repente parou quando todos se viraram para olhar o forasteiro que entrava.

— Ah... éé... Olá a todos. — Ele juntou toda a coragem que tinha. Era bem como ler poesia, mas tire os poemas e adicione pessoas casualmente colocando facas de caça e adagas sobre a mesa. Uma das mulheres parecia estar lixando as unhas para que ficassem mais pontudas, como garras.

Bem como ler poesia. Gê pensou novamente em toda a coragem que tinha e logo correu para o fundo do salão, perto do bar. Teve de se espremer entre dois grandalhões com cicatrizes em forma de lágrimas abaixo dos olhos. Ambos cheiravam vagamente a cachorro molhado. Um jovem na ponta do balcão se inclinou e sorriu para ele de forma decididamente desagradável. O sujeito do outro lado do balcão olhou bem para ele.

— O que você vai querer?

— Eu... — Gê nunca precisara admitir não ter dinheiro antes. — Suponho que o senhor tenha algum trabalho que eu possa fazer por aqui, não?

— Trabalho? — O sujeito claramente tinha mais cera no ouvido do que cérebro.

— Eu posso limpar as mesas ou passar pano no chão.

O atendente apontou para uma criada muito maltrapilha que fez uma cara de poucos amigos.

— A Nell ali dá conta disso.

— Ou então posso descascar batatas. Ou cenouras. Ou cebolas. Ou qualquer legume do tipo. — Gê nunca tinha descascado coisa nenhuma na vida, mas não poderia ser tão difícil, certo?

— Também temos alguém para fazer isso — disse o homem. — Por que você não se manda daqui? Não é o tipo de lugar para você.

Gê teria sugerido ainda mais tarefas braçais que nunca tinha tentado executar antes, mas, naquele momento, começou a juntar as pistas em torno de si: o cheiro de cachorro molhado; as peles nas roupas de todos os presentes; a postura defensiva quando um estranho entrou na taberna. Aquilo tudo, e ainda o fato de que todos estavam comendo carne.

Carne de vaca. Talvez a única vaca da vila inteira.

Subitamente, ocorreu-lhe a resposta. Aquela era a Alcateia.

— Hã... É, talvez seja melhor eu ir embora, como você sugere... — ele começou a dizer.

— Rato! — Alguém mais perto da porta se levantou rápido da cadeira, derrubando-a. — Tem um rato!

Não poderia ser Jane, ele pensou. Ele tinha lhe dito para ficar longe.

— Não é um rato, seu idiota — disse outro. — É um esquilo!

— É um tipo de fuinha!

Nada disso. Era a esposa dele.

— É o nosso jantar, isso é o que é! — disse o homem imediatamente à direita de Gê. — E esse aí é um espião. Fazendo todas essas perguntas sobre legumes.

— Ela é claramente um furão! — Gê gritou, ao que avançou para a criaturinha que se apressava no chão. Mas Jane estava muito longe dele e, de repente, todos no recinto estavam se mexendo ao mesmo tempo com armas em punho e indo na direção de Gê. Ele tentou escapular por um lado, mas o homem que queria Jane para o jantar esticou o braço e pegou Gê pelo pescoço. Ele imediatamente caiu e ficou sem ar.

Em meio à trovada causada por todos aqueles pés batendo no chão de madeira ao mesmo tempo e dos gritos de “Peguem o rato!”, Gifford ouviu o som mais tenebroso de todos: um gritinho fino e muito alto, seguido de silêncio.

Alguém tinha pisoteado Jane. Gê se pôs de pé na mesma hora e começou a investir contra a multidão até alcançar sua esposa, que parecia estar se preparando para correr mais. Ótimo, não tinha quebrado nenhuma parte do corpo, então. Provavelmente. Assim esperava. Gê a tomou nos braços. Lá da saída, veio uma série de latidos altos; era Pet.

Gê aninhou o furão junto ao peito e se virou para correr. Havia meia dúzia de pessoas em seu caminho. Ele encurvou os ombros sobre Jane e correu de encontro à porta, conseguindo passar pelas pessoas e — depois de alguns clarões — também por alguns cães e lobos. Se antes havia alguma dúvida sobre a identidade da Alcateia, agora não havia mais nenhuma. Mas, de alguma forma, apesar das

muitas adagas e espadas desembainhadas em sua direção, Gê conseguiu chegar até a porta.

Pet estava logo do outro lado, rosnando e mostrando os dentes a quem os estivesse perseguindo (caramba, a gente adora essa cadela!), e ainda ficou para trás para dar tempo de Gê escapar. Ele correu tanto quanto podia como humano, e, depois de alguns minutos, viu-se sozinho na floresta, apenas na companhia de Jane, que tremia muito em seu colo. Permitiu-se descansar um pouco. Foi só então que sentiu as fisgadas de dor em seus braços e nas pernas. Deve ter sofrido os vários cortes durante toda a confusão. Gê se ajoelhou sobre uma perna para tomar novo fôlego e relaxou um pouco as mãos que seguravam Jane com firmeza.

— Bom, pelo menos ninguém poderá dizer que nossa vida de casados não é excitante, certo, minha querida? Mas achei que tínhamos concordado que era melhor você ficar no bosque.

Ela não respondeu. Só naquele momento Gê percebeu o sangue embebendo sua camisa e o quanto ela estava estranhamente quieta. Jane *nunca* ficava quieta. Estava ferida.

Gê tirou o manto, estendeu-o no chão e pôs o pequeno furão sobre ele. Estava escuro demais e ele só conseguia distinguir a silhueta do corpinho minúsculo e ouvir a respiração dela muito rápida, com engasgos. Ele correu os dedos pelos lados dela e descobriu um talho comprido. Rasgou um pedaço de sua camisa e o enrolou em volta dela, na esperança de conter o sangramento.

— Jane? — A voz dele estava trêmula. — Me diga que você está bem.

É claro que o furãozinho não tinha como responder. Apenas olhou para ele, completamente desfalecida sobre o manto. Um lamento bem fraco veio dela.

Gravetos se quebraram logo atrás deles e Gê se encolheu, mas era só Pet. Em um clarão, ela era a moça nua outra vez.

— Os outros cachorros não vão nos seguir. — Transformou-se em cachorro de novo, chegou mais perto, farejou Jane e então soltou um ganido. Gê fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Jane, Jane... Sua teimosa... — Com muito cuidado, a apanhou e a juntou ao corpo. — Eu vou conseguir te levar a Helmsley. Não

me deixe antes disso, Jane. Não nos abandone agora. Vamos, Pet!

A cadela saiu correndo e Gê a seguiu, correndo como nunca correria antes. Seguiu por pelo menos uns dez minutos, e então correu mais um pouco, porque Jane agora dependia dele, e era a sua vez de salvar a vida dela.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Eduardo

Um cachorro estava latindo. Maldito cachorro idiota.

Eduardo estava deitado mas acordado havia horas, tentando dormir, achando sua cama muito desconfortável e com a cabeça cheia de mulheres: Maria com seu enorme traseiro coberto de veludo sentada no trono que pertencia a ele, o que o revoltava. Jane aprisionada em alguma cela fria e úmida sabe-se lá onde, chorando por pensar que ele estava morto, o que... bem, tudo bem. Eduardo gostava da ideia de que Jane estivesse lamentando sua morte, aliás gostava bem mais do que admitiria em voz alta. Parecia mesmo apropriado que ela ficasse de luto por ele; ela era sua melhor amiga, afinal. Mas a ideia de Jane trancada em algum canto de Londres e ele ali, tão longe, incapaz de ir ajudá-la, o perturbava. E então havia Bess com seus planos complicados que pareciam todos envolver a necessidade de Eduardo se encontrar com o Rei da França — uma das pessoas de quem ele menos gostava — para pedir ajuda, o que para ele soava mais como implorar, e reis não deveriam implorar. E também a avó com suas poções intragáveis, língua afiada e o jeito enfurecedor com que o tratava, feito um menininho que apenas fingira ser rei.

E Gracie. Gracie, Gracie.

O jeito como ela tinha dito que gostava do sorriso dele.

A surpreendente aspereza de sua mão quando ela lhe entregou a raposinha de madeira.

Suas calças, porque ela era teimosa demais para usar saias como uma mulher comportada deveria fazer.

O dedo dela nos lábios dele lá naquele celeiro, os olhos repletos de perigo e emoção.

Os cabelos indomáveis.

Sua risada.

Tudo bem que ela sempre parecia estar dando risada *dele*. Fazendo graça dele. Derrubando-o do cavalo. Desobedecendo suas ordens, mesmo a mais simples, como “Me chame de Eduardo”. Seria tão difícil assim chamá-lo apenas de Eduardo?

Ele se sentia frustrado. O tal cachorro ainda estava latindo, um som que parecia ecoar nas paredes de pedra do castelo, muito alto e constante. Eduardo se virou para o lado e puxou as cobertas. O colchão era todo cheio de caroços, recheado com uma mistura de lã e palha. Em seu palácio real, ele dormia em uma cama de penas com lençóis finos e as mais confortáveis peles. Nunca tivera de limpar sua própria camisa. Ou esvaziar seu penico. Ou sobreviver à base de ensopado de coelho por três noites seguidas.

Au-au-au, fazia o cachorro.

E não nos esqueçamos das mulheres. Ele se viu, de súbito, cercado de mulheres, e não mulheres como as mocinhas recatadas e quietas que sempre o rodeavam na corte. Não, nada disso. Tinham de ser todas muito mandonas e cheias de opinião, que adoravam dar ordens a ele, o rei. Mulheres irritantes e impossíveis de beijar.

E lá estava o maldito do cachorro que não calava a boca! *Até os cachorros daqui são mal-educados*, ele pensou, pondo um travesseiro sobre a cabeça e apertando os ouvidos. No palácio, os cachorros nunca latiam a noite toda. Não era permitido. Pet certamente nunca latia, a não ser que alguma coisa estivesse muito errada. Que fosse urgente. Pet nunca...

Eduardo se sentou na cama. E é claro que, naquele mesmo momento, os latidos pararam. A noite ficou tão silenciosa que ele teve medo de que seus tímpanos fossem romper com a força que fazia para ouvir alguma coisa. Então, finalmente ouviu uma batida em alguma porta do castelo, depois vozes abafadas no corredor. Vozes que soavam preocupadas.

Eduardo pulou da cama e rapidamente vestiu as calças e as botas. Mais portas se abriam e fechavam lá embaixo, e ele ouviu também o som de móveis sendo arrastados. O castelo poderia estar

sob ataque — não era nada tão absurdo assim pensar que estivesse. Se Maria tivesse ficado sabendo que ele estava vivo, poderia ter enviado soldados para levá-lo logo em seguida.

Olhou em volta em busca de uma espada, mas tudo o que conseguiu encontrar foi uma faquinha de manteiga e sua metade do cabo de vassoura quebrado, o que teria de dar conta do recado naquela hora. Enfiou a faca na bota, firmou bem a madeira entre os dedos, abriu a porta do quarto e saiu para o corredor.

Logo de imediato, foi atingido por uma parede invisível formada pelo fedor de gambá da avó, tão forte que quase o derrubou. Outro sinal de algo errado.

Eduardo desceu as escadas rapidamente com o coração aos pulos e os cabelos praticamente em pé. Todos os ocupantes do castelo contavam-se em sete pessoas: Eduardo, Gracie, Bess, a avó, uma cozinheira, uma dama de companhia que servia de empregada doméstica e um velho mestre de armas que mal conseguia empunhar sua espada. Se tivessem sido surpreendidos por soldados, estavam todos liquidados. A cabeça de Eduardo seria servida a Maria em uma bandeja logo de manhã.

O salão principal estava deserto e não havia nem mesmo uma lareira acesa, mas ele ainda podia ouvir vozes. Seguiu o som até a cozinha. Batidas. Gritos. Com muito cuidado, abriu uma fresta da porta.

O que ele viu ali foi a avó. A senhora estava se movendo para lá e para cá com uma agilidade que não era própria de alguém tão velhinha, acendendo velas, seguida por Bess com uma expressão muito preocupada e sombria.

— Mil-folhas. É disso que preciso — disse a avó para Bess. — É uma florzinha roxa em formato de estrela. Deve ter na minha despensa, pendurada nos cabides. E também cavalinhas, se você conseguir distingui-las. Vai!

Bess saiu rápido do recinto pela porta dos fundos que levava ao quintal meio decrépito. Então a avó pôs o pé sobre uma cadeira e levantou um pouco a camisola, revelando uma veia roxa. Começou a cortar sua anágua com uma faca de cozinha. Eduardo deve ter feito algum barulho, porque a avó levantou os olhos.

— Vem aqui, menino — ela ordenou.

Eduardo obedeceu. Não havia mais ninguém na cozinha. A longa mesa de centro tinha sido limpa, e todos os objetos, retirados. Apenas um manto estava no centro com alguma coisa sobre ele, algo escuro e peludo. Um bicho de algum tipo.

— A senhora está cozinhando alguma coisa? — Eduardo perguntou estupidamente. — O que está acontecendo?

A avó jogou para ele os retalhos de suas roupas de baixo.

— Aqui. Rasgue isso em tiras.

Antes que ele pudesse elaborar qualquer tipo de reclamação, a porta para o quintal se abriu de vez e Gracie e um desconhecido entraram, carregando um grande balde d'água juntos. Foram direto para o fogo e jogaram a água em um caldeirão que estava sobre as chamas.

— Ótimo. Agora vá lá na despensa e ajude a Elizabeth a achar o que eu preciso. Você sabe alguma coisa de plantas, não sabe? — a avó perguntou a Gracie, que fez que sim e saiu outra vez.

— E você — a avó disse ao homem que vinha ajudando Gracie. — Sente-se antes que despenque de cansaço. Não quero ter de costurar sua cabeça também.

O homem engoliu de um jeito que parecia ser doloroso. Estava coberto de suor e bem sujo, parecia exausto. Puxou uma cadeira para junto da mesa e desmontou sobre ela, olhando para a tal criaturinha. Era algo como um arminho, Eduardo pensou, semelhante a uma echarpe que Maria usava no pescoço nos meses de inverno. Uma pele linda e muito macia. Mas por que aquele alarde todo por causa de um arminho?

O homem esticou a mão para acariciar a cabecinha do bichinho, com tal devoção que Eduardo até ficou sem fôlego. No entanto, a criatura nem se mexeu. Os lábios do homem se moveram, formando algo que pareceu “Por favor”.

— Eduardo. As tiras! — a avó ralhou nervosa.

O homem ergueu o olhar e Eduardo o viu melhor.

Aquele era Gifford Dudley. O marido de Jane. Ali. A expressão em seu rosto dava a impressão de que seu coração estava sendo rasgado em dois. Como se aquele arminho na mesa significasse

para ele muito mais do que qualquer outra coisa no mundo. Como ele próprio estivesse morrendo ali.

Eduardo perdeu totalmente o ar.

— Essa é a Jane? — ele disse engasgado. — Jane! Essa é a Jane?

A avó o segurou pelo colarinho e o arrastou para longe da mesa.

— Sim, é a Jane e ela está ferida, e eu realmente vou precisar daquelas tiras, menino!

De imediato, Eduardo começou a rasgar as tiras de linho, ao mesmo tempo em que mantinha os olhos em Gifford, que estava olhando para a mesa — Jane! Jane! —, com uma expressão tão desolada e perdida no rosto que não era de se estranhar que Eduardo não o tivesse reconhecido logo de pronto.

O que teria acontecido a eles?

A água no caldeirão estava quente. Eduardo terminou de rasgar o tecido da anágua, ao que Bess e Gracie retornaram com as ervas. A avó chegou com uma vela sobre a mesa e removeu as bandagens que já tinha feito, revelando o corpo comprido e coberto de sangue do arminho. O coração de Eduardo estava na boca enquanto a avó observava o bichinho.

— Ela foi ferida nessa forma, e não como humana? — perguntou a Gifford abruptamente.

Gifford fez que sim.

— Nós estávamos tentando... Nem sei o que aconteceu, na verdade. — A voz dele falhou. — Foi tão rápido...

Bess passou à avó uma tigela com a pasta que tinha feito com as ervas e outra com água quente. A avó começou a limpar o ferimento de Jane. Em instantes, a água estava toda cor de rosa.

Eduardo sentiu a cabeça pesar. E também como se estivesse prestes a devolver o ensopado de coelho que tinha comido no jantar.

— Eduardo — a avó disse com calma, sem nunca tirar os olhos do trabalho. — Vai sentar você também.

Ele se sentou e respirou fundo algumas vezes até se sentir menos enjoado.

— Jane é uma eðiana — disse baixinho enquanto observava a avó cuidando da criatura.

— Parece que sim — a avó disse.

— Nesse tempo todo, tudo o que ela queria era ser eðiana. O que... o que ela é, exatamente? — Eduardo perguntou.

— Um furão — Gifford respondeu sem qualquer emoção. — Ela é um furão.

— Ela se sairia melhor como mulher, no momento — a avó retrucou. — Se você for ferido como humano, o ferimento será bem menor em forma eðiana; ele não desaparece, veja bem, mas fica menor. Mas se você estiver em forma animal quando isso acontece... — Ela apertou os lábios ao olhar para Jane. — Seria melhor que ela fosse humana agora. Eu teria como ver as feridas mais claramente sem todo esse pelo, por exemplo.

— Não temos como fazê-la se transformar? — Eduardo perguntou com a voz falseando. A avó balançou a cabeça.

— O corpo vai continuar no estado em que se sente mais seguro, que é tipicamente o animal. Precisa haver uma decisão consciente de passar por cima do medo e efetuar a transformação. Não. Precisamos esperar que ela acorde. — Ela puxou mais do manto sobre o corpo do furão como se estivesse ajeitando uma criança na cama. — Devemos esperar — ela concluiu.

Mas e se ela não acordar?, Eduardo pensou, mas não falou. Não conseguiria.

A avó pousou uma mão sobre o ombro de Eduardo e outra em Gifford.

— Está bem tarde. Será que consigo convencer os dois a descansarem um pouco?

Ambos balançaram a cabeça negativamente.

— Muito bem. — Ela soltou um suspiro. Fiquem de olho nela, então. Me acordem se alguma coisa acontecer.



Já era manhã, o sol ainda não estava visível, mas já iluminava fracamente o céu do nascente quando Jane se transformou. Eduardo não teria acreditado se não tivesse visto com seus próprios

olhos — o furão em um momento, sua prima no seguinte, deitada ali sob o manto. Ele ficou de pé prontamente e correu para chamar a avó, mas deu apenas alguns passos antes de ouvir Jane murmurar um nome.

— Gê... — ela balbuciou.

Gifford. O marido dela, Eduardo se lembrou com uma pontada. Gifford se tornara marido dela porque Eduardo tinha pedido que a prima se casasse com o jovem lorde, mesmo que Jane tivesse implorado que ele não a fizesse passar por aquilo. Ela tinha ouvido Eduardo. E era por isso que estava ali agora, deitada em meio às bandagens.

Era tudo culpa dele, que fora um péssimo melhor amigo. Ele se virou. Gifford estava segurando a mão de Jane. Levou-a até o rosto e a apertou, depois a beijou.

— Jane — ele sussurrou. — Acorde.

Suas pálpebras tremeram e seus olhos se abriram.

— Gê — ela disse outra vez, e o canto de seus lábios ensaiaram um sorriso. — Achei que eu nunca mais ia te ver de novo...

— Você vai ter de se esforçar mais do que isso para ficar livre de mim — Gifford respondeu.

Eduardo subitamente sentiu como se estivesse se intrometendo em algo íntimo demais. Deu um passo para trás, mas seu pé se arrastou no chão tosco de pedra. Jane olhou por cima do ombro de Gifford e o viu.

— Eduardo — ela falou com entusiasmo, os olhos castanhos se arregalando. — EDUARDO!

Deu um gritinho com a voz meio embargada e estendeu a mão. É claro que ele foi até ela. Gifford se aprumou e saiu do caminho para que Eduardo pudesse se sentar ao lado da prima e tomar as mãos dela.

— Você está vivo! — Jane disse. — Eu fiquei pedindo para ver seu corpo, mas eles não deixavam, e eu pensei mesmo que tudo aquilo poderia ser um stratagema e que você não tinha morrido de verdade, que eles estavam mentindo para mim, e que você estivesse por aí em algum lugar, e que isso significava que eu não

era rainha de verdade e nem deveria estar lá, mas parece que eu estava sendo otimista demais.

Falar tudo aquilo de um fôlego só pareceu exauri-la por um momento, de modo que ela se encolheu e se afundou novamente nos panos sobre a mesa. Ele percebeu, então, que havia sangue molhando o manto. Virou-se para Gifford para que este chamasse a avó, mas ele já tinha saído. A avó chegou correndo e arregaçando as mangas.

— Vó — Jane disse. — Até que enfim encontramos a senhora.

— Fique quietinha, querida — a senhora disse. — Precisa descansar agora.

Jane suspirou e fechou os olhos. A avó passou a mão carinhosamente pelos cabelos ruivos de Jane, tirando-os da testa, e começou a desenrolar o manto da moça. Então parou e olhou para Eduardo.

— Fora daqui, você — ela ordenou. — E você também, moço-cavalo.

Eduardo se virou e viu Gifford na porta, com uma expressão severa. Ambos foram para fora, onde os primeiros raios de sol tocavam as pedras mais altas do castelo.

— Tenho de ir — Gifford disse. — Você vai...?

— Vou ficar com ela — Eduardo se ofereceu.

Gifford abaixou a cabeça e assentiu em um gesto quase formal junto ao peito.

— Obrigado.

Ele já estava se distanciando de Eduardo em longas passadas pela grama, se livrando das roupas enquanto andava, quando se fez um forte clarão e ele não estava mais andando, e sim galopando pelo campo. Eduardo se sentou no chão próximo à porta e se apoiou na parede, juntando os joelhos no peito. Estava com frio e cansado, mas já não ligava. Estaria lá para Jane no minuto em que a avó permitisse que ele entrasse de volta.

— Meu senhor — disse uma voz suave. Ele olhou para cima. Gracie estava segurando um copo com alguma coisa e estendendo-o a ele. Eduardo pegou. Estava quente e fumegante. Aqueceu suas mãos.

— Por favor, me diga que isto não é uma das poções da minha avó.

— Só tem um jeito de descobrir — ela respondeu.

Ele bebeu um gole. Chá. Sem leite nem açúcar, mas chá purinho.

— Obrigado — ele disse. — Você é perfeita... digo, isso é perfeito. Obrigado.

— Bom, é isso que os ingleses bebem em horas de crise, pelo que eu soube. — Ela levantou os braços acima da cabeça, se alongou, bocejou e sorriu. — Nós, escoceses, preferimos uísque.

Ele estava cansado demais para dar um sorriso adequado. Bebeu o chá vagorosamente, saboreando o calor que preenchia seu estômago. Sentiu os ombros começarem a relaxar.

— Você a ama mesmo, não ama? — Gracie perguntou ao pegar o copo vazio das mãos de Eduardo. — A Jane.

— Sim, eu a amo. Conheço ela a minha vida inteira.

Ele estava para dizer algo mais, sobre como Jane era uma irmã para ele, que existia aquele tipo de afeição entre eles; mas então ouviu um latidinho enlouquecido de alegria, e Pet já estava inteiramente em cima dele.

A cadela o rodeava e dançava em cima dele, ganindo e fazendo todo tipo de som canino, com o rabo balançando feito louco. Ele sorriu e tentou afagá-la, mas ela não parava quieta. Apenas quando começou a lamber sua cara é que ele se lembrou de que ali havia uma garota em algum lugar, uma pessoa de verdade, então ficou mais sério e tentou ficar de pé.

— Alguém ficou muito feliz de te ver — Gracie comentou.

— Hã... é mesmo — ele respondeu. — Desce, Pet. Desce.

Fez-se aquele brilho familiar e lá estava a garota nua.

— Majestade — ela disse com toda sinceridade. — Estou tão feliz de ver o senhor. Segui seu cheiro até aqui e pensei tê-lo perdido uma vez, mas encontrei de novo. Teria chegado mais rápido, mas o senhor me mandou proteger a Jane, então fiquei o tempo todo com eles.

Ele resistiu à tentação de dizer “boa menina” e afagar a cabeça dela.

— Muito bem, Pet — disse em vez disso. — Fez muito bem em ficar junto da Jane.

Ele nunca se acostumaria ao fato de Pet ser uma garota nua. O cabelo dela era bem comprido e farto e se acomodava sobre todos os lugares certos, mas aquilo ainda o chocava todas as vezes.

E não era só ele. Gracie estava parada ao lado com a boca escancarada. Eduardo nunca a tinha visto tão surpresa com nada. Teria dado risada dela se a situação não fosse tão embaraçosa.

— Então, Pet — ele disse, limpando a garganta. — Quero te apresentar a Grace MacTavish. Gracie, esta é a Petúnia Bannister, minha... hã... — “Guarda-costas” parecia a expressão errada a se usar ali. “Protetora” seria muito emasculante. “Companheira” poderia ser mal interpretado. — Minha... guarda — ele finalmente escolheu.

Pet inclinou a cabeça para o lado e olhou para Gracie. Farejou o ar em torno dela.

— Raposa — ela deduziu, com o nariz franzindo de repulsa. — Então foi você que farejei.

— Prazer em conhecer você também — Gracie disse secamente.

Mais um brilho e Pet era cachorro de novo. Se abaixou aos pés de Eduardo, lançou a Gracie um olhar meio atravessado e soltou um rosnado bem grave e baixo.

— Sinto muito por isso — Eduardo disse, envergonhado de diversas maneiras. — É que ela nunca foi muito boa com desconhecidos. — Ele se abaixou para advertir a cadela. — Gracie salvou minha vida, Pet. Ela é minha amiga.

Pet apenas deitou a cabeça sobre as patas e suspirou pesadamente. Ele olhou para cima outra vez e encontrou Gracie o encarando.

— O quê? — ele perguntou. — Sei que isso é meio fora do comum, mas a família dela vem servindo a família real há muitas gerações, pelo jeito, e eu só fiquei sabendo que ela era eãiana poucas semanas atrás, eu juro.

— E é isso o que eu sou? Sua amiga? — Gracie perguntou.

— Mas é claro — ele respondeu.

— Porque salvei sua vida?

— Sim. Digo, não. Quero dizer... — Ele não sabia qual resposta ela queria. Fez uma pausa para se recompor. — Você não me considera seu amigo?

Gracie balançou a cabeça. — Não sei como considerar o senhor, meu senhor.

— Eduardo — ele corrigiu, trincando os dentes. Pet rosnou de novo. Eduardo fez uma cara feia para ela e a cachorra se acalmou.

— Tem mais alguma coisa sobre você que eu não saiba? — Gracie perguntou. — Mais alguma surpresa escondida?

Havia tantas coisas mais que ela não sabia a respeito dele, Eduardo pensou, e que gostaria que ela ficasse sabendo. Mas ele só respondeu:

— Não. Acho que é só isso.

— Muito bem, então. — Ela fez uma breve mesura. — Majestade. Pet. Devo me ausentar para o momento. Sua avó me pediu para procurar alguns itens de que ela necessita, e não tenho como recusar o pedido da velha senhora.

— Procurar? Como em “roubar”? — Eduardo perguntou.

As covinhas.

— É melhor não fazer muitas perguntas, meu senhor. Preocupe-se com a sua Jane. Deixe-me à minha própria sorte.

“Sua Jane.” Ele se sentou novamente em seu canto junto à parede. “Sua Jane”, como se Jane pertencesse a ele de algum modo, e... Gracie tinha usado um tom especialmente empolado e atrevido quando disse aquilo? Como se estivesse com ciúmes? Como se desejasse que ela própria pudesse ser “sua Gracie”?

Ele só podia sonhar...



— Ela vai viver — a avó anunciou algum tempo depois, pegando Eduardo de surpresa em seu lugar onde ele definitivamente não estava dormindo, nada disso. — Ela pediu para ver você. Eu a coloquei na sua cama, porque é a mais confortável do castelo. Não a canse com muito falatório. Ela vai se recuperar rápido, mas precisa descansar.

Ele mandou que Pet ficasse ali e correu escada acima.

Jane estava sentada amparada por travesseiros. Parecia muito cansada e vagamente doente, com círculos arroxeados sob os olhos e os lábios pálidos como giz, mas ainda assim sorriu para ele bravamente.

— Você está vivo — ela se sentiu compelida a salientar mais uma vez.

— E você também — ele respondeu, sentando-se com cuidado ao seu lado. — Somos dois milagres, eu e você, não somos?

— Eu sou um furão — ela disse como se estivesse confessando um grande pecado do qual em nada se arrependia.

— Ah, notei isso também. E eu sou um falcão. Prazer em conhecê-la. E isso seria algo um tanto ou quanto esplêndido, a não ser pelo fato de que, quando voo, perco completamente a cabeça. Estou trabalhando nisso. Voar vai ser útil quando eu puder controlar melhor. Posso voar à frente de todos e vigiar em volta. Espionar pessoas. Mal posso esperar para espionar as pessoas. Pense em toda a sujeira que eu posso descobrir.

Jane passou os dedos pelas beiradas mal cortadas da roupa de cama.

— Isso é maravilhoso.

— Então, nós dois somos eðianos — ele disse com júbilo. — Até que enfim!

Ela sorriu novamente, mas seu coração não estava ali no momento. Jane ainda estava com dor, ele pensou. Tomou a mão dela.

— Janey. Você vai ficar bem agora. Foi o que a vó falou, e você sabe que não deve discordar da vó.

— Estou bem. Bom, vou ficar bem. Prometo.

Ele olhou pela janela, onde o sol já ia fazendo sua descida pelo céu.

— O crepúsculo será logo, e seu marido vai retornar. Prometa a ele também.

— Como ele está? — ela perguntou com dúvida na voz. — Ainda com muita raiva de mim?

— Por que Gifford estaria com raiva de você?

— Ele mandou que eu ficasse na floresta quando entrou na taberna. Mas eu fui atrás dele assim mesmo.

Bom, não era surpresa nenhuma...

— Ele não está com raiva. Está preocupado com você, é claro — Eduardo respondeu. — Escuta, o hálito dele cheira a feno? Eu sempre me perguntei isso.

Jane bateu no braço dele e então se recolheu.

— Nós tivemos uma briga quando eu virei rainha. Dudley queria fazer dele o rei, igualá-lo a mim em poderes, mas eu me recusei.

— Menina esperta, eu diria. Mas acho que ele já te perdoou — Eduardo disse.

Era inegável o jeito como Gifford se sentia a respeito de Jane. Aquele homem estava em pura agonia com a ideia de perdê-la. O amor dele tinha sido como uma tocha queimando dentro da sala na noite anterior, óbvia para qualquer um que quisesse ver, desde a expressão em seu rosto quando achou que Jane estava morrendo até a forma como andou de um lado para o outro e se preocupou com ela naquelas longas horas até que ela virasse humana de novo. Eduardo, inclusive, não tinha conseguido parar de pensar no modo como Gifford segurara a mão de Jane junto ao rosto e a beijado. O próprio Eduardo pensava que nunca antes tinha conhecido sentimento tão profundo. Não de um jeito romântico, pelo menos.

Gifford amava Jane. E, a julgar pelo rosto dela quando falava do marido, Jane também amava Gifford. Eles se amavam. Mesmo que ainda não tivessem admitido aquilo um ao outro. Eduardo sorriu.

Talvez houvesse um final feliz para aquela história, afinal de contas.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Jane

— A chave para se transformar na sua forma animal, — a avó explicou — é conhecer bem o desejo de seu coração.

Certo, Jane pensou. O desejo de meu coração.

Já era fim de tarde, e Jane, Eduardo e Gifford estavam os três ali perto do caminho que levava até aquelas ruínas. O castelo se erguia bem à frente deles, bloqueando a maior parte do brilho do sol e projetando longas sombras nas pilhas de rochas caídas e na grama verde e espessa. A avó estava postada na frente deles, enquanto Gracie circulava o grupo com uma expressão séria e os braços cruzados no peito.

Jane estava com dor de cabeça.

— Seja honesto com você mesmo — a avó continuou. — Se, no momento em que quiser se transformar, você não souber por que gostaria de ser um pássaro ou um furão ou um cavalo...

Gifford soltou uma baforada. Ele já era cavalo.

— ...ou um humano, então você vai continuar sendo exatamente o que já é.

— E quanto a maldições? — Jane perguntou.

— O que têm as maldições? — Um odor pungente de lixo se espalhou pelo ar, fazendo Jane engasgar com o gosto azedo no fundo da garganta. A avó nunca tinha sido das mais pacientes, e quanto mais irritada ficava, pior ela cheirava.

— Como a gente pode controlar nossa transformação se formos amaldiçoados?

— E o que te faz pensar que é amaldiçoada?

— Gifford passa o dia como cavalo e a noite como homem. Todos os dias, sem falta, ele se transforma nessas horas. — A própria

Jane costumava culpá-lo por seu apuro. Dizia que ele era indisciplinado. Agora, ela sentia um pouco mais de simpatia pela situação do marido. — E, pelo que sabemos até o momento, eu passo minhas noites como furão.

Pelo menos era o que vinha acontecendo desde a fuga da torre. O sol se punha, e então vinha um clarão — e lá estava Jane como furão, quisesse se transformar ou não. Era um problema. O primeiro passo, ela pensou, seria admitir.

— É para isso que estamos aqui. — O odor da avó ficou mais forte. — Porque vocês todos precisam aprender a se controlar.

— Mas não é exatamente a intenção de uma maldição que não se possa controlá-la? — Jane fez um gesto na direção de Gifford, que agora tinha abaixado a cabeça para beliscar a grama. — Precisamos quebrar as maldições primeiro e então aprender a controlar a mudança.

— Parece razoável — Eduardo disse. — É um bom jeito de pensar, Janey.

— Parece é estupidez, se você me perguntar — Gracie emendou, olhando com desdém para Jane. — Você não é amaldiçoada. Só é teimosa demais.

— Gracie tem razão. — A avó soltou um suspiro alto e preocupado. — Vocês não são amaldiçoados. Há alguma coisa em vocês que faz com que só se transformem nesses momentos.

— Bom, só poder se transformar quando o sol está em certa posição com toda certeza me parece uma maldição — Jane argumentou.

— Para mim também. — Eduardo franziu a testa. — Eu acho bem provável que Gifford tenha sido amaldiçoado, e depois Jane pegou isso por ter se casado com ele. O que significa que isso é em parte culpa minha. Sinto muito.

— Não é culpa sua. — Jane tocou o braço de Eduardo de maneira consoladora.

Gifford soltou outro ronco alto, e alguma coisa grande e barulhenta se soltou de sua traseira. Ele nunca tinha boas maneiras quando era cavalo. Jane ajeitou as bordas de seu vestido emprestado. O corte e as cores estavam fora de moda havia

décadas, mas isso era algo que nunca a incomodara. Estava agradecida por ter alguma coisa para usar mais digna do que calças. Gracie, porém, fazia as calças parecerem o visual mais na moda que uma mulher já tinha usado no mundo. Eduardo certamente apreciava, pelo jeito como estava sempre olhando para ela de boca aberta. Jane quase se sentia envergonhada pelo primo. De verdade.

— Vocês dois devem ter uma razão para se transformarem apenas de acordo com o sol — Gracie opinou.

— Correto — a avó concordou. — É uma questão do coração, como eu ia dizendo. Quando realmente quiserem controlar suas formas, vocês conseguirão.

Aquilo estava parecendo muito com um julgamento, na visão de Jane.

— Como a senhora pode dizer isso? Ninguém quer controlar essa transformação mais do que eu.

A avó estalou a língua em desaprovação.

— Me diga como foi sua primeira transformação.

— Foi em um momento de grande necessidade emocional — Jane disse levantando o queixo. — Bem como nos livros. Eu queria evitar ser decapitada. E queria salvar Gifford de ser queimado na fogueira. Então eu apenas virei um furão e o resgatei.

— Uma primeira transformação bastante nobre. — Eduardo sorriu para ela. — E a minha, é claro, foi quando quis evitar ser assassinado em minha cama. Precisava escapar, então foi o que fiz.

A avó lançou um olhar para Gifford como se esperasse que ele também contasse a história de sua primeira transformação, mas ele apenas soltou uma baforada pelo focinho e ficou olhando o pasto em volta do velho castelo, como se houvesse outros lugares onde preferiria estar naquele momento.

— E quanto à sua primeira transformação, vó? — Jane perguntou.

— Uma de minhas criadas esqueceu de trazer frutas no meu café. Virei gambá e esguichei nela toda.

— Isso não é verdade, é? — Gracie perguntou, dando risada.

— Está me chamando de mentirosa? — A avó levantou uma sobrancelha.

— Estou dizendo que a senhora conta umas histórias...

— Muito bem. O jardineiro matou uma roseira e eu fiquei muito perturbada com isso.

— Vó! — Eduardo disse. — Conta a verdade.

— Ah, essa história de “verdade” é uma coisa muito relativa — a avó disse, com um suspiro. — Certo. Uma de minhas damas de companhia passou a noite com meu marido. — Ela fez uma pausa para se assegurar de que todos ali sabiam do que ela estava falando. — Não fiquei sabendo até chegar à corte, e então ali, na frente de todo mundo, me transformei em um gambá e esguichei em todas as direções. Estava mirando meu marido traidor, claro, e também aquela mocinha duas-caras. Mas gambás não têm uma visão muito boa, então eu tive de ir adivinhando. E adivinhei errado algumas vezes.

Jane engoliu uma risada. Era uma história muito divertida, mas aquilo acontecera em uma época quando ser eđiano era um crime punível com a morte. Era a época que Maria queria ressuscitar. O que era um pensamento um tanto ou quanto assustador.

— Também levei algum tempo para controlar isso, para sua informação — a avó admitiu meio a contragosto. — Acho que eu não entendia bem o desejo de meu coração naquela época. Eu era governada por coisas mais rudimentares.

Jane olhou para seus pés por um instante. Será que ela não estava sendo honesta consigo mesma? O que seu coração queria de fato?

— Muito bem — Eduardo disse. — Estou pronto para tentar.

— Bom. — A avó bateu duas palmas bem alto. — Nada mais de falar em maldições.

— Feche os olhos — Gracie aconselhou. — Às vezes, isso ajuda. Pense no que você mais gosta em sua outra forma. Pense no que gostaria de fazer naquela outra forma.

Jane sempre tinha sido uma aluna exemplar. Imediatamente fechou os olhos e se lembrou de como era ser um furão. Adorava ser tão útil. O jeito como conseguia ouvir e enxergar tudo em volta. E ela cabia em qualquer lugar também, e ficava bem no ombro de Gifford. Não havia criatura melhor para ela ser.

— Eu quero ser um furão — ela sussurrou. — Eu quero ser um furão.

— Em silêncio, Jane. — Eduardo soou vagamente irritado com a prima. — Você não é a única tentando se concentrar.

Ela olhou para o primo. Ele ainda estava muito magro e muito pálido devido à sua recente doença — que não era doença, mas envenenamento, ela parou para se lembrar —, mas pelo menos já estava com a aparência melhor. Mais forte. Bem mais vivaz.

Enquanto ela o olhava, a tensão nos ombros dele pareceu diminuir. Os olhos ainda estavam fechados e ele sorria como se estivesse imaginando algo maravilhoso.

— Céu — ele murmurou.

Sua luz brilhou tão forte que Jane teve de espremer os olhos. E ouviu o bater de asas. Penas farfalhando. Quando olhou de novo, Eduardo já estava voando.

Ela pôs as mãos nos quadris.

— Como ele conseguiu isso?

— Fazendo o que a gente disse. — Gracie olhou para Jane e depois para Gifford, que ainda estava comendo capim. — Ele quis bastante ser um falcão. Era o desejo do coração dele.

Jane tinha bastante certeza de que o desejo em seu coração era de ser um furão, mas ali estava ela. Duas pernas. De pé. Uma quantidade de pelo longe do suficiente. Olhos decididamente nada brilhantes como contas.

Ela cutucou Gifford.

— E você? Pelo menos tentou?

Ele levantou a cabeça e tentou se virar para ganhar carinho na orelha.

— Inacreditável! — Ela chegou para trás e cruzou os braços. — Você não quer ser homem durante o dia? Se só tem a ver com o que a gente deseja, então por que você não deseja ser homem?

Ele a ignorou e só vagou para mais longe, aparentemente satisfeito de ser cavalo.

Enquanto isso, Eduardo estava planando e mergulhando no céu com total despreendimento, para lá e para cá sobre eles, e deu até

um piado daqueles de falcão, desaparecendo em seguida sobre as árvores.

— É melhor eu ir atrás dele — Gracie disse. — Parece que ficou travado naquela alegria de pássaro de que ele falou.

Então, bem ali na frente da avó, de Jane e de Gifford — que estava procurando um campo no qual dar umas corridas, sem nem se importar com as mulheres àquele ponto —, Gracie deslizou de suas calças e virou raposa tão rápido que Jane não teve nem tempo de reclamar.

Ela se virou para a avó.

— E agora eu faço o quê? — Eduardo era um pássaro e amava aquela forma um pouco além da conta. Gifford era um cavalo e nem tentaria consertar seu problema. Gracie e a avó podiam se transformar sempre que quisessem e não conseguiam entender por que Jane não conseguia fazer o mesmo. E Jane também não conseguia entender.

— Agora, tente de novo — respondeu a avó. — Ou então eu vou virar gambá e esguichar em você.

Jane fechou os olhos. Imaginou-se como um furão. Pôs toda a vontade de seu coração nisso.

— Você só está franzindo o nariz — a avó comentou.

— Shh! — Jane criou a imagem mental do furão.

— Agora você está só se abaixando no chão.

Jane suspirou, frustrada.

— Você acabou de soltar um miado? — a avó perguntou.

Jane cerrou os punhos e bateu o pé no chão. Queria gritar, mas se absteve de falar qualquer outra coisa, a não ser sussurrar de modo bem sincero e bem baixinho.

— Eu quero desesperadamente... desesperadamente ser um furão agora mesmo.

Mas, toda vez que se olhava, ainda era uma moça.



Jane ainda era furão quando acordou na manhã seguinte.

Porque ela tinha *mesmo* se transformado em furão... no fim das contas. Quando o sol se afundou no horizonte. Assim como todas as vezes anteriores.

A avó e Gracie podiam ignorar as evidências tanto quanto quisessem, mas Jane sabia bem do que estava falando. Uma maldição era uma maldição.

Estava enrolada no travesseiro ao lado da cabeça de Gifford. Ele roncava um pouquinho, tão baixo que mal teria sido percebido pelos ouvidos humanos dela. Mas os ouvidinhos de furão eram muito melhores e faziam tudo soar como uma tempestade. Na tentativa de fazê-lo parar, ela se esticou e bateu o focinho contra a pálpebra dele.

Ele resmungou e a tocou para longe. Ela bateu no olho dele de novo.

— Isso é frio — ele murmurou.

Ela deu uma leve mordidinha em seu nariz.

Ele se sentou de uma vez, definitivamente acordado agora.

— Milady! Se a senhorita queria me acordar, agora conseguiu. Mas não precisa arrancar meu nariz. — Ele deu um sorriso, apesar da reclamação.

Jane fez um sonzinho de risadas e dançou na cama, com o colchão conferindo um balanço extra aos pulos dela.

— Que coisa mais indigna, minha querida. Mas um tanto ou quanto encantadora. — Gifford riu e pediu licença para sair do quarto. — Volto assim que você se trocar.

Poucos minutos depois, ela se transformou em mulher. Simples assim: o sol começava a nascer e ela se transformava sem nem tentar. Era de embolar a cabeça que ela, mesmo depois daquele tempo todo, ainda fosse completamente incapaz de controlar sua forma eðiana.

Ela tinha acabado de reunir todas as peças de seu vestido emprestado quando Gifford bateu na porta e entrou.

— Precisa de ajuda com os laços? — perguntou.

— Sim. Obrigada. — Ela se virou para que ele visse os laços desatados nas costas do vestido.

Ele passou uma mecha dos cabelos vermelhos por cima do ombro dela, deixando sua mão pousar ali por um momento antes de amarrar as pontas das fitas.

— Tudo por minha esposa.

Jane começava a gostar daquela palavra, “esposa”. Especialmente do jeito que ele falava.

— Então, quais são os planos para hoje? — Gê perguntou enquanto lidava com um fecho no alto, passando os dedos por sua pele entre os ombros. Jane estremeceu com o carinho. — Vamos invadir mais algum castelo?

— Não, mas vamos começar nossa longa jornada até a França amanhã. Precisamos fazer as malas.

— Eu não estava ciente de que possuíamos quaisquer bens que precisassem ser embalados. — Ele amarrou muito bem as fitas, mas não apertado demais. Ela agradeceu pelo cuidado.

— Bess está providenciando um vestido mais elegante que eu possa usar — Jane explicou. — Para me apresentar à corte francesa. Eduardo disse que me quer por perto quando ele fizer seu apelo ao rei.

— Ah, sim. — Gifford limpou a garganta. — Entendo. Eduardo quer você lá com ele. — Ele terminou de amarrar rapidamente e deu um passo para trás. — Aí está.

— Faz sentido que eu vá, caso eu precise validar a história de Eduardo.

— Sim, claro — ele concordou sem empolgação. A expressão de Gifford se esvaziou de súbito. — O sol já está quase nascendo. Tenho de ir.

Jane o seguiu enquanto ele saía.

— Espera, Gê...

— Tenha um bom dia, milady — ele disse, e partiu, começando a tirar as roupas.

— Tenha um bom dia também — ela disse logo atrás, perdendo o ânimo.

E aí ele já era cavalo. Jane o viu trotar pelos jardins e pular sobre uma parte mais baixa da mureta semidestruída. Ela suspirou.

Gifford vinha agindo de maneira estranha desde que haviam escapado de Londres. Na maior parte do tempo, ele era afetuoso e carinhoso com ela. Às vezes ele a provocava, mas nunca com a intenção de magoá-la. Sempre segurava sua mão. Chamava-a por apelidos carinhosos, como “minha querida” ou “minha doce esposa”.

Coisas assim não deveriam ter qualquer efeito nela, mas... acabavam tendo. Estar em sua presença fazia Jane respirar mais rápido, o coração parecia pular do peito, e as palmas das mãos suavam discretamente. Aquilo tudo a fazia querer ser humana o tempo todo para que eles pudessem ficar mais juntos.

Havia as outras vezes, no entanto, especialmente quando estavam perto de Eduardo, de Bess ou mesmo da avó, em que Gifford parecia se retrair em um muro silencioso, com os maxilares contraídos de um jeito que ela reconhecia como sendo raiva. Ela se perguntava se ele a culpava por tudo o que tinha acontecido.

Eles não tinham mais casa, nem um lugar seguro para onde ir, exceto aquele castelinho em ruínas. Não tinham títulos nem posições sociais. Não tinham bens, como ele próprio acabara de dizer. Jane não tinha como assumir a culpa de tal situação, mas, ainda assim, convenhamos. Ela tinha sido horrível com ele em Londres. Eles tiveram uma briga bem séria. Ela até jogou almofadas nele.

Não era de se estranhar, então, que ele nem estivesse tentando durante aquela sessão de treinamento com a avó e Gracie. Ele provavelmente estava feliz de evitar a companhia dela por mais tempo.

Jane ficou observando enquanto ele corria pelo campo, com a cabeça erguida e a crina ao vento. Parecia tão contente como cavalo. E ela não estava lá dando a ele muitas razões para querer ser homem de novo.

Ela levantou o queixo. Eles tinham muito pouco tempo juntos — apenas alguns minutos no começo e no fim de cada dia. Teria de usar aqueles preciosos minutos com sabedoria.

Teria de tentar reconquistar a confiança dele com mais afinho.



Quando chegou à cozinha, pouco depois, Gracie, Bess e Eduardo estavam discutindo qual seria a melhor rota até a França. Bess desenrolou um mapa e o abriu sobre a mesa.

— Se quisermos agir rápido...

— ...e é o que queremos... — Eduardo interveio.

— ...então precisamos pegar a rota mais direta com as melhores estradas — Bess terminou o raciocínio.

Jane entrou nas pontas dos pés para ver sobre o ombro de Eduardo.

— Vamos fazer isso.

— Mas há alguns problemas com essa rota — Gracie observou.

— Os homens da Maria estarão procurando por vocês, e essa estrada — ela arrastou o dedo por uma linha — passa perigosamente perto do The Shaggy Dog.

— The Shaggy Dog? — Jane repetiu.

— Pela descrição que o Gifford nos passou — Eduardo disse —, foi aquela taberna onde vocês foram atacados. É o QG da Alcateia.

— E quais são nossas opções? — Jane estremeceu.

— Rotas mais longas em estradas mais simples. — Eduardo apontou no mapa algumas delas. Pareciam mesmo meio fora de mão, às vezes.

— Então, o que a gente faz? — Jane perguntou.

— Eu... — Eduardo tamborilou os dedos no mapa. — Rapidez vai ser essencial. Mas também nossa segurança. O que vocês acham?

— Caminho mais comprido — Gracie respondeu de imediato. — A Alcateia é coisa ruim de verdade.

— Caminho mais curto — Bess se opôs. — Estamos retomando um reino. Devemos ser corajosos. E ágeis.

Todos olharam para Jane, que se consolou com a desculpa de que, muito embora ela fosse o voto de desempate, a decisão ainda caberia a Eduardo. Ele era o rei, afinal.

— Caminho mais curto — ela disse. — Concordo com a Bess.

Gracie arregalou os olhos. Eduardo pareceu desconfortável. Bess deu um sorrisinho discreto.

— Além do mais — Jane acrescentou —, acho que deveríamos recrutar a Alcateia para nossa causa.

— Você ficou louca? — Gracie disse. — Eles quase te mataram.

— Estou bem ciente disso.

— Eles não são só bandidinhos de estrada, sabe? — Gracie continuou. — São uma organização bem montada. E eles se veem como superiores aos humanos. Certamente não respondem a rei

nenhum. Vão usar suas belas penas para estofar seus travesseiros, meu senhor.

— Exato. Recrutar a Alcateia parece uma péssima ideia — Eduardo concordou.

— Mas precisamos de qualquer um que não esteja do lado da Maria — Jane argumentou — Podemos usar toda a ajuda que conseguirmos.

— Não esse tipo de ajuda! — Gracie balançou a cabeça. — Fala pra ela, Eduardo.

— O que você acha, irmã? — Eduardo se virou para Bess, que estava pensativa.

— Tenho meu exército, é claro, e a França provavelmente vai concordar em nos emprestar parte do deles assim que você pedir ao rei. Mas isso pode ainda não ser suficiente para retomar a coroa. — Bess apontou no mapa o lugar onde ficava localizado o The Shaggy Dog. — Além disso, venho pensando que talvez não seja suficiente apenas retomar a coroa.

Eduardo olhou para ela.

— O que você quer dizer?

— O país está dividido. Eðianos e verdádicos estão na cola uns dos outros. As pessoas comuns estão no fogo cruzado e estão sofrendo com isso. Uma coisa é retomar a coroa, Eduardo. Vai ser outra bem diferente retomar o controle do país. De seus contrterrâneos. Você vai precisar dos dois lados para conseguir isso. Verdádicos e eðianos. Devemos uni-los. E, para fazer isso, precisaremos da Alcateia.

— Você está certa — Eduardo disse.

— Vocês estão loucos, isso sim. — Os olhos verdes de Gracie estavam tomados de desespero, ainda que mascarado como uma expressão de irritação bem ensaiada. — Se vocês forem até a Alcateia, vão morrer. — Ela se virou para Jane. — Não quero ouvir rumores de Thomas Archer usando uma estola de furão no próximo inverno.

Jane estremeceu. Ela também não queria virar estola de furão. Lembrava-se muito bem do perigo representado pela Alcateia. O

corte em seu lado ainda estava costurado e melhorando. E ela também se lembrava do vilarejo, noites antes, e de sua pobre vaca.

Era o tipo de coisa que teria de deixar de acontecer caso quisessem um futuro melhor para a Inglaterra. E isso significava que Bess tinha razão. *Eu tinha razão*, Jane pensou, se parabenizando em silêncio por ter tido aquela ideia.

— Muito obrigada pela preocupação — ela disse a Gracie —, mas acho que nós deveríamos ir.

— O que você quer dizer com “nós”? — Eduardo se virou para Jane com as sobrancelhas erguidas em espanto. — Você vai ficar bem aqui se recuperando de seus ferimentos.

— Meus ferimentos? Eu já estou praticamente recuperada, agora. — Quase isso.

— Mesmo assim, você não vai conosco. A Alcateia é muito perigosa.

Gracie endireitou o corpo.

— Exatamente, Majestade. A palavra-chave aqui é “perigosa”.

— Por que você tem tanto medo deles? — Eduardo quis saber de Gracie. — Nunca vi você recuar por medo.

— Não estou com medo! — Gracie se eriçou toda. — Eu só não... quero ver o Archer outra vez.

— Por que não? — Bess disse, cruzando os braços.

— Porque ele é meu ex — Gracie deixou escapar.

— “Ex”? — Jane não fazia ideia do que significava aquilo.

Bess se inclinou para Jane, mantendo um tom baixo. — Antigo amante.

— Oh! — Jane fez que sim, finalmente compreendendo. — Eles tiveram um relacionamento romântico.

— O quê? — O rosto de Eduardo corou-se de um vermelho intenso olhando para Gracie. — Você teve um relacionamento com ele? Com o Archer?

— Meus casos competem a mim e apenas a mim, meu senhor — Gracie passou a mão em seus escuros cabelos cacheados. — Mas isso sem dúvida significa que eu conheço mais a respeito da Alcateia do que qualquer um de vocês, então é melhor seguir meu

conselho. Fiquem longe deles. Eles são problema. Especialmente o Archer.

— Especialmente. — Eduardo franziu o rosto e se virou para Jane. — Muito bem. Já tomei minha decisão. Vou recrutar a Alcateia. Mas você fica aqui. E também a Bess e a Gracie.

— Eu não vou ficar aqui. — Bess arqueou uma sobrancelha.

— Se você vai insistir nessa insanidade, então eu devo ir com você também. — Gracie deu um passo adiante com as mãos na cintura. — O Archer não vai ser razoável. Não é da natureza dele fazer qualquer coisa que não o beneficie diretamente. Mas talvez eu possa evitar que vocês todos sejam mortos por eles.

— Não! — Eduardo protestou. — Você fica aqui também. Para... hã... tomar conta da Jane.

Os olhos verdes da escocesa lançaram adagas mortais em Eduardo. Jane quase se sentiu mal por seu primo.

— Ah, e presumo que você vá deixar o Gifford ir com você... — Gracie esbravejou.

— Ele é um jovem muito forte e...

— Ele é um cavalo! — Jane e Gracie gritaram ao mesmo tempo. As duas pararam, se entreolharam e Jane entendeu de imediato que ambas estavam agora do mesmo lado.

— Permita-nos dizer exatamente por que nós duas vamos com você. — Com um breve aceno de cabeça, Jane indicou que Gracie deveria falar antes.

— Eu conheço bem a Alcateia, para começo de conversa. Conheço os truques deles e os lugares onde se escondem. Além do mais, quando vocês ficarem com fome e começarem a procurar insetos para comer, eu vou ser aquela que realmente vai encontrar alguma coisa para a gente comer. Sem falar que eu sou boa com armas e o rei precisa de toda a proteção que puder usar.

— Ei, pode parar aí mesm...

Mas Jane estava pronta para falar também:

— Para complementar as consideráveis habilidades de Gracie com violência e atividades ilegais, devo dizer que já li pelo menos duas vezes mais livros que você, Eduardo. Na verdade, umas três

ou quatro vezes mais, o que significa que tenho conhecimentos vastos em diversos assuntos que podem vir a calhar.

— Só porque somos garotas, não quer dizer que você precisa nos poupar — Gracie disse. — A verdade é que você precisa de nós. Precisa especialmente de mim, se quiser encarar a Alcateia.

— Não é porque são garotas. — O rosto de Eduardo já estava todo vermelho outra vez. — Tudo bem. Certo. Suponho que vocês nos seguiriam de qualquer forma e depois teríamos de resgatá-las, além de todo o resto que vamos precisar fazer. Então acho que podem vir conosco.

— Ótimo — Gracie disse. — Está combinado.

Mas Jane tinha uma sensação de que aquilo seria tudo, menos ótimo.



O humor do grupo estava sombrio quando se aproximaram do Shaggy Dog — Gracie vinha repetindo diversas vezes que aquela era uma má ideia. Que não ia funcionar. Que todos iriam morrer e se transformar em travesseiros e estolas.

— Bem — Bess disse quando finalmente chegaram à rua principal da vila em direção à taberna. — Se alguém tem alguma crença, agora é a hora de rezar.

— Sim. É a última chance de desistir — Gracie acrescentou.

— Vocês ainda podem ficar lá esperando com os cavalos — Eduardo respondeu. — Posso fazer isso sozinho.

— Calado, passarinho.

Havia cinco cavalos com eles — quatro normais e um muito especial, na opinião de Jane — e os normais foram amarrados a um poste. E lá estava o grupo bem nos degraus que levavam à taberna. A placa pendurada sobre a porta rangia, com a imagem do cachorro com alguns riscos vagos na pintura para parecer que era felpudo. Parecia diferente sob a luz do dia. E menor, agora que Jane não era mais um minúsculo furão com visão borrada. Jane estremeceu. Aquele era o lugar onde ela quase tinha morrido apenas alguns dias antes.

— Gifford... — Eduardo disse.

O quinto cavalo soltou um relincho.

— Chame-o de Gê — Jane traduziu.

— Gê, fique de olho em nossas montarias.

Gracie começou a mudar os nós das rédeas.

— Esse nó aqui é melhor para esta situação. Se precisarmos sair correndo e gritando, nós (ou então o Gê) podemos só puxar essa ponta aqui e escapar.

O branco dos olhos de Gifford se iluminaram.

— Concordo — Jane disse a ele, e então se virando para Gracie:

— Você acha que vai ser necessário fugir?

Gracie apontou com a cabeça para uma esquina do outro lado da rua onde um homem desapareceu atrás de um açougue. Depois, para o telhado de um boticário. As ruas estavam estranhamente desertas para aquela hora do dia.

— Eles sabem que estamos aqui. Talvez não tenham feito nada ainda, mas já sabem.

Jane acariciou a bochecha macia de Gifford. Ele soltou uma breve baforada e pousou o queixo no ombro dela, puxando-a para o que deveria ser a versão equina de um abraço. Ela passou os braços em volta do pescoço dele por um momento e inalou o aroma suave do pelo dele.

— Vou ficar bem — ela sussurrou no ouvido dele. — Eles não vão me reconhecer. Mas se alguma coisa ruim acontecer, você tem minha permissão para entrar chutando a porta. — Ela acariciou a testa dele antes de se apressar atrás dos outros na taberna.

— Estou aqui para falar com Thomas Archer — Eduardo foi logo dizendo assim que a porta se fechou sozinha atrás deles.

Havia sete pessoas no salão. Cinco bebiam nas mesas, uma trabalhava no balcão e outra conversava bem a sério com o atendente. Todas as sete pararam o que estavam fazendo e olharam para Eduardo.

— Quem é você? — perguntou o atendente.

— Sou o Rei da Inglaterra — Eduardo anunciou. — E quero falar com Thomas Archer.

Um dos bebedores na mesa soltou uma risada.

— O rei está morto. E também a nova rainha. E a *nova* nova rainha é quem ocupa o trono agora. Maria.

— Ela *não* é a rainha por direito — Jane fez objeção.

Bess deu uma batidinha no braço de Jane como um aviso. Então, fez um movimento de cabeça para Gracie, cujo olhar estava fixo no homem sentado no bar. As mãos da escocesa estavam firmemente cerradas em punhos ao lado do corpo.

Não havia dúvida: aquele ali era Archer. Ele estava de costas para eles, mas havia o suficiente para percebê-lo como sendo jovem. Sua silhueta era esbelta e ereta. Mechas de cabelo escuro saltavam por cima de seu colarinho.

— Ele é o rei — Gracie disse somente para aquele homem. — Está dizendo a verdade.

Devagar, o homem se virou. Tinha uma feição vincada, com as maçãs do rosto salientes e um maxilar forte. Olhou Gracie de cima a baixo. — Então a raposinha voltou, hein? Com um rei, ainda por cima. Você está muito linda, Gracie. Sentiu saudades?

— Nem um pouco.

— Ah, que é isso... — Archer deu um sorriso e apertou a mão no peito. — Assim você me machuca, garota. Fala de novo.

Eduardo corou e se dirigiu ao bar, puxando do bolso um punhado de moedas que bateu no balcão em frente a Archer.

— Dez soberanos. Para pagar a recompensa por ela.

— Recompensa? — Archer olhou para Eduardo e para as moedas. — É isso o que ela contou a vocês?

Eduardo empurrou as moedas na direção de Archer.

— E agora, com esse assunto resolvido, digo que vim aqui para recrutá-lo para minha causa.

— E que causa é essa? — Archer permaneceu sentado.

— Quero retomar meu reino.

Outro cliente deu risada.

— Maria tem um exército, pelo que eu soube. Você tem uma raposa, uma lady — fez uma menção respeitosa na direção de Bess — e uma ruiva.

— Ei, o cabelo da Jane não é assim tão ruim. — Eduardo parou de ficar defendendo o cabelo da prima, mesmo que fosse sincero, e se recompôs. — O que eu quero dizer é que pretendo retomar o trono e, como cidadãos ingleses, a Alcateia deveria me apoiar nisso.

— E o que a Inglaterra fez por nós? — Archer soltou uma risada de escárnio.

— Vocês são eðianos — Eduardo disse.

— Isso nós somos. Mas não vejo por que significa que devamos ficar do seu lado, menino-rei.

— A Maria é uma verdádica bastante convicta. Agora mesmo ela está caçando eðianos com a intenção de livrar toda a Inglaterra deles.

— Sei disso — Archer disse em tom soturno. — Você não ficou sabendo que todos os criados reais foram interrogados, e todos aqueles que se acreditaram ser eðianos foram presos? Vão todos para a fogueira em menos de dois dias, ouvi falar. — Ele deu um bom gole de sua caneca de cerveja. — Mas nós, eðianos, viemos sobrevivendo por centenas de anos de perseguição. O que importa para nós se a monarca em exercício é eðiana ou verdádica?

Bess deu um passo à frente. Todos olharam para ela; havia algo em Bess que realmente a fazia ser o centro das atenções em um salão quando queria.

— Liberdade — ela disse em resposta ao questionamento. — Liberdade verdadeira, Senhor Archer. Vocês serão iguais aos verdádicos. Não haverá mais perseguição.

— A senhora me perdoa, milady, mas o Rei Henrique fez a mesma promessa quando se transformou em leão, e nada mudou para nós. — Archer balançou a cabeça. — Se você for rei ou não, isso não importa para mim.

As coisas não estavam indo bem.

— Mas eu sou seu rei! — Eduardo disse. Ele andava dizendo aquilo um bocado ultimamente. Um pouco demais, até.

— Não é — Archer respondeu. — Mas, se vocês saírem agora mesmo, posso deixá-los irem embora vivos. Porque estou me sentindo meio generoso hoje.

Como mencionamos antes, havia sete pessoas na taberna, e agora seis delas tinham sacado algum tipo de arma.

Os membros do grupo de Eduardo se entreolharam com nervosismo. Bem, tinham tentado e falhado. Gracie estava certa:

não havia como argumentar com Archer. Talvez devessem apenas considerar como uma vitória o fato de saírem dali com vida.

— Muito bem. Vamos. — Eduardo suspirou e se virou para sair.

— Esperem. — Jane deu um passo adiante. Você vai se juntar a nós — ela disse a Archer. — E vai ser por uma razão bem simples.

Todos os olhos estavam nela agora.

— Os tempos são difíceis. — Jane escondeu as mãos trêmulas para trás e caminhou na direção de Archer. — Vocês são um grupo poderoso, mas isso não os torna imunes aos problemas do mundo. A Alcateia está sendo caçada. Você diz que não está preocupado com as execuções em massa nas fogueiras, mas percebi que sua voz se alterou quando falou a respeito. É provável que alguns dos criados do palácio trabalhem para você, e você sabe que não pode fazer nada para ajudá-los. Mas Eduardo poderia fazer alguma coisa. Pode parar a perseguição. As fogueiras. Esse círculo eterno de morrer e ser morto. Se você se posicionar ao lado do rei, isso vai beneficiar toda a Alcateia. Será que seu imenso orgulho não o deixa perceber isso?

Archer ergueu uma sobrancelha na direção de Eduardo, que aproveitou a oportunidade para estufar o peito.

— Se eu retomar meu trono, a Alcateia será perdoada sob a condição de que cessem suas atividades ilegais. E vou tornar este país seguro para os eðianos. Juro por minha vida.

— Certo. Mas por que você se preocupa tanto com eðianos? — Archer perguntou desafiador.

— Porque ele é um eðiano — Jane respondeu.

Archer dirigiu a Eduardo um olhar de avaliação.

— Você? Você é eðiano?

— Sim. — Eduardo encarou o líder da Alcateia nos olhos. — Eu sou.

— Que criatura você é?

Eduardo abaixou o olhar para as mãos.

— Um tipo de pássaro. Um falcão.

— Interessante. — O canto da boca de Archer esboçou um sorriso.

— Não estamos prometendo tudo isso em vão, Senhor Archer — Bess interveio antes que o homem exigisse que provassem ser eðianos, e todos teriam de ficar nus. — Falamos de um perdão, de comida, remédios, dinheiro, o que quer que vocês precisem; tudo ficará à disposição de vocês.

Os olhos de Archer brilharam com ganância. Tinham conseguido, Jane pensou. Ele concordaria em lutar ao lado deles.

— Não, acho que não — ele disse depois de uma pausa. — Simplesmente não acredito que você seja o tipo de rei pelo qual eu gostaria de lutar.

— Mas por quê? — Eduardo foi pego de surpresa.

— Sejamos honestos aqui. — Archer se reclinou em seu banco. — O reino já não estava em boas condições quando você teoricamente morreu. Os verdádicos ainda estavam caçando os eðianos. As autoridades eram todas corruptas. Nem mesmo um xelim tem o mesmo valor que tinha antes. Você nunca fez nada para nos ajudar. Você pode ser eðiano, e também age como quem está no comando, mas foram as mulheres à sua volta que me deram bons argumentos. — Archer gesticulou para todos os outros na taberna. — Temos uma vida decente aqui. Nenhum de nós quer arriscar a pele por alguém que não se provou digno de nosso esforço.

Eduardo inspirou profundamente.

— Como eu poderia provar meu valor, então?

— Há algo que eu quero — Archer disse, e Jane suspeitou de que ele estivesse com aquilo em mente já havia algum tempo, talvez desde quando a conversa começara. — Se você puder me entregar esse item que eu quero, eu me junto a vocês.

— E o que é? — Bess perguntou, e Archer olhou para Gracie.

— Quero que Gracie devolva o que ela roubou de mim.

Depois de um momento de surpresa, Jane e Eduardo se viraram para Gracie.

— Então...? — Jane disse.

— Vai se catar — Gracie disse a Archer. — Você não vai ter o que quer.

— Pertence ao líder da Alcateia — ele argumentou.

— Era do Ben, e ele iria querer que eu ficasse com ela.

— Hum, Gracie? O destino do nosso reino está em jogo aqui — Eduardo murmurou, mas ela o ignorou.

— Eu te ofereci dez soberanos por ela — disse Archer. — Daria para comprar umas cem facas com isso.

— Espera aí: uma faca? — Eduardo perguntou a Gracie. — A recompensa era por uma faca?

— A *minha* faca. — Gracie levou a mão até o cabo com a pérola incrustada em sua cintura. — Não vou entregar. Simplesmente não vou.

Jane começou a pensar que aquele rebuliço todo por causa de uma faca era meio demais, mesmo que a arma fosse de fato atraente. Mas então Eduardo deu um suspiro e tocou o ombro de Gracie.

— Muito bem. — Ele se virou para Archer. — Talvez haja alguma outra coisa que *eu* possa lhe dar.

Os olhos de Archer foram de Eduardo para Gracie, apenas parando onde a mão de Eduardo pousou sobre o ombro dela. Ele soltou um muxoxo.

— Eu quero a faca. Não há nada mais que eu queira.

— A faca não é minha para que eu possa te dar. Pertence a Gracie — Eduardo disse. — Mas tem de haver alguma outra coisa. Algum serviço, talvez. Alguma coisa que *eu* poderia fazer por você.

Fez-se um silêncio pesado na sala. Por fim, Archer riu e disse:

— Muito bem, então. Mate o Grande Urso Branco de Rhyl.

Jane fez um gesto de pouco-caso.

— Isso é absurdo. O Grande Urso Branco é um mito. Li todos os livros sobre esse assunto e todos os especialistas concordam que essa criatura é pura ficção. — As lendas diziam que o Grande Urso era tão alto quanto os Penhascos de Dover. Tão enorme quanto o Canal da Mancha. Mães e pais sempre diziam a seus filhos que o urso viria atrás deles se não fossem dormir na hora certa ou se não fizessem suas tarefas cotidianas, mas era só isso. Uma história popular. Uma fábula.

— Ah, o urso é bem real, pode acreditar. — Um dos homens em uma das mesas apontou para um conjunto de longas cicatrizes do

lado de seu rosto. Marcas de garras. — Ele vive a apenas alguns quilômetros daqui. Ataca a vila regularmente. Rouba comida. Saqueia muito mais que a Alcateia.

— Essa é a minha condição. — Archer deu um sorriso sarcástico. — Matem o urso. É pegar ou largar.

— Nos dê licença por um momento. — Eduardo fez um gesto para que Bess, Gracie e Jane viessem confabular em um canto. Eles se reuniram e mantiveram as vozes baixas. — O que vocês acham?

— O Grande Urso Branco de Rhyl? — Jane balançou a cabeça. — Não acredito que exista.

— Ou então existe, e Archer só está tentando me matar para seu próprio prazer — Eduardo disse com preocupação.

— Seja como for, isso é só uma distração. — Bess franziu o cenho. — Ainda temos de ir à França. E temos um país a retomar. Não temos tempo para essa brincadeira de gato e rato, muito menos de caçar um urso.

— Pois é. — Eduardo concordou. — Mas se esse for o único jeito de conseguir a Alcateia do nosso lado...

— E quanto à faca? — Jane explodiu. — Que tal se a gente só entregar a ele a porcaria da faca?

Gracie se empertigou toda.

— Minha faca não é porcaria. É a única coisa que ainda tenho do Ben. Archer só a quer porque sabe disso.

— Você não vai dar a faca a ele — Eduardo garantiu a Gracie. Claro que garantiu. Afinal, ele gostava dela. Estava se mostrando. E Archer era seu rival. Mas aquela não era a hora certa para ficar provando que era dominante.

— A dúvida continua — Bess disse com os olhos no irmão. — Fazemos isso ou não?

— É como você disse antes: provavelmente não temos homens o suficiente para derrotar o exército da Maria — Eduardo respondeu com as mandíbulas rijas. — Precisamos deles. Custe o que custar.

Ele se distanciou de seu grupo e olhou para Archer mais uma vez.

— Muito bem. Farei isso.

Archer olhou para Gracie, Jane, Bess e novamente Eduardo, e por fim balançou a cabeça afirmativamente.

— Certo. Temos um acordo. — Bateu o punho fechado no balcão.
— Hora de celebrar!

Enquanto os outros passavam bebidas uns para os outros, Jane foi transferir os cavalos para o estábulo e contar a Gifford as últimas notícias.

Eles iriam lutar contra um urso mítico.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Gifford

Logo que o sol tocou o horizonte, Gê mais uma vez testemunhou o clarão que o transformava em humano. Jane o fez correr para dentro e começou a falar. Muito rápido.

— Você me ouviu dizer que vamos tentar matar o Grande Urso Branco de Rhyl? — Ele fez que sim, e ela o abraçou logo, já que o tempo em comum dos dois era um tanto ou quanto curto. — Ótimo. Agora é o seguinte: vim coletando mentalmente todo o conhecimento que tenho de ursos para te contar agora que você é humano, para que fique mais fácil de lembrar. Primeiro de tudo, ursos sempre estão com fome. Então, quando você o encontrar, não aja como comida.

— Hein?

— Li isso em um livro, no verão passado, chamado...

Gê apenas levantou a mão.

— Não precisa me falar o nome. Não dá tempo.

— Certo. Como eu ia dizendo, ursos sempre estão com fome. Então tente não agir como comida.

— Como alguém age ou não como comida?

— Só estou te passando o que eu sei. — Antecipando sua transformação iminente, ela ajeitou a saia embaixo do manto e, na pressa, proporcionou a Gê uma brevíssima espiadela na perna dela, branca feito leite. Gê quase parou de respirar.

— A próxima coisa que deve fazer é tentar aparentar ser maior do que é.

Gê não disse nada; ainda não estava recuperado. Porque, sabe, aquela pele macia...

— Talvez segurar o manto acima da cabeça. Ou estufar o peito. Gê, você está me ouvindo?

Gê apertou os olhos, coçou a testa e tentou focar em ursos e não naquela pele.

— Estou. Não agir feito comida; aparentar ser maior. Mais alguma coisa?

— Sim. Use qualquer coisa à sua disposição para se defender. Pedras, galhos, qualquer coisa. Só não se abaixe para pegar, porque aí você vai parecer menor do que é, e fica mais vulnerável.

Gê suspirou.

— Então é para agarrar qualquer coisa que sirva como arma e esteja na altura do ombro.

Veio uma batida da porta. Eduardo enfiou a cabeça para dentro, com Gracie e Bess vindo logo atrás dele. Gê gesticulou para que entrassem.

Jane continuou falando.

— E, na pior das hipóteses, finja-se de morto. Mas se o urso começar a lamber as suas feridas, quer dizer que ele planeja te comer, e aí você tem de fazer alguma outra coisa.

— Então, fingir de morto a não ser que ele comece a me comer.

Ela deu de ombros como se só pudesse fazer aquilo.

— Eu vou fazer tudo o que puder, é claro. Posso distraí-lo e subir numa árvore para ficar em segurança.

Gê lançou um olhar para Eduardo, surpreso de que o rei tinha deixado Jane acreditar que ela iria mesmo com eles. Eduardo sorriu de um jeito que dizia “ela não é minha esposa então eu não preciso falar não para ela”.

Será que Gê deveria informá-la de que ela não estava indo junto? Da última vez que ele lhe dissera algo do tipo, ela fora assim mesmo e acabou ferida.

Ele não estava disposto a deixar aquilo acontecer outra vez.

Jane não notou aquela troca de olhares.

— Tenho um modo perfeito de distrair o urso — ela continuou dizendo. — Li uma vez em um livro que ursos não conseguem virar a cabeça em qualquer direção com agilidade, então pensei que eu poderia subir nas costas dele e ficar puxando o pelo, para que ele

comece a girar tentando me pegar, e aí você e o Eduardo entram para matá-lo.

Já estava quase tudo escuro. Eles tinham apenas segundos até a transformação de Jane. Gê tinha de dar a notícia de modo direto.

— Você não vai estar lá.

— Como assim eu não vou estar lá? — Ela espremeu os olhos na direção dele.

— “Como assim”? É assim: você não vai conosco.

— Ah, mas pode ter certeza de que eu vou. Não vou aceitar nada diferente disso. Diz para ele, Eduardo.

Eduardo coçou a nuca, mas não respondeu.

Quando percebeu que não teria ajuda alguma do primo, ela se virou para Gê.

— Você é meu marido, não meu mestre.

— Correto, milady — ele disse. — Você sempre vai conseguir as coisas como quiser. Exceto pela presente situação. E em qualquer outra na qual sua vida possa correr perigo.

— Gifford Dudley, você não pode decidir quando é que a minha vida vai estar ou não em risco.

Gê abaixou a cabeça em uma mesura.

— Mas é claro, Jane. E, no futuro, definitivamente vou manter isso em mente. Mas não esta noite.

— Você não tem como me impedir. — Jane apertou os lábios em uma linha bem fina.

Os olhos dele vagaram para uma gaiola de pássaros vazia no canto do recinto.

— Eu nunca pensaria em fazê-lo. A não ser esta noite, quando vou fazer tudo o que for necessário para impedi-la, mesmo que isso signifique trancá-la numa gaiola.

— Ah, você não se atreveria!

— Nem mesmo se uma centena de touros dos Cárpatos ameaçassem me pisotear. A não ser, claro, esta noite, quando terei de trancá-la na gaiola a não ser que prometa não vir conosco.

Jane perdeu o ar ante a audácia dele.

— Você não pode me tratar assim! Nem vai conseguir me pegar!
— ela disse com tanta força que o ar em volta deles tremeu. Com o

clarão de costume, ela virou furão, mas Gê já estava pronto para atacar. Antes que ela pudesse se sacudir um pouco para sair da névoa desorientadora da transformação, ele já tinha agarrado seu pelo.

— Eu jamais te trataria dessa maneira — ele sussurrou no ouvido dela. — A não ser esta noite.

Então colocou o furão esperneante dentro da gaiola e a trancou.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Gracie perguntou. Ela e Bess tinham ficado quietas até então, mas pareciam tensas.

— Tenho certeza — Gê disse, e tinha mesmo. — Quero que vocês me prometam que não vão deixá-la sair. Que vão protegê-la.

A princesa fez que sim e se sentou em uma cadeira ao lado da gaiola.

— Pelo jeito, desta vez realmente vamos ficar para trás e tomar conta de Jane. Eu faria alguma objeção, mas a verdade é que não faço ideia de como poderia ser útil em uma caça ao urso.

— Não vou deixar ela sair — Gracie concordou. — Mas ela vai te assassinar mais tarde, eu acho. Ela se sentou na borda da cama.

— Esperem. Tanto a Bess quanto a Gracie vão ficar para trás? — Eduardo parecia estupefato. — Por que a Gracie não vem conosco? Ela teria serventia.

— Não confio na Alcateia — ela respondeu. — E especialmente no Archer. Melhor eu ficar aqui caso ele resolva fazer alguma estripulia enquanto vocês estão longe. Fique de olho nele. E a Bess fica com Jane para se assegurar de que ela não vai *furânizar* de algum jeito para fora da gaiola.

— Agora dá para usar “furão” como verbo também? — Gê perguntou.

— Acho que eu acabei de fazer isso. — Gracie deu de ombros.

As sobrelhas de Eduardo estavam enrugadas.

— Senhor? — Gê perguntou. — O senhor está com algum problema?

— Não, não. Tudo bem. Com a Gracie. Ficando para trás. Com a Alcateia. E com o... Archer. Tudo ótimo.

— Certo — Gê disse bem devagar. Desembainhou sua espada. — Estamos de partida, então?

— Sem hesitar — Eduardo respondeu.

E aí, por alguns momentos, eles hesitaram. Depois partiram.



Eram somente Gê e o rei, agora, sozinhos nessa empreitada. À medida que avançavam pela estrada de terra, Gê não conseguia afastar a lembrança que o vinha incomodando lá no fundo da mente desde que chegaram a Helmsley. Tratava-se da imagem de sua esposa, semiconsciente, tirando-o do caminho para chegar a Eduardo. Tudo bem, ela acreditava que o primo estava morto e deve mesmo ter sido um choque, positivo, vê-lo ainda vivo.

E ainda assim o pensamento incômodo... bem... incomodava.

Gê se lembrou do quanto estivera perto de perdê-la. De como ela tinha ficado sem forças. De quanto sangue ela perdera. Foi somente quando os olhos dela falsearam para se abrir de novo que Gê percebeu o quanto Jane significava em seu coração.

Mas então ela só faltou empurrá-lo para longe quando viu Eduardo. No fim, ficou parecendo mesmo que a pessoa mais importante para ela, aquela que ela mais queria abraçar depois de encarar a morte, era Eduardo. Seu mais querido e amado amigo — não foi mais ou menos assim que ela escreveu naquela carta?

Talvez caçar um urso lendário seria uma distração bem-vinda desses pensamentos que, ele tinha certeza, eram irracionais. Afinal, Jane nunca tinha dito abertamente que estava apaixonada por Eduardo, e ela era bem do tipo que falaria com ele a respeito do que sentia. E Gifford sabia que Jane pelo menos gostava dele — sabia de verdade. Ela sorria para ele. Sempre o abraçava depois das transformações. Tinha tentado traduzir seus pensamentos de cavalo para os outros.

Mas ela tinha assinado a carta para Eduardo dizendo “com todo o meu amor”.

Bom, certo. Caçar um urso. Tudo bem. Ali estavam eles.

Mas o tal pensamento incômodo ainda incomodava. E é claro que ele estava feliz pelo fato de o querido primo dela estar vivo, mas aquilo também era meio preocupante. Afinal, Gê se lembrava da conversa que tivera com Eduardo antes do casamento, aquela

quando ele dissera algo como “Magoie minha prima e eu te mato, mesmo que eu esteja morto”. Sabia que Eduardo amava Jane, e talvez fosse de um jeito maior do que apenas como primos. Talvez apenas tivesse arranjado a união dela com Gê porque estava morrendo, mas, agora que não estava mais, talvez ele se arrependesse do casamento, e talvez Jane estivesse pensando a mesma coisa.

Ah, Deus... Era muito “talvez” junto. Talvez ele devesse se focar na história de matar o urso gigante.

Mas então Gê quis perguntar a Eduardo sobre como ele se sentia em relação a Jane, e, mais especificamente, o que eles dois faziam enquanto Gê era cavalo e ficavam a sós como humanos.

Gê não gostava de pensar nas longas horas que os dois passavam juntos enquanto ele era cavalo. Mas de fato estava casado com Jane, e fez questão de se lembrar disso. Não apenas disso, mas também de que falcões eram aves de rapina e não hesitariam em comer um furão da mesma forma como fariam com um esquilo. Pronto. Gê era o marido, e Eduardo poderia devorá-la. Aquelas eram duas razões bem boas pelas quais Jane deveria mesmo ficar com Gê. E o cabelo! Gê nem podia acreditar que tinha esquecido de mencionar sua cabeleira farta e bela, que deixava para trás qualquer rabinho de cavalo miserável da maioria dos outros homens do reino. Inclusive o do rei.

Então era isso, ele era o marido dela, Eduardo poderia devorá-la e o cabelo de Gê não tinha comparação. Ele suspirou. Nada daquilo poderia competir de verdade com o Rei da Inglaterra.

Então, em vez de perguntar a Eduardo a respeito de suas dúvidas, ele perguntou:

— A Jane contou ao senhor tudo o que sabe a respeito de ursos?

— Sim — o rei respondeu. — Não aja como comida, inexplicavelmente dobre seu peso e sua altura aparentes e se finja de morto a não ser que isso não funcione.

— Então ela não mencionou, por acaso, uma forma efetiva de matar a fera?

— Não — Eduardo respondeu. — As informações que ela tinha foram mais pelo lado inútil.

Continuaram viajando em silêncio por mais um tempo, até que...

— Meu senhor, o senhor ama a Jane? — Gê não queria simplesmente vomitar aquelas palavras daquele jeito, mas foi o que fez.

— Sim, claro que amo. Ela é minha família.

— Mas creio que o senhor, Majestade, eu acho, a ama *ama* de verdade, não?

Eduardo não contestou, mas ficou com uma expressão meio confusa, possivelmente pelo modo como Gê tinha elaborado a frase.

Gê deixou o restante dos pensamentos saírem desabalados:

— E sei que o senhor arranjou nosso casamento em um momento no qual achava que ia morrer, mas agora que sabe que não vai morrer, se o senhor a quiser para si mesmo, eu vou me afastar e sair de cena. Tomarei a atitude mais honrada. — A voz dele falhou de um jeito um tanto ou quanto embaraçoso ao dizer as últimas palavras.

— Gifford — o rei disse.

— Por favor, me chame de Gê.

O rei o ignorou.

— Sua esposa o ama.

Gê olhou surpreso para o rei.

— Ama de verdade. Ela deixa para você suas maçãs preferidas no estábulo, mesmo que precise caminhar mais de um quilômetro para apanhá-las. Ela escova sua crina, e é bem meticulosa quando tira os carrapichos do seu pelo.

— Mas isso tudo é só o óbvio na manutenção de um cavalo. — Gê abaixou o olhar. — Ela não quis que eu fosse rei ao lado dela. Não quis que eu governasse com ela.

— Isso foi quando ela não sabia em quem confiar. Acredite em mim, Gifford, a Jane te ama.

Gê ficou em silêncio por um momento, querendo que fosse verdade.

— Ou pelo menos amava, até você prendê-la em uma gaiola.

Pois é, ainda tinha isso. Eduardo também ficou quieto por um momento e depois soltou um suspiro. Gê pensou que ele estivesse prestes a confessar alguma coisa. Como, por exemplo, que muito

embora Jane amasse Gê (ou pelo menos era o que Eduardo alegava), isso seria um problema porque o rei estava apaixonado por Jane também, e agora seria o dever de Gê como cidadão inglês desistir dela. Pelo bem da nação.

— O que você achou da Gracie? — Eduardo perguntou ao mesmo tempo em que Gê deixou escapar um “Você não vai tê-la!”.

— Espera... quem? — Gê se embolou todo.

— Gracie.

— Ah. Gostei dela.

Eduardo apertou os lábios e fez que sim.

— E aquela coisa toda com o Thomas Archer... Você acha que ainda tem algo entre eles?

— A Jane disse que a Gracie não abriria mão da faca.

— Não, digo, romanticamente.

— Ah, romanticamente. Bom... A Jane mencionou que o Archer é ex-namorado da Gracie, então suponho que houve mesmo algo entre eles.

Os ombros de Eduardo despencaram.

Gê continuou:

— Agora, se a questão é se ainda existe algo, aí eu já não sei. Mas eu não estava dentro da taberna quando eles estavam juntos lá.

— Eu queria saber o que falar para ela. — Eduardo suspirou. — Toda vez que eu penso em confessar o que sinto, acabo parecendo meio bobo.

Gê literalmente suspirou de alívio. Glória aos céus — Eduardo gostava era de Gracie! Claro que gostava! Gracie era mesmo cativante, se você gostava daquele tipo de beleza. Gê preferia ruivas, é claro. Olhos castanhos cálidos. Pele macia. Intelectual. Cheia de opiniões. Mas Gracie era mesmo adorável; sim, isso ele tinha como admitir.

Gê queria cantar de tão feliz que estava. E sabia exatamente o que Eduardo queria dizer quanto a parecer bobo.

— Sim, o amor enxerga não com os olhos, mas com a mente, e é por isso que o Cupido é sempre cego quando retratado artisticamente.

— O quê? — Eduardo disse sem entender, olhando para ele em dúvida.

— Quis dizer que o caminho do amor verdadeiro nunca é livre de obstáculos — Gê esclareceu. Era uma boa frase, pensou. Teria de escrever aquilo mais tarde.

— Isso é de alguma peça? — Eduardo perguntou.

— Não, é... hã... só um... pensamento que eu tive.

— Ah. Hum... Você é meio poeta, não é? — o rei quis saber.

— Eu me arrisco nisso às vezes. — Gê sentiu um calor nas faces.

— Gosto de poesia — disse o rei. — E de peças. Costumava encenar uns teatrinhos no palácio. Se sobrevivermos a isso e eu retomar minha coroa, e se houver tempo, gostaria de abrir eu mesmo um teatro algum dia.

— Se sobrevivermos a isto, acredito que o senhor faria muito bem — Gê concordou.

Ambos seguraram com mais firmeza suas espadas e tossiram disfarçadamente de um jeito másculo para dar ao outro a impressão de que não tinham medo de nenhum urso velho.

— Você conhece algum poema sobre coragem? — Eduardo perguntou após um momento.

Gê não conhecia. Tentou elaborar alguma coisa ali na hora.

— Hã... Covardes morrem muitas vezes antes de morrerem de fato — ele arriscou. — Os valentes nunca provam da morte, a não ser uma vez. Prenda sua coragem em um lugar onde ela fique firme, e não falharemos.

— “Um lugar onde ela fique firme”, é?

— É o melhor que pude fazer assim de improviso. — Gê deu de ombros.

— É, ficou bom — Eduardo comentou. — Você deveria escrever isso.



O mapa que Archer tinha feito para eles era fácil de seguir, e a jornada seria curta, mas Gê não conseguiu descobrir se era curta mesmo ou se apenas parecia mais curta porque ele estava morrendo de medo de matar o tal urso gigante. Tinham levado

armas de todos os tipos: espadas largas, machados de batalha, uma maça. Jane até tinha preparado uma poção que, segundo dissera a Eduardo, faria os olhos do urso arderem.

O mapa não levava a um local específico, apenas a um vale perto de Rhyl onde o urso era visto com mais frequência. Claro que aquela informação era toda baseada em rumores e histórias. À medida que se aproximaram, Gê começou a desejar que tais rumores estivessem errados, mas logo percebeu que não estavam, porque o chão estava repleto de cocô de urso. Gê sabia bem o que era, porque o único outro animal naquela parte do mundo capaz de produzir aquela quantidade era um cavalo, e Gê sabia que aqueles resíduos não eram de cavalo porque, bem, ele era meio que um expert nisso.

— Estamos chegando — ele disse ao rei.

— Você se lembra bem do plano? — Eduardo perguntou.

Gê fez que sim. Os dois fizeram seu caminho em meio às árvores e arbustos até que Eduardo parou subitamente. E em seguida Gê também.

E então Eduardo disse:

— Acho que vamos precisar de uma espada maior.

A fera era gigantesca. Era uma daquelas situações nas quais as palavras simplesmente não eram adequadas o suficiente para descrever a circunferência do urso. A coisa estava comendo frutas de uma árvore e, para consegui-las, nem precisava ficar de pé sobre as patas traseiras. E ele não apenas comia as frutas; comia também as folhas e o próprio galho, porque sua boca era tão grande que ele conseguia fazê-lo sem esforço.

O chão pareceu tremer quando ele se aproximou da árvore seguinte.

Gê se virou para Eduardo e fez uma mesura.

— Foi um prazer, senhor, mas é aqui que nossos caminhos devem divergir. — Ele estava brincando, mas só em parte.

— E aquela conversa toda de coragem?

— Pura ficção, Majestade.

Eduardo suspirou.

— Deixe de brincadeira. Vamos nos ater ao plano.

— Que tal dar a ele uma chance de se render?

— Calado. — Eduardo soltou um grito de guerra. O urso se virou, rugiu tão alto que Gê pensou que seus tímpanos iam se romper e partiu para cima do rei, que saiu correndo em meio à floresta.

Gê ficou sozinho. Expirou de uma vez e subiu em uma árvore. Porque aquele era o plano. Minutos depois, ou talvez tivessem sido segundos, ou talvez horas, Eduardo chegou correndo de volta e gritou:

— Gifford! Se apronta!

Gê acendeu a tocha que vinha segurando. O urso estava perseguindo Eduardo, mas então passou a perseguir a luz e bateu as patas da frente na árvore, o que deu a Gê um ângulo perfeito para jogar a tinta de Jane nos olhos do bicho.

O urso soltou um grunhido horrível e um urro, e depois, com um gemido, afastou as patas do tronco. Agora era a hora de Eduardo chegar para terminar o serviço, a não ser pelo fato de que o urso começou a correr em círculos, frenético, sempre rugindo. E então, com a força de um aríete de exército, colidiu com uma árvore.

A árvore de Gê. Ele caiu lá de cima. O impacto foi amortecido quando ele despencou sobre as costas do urso, algo que Gê teria celebrado se não fosse pelo fato de que tinha acabado de cair em cima do maior urso do mundo.

Por sorte, o impacto com a árvore tinha deixado o bicho tonto, e Gê teve tempo de clarear o pensamento e sair de cima dele. Onde estava Eduardo com sua espada? Aliás, é claro que agora estava tudo escuro, porque a tocha de Gê tinha se apagado ao cair da árvore, e Eduardo não podia correr o risco de atravessar o urso e Gê ao mesmo tempo.

— Gifford? — Eduardo chamou.

O som pareceu atizar a fera. Gê pensou rápido. Não tinha nenhuma arma consigo (porque supostamente ele ia apenas assistir lá do alto enquanto Eduardo mataria o urso) e não conseguiria lá muito bem matar um urso gigante com as mãos nuas, então fez a única coisa que podia: se fingiu de morto e agiu como se não fosse comida.

— Estou morto, senhor — Gê disse. Não saberia dizer a razão pela qual não falou com mais exatidão um “Estou me fingindo de morto”, já que o urso muito provavelmente não entendia linguagem de gente. Aliás, não teria dito nada, mas queria que Eduardo soubesse que ele estaria no chão, e aí o rei poderia mirar a espada em qualquer ponto do urso e não no chão. Não houve resposta.

Gifford tentou pensar no que sua lady tinha dito para fazer em tal situação, mas então já estava pensando apenas na lady e naquela pequena mostra de pele e na possibilidade de ela o amar de verdade e na possibilidade de que ele talvez nunca mais fosse vê-la, o que o levou a pensar no urso outra vez.

Gê fechou os olhos e tentou acalmar sua respiração ofegante. O urso rugiu e ganiu, e farejou e bateu as patas no chão — e então acertou uma pata em Gê. O melhor que ele podia fazer era não se mexer. Nem gritar. Onde estaria Eduardo? Teria deixado Gê ali para morrer?

O urso cheirou a perna de Gê. Gê tentou fazer sua perna parecer menos com comida. O urso cutucou o ombro dele, e empurrou mais uma vez tentando virá-lo. Gê não tinha certeza se colaborar com o bicho o faria parecer mais ou menos morto. Mas é bem verdade que se ele estivesse morto de verdade, não iria lutar contra a possibilidade de ser revirado daquela forma.

Então, quando o urso empurrou de novo, Gê virou de barriga para baixo.

O urso o cutucou mais uma vez, nas costas, e então fez uma coisa que deixou o sangue de Gê completamente gelado: cheirou sua nuca e deu uma lambida.

Lamber significa comer, Gê pensou. *Lamber significa comer!*

Jane o tinha instruído a se fingir de morto, a não ser que o urso estivesse prestes a devorá-lo, mas não tinha deixado claro como sair de tal posição vulnerável. O urso lambeu de novo a nuca de Gê, que ficou a postos para tentar se levantar o mais rápido que pudesse e correr até a morte, mas então subitamente o urso virou a cabeça, soltou um rugido altíssimo e desabou em cima de Gê.

E tão subitamente quanto a queda, Gê percebeu que provavelmente morreria não por uma mordida de urso, mas

sufocado pelo peso dele. Quando sua lady recebesse a notícia, ele esperava que o rei tivesse a decência de dizer que tinha sido por uma mordida. E não porque o urso essencialmente se deitara nele.

Sentiu uma mão agarrando a dele, e lá estava Eduardo o puxando de debaixo do urso morto, que em nenhum momento agiu de maneira diferente do que se esperaria de um urso — ou seja, o Grande Urso Branco de Rhyl definitivamente não era um eðiano. E isso deu a Gê algum conforto.

— Usei a espada mais larga e atravessei o pescoço do urso. Isso deu conta do recado.

— Maravilha — Gê disse. — Mas nunca se esqueça de que eu o enfraqueci antes quando caí em cima dele.

— Tem razão — Eduardo disse com toda a boa-fé.

Ambos ficaram de pé, um ao lado do outro, arfando por um tempo.

— Sabe, meu senhor, com o senhor como rei, e agora também um lendário matador de ursos, acredito que poderá cortejar qualquer mulher que deseje.

— E sua esposa vai se apaixonar por você de novo.

— Se ela algum dia me perdoar por colocá-la numa gaiola...

Eduardo não respondeu. Então, algo ocorreu a ele.

— Ai, caramba. Agora não tenho mais nada a fazer a não ser falar com o Rei da França.

— Eu nunca estive na França — Gê comentou —, mas adoro queijo.

— Eu também adoro queijo — Eduardo concordou, como se ambos tivessem acabado de descobrir mais uma coisa que tinham em comum.



O sol nasceu durante a viagem de volta, o que significa que Gê retornou ao Shaggy Dog na forma de cavalo. Gracie, Bess e Jane estavam na entrada da taberna esperando, muito embora a expressão de Jane tenha rapidamente ido do alívio à raiva. Lançou um olhar fulminante para Gê. Não falou uma palavra, mas seus olhos semicerrados disseram tudo.

Ele teve uma repentina vontade de voltar a enfrentar o urso em vez daquilo.

Ela inspirou profundamente e se virou para Eduardo, sua expressão se amenizando quando ela tocou um arranhão em seu rosto.

— Meu querido primo, você está ferido.

— É só um cortezinho superficial. — Eduardo sorriu.

— Venha. Vou cuidar disso pessoalmente.

Gê soltou uma baforada e jogou a cabeça para trás.

Jane levantou as sobrancelhas.

— E você também.

Ele timidamente cutucou o ombro dela com o focinho. Ela pareceu não se abalar.

— Preferiria encarar mil touros dos Cárpatos a ter de bani-lo da taberna. — Ela fechou a cara. — A não ser neste momento. — E apontou para a floresta. — Já para o seu quarto.

Seria uma viagem um tanto ou quanto desconfortável até a França.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— ♠ —

Eduardo

Levaram quatro dias para chegar até Paris. E agora Gracie estava até usando vestido.

— O que você está olhando? — ela perguntou quando pegou Eduardo babando ante a novidade.

— Você — ele respondeu. — Você é uma menina agora. Digo, uma mulher. Estou bobo com essa transformação.

— Eu sei me arrumar bem, quando a ocasião exige. — Ela puxou para cima o corpete sobre o vestido de modo a cobrir melhor o decote. — Mas realmente acho que não casa bem comigo.

O vestido era de veludo cinza, bem estreitado na cintura e expondo o colo do peito — um lado dela que Eduardo nunca vira antes e que fez os olhos do rapaz vaguearem até lugares onde não deveriam ir. Ela estava linda, mas tinha razão: roupas finas não casavam muito bem com o jeito dela. O vestido de alguma forma parecia diminuí-la, empurrando-a e apertando-a e engolindo-a em metros e mais metros de tecido.

— Obrigado por fazer isso — ele murmurou.

— Por nada. — Ela levou a mão até o cabelo, toda preocupada em conferir se os grampos estavam todos no lugar. — Mas, de verdade, não tenho a menor ideia de como posso ser de alguma ajuda nesse encontro com o Rei da França.

— Não exatamente com o rei — Eduardo explicou. — Você vai ser de ajuda com a Maria da Escócia, que vive com o Rei da França.

Ele não pôde evitar o arrepio que sentiu quando falou aquele nome.

Gracie levantou as sobrancelhas, surpresa.

— Por quê? Porque somos ambas escocesas?

— Porque ela me odeia, e preciso que ela goste um pouco mais de mim. Acho que se tem alguém no mundo que pode fazê-la gostar mais de mim, Gracie, esse alguém é você. Primeiro, sim, por ser escocesa. Mas também porque você é você.

O rosto dela corou de leve. Ela fez um gesto de que tinha entendido.

— Mas então ela te odeia. Por quê?

— Porque era para ela ter sido minha esposa.

— O quê? — Gracie exclamou. — Quando foi isso?

— Quando eu tinha 3 anos de idade.

Sim, pois é. Eduardo era apenas um rapazinho de 3 jovens anos quando seu pai o prometeu a Maria, que também era um bebê à época, mas já rainha, uma vez que seu pai tinha morrido quando ela completou seis dias de vida. Aquele casamento teria unificado a Inglaterra e a Escócia de vez, segundo a linha de raciocínio do rei-leão. Henrique até queria que Maria fosse morar com eles no palácio real, para que ele estivesse sempre de olho em sua criação e para ensiná-la a pensar como uma perfeita mulher inglesa.

Os guardiões legais de Maria, no entanto, tinham outras ideias. Assinaram um tratado aprovando a união, mas não o honraram. Então, bem mais tarde, quando o Rei Henrique recebeu a notícia de que tinham aceitado outra oferta de casamento — vinda do então Rei da França — que a colocava ao lado do Delfim da França, Francis, o monarca inglês devorou o mensageiro imediatamente e permaneceu como um leão de estrondosos rugidos durante dias. E aí eles invadiram a Escócia.

Por anos, os soldados de Henrique perseguiram a jovem rainha de um lugar a outro por toda a área rural da Escócia, mas nunca conseguiram capturá-la. Acreditou-se então que a magia eðiana a tinha ajudado. Ela tinha o hábito de desaparecer como fumaça mesmo dos lugares mais apertados. E então Henrique, que geralmente era mais tolerante com relação a eðianos, uma vez que ele próprio provara ser um, puniu os eðianos escoceses por darem abrigo a ela. Segundo Eduardo concluía, essa foi muito provavelmente a razão pela qual a chácara da família de Gracie fora

queimada — porque o pai dele tinha se enfurecido com uma menininha.

O povo apelidou aquela situação de Cortejo Brutal — com ênfase no “brutal”.

Eduardo era só uma criança durante aquela época, mas se lembrava de que as pessoas lhe contavam o tempo todo que se casaria com uma rainha, e também se lembrava de ficar olhando para um retrato de Maria da Escócia que ficava em um dos salões do palácio. A menina não devia ter mais do que uns 4 anos quando aquela pintura foi encomendada, mas já sabia posar como uma rainha. Ela acusava Eduardo com seus olhos negros. “Eu o desprezo”, o quadro parecia dizer. “Sempre vou te odiar. É melhor você rezar para nunca nos casarmos. Vou fazer da sua vida um pesadelo.”

Aquele foi o único alívio que Eduardo sentiu quando seu pai morreu: ele não precisaria mais perseguir Maria da Escócia, que passou à custódia do rei francês e sua família no Palácio do Louvre, onde passara a morar desde então.

Eduardo e Maria se encontraram uma vez algum tempo depois. Ele estava em Paris para elaborar um tratado de paz com o rei francês. Maria tinha então 8 anos. Foi apresentada a ele como “a prometida de Francis, o Delfim da França” (um termo que Eduardo sempre achou estranho, porque um delfim é na verdade um outro nome para um golfinho e não parece uma palavra adequada para descrever um príncipe). Maria fez uma mesura. Eduardo fez outra mesura. E ela o encarou com ódio, de forma tão vingativa quanto ele via no tal quadro. Ele tentou apaziguar a situação fazendo um elogio aos sapatos que ela estava usando.

Ela respondeu pisando no pé dele. Bem forte.

Foi mandada de pronto para seu quarto, de castigo, porque jovens ladies nunca deveriam atacar reis, mas Eduardo nem se importou. Ficou felicíssimo, na verdade, com a ideia de que nunca seria forçado a falar com ela e talvez nunca mais fosse vê-la de novo. Nunca mais mesmo.

Mas agora, ali estava ele, de volta ao Palácio do Louvre, prestes a fazer um pedido ao rei, e é claro que seria inteligente da parte dele

conseguir o apoio da Escócia para sua causa. Pelo menos era o que Bess dissera, e Eduardo sempre acreditava no que Bess dizia.

Mas nada disso ele se viu na obrigação de explicar a Gracie, claro.

— Apenas converse com ela, se você tiver oportunidade — ele disse. — Não precisa ficar me elogiando. Só diga o que você sabe da minha situação. Veja se ela se mostra amigável à possibilidade de nos ajudar, seja lá o que ela puder fazer, o que deve ser pouco, na verdade, não dessa distância toda, porque ela é só uma mocinha e...

— Tá certo — Gracie respondeu, levantando a mão. — Eu falo com ela.

— Obrigado. — Ela devia a ele pelo menos aquilo, ele pensou, depois de todo o esforço que fizera para ela manter sua preciosa faca bonita.

Ouviram-se uma batida discreta na porta, e Jane e Bess entraram, ambas com a aparência meio cansada depois das atividades daquela semana com a Alcateia, o urso e a recente travessia extremamente secreta do Canal da Mancha. Jane, em especial, parecia exausta, como se não tivesse dormido.

— Eduardo — ela disse ao primo. — Você está com um visual mais adequado a um rei novamente.

Sim, ele estava de novo com aquelas roupas coladas, calças cor de abóbora com enfeites em ouro, uma camisa de seda creme e dourada com brocados e mangas bufantes e, por cima de tudo, um manto de veludo forrado com pele. Tinha se esquecido do quanto eram pesadas aquelas camadas de roupa, já que vinha se vestindo como um camponês nas últimas semanas. Sentia aquele peso como uma manifestação física de tudo pelo qual ele era responsável e que parecia querer jogá-lo no chão.

— E as senhoritas também estão esplêndidas — ele respondeu, olhando para Gracie, Jane, Bess e de volta para Gracie.

Jane parou na frente dele e afofou a pele nas dobras do manto.

— Espero que não seja de furão.

— É de um arminho com manchas brancas — ele respondeu. — Muito embora eu acredite que seria melhor eu parar de usar peles

quando essa história toda tiver acabado. Acharia odioso acabar usando a pele de algum ediano por acidente.

— Eu acho o mesmo — ela disse.

— Como está Gifford? — Eduardo perguntou, subitamente sentindo a ausência do jovem lorde. Se Jane era como uma irmã para ele, então talvez Gifford fosse como um irmão agora. Era seu amigo. Nada fazia mais forte um laço de amizade do que olhar juntos para as mandíbulas da morte, ele concluiu. — Ele ainda está dormindo na sala por ter te prendido na gaiola?

— Está no estábulo — Jane disse secamente.

— Não precisa puni-lo por tempo demais, Janey — Eduardo intercedeu em favor de Gifford. — Ele só fez aquilo para te manter longe do perigo.

— Mas aí é que está o problema. — Ela se sentou com um suspiro em uma das poltronas do salão onde estavam. — Não sei como falar com ele a respeito disso. Toda vez que eu tento, sinto que estou dizendo alguma coisa azeda e estridente e idiota. O que não tem nada a ver comigo.

Eduardo segurou um sorriso.

— Bom, seja como for, estou feliz de ter vocês do meu lado — ele disse. — Eu preferiria ter de encarar outro urso mítico gigante, eu acho, a ter de estar nessa reunião.

Gracie pareceu surpresa.

— Mas isso não vai ser nada, não é, depois de todos os problemas que você já teve? Tudo o que tem de fazer é conversar com o homem.

— Eu tenho de ser o Rei da Inglaterra — ele disse, passando a mão na nuca. — Tenho de conversar com ele de um rei para o outro. — Era uma tarefa que o amedrontava, de algumas formas, ainda mais do que encarar qualquer fera.

— Você é o rei — disse Bess com muita calma. — É simples assim, Eduardo. Seja você mesmo.

— Então o Rei da França também se chama Henrique. Isso não vai ser muito confuso, vai? — Gracie mais uma vez brincava com a gola do vestido.

— Bom, é mais fácil lembrar o nome desse rei — Eduardo comentou. — Ele é o Rei Henrique e a esposa dele é a Rainha Catarina. Como meu pai sem todas as esposas extras.

A porta se abriu e um criado vestido de maneira muito opulenta entrou e se curvou perante Eduardo.

— Sua Majestade o receberá agora, Majestade.

— Nossa, nem um pouquinho confuso... — Gracie balbuciou. Se virou para o criado: — Será que você me arranjará uma audiência com a Rainha Maria? Sou escocesa, como você pode ver, e tenho algumas notícias para ela lá da nossa terra. Nada de importante, é claro, mas creio que ela gostaria de ouvir.

O criado pareceu meio incomodado com a natureza informal do pedido.

— Verei com a rainha se ela está recebendo visitantes agora — ele respondeu. — Por favor, espere aqui.

Jane ficou na ponta dos pés para dar um beijo no rosto de Eduardo.

— Boa sorte, primo.

Gracie fechou um pouquinho a cara, ele percebeu. Eduardo se deliciou com a ideia de que ela podia estar com ciúmes do gesto de Jane. E também sabia reconhecer uma boa oportunidade quando estava diante de uma.

Virou-se para Gracie.

— E eu não vou ganhar um beijo de boa sorte de você também? Vou precisar de toda a sorte que vocês puderem me desejar.

Os olhos verdes se estreitaram ao olhar para ele.

— Acho que eu não tenho lá uma sorte muito boa.

— Bom, você me dá sorte.

— Ah, tá bom. — Os lábios dela apenas roçaram muito de leve o rosto dele. — Boa sorte, meu senhor.

— Majestade? — o criado prosseguiu.

Estava na hora. Ele tentou não ficar pensando demais em como aquele encontro iria definitivamente ajudá-los ou arruiná-los. Precisavam de soldados. E de navios. E de aço. Sem a ajuda do rei francês, não teriam esperança de derrotar Maria. Tudo dependia daquele encontro. Das palavras que ele diria ali. Seus joelhos

estavam bambos, ele percebeu por acaso. Nem mesmo um beijo de Gracie tinha sido suficiente para acalmar seus nervos.

— Lembre-se do que conversamos — Bess disse a ele enquanto passavam pela porta.

Ele fez que sim.

— Mantenha aquilo em mente e você vai ficar bem — ela disse.

— Se atenha ao plano. Jogue com as fraquezas do rei e com as suas próprias qualidades.

— Vou dar o meu melhor — Eduardo disse. Era tudo o que ele podia fazer.



O Rei da França não era em nada parecido com o pai de Eduardo. Esse Henrique era um homem tranquilo e razoável, com uma barba bem aparada e que gostava de usar peles brancas e sapatos elevados que o deixavam mais alto. Gostava de cachorros, mas não era um eðiano nem um apoiador da causa. Ao contrário, era bem sincero ao falar de como considerava de mau gosto aquelas pessoas que se transformavam em animais, como se aquilo fosse uma questão de comportamento rude. Isso deixava Eduardo em situação meio delicada, dadas as circunstâncias.

Mesmo assim, o Rei Henrique estava se mostrando simpático ao apelo de Eduardo. Queria ouvir toda a história de como ele havia perdido o trono, como se fosse uma bela fofoca de rei para rei.

— Então essa Maria, sua própria irmã, tomou parte no plano de te envenenar? — o rei perguntou horrorizado quando Eduardo chegou nessa parte da história.

— Ela pôs o garfo nos meus lábios — Eduardo respondeu. — Mas eu não aceitei.

— Quanta cara de pau — exclamou o Rei Henrique. — Essa mulher tentando assassinar o rei, nada menos que seu próprio irmão. Que audácia. E como foi que o senhor escapou?

Eduardo respirou fundo.

“Seja você mesmo”, era o que Bess tinha aconselhado. Mas o que ela realmente quis dizer foi: “Seja você mesmo a não ser que se veja em uma situação em que acabe virando um pássaro, e, nesse

caso, não faça isso; nunca admita isso, jamais. Seja um verídico respeitável, por favor”.

— Um de meus servos me escondeu — ele mentiu ligeiramente. — Em uma carrocinha de feno. Foi uma experiência horrível.

— Ha! — O rei pareceu se divertir um bocado com essa parte. — Uma carrocinha de feno. Imagine só.

Ele riu e os membros da corte riram com ele.

— Então, o senhor veja — Eduardo continuou delicadamente quando a risada cessou. — Se deixarmos minha irmã se sentar no trono de maneira tão abusiva, isso vai passar uma mensagem perigosa ao resto do mundo: a de que qualquer mulherzinha ambiciosa e ardilosa com sangue real pode brigar pela coroa e decidir simplesmente tomá-la, mesmo que seja das mãos de um rei por direito e em plenas condições de governar. E então rainhas vão começar a aparecer por toda a Europa como coelhos em um jardim. Será o caos.

Ele tentou soar extremamente confiante ao dizer aquilo. A própria Bess o instruíra a falar sobre essa questão do terrível precedente que Maria estabelecia e, então, da terrível “anarquia das mulheres”. Mas, por algum motivo, Eduardo se sentiu desconfortável quando usou aquelas palavras, especialmente com Jane e Bess de pé logo atrás dele, duas mulheres que ele tinha na mais alta consideração.

O Rei Henrique se inclinou para a frente em seu trono.

— Bem, isso faz sentido. Sim, elas estão sempre tentando conseguir alguma coisa, não estão? — Lançou um rápido olhar acusatório para a Rainha Catarina ao seu lado. Ela era uma notória participante de planos obscuros, segundo Eduardo ouvira de Bess, e o rei francês frequentemente se preocupava com a possibilidade de sua própria esposa um dia vir a representar seu fim, de modo que o filho dos dois herdaria o trono e ela governaria como regente.

— Sim, elas costumam ter ambições muito maiores do que a posição que lhes caberia — Eduardo concordou. — E o senhor e eu sabemos bem que é um cargo para um homem, e não para uma mulher, esse de governar um país. Mulheres não são aptas a tanto.

— Mas o senhor passou seu trono a uma mulher, não passou? — o Rei Henrique perguntou, gesticulando para Jane.

Fez-se silêncio na corte. Eduardo olhou bem para a prima. Os olhos dela estavam fechados e seus lábios se moviam como se ela estivesse contando a partir de dez de trás para a frente.

Eduardo rapidamente se virou para o rei.

— Meu desejo era o de que a coroa passasse aos herdeiros varões de minha prima — explicou. — Naturalmente. É claro que jamais considereei Jane como uma rainha por seus próprios méritos.

Ah, ela certamente iria enfiar uma faca nas costas dele enquanto ele estivesse dormindo, depois daquela. Pelo menos estava se mantendo piedosamente quieta. Só naquela hora.

Eduardo limpou a garganta.

— Mas infelizmente fiquei tão doente tão rápido que não houve tempo para a Jane produzir esse herdeiro. Na ausência de um rapaz que pudesse herdar o trono, Dudley me persuadiu a alterar a linha sucessória para fazer da Jane a rainha, e então seria seguida por seu filho, é claro. É uma decisão da qual me arrependo, mas não tinha muita escolha naquele momento.

— Hmmm. Bem, isso não importa — o rei disse pensativo. — Se tivessem conseguido envenená-lo sem essa revisão na linha de sucessão, a Maria ainda teria tomado seu trono, não teria?

— Correto, senhor. — Eduardo levantou as mãos espalmadas para cima, como que dizendo “O que mais um cara como eu poderia ter feito?”.

— E então o senhor veio aqui pedir minha ajuda — o Rei Henrique disse com um brilho nos olhos, como se Eduardo estivesse ajoelhado à sua frente em súplica.

Eduardo não se ajoelharia coisa nenhuma, é claro. Endireitou as costas.

— Não podemos deixar que a Maria se safie com tal traição — disse, olhando nos olhos do rei. — Tenho alguns navios e exércitos à minha disposição, é claro, mas a Maria precisa de uma boa surra. Pensei que talvez o senhor quisesse estar ao meu lado nessa disputa. Podemos enviar uma mensagem diferente ao mundo: a de que um rei legítimo não pode ser intimidado por uma mulher ardilosa de meia-idade com delírios de grandeza. Somos homens. Somos reis. Não vamos ceder em nenhuma das duas coisas.

A Rainha Catarina o fulminava com o olhar, mas Eduardo se forçou a se concentrar apenas no rei. E o rei estava se sentindo generoso naquele dia.

— Muito bem — Henrique disse após uma longa e dramática pausa. — O senhor terá navios franceses à sua disposição, assim como soldados franceses, tantos quanto eu puder enviar. Livre-se dessa vaca ridícula que se atreve a se chamar de rainha.

Eduardo precisou fazer um esforço tremendo para não cair aos pés dele, tamanho era seu alívio naquele momento.

— Vou fazer isso, senhor — ele disse. — E o senhor tem minha gratidão.

— E vou esperar que, no futuro, nossos países sejam mais amigos — o rei disse.

Eduardo sabia que estava se colocando em débito com a França. O homem certamente exigiria mais do que apenas sua gratidão. Mas aquele era o preço de sua coroa. Ele deveria estar disposto a pagá-lo.

— Indubitavelmente — ele respondeu.

— E, se posso dar um conselho ao senhor — emendou o rei —, de um rei para outro...

— Mas é claro. Ficarei grato se o senhor compartilhar comigo de sua sabedoria.

— O melhor para o senhor, jovem rei, é encontrar uma esposa. Tão logo quanto possível, eu diria. Produza seu próprio herdeiro. Eu mesmo tenho três filhos, e mais alguns bastardos. É deveras reconfortante pensar que nunca vou estar nessa situação pela qual o senhor passou. Minha linha de sucessão é segura. O senhor deve cuidar da sua.

Eduardo tentou se reaquecer rapidamente quando, à menção da palavra “esposa”, seu peito pareceu se congelar. Ele parecia não conseguir puxar o ar de volta aos pulmões.

Uma esposa. O Rei Henrique estava certo.

Eduardo podia se casar. Deveria se casar. E logo.

— É um conselho bastante sábio — ele conseguiu encontrar as palavras. — Mais uma vez, eu o agradeço por isso.

— Talvez o senhor queira considerar minha filha Elisabeth — Henrique disse, ao que a Rainha Catarina bruscamente puxou à frente uma menina. Estava vestida de maneira extravagante na tentativa de disfarçar o fato de que era muito sem sal. Ela fez uma medida longa e exagerada na frente dele.

— Hã... sim, certamente a considerarei — ele disse. — *Mademoiselle*.

— *Votre Altesse*. (Para aqueles que não falam francês, isso significa “Vossa Alteza”.) A pequena princesa não o olhou nos olhos.

Ele estava em certo estado de estupor quando saiu. Ainda não tinha considerado tudo o que se esperaria dele caso conseguisse seu trono de volta.

Eduardo tinha se esquecido de que, como monarca da Inglaterra, ele nunca estaria realmente livre.



O Rei Henrique deu uma festa em homenagem a Eduardo naquela noite, então é claro que Eduardo teve de participar, muito embora preferisse ter ficado mais tempo sozinho organizando as ideias. Aquela conversa toda sobre mulheres e seus méritos o tinha deixado confuso a respeito de como deveria se sentir de verdade sobre o assunto. Queria que Jane estivesse lá para conversar com ele (e talvez para que ele se desculpasse, mas por que ele deveria se desculpar? Ele só havia dito o que Bess mandara e, além do mais, era tudo verdade, não era? Mulheres eram mesmo o sexo frágil, não eram? Não era algo escrito até na Bíblia?). Mas Jane se encontrava em estado de furão no momento. Gifford não tinha aparecido. Bess retornou para seus aposentos a fim de calcular suas ações seguintes. E ele não tinha visto Gracie desde antes da audiência com o rei.

Ficou vagando em meio à música e à dança e aos chiques acepipes franceses. Tudo aquilo lhe parecia apenas uma ostentação enorme da riqueza do rei francês. O Palácio do Louvre era enorme, pelo menos três vezes o tamanho do palácio de Eduardo, e tinha muita mobília finíssima. Sob circunstâncias normais, teria causado em Eduardo um caso sério de inveja régia, mas ali, naquela hora, ele achou o prédio todo meio vulgar.

Sua vida pregressa parecia ter acontecido uma vida inteira atrás.

Como era possível, pensou, sentir-se tão sozinho mesmo quando rodeado por tanta gente? Havia uma penca de admiradores em torno dele, muitos dos quais eram mulheres que sem dúvida prestaram bastante atenção quando o rei aconselhou Eduardo a encontrar uma noiva *tout de suite*, mas quando as pessoas falavam com ele, Eduardo se pegava concordando sem ânimo e sem prestar atenção às palavras, apenas olhando para seu cálice de vinho.

Uma esposa, ele ficou pensando. *É uma palavra tão intimidadora*. Bobagem.

Mas ele seria rei outra vez, e poderia decidir por conta própria com quem e quando iria se casar. Isso trazia certo conforto. Ninguém poderia forçá-lo.

— Majestade — disse uma voz doce, meio aguda, ao lado dele.
— Me pergunto se o senhor me daria a honra da próxima dança.

Ele elevou os olhos. Lá estava Maria da Escócia. É claro que ele a teria reconhecido em qualquer lugar, com aqueles olhos tão escuros que eram quase pretos, olhos que o tinham assombrado naquele retrato durante anos. Mas ela parecia diferente da garota que tinha pisado em seu pé. Mais velha, é claro. Ela tinha 8 anos então. Agora, devia estar por volta dos 13. Estava usando um vestido de cetim vermelho e seu cabelo estava preso em uma trança amarrada à cabeça de um jeito tão complexo que devia ter demorado horas para fazer. Havia até um rosado em suas faces. Parecia ter crescido um bocado.

— Majestade? — ela insistiu.

— Majestade — ele respondeu, fazendo uma mesura apenas obrigatória. — É claro que dançarei com a senhora.

Dirigiram-se para o centro do salão. A dança foi longa e complicada e deixou pouca oportunidade para uma conversa — uma série de voltas e rodopios que parecia não ter fim e o deixou sem ar. Maria tinha os pés bem leves como os de uma dançarina experiente. Sorriu para ele com frequência, algo a que Eduardo não sabia como reagir. Será que ela estaria com uma adaga pronta para ele, escondida em alguma dobra daquele vestido? Parte dele ficou

esperando que ela o espetasse a qualquer momento. A dança terminou. Ele agradeceu e estava se virando para ir embora.

— O senhor poderia me acompanhar em uma caminhada? — ela perguntou antes que ele pudesse sumir. Estendeu a delicada mão.

Eduardo concordou e acolheu a mão dela em seu braço.

— Passei a tarde com sua amiga Grace — Maria disse enquanto passeavam pelas bordas do salão. — Achei as histórias dela bem divertidas.

Por Deus, o que Gracie teria dito a ela?

— Sim, ela é uma mulher divertida — ele concordou.

— Bastante. Me fez ter saudades da Escócia quando ouvi o sotaque dela. — Maria já não tinha qualquer sotaque escocês que Eduardo pudesse perceber. Muitos anos longe de casa.

Continuaram andando em um silêncio constrangedor. Não ocorria a Eduardo nada sobre o que pudessem conversar. Podia sentir os olhares dos outros nele, afiados e especulativos, especialmente o da rainha francesa e de sua filha entediante, Elisabeth.

— O senhor está mais alto do que eu me lembrava — Maria da Escócia disse finalmente.

— Sim, a senhora também está bem diferente.

Ela corou.

— Perdoe-me por aquela história do pé da última vez em que nos encontramos.

— Está perdoada — Eduardo sorriu. — Espero que possamos deixar esse passado feio para trás e nos tornemos amigos.

— Sim. Amigos. Aquilo foi só porque, bem, eu não gosto que me digam o que devo fazer ou com quem eu deveria me casar — ela disse, subindo um pouco a voz. — Aquilo me deixou com raiva até de pôr os olhos no senhor.

— Eu entendo perfeitamente, pode acreditar.

Ela parou e puxou a mão que estava no braço dele. Seus olhos escuros traziam uma sinceridade enorme sempre que ela o encarava, mas nada tinham de ingenuidade.

— E ainda não gosto quando fazem isso. — Ele seguiu o olhar dela apontando para o centro do salão, onde Eduardo viu um rapaz

louro de expressão séria vestido de maneira esplêndida. Ah, o delfim, ele presumiu. Príncipe Francis.

— Ele parece ser um bom rapaz — Eduardo observou ao vê-lo esticar a mão para uma tigela de confeitos que passava e enfiar tudo na boca de uma vez. E então o príncipe meteu o dedo no nariz e também comeu. — Ah. Vejo o infortúnio.

Maria da Escócia dobrou os lábios com desgosto.

— Às vezes ele puxa meu cabelo e me xinga.

— Ele vai crescer um dia e deixar disso, creio eu — Eduardo respondeu. E também deixaria de comer meleca.

A pequena rainha se virou para Eduardo com uma expressão cuidadosamente vazia que o fez se sentir triste por ambos, pelo fato de que os dois tinham tido de aprender a usar máscaras sociais em tão tenra idade.

— Acredito que eu gostaria mais da Inglaterra do que da França, o senhor não acha? — ela disse calmamente.

Ele abaixou a voz para um tom mais próximo ao dela.

— Definitivamente. A não ser pela comida.

— Ah, sim — Maria concordou. — A comida aqui é ótima. Mas o rei é meio louco às vezes. E a rainha é horrível comigo, me odeia e... bem, aqui não é um bom lugar para pessoas como nós.

Eduardo ficou intrigado. Gracie certamente tinha feito um bom trabalho com Maria. E ela agora queria confidenciar algo a ele. Confiar nele.

— Como... *nós*? — ele repetiu.

Ela tomou o ombro dele e o fez se inclinar um pouco, a fim de que pudesse cochichar em seu ouvido.

— Ouvi dizer que você é um falcão.

O coração dele bateu mais rápido do que ele conseguia controlar. Aquele era um país ainda em mãos verdáticas. Era perigoso, mesmo para ele, admitir ser um *ediano*.

Mas aquela jornada inteira significava correr riscos.

Ele se virou para Maria também cochichando.

— Sou. E você é o quê?

Ela sorriu como se estivesse participando de uma conspiração, com os cabelos pretos bem próximos e sua respiração bem ali no

rosto dele.

— Sou um camundongo. Foi assim que escapei de todos os que me perseguiram; eu me transformo em um camundonguinho preto que ninguém jamais nota. Sou muito boa em me esconder. E em ouvir. Ouço coisas aqui em que você não acreditaria se eu contasse.

— Ela chegou ainda mais perto. — Tenho um exército secreto, sabe, lá na Escócia. E todos são eðianos. Não é maravilhoso?

— Maravilhoso — Eduardo concordou.

Ela mordeu o lábio.

— Vou enviar esse exército para te ajudar. Mas acredito que um dia desses eu vou virar um camundongo e fugir da França para nunca mais voltar. Você me ajudaria se eu fizesse isso?

Ele prendeu a respiração.

— Mas é claro. A senhora sempre será bem-vinda na Inglaterra, Majestade.

Maria da Escócia tomou a mão dele e a apertou. Seus dedos eram macios e as unhas eram perfeitamente aparadas e cuidadas.

— Me chame de Maria.

— Maria — ele disse, e então se apercebeu de uma dor em seu peito. Deixou para lá. — E você deveria me chamar de Eduardo.

— Eduardo. — Ela sorriu. — Fico feliz que tenhamos nos entendido.

Sim, ele pensou, e a dor ficou um pouco maior. Ele a compreendia. Talvez até bem demais.

Maria parecia bem satisfeita.

— E aqui está sua lady — ela disse, olhando para além dele. — Olá outra vez.

— Minha lady? — Eduardo se virou e viu Gracie se aproximando naquele vestido de veludo cinza. Ele estufou o peito ao vê-la.

— Não sou a lady dele — Gracie corrigiu. — Sou só uma amiga.

A Rainha Catarina chamou Maria para uma dança com o delfim.

— Ele sempre pisa no meu pé — disse a jovem rainha com uma cara de repreensão, o que a tornava mais uma vez aquela menina furiosa do retrato. Ela foi se encontrar com seu prometido.

Eduardo sentiu um peso sair de suas costas quando ela se distanciou. Ofereceu a mão a Gracie.

— Podemos?

Ela balançou a cabeça tão forte que uma mecha se soltou do grampo e pendeu sobre o rosto.

— Não sei dançar.

— Existe mesmo uma coisa que você não saiba fazer? — ele disse incrédulo. — Como pode?

Gracie riu e deu uma olhada nos casais rodopiando em volta deles.

— Esse mundo em que você vive é muito diferente, meu senhor. Tão cheio de cor e música. Tão grandioso. Entendo por que você sente falta dele.

Ele não sentia falta nenhuma, pensou então. Não exatamente.

— Vamos caminhar ali pelo rio. Está muito cheio aqui.

— Se o senhor assim ordena... — Ela tomou o braço dele e foi conduzida até lá fora, onde as estrelas brilhavam e o palácio parecia se esticar infinitamente ao longo do Sena.

— Deixa eu te ensinar como é que se dança — ele disse quando encontraram um lugar mais calmo.

— Não tenho certeza de que essa seja uma atitude sábia — Gracie respondeu com sarcasmo. — Odiaria que você morresse agora, justo depois de passarmos por tanto apuro para te manter vivo.

— É só uma questão de se curvar e fazer mesuras. — Ele mesmo se curvou. — Sua vez.

Gracie ficou parada um momento, considerando a possibilidade, e então bem devagar e desajeitadamente fez o mesmo gesto.

— Está vendo? Não foi assim tão ruim. Pegue minha mão — ele instruiu.

Ela o fez.

— Agora você chega perto de mim, e ambos nos curvamos, e então um passo atrás, e dobra outra vez.

Praticaram por um tempo, se movendo junto com a música que vinha de dentro do palácio.

— Você é bom nisso — ela admitiu enquanto ele a guiava nos passos.

— Tive aulas por anos. Meus instrutores sempre diziam que a chave para dançar bem era parecer que você não tem como evitar. Você olha nos olhos da parceira como se aquele olhar te amarrasse a ela enquanto o corpo se move com a música.

Ambos pareciam estar segurando o fôlego quando olharam nos olhos um do outro. Eduardo pôs a mão na cintura de Gracie e a ergueu fazendo um círculo no ar. Os braços dela foram ao pescoço dele quando ele a pousou de volta.

— Posso te beijar? — ele perguntou impulsivamente. — Nunca beijei uma garota antes, e quero que seja você. Por favor?

Aquilo era terrivelmente inapropriado, e ele bem sabia. Havia regras para pessoas como ele. O futuro poderia seguir de dois jeitos: ele lutaria e morreria em sua empreitada para retomar a coroa, ou lutaria e venceria, e então seria mais uma vez o Rei da Inglaterra e teria de se casar com alguma princesa estrangeira para fortalecer os laços entre os países, e um dia daqueles um camundongo preto minúsculo apareceria na porta do palácio, e Eduardo sabia o que ela esperaria dele, e ele sabia que provavelmente deveria obedecer. E Gracie continuaria sendo uma punquista escocesa, e o rei não tinha nada que beijá-la. Mas ele não estava nem aí.

— Não vou fingir que sou alguma lady refinada — Gracie disse, levantando o queixo. — Não importa o vestido em que me enfiarem. Não pertenço a nenhum palácio.

— Eu sei. Mas me beija.

Ela deu uma risada.

— Você é bem atrevido, não é?

— Grace. Eu quis te beijar no instante em que pus os olhos em você. Tem sido uma agonia não te beijar esse tempo todo.

— Uma agonia? — Ela parecia em dúvida.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos.

— O veneno doía menos, pode acreditar. Eu quase estrangulei a vó naquele dia em que você fez para mim a raposinha de madeira em Helmsley. Por favor, acabe com meu sofrimento.

— Tudo bem, então. — Ela riu outra vez, nervosamente. — É só um beijo.

Só um beijo, ele repetiu para si mesmo. Um beijo. Nada mais.

E então ele poderia finalmente se render à idade adulta e ser rei e fazer todas as coisas que eram esperadas dele. Gracie estremeceu e umedeceu o lábio com os dentes, e Eduardo logo pensou que entraria em combustão espontânea. Chegou mais perto dela. Caiu dentro dos verdes e verdejantes... lagos que eram aqueles olhos, como ele dissera. Rezou para não fazer nada errado. Parecia algo muito importante, tão grande quanto retomar seu país. Até maior. Ele fechou os olhos.

— Espera — Gracie disse. — Meu senhor.

— Ah, caramba! — Ele exalou em frustração. — Me chama de Eduardo.

— Não posso — ela disse com a voz trêmula. — Sei que você quer que eu faça isso. Mas não tenho como esquecer quem você é. Vai ser sempre o rei.

Aquelas palavras foram como um balde de água gelada. Ele reabriu os olhos e se distanciou dela abruptamente.

— Tudo bem, eu entendo.

— Eu gosto de você. Gosto mesmo. Mas é que não...

Eduardo passou as mãos no rosto.

— É melhor eu ir.

Gracie fez uma expressão séria.

— Senhor, eu...

— Diabos! — A palavra simplesmente escapou de seus lábios. Um clarão se fez. Ele era um falcão. Estava voando para longe. Soltou um alarido que cortou o ar parado da noite, e então voou mais e mais alto, e mais rápido, até que Gracie fosse apenas um pontinho que ele pudesse deixar para trás.



— Bem... Então agora você tem tudo o que desejava — Bess disse um longo tempo depois.

— Certo — Eduardo disse sarcasticamente. Encostou-se na balaustrada do luxuoso navio francês que os levava de volta à Inglaterra. O sol estava nascendo. O vento bagunçava seus cabelos.

— Qual é o problema? — Bess quis saber.

— Nada. Sim, pois é. Eu tenho meu exército. — Estava observando Jane e Gifford, mais adiante no convés, passando juntos os poucos minutos que tinham, aquela janelinha de tempo preciosa e tão breve até que Gifford se transformasse em cavalo. O quanto aquilo parecia fácil para eles. Tão simples.

— É o exército mais estranho a caminhar por este mundo — Bess disse com aquele discreto e quase arrogante sorriso que sempre trazia. — Composto de franceses, escoceses e milhares de eðianos se unindo em torno de você, meu irmão. Vamos vencer, Eduardo. Se você jogar certo com as cartas que tem.

— E então serei Rei da Inglaterra outra vez — ele disse.

— Você nunca deixou de ser rei, pelo que eu entendo. Mas agora vai poder governar de novo — ela continuou. — Vai poder consertar todos os defeitos deste país. Era verdade aquilo tudo o que você disse ao Archer. Você tem como fazer com que eðianos e verdádicos convivam em paz. Pode mudar o jeito como as coisas são conduzidas, segurar os gastos enormes atuais e viver mais modestamente, arranjar para que tenhamos ouro em nossos cofres outra vez, reestruturar o sistema de taxação para tirar esse fardo das pessoas comuns, amenizar seu sofrimento e ainda assim atender às exigências dos nobres. Pode ser um rei melhor do que nosso pai. Sábio, justo e razoável.

— Melhor que nosso pai? — Ele não conseguia conceber algo assim.

— Sim. A Inglaterra pode prosperar mais uma vez. Almejo por esse dia — a irmã disse em tom passional.

Ele fitou o horizonte, perdido em pensamentos. Tinha passado a maior parte da noite voando e pensando enquanto voava. Tinha sido a primeira vez em que não tinha se perdido em seu êxtase passeriforme. Imaginava que talvez isso fosse digno de mérito.

— Você sabia — ele disse depois de um momento — que a Maria da Escócia é um camundongo?

— Mas é claro.

Ele a encarou, surpreso.

— Você sabia disso? Como pode saber tudo de tudo?

— Eu sou um gato — ela confessou. — E ela tinha um cheiro delicioso.

Aquilo arrancou dele uma risada espontânea.

— Falcões também comem camundongos. — Ele se lembrou daquele pobre ratinho que tinha matado na primeira noite em que se transformou em ave. Queria se transformar de novo agora e esticar as asas.

— Vamos ter de exercitar nossa compostura se a encontrarmos de novo — Bess comentou.

— Vamos encontrar — ele disse calmamente.

— O que te aflige, Eduardo? Você está com medo? Dessa batalha que está por vir? — Bess estava estudando o rosto do irmão.

— Não — ele respondeu sem hesitar. Sua mão se apertou em um punho cerrado na balaustrada. Olhou para ela com seus olhos cinzentos determinados e brilhantes. — Estou pronto para lutar.

E então ocorreu a Eduardo, não pela primeira vez desde o começo de toda esta história, que ele foi apenas uma desculpa esfarrapada como rei enquanto esteve no trono. Que ele não merecia ser rei outra vez. Que outra pessoa (qualquer outra, na verdade, exceto por sua irmã Maria) seria mais bem preparada para o cargo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Jane

O acampamento eðiano estava em silêncio, a não ser pelos estalos das fogueiras e das vozes baixas dos soldados que se ajuntavam em grupos em torno do fogo, discutindo táticas e contando histórias que nunca haviam contado a mais ninguém, mas que precisavam ser contadas caso morressem na manhã seguinte.

A luz do sol ia desaparecendo do céu. Da abertura de sua barraca, Jane não podia ver Londres — havia centenas de outras barracas na frente. Mas ela sabia que a cidade estava lá, se estendendo longamente na paisagem de seu destino. Um cavalo alazão trotou em direção a ela pelo acampamento.

Gifford.

Jane soltou um suspiro. Muitos eðianos tinham sido enviados para reconhecer o terreno adiante, incluindo Gifford, e ela estivera preocupada todo o tempo em que ele se ausentara.

Ela puxou a abertura até que ficasse larga o suficiente para ele entrar e assim se poupar da indignidade de se transformar em um homem nu lá fora. Gifford se espremeu e entrou, cuidadosamente evitando pisar no único estrado que tinham para dormir, e ficou imóvel quando Jane jogou o manto por cima dele.

Era o mesmo ritual de fim de tarde que eles vinham repetindo desde Helmsley, uma tentativa de se agarrar o quanto pudessem àquele pouco tempo que tinham quando ambos eram humanos. É certo que havia sempre aquela busca desesperada por roupas e a espera da iminente segunda transformação, mas eles vinham fazendo o esquema funcionar até ali. De manhã, a rotina era bem similar, às vezes encurtada quando nenhum dos dois queria acordar. Furões e homens jovens eram ambos notoriamente dorminhocos.

No entanto, as coisas andavam meio estranhas entre eles desde a caçada ao urso. Por razões óbvias.

— Espero que seu tempo como cavalo tenha sido produtivo — Jane disse. A barraca estava mal-iluminada, com apenas um lampião pendurado no caibro mais alto. — Se não conseguirmos nosso intento, voltaremos de pronto para a torre à espera da execução.

O clarão brilhou dentro da barraca.

— Não diga isso. — Gifford rapidamente se ajeitou no manto e encontrou as roupas que Jane tinha guardado para ele. — Vamos continuar vivos depois de amanhã e por muito tempo ainda. Teremos anos e anos para brigar a respeito de tudo o que você quiser brigar.

Ele fazia aquilo parecer algo desejável.

— Espero que sim — Jane disse. — Venho fazendo uma lista.

— Não duvido. Sobre o que deveríamos brigar primeiro?

— Acho que você sabe.

— Hã... — Ele estava mais ou menos vestido àquele momento, com o manto jogado como uma lua crescente aos seus pés. Ela se virou para ele e cruzou os braços.

— Você me prendeu. Em uma gaiola. — Como ele não conseguia entender o problema que aquilo representava?

— Só estava tentando te manter em segurança! — ele contra-argumentou.

Jane jogou as mãos ao alto.

— Mas eu não quero ser mantida em segurança! E definitivamente não quero que seja você a decidir se eu preciso ou não ser mantida em segurança! Isso não cabe a você.

Por alguns instantes, eles apenas se encararam.

— Sou seu marido — ele disse enfim. — Se te manter a salvo não é tarefa minha, então o que mais seria?

Pela primeira vez, Jane percebeu que talvez ele estivesse tão inseguro dentro daquele relacionamento quanto ela. Talvez Gê não fosse assim tão confiante quanto ela sempre presumira.

— Como meu marido — ela disse calmamente —, seu dever é me respeitar. Confiar em mim. Se eu disse que quero fazer alguma

coisa, você não pode me impedir só porque posso acabar machucada. Isso não é viver. Preciso tomar minhas próprias decisões.

— Quando você veio atrás de mim na taberna, você quase morreu. — Ele fez uma expressão desesperada ao se lembrar daquilo. — Você quase *morreu*, e aí quem eu teria para brigar comigo?

— Você teria encontrado alguém.

— Não. — Ele deu um passo em direção dela. — Só quero brigar com você.

Jane olhou bem nos olhos dele e percebeu que ele estava sendo honesto.

— E eu só quero discutir com você.

— Eu te respeito de verdade — ele disse sinceramente. — E confio em você. — Ele falava com mais pressa agora; já era quase noite. — Sinto muito, Jane. Eu não deveria ter te trancado numa gaiola sem sua permissão, e não deveria ter te levado a pensar que o que você quer não é importante para mim. Eu só não consegui lidar com a ideia de te perder. Mas sinto muito. Sinto profundamente, imensamente, de verdade.

Jane passou um momento digerindo aquilo.

— Então você está se desculpando por me trancar na gaiola?

Ele fez que sim.

— E vou me desculpar pelo resto das nossas potencialmente curtas vidas, se isso ajudar.

— Não é necessário. — Ela diminuiu a distância entre eles e olhou para cima (e mais para cima) até fitá-lo nos olhos. Bateu o indicador no nariz dele. — Mas se você alguma vez pensar em me trancar de novo, vou te furar com uma agulha de tricô.

— É como se você tivesse adivinhado meus piores pesadelos, milady. — Ele deu um sorriso.

— E suponho que eu deva tentar ser menos impetuosa quanto a me colocar em situações de perigo. Afinal, se eu morrer, com quem você vai brigar?

— Fico feliz que você finalmente esteja enxergando a razão.

Ela encostou a cabeça no peito dele. A respiração cálida de Gifford passava por seus cabelos, causando um frio na barriga da lady.

— Agora — ele disse —, quero ouvir como foi seu dia. Leu algum livro novo?

— Já li todos os livros que a gente trouxe. — Ela franziu o nariz. — Exércitos não são bons em carregar livros. Não consigo imaginar o porquê. Brigaríamos tão menos se todo mundo apenas se sentasse e lesse mais.

Gifford deu uma gargalhada que soou bem alto nos ouvidos dela.

— É uma pergunta que me faço sempre. Imagine quanto dinheiro o reino economizaria se os governantes focassem suas finanças em bibliotecas em vez de gastar em guerras.

— Não se fosse eu a comprar os livros.

— A Inglaterra faliria — ele disse solenemente. — Graças a Deus temos as guerras.

— Ei, você não pode mudar de lado assim. — Ela o empurrou de brincadeira.

— Tarde demais. — Ele sorriu só com o canto da boca. — Já mudei. E já que você proibiu a mudança a partir de agora, acabei ficando contra você.

— Ah, parabéns. Você acabou de descrever todo o nosso relacionamento. — Jane tomou a mão dele com um olhar sério outra vez. — Não me arrependo de termos nos casado. Sobre como aconteceu, talvez sim, e também por todo o desconforto que causamos um ao outro. Mas não por ter me casado com você.

O jeito como Gifford sorriu foi tão repleto de esperança e alívio que Jane até perdeu o ar, e sentiu uma vontade imensa de ficar na ponta dos pés e apertar seus lábios contra os dele. Mas então olhou para a abertura da barraca.

— É quase hora do furão.

Ele tentou se afastar, mas Jane apertou ainda mais as mãos e balançou a cabeça.

— Não quero me transformar esta noite. — Ela o abraçou, enterrando o rosto em seu ombro. — Quero mais do que esses poucos minutos, Gifford. Gê.

— Eu sei — ele sussurrou. Apertou-a bem forte junto dele. — Eu também.

Jane se segurou em Gê como se ele fosse sua âncora. Em algumas noites, ela simplesmente tinha se resignado com a transformação; em outras, tinha lutado mesmo sabendo que não tinha como vencer. Mas naquela hora ela resistiria aos brilhos da transformação com toda a sua vontade.

Sentiu a magia a preenchendo. E então a sensação escoou da mesma maneira como veio, e Jane abriu os olhos esperando se sentir pequenininha e peluda e aninhada no peito de Gifford. Mas apenas essa última parte era verdade.

Gifford continuava a segurá-la com firmeza, mas acariciava cabelos humanos, e eram as pernas humanas dela que ainda a estavam mantendo de pé, e foram olhos humanos que olharam para ele.

Um espanto enorme se mostrou no rosto dele.

— Você... quebrou sua maldição!

Ela ainda estava tremendo devido a sua quase transformação. Talvez o momento só não tivesse chegado ainda. Depois de semanas vivendo os dias pela metade, com pequenos intervalos no nascer e no pôr do sol, ambos tinham aprendido a identificar quando era aquele pouquinho de tempo que tinham juntos. Mas talvez estivessem errados.

— Você não queria virar furão — Gifford continuou — e então permaneceu humana.

— Não foi bem isso — ela disse, recuperando o fôlego. — Eu quis continuar com você. Foi o desejo do meu coração.

O rosto de Gifford parecia não saber se expressava descrença ou deslumbramento, mas, nesse embate, quem ganhou foi o sorriso largo que ele deu enquanto segurava o rosto dela com as duas mãos.

Com o coração aos pulos, Jane se inclinou. Eles estavam próximos. Tão próximos.

Veio o barulho de tecido farfalhando e a luz tomou o ambiente.

— Gif... — Eduardo parou na porta da barraca. — Ah. Desculpe, Jane. Achei que você já tinha se transformado em furão.

Por um momento, Jane realmente desejou que fosse um furão. Teria sido menos embaraçoso do que ter seu primo assistindo a... o que quer que fosse acontecer. O beijo que não houve.

Ela se distanciou e recuperou o fôlego, resignada. O reino teria de vir antes.

— Tudo bem. Eu acabei de aprender a controlar a mudança, finalmente. Acho que vou continuar a ser uma humana esta noite.

— Ótimo. Isso é ótimo. — Eduardo exibiu um sorriso meio tenso e se virou para Gifford. — Vamos fazer uma reunião para discutir estratégias na minha barraca.

Gifford se virou e olhou para Jane.

— Você tem de vir conosco.

Jane ficou parada. Ir com eles? Fazer planos? Traçar estratégias?

Eduardo olhou para Gifford.

— Gê, nós vamos planejar uma batalha. Os homens, eu digo. Bom, e a Bess, claro.

— E é exatamente por isso que Jane tem de vir conosco. Ela é ótima em fazer planos.

Jane ficou olhando para um e para o outro.

— Muito bem — ela disse enfim. — Vamos. Eu tenho um monte de ideias.

Os três foram até a barraca onde os líderes das forças aliadas — Archer, Bess e os comandantes dos exércitos francêss e escocês — estavam em torno de uma mesa com o mapa de Londres. Gifford passou alguns minutos destacando locais de interesse — como um morro que poderia ser de utilidade estratégica e onde poderiam se concentrar para invadir a cidade.

— *Esse é o plano?* — Jane perguntou depois de alguns minutos ouvindo Eduardo e Archer discutirem sobre qual seria o melhor lugar para atacar as muralhas da cidade. — Tomar Londres?

— Precisamos tomar Londres de alguma forma, Jane. — Eduardo deu de ombros.

— Londres nunca caiu depois de sitiada em toda a história da cidade — ela lembrou.

— Mas a Maria não vai simplesmente nos encontrar já no campo de batalha. — Eduardo tossiu de leve. — Ela não vai enviar seu

exército enquanto não acreditar que precisa. As regras de engajamento em combate não significam nada para ela.

Jane teve uma súbita ideia.

— Então essas mesmas regras não podem significar nada para nós também — anunciou. Todos os homens no recinto fizeram uma cara de desagrado. — Não há como tomar Londres. E a cidade não precisa ser tomada.

Maria não precisara de um exército para tomar Londres. Sim, ela tinha um, mas eles apenas se sentaram em torno da muralha e fizeram cara de maus enquanto Maria intimidava o Conselho para que ele se rendesse e entregasse o trono.

— E o que você propõe, Jane? — Bess deu a ela um sorriso encorajador.

— Vamos tomar a própria Maria.

— Tomar ela para onde? — perguntou o comandante francês.

— Como tomá-la é provavelmente a pergunta certa — Gê disse.

— Tomar Maria. Sim, isso é inteligente — Bess aprovou, ignorando a preocupação de Gê. — O Eduardo só precisa aparecer e confrontar a Maria. Quando todos virem que o Rei da Inglaterra está vivo, não terão como negar seu direito ao trono. Mas isso tem de ser feito em local apropriado, onde não haverá dúvida sobre a identidade dele. E não podemos dar à Maria nenhum tempo de preparação.

— A Maria vai estar encastelada na Torre de Londres, não vai? — Gê perguntou. — Nos apartamentos reais no alto da Torre Branca?

— Então a gente invade a torre. — Jane bateu a mão espalmada na mesa.

— A torre que... também nunca foi tomada nem invadida? — Eduardo perguntou a Jane.

— Certo, mas nós temos algumas vantagens que outros não tiveram. — Jane foi contando nos dedos. — Primeiro: um conhecimento privilegiado da estrutura e do funcionamento da Torre de Londres. Segundo: um falcão.

Todos olharam para Eduardo (inclusive o comandante francês, que não tinha ideia de por que estavam olhando para Eduardo. A

despeito de todas as pistas até então, ele ainda não tinha se dado conta da verdade).

— Não posso ir lá sozinho — Eduardo protestou.

— Eu me voluntario — Archer clamou. — Mas não tenho como voar por cima das muralhas.

(O comandante francês estreitou os olhos em suspeita. A França ainda era um país governado por verdádicos, afinal de contas.)

— O problema não é a muralha. — Eduardo olhou bem para Archer. — É que eu vou estar nu. E desarmado. Eu teria de pousar e vestir uma roupa na Torre Verde, convenientemente o exato lugar onde Maria executa gente como eu, e eu preferiria não facilitar tanto as coisas para ela.

(Todo mundo agora sabia em definitivo sobre o que estavam falando a essas alturas.)

— Por mim, tudo bem se vocês quiserem enviar o falcão. — Archer deu um sorriso malicioso para Eduardo. — Mas nós temos esses exércitos todos, não temos? Não vão servir para nada?

O comandante francês e o escocês se entreolharam em um momento de solidariedade mútua.

— Os exércitos *são* úteis. — Jane ficou sem paciência; queria que todos se apressassem logo e entendessem o que ela queria dizer. — Eles vão ser uma *distração*. Imagine o pânico quando a Maria olhar cá para fora e vir milhares de soldados reunidos às portas da cidade. Bem aqui. — Ela apontou um lugar do mapa. — No lado oposto de Londres, atrás da torre. — Ela se inclinou ansiosamente sobre a mesa. — A Maria nem sabe que você está vivo, Eduardo. Até onde ela sabe, sou *eu* que estou me preparando para atacar Londres. E vamos deixar que ela continue pensando assim.

— Mas isso não muda em nada o problema do passarinho pelado na Torre Verde, não é? — Archer disse. — Você tem algum plano para impedir que ele seja morto antes de surpreender a Maria?

— Sim — Jane sorriu. — Tenho.



Eduardo planejava atacar a cidade ao amanhecer, mas com o plano revisto e melhorado de Jane, eles iam aguardar até o cair da

noite para que fosse mais fácil entrar na torre sem serem vistos. E isso daria um dia inteiro para se prepararem.

— Vou praticar um pouco — Jane anunciou quando ela e Gifford retornaram juntos à sua barraca para um sono merecido. Ela pendurou um manto em um dos paus da barraca para fazer as vezes de cortina, e então tirou as roupas. Uma luz se fez quando ela mudou de mulher para furão e depois para mulher outra vez. Era surpreendente o quanto ela achava aquilo fácil agora que conseguira entender melhor. Ela sabia o que realmente queria.

— Aparecida! — Gifford disse do outro lado da cortina improvisada. — Você vai deixar os vizinhos acordados a noite toda com esses brilhos.

Ela desejou que Gê também soubesse como controlar a transformação. Ele seria muito mais útil de manhã em sua forma humana. E havia também muitas outras razões pelas quais ela queria estar com ele no dia seguinte.

Jane se transformou em furão e escalou a perna e o tronco de Gê até chegar em seu ombro.

Gifford acariciou o pelo dela.

— Muito bem, minha querida. Agora podemos ir dormir?

Ela considerou a possibilidade de pedir que ele praticasse também. Mas se ele realmente quisesse, ele mesmo sugeriria. Ele mesmo tentaria. Como não pediu para tentar, ela se transformou em mulher outra vez e, após se vestir, se espremeu com ele no estreito estrado.

— Isso é gostoso — Gê disse cheirando seus cabelos e aninhando-se de conchinha bem junto dela. — Obrigado por não me fazer dormir no chão.

— Por nada — ela murmurou. Era bem mais que gostoso, Jane pensou enquanto fechava os olhos e tentava aquietar a cabeça. Ela iria para a cama todas as noites daquela mesma forma, se pudesse escolher. Mas aquela poderia ser a última noite dos dois juntos.

Aquela sensação de que ambos poderiam morrer no dia seguinte estava começando a parecer terrivelmente familiar.

O som dos pássaros da manhã gorjeando a acordou algumas horas depois. Ela se espreguiçou, alongando os braços e mexendo os dedos do pé; ainda era humana.

— Você dormiu? — a voz de Gifford logo atrás dela estava bem grave e grogue.

Jane fez que sim e se levantou da cama improvisada.

— Não muito bem, mas melhor que nada. — Na verdade, tinha ficado rolando por horas. Havia muita coisa que dependia dela naquele dia.

Gifford se sentou e passou as mãos no cabelo para ajeitá-los.

— Eu não dormi. Fiquei pensando em como você quebrou sua maldição.

Jane olhou para ele cheia de esperança.

— É o desejo de seu coração, você disse. — Ele ficou de pé, as roupas amassadas, uma marca de pressão das tábuas ao longo do rosto todo.

Ele era muito lindo, Jane pensou, se é que alguém pode chamar um homem de lindo. Havia uma pergunta nos olhos dele, e ela sabia a resposta.

— Gifford, eu... — A palavra ficou na ponta da língua. Era tão difícil assim dizê-la? Não poderia estar errada. Aquele sentimento vinha se acumulando dentro dela desde os dias na casa de campo, crescendo e se aprofundando por muito tempo. E agora que ela sabia como controlar sua forma, eles realmente poderiam ter um futuro juntos.

Ela queria desesperadamente um futuro juntos.

— Jane. — Ele olhou para a abertura da barraca. — Está quase na hora. O sol.

— Não se transforme — ela sussurrou. — Fique aqui comigo.

— Eu quero também, mas... — Ele começou a arrancar as roupas, afrouxando o colarinho e desabotoando tudo.

— Não se transforme! — Jane foi até ele e tocou seu ombro como se seu toque fosse suficiente para quebrar a maldição. — Queira ficar comigo mais do que você quer qualquer outra coisa.

— Sinto tanto, Jane. Eu gostaria que...

Ela o pegou pelo rosto e o beijou, enfiando os dedos em meio aos cabelos dele para trazê-lo mais perto. — Fique comigo — ela implorou junto dos lábios dele. — Não se transforme hoje.

Gifford recuou por um instante com os olhos tomados de surpresa.

— Jane — ele disse expirando forte. — Eu...

— Não se transforme. — Ela elevou o olhar até os olhos dele. — Por favor.

— Ah, Jane... — Ele a beijou. Bem suave a princípio, mas então ela o puxou para perto e pressionou os lábios bem forte nos dele. E foi aquilo. Ela podia senti-lo cedendo ao sentimento pelo jeito como seu corpo pressionava o dela, o jeito como uma das mãos acariciava o rosto dela e a outra descia por seu braço. Ela podia sentir o desejo dele de continuar humano na forma fervorosa, quase desesperada com que ele a beijava. Como se ele quisesse que aquilo durasse, que aquele momento pudesse se estender.

Mas então ele deu um passo para trás e tirou a camisa, ao que uma luz forte e branca o envolveu.

— Não! — Os olhos de Jane se encheram de lágrimas.

A luz foi embora e lá estava Gifford como cavalo. Jane apertou a boca com as mãos para abafar um soluço breve.

Ele abaixou a cabeça.

— Está tudo bem — ela disse trêmula depois de um longo tempo. — É bem difícil dominar a mudança. Mesmo a minha avó disse que levou tempo até conseguir, lembra? Você pode tentar de novo. Quando estiver mais descansado.

Jane levantou a abertura da barraca para que ele saísse.

— Te vejo mais tarde. À noite.

Ele não olhou para ela ao passar para fora. Apenas foi em frente. Jane ficou sozinha naquele espaço apertado que ainda cheirava um pouquinho a cavalo.

Olhou para baixo, onde estavam os cobertores embolados que eles tinham dividido, tentando não chorar. Talvez ela tivesse colocado esperança demais nos sentimentos dele por ela. E se ele não se importasse tanto com ela quanto ela com ele? E se fosse por isso que ele não conseguiu continuar humano? Ela pelo menos

tinha tentado. Ah, tinha mesmo tentado, e eles tinham se beijado. Mas não tinha sido o bastante.

Ela não tinha sido o bastante.



Jane passou o dia todo esperando pelo crepúsculo.

Não viu Gifford, a não ser ocasionalmente enquanto ele corria com outros cavalos ou descansava em uma sombra. Era impossível dizer o que ele estaria pensando. Não que ela tivesse tido muito tempo de se concentrar nisso, também. Havia muito a fazer para eles se prepararem para aquela noite.

Quando o sol estava quase se pondo, ela foi até a barraca de comando de Eduardo. Gifford trotou até perto dela com aquele belo pelo castanho refletindo a luz cor de mel, e então desapareceu barraca adentro sem nem parar para cumprimentá-la.

Ela sentiu uma pontada no coração. Ficou observando enquanto todo o acampamento se aprontava para a batalha. Os homens vestiram suas armaduras e amarraram bem seus escudos e espadas embainhadas. Os arqueiros testaram seus arcos. A cavalaria selou todos os cavalos. E os não combatentes abriram as portas de suas barracas, prontos para receber os feridos.

Haveria muitos feridos. E haveria mortos.

— Tudo o que eles têm de fazer é cara de mau. — Eduardo saiu de sua barraca e viu Jane com a expressão triste na enfermaria. — É como você disse: eles vão distrair a Maria para nós agirmos.

— Pois é. — Jane passou os braços em tono de si mesma, como se estivesse se abraçando. — Mas alguns com certeza vão se ferir. Estão aqui para abrir fogo. — Archer estava entre as tropas que se aprontavam, pronto a levar a Alcateia para uma batalha. Gracie, conforme Jane bem sabia, tinha insistido em se juntar aos combatentes. E se Gracie se ferisse? O que significaria para Eduardo se ela morresse?

Um calafrio a percorreu. E se o próprio Eduardo fosse morto? O plano dela não era perfeito. Havia variáveis que ela não tinha como antecipar. Ele ainda poderia morrer.

Ela não sabia se conseguiria sobreviver à morte dele uma segunda vez. Ou à de Gifford. Gifford...

(Neste ponto, nós, como narradoras, gostaríamos de dizer algumas palavras sobre o real perigo dessa situação toda. Devemos lembrar ao leitor que só prometemos contar uma história alternativa àquilo que os livros contam. Você vai ter sorte se encontrar algum livro que ao menos mencione Jane — ela é frequentemente ignorada na linha de monarcas ingleses —, mas, se encontrar, o livro vai te dizer que Lady Jane Grey governou a Inglaterra por nove dias, foi deposta por Maria e então teve a cabeça cortada. Bom... Já sabemos que isso não acontece em nossa história. Nossa Jane ainda tem a cabeça no lugar.

Mas não podemos prometer que Jane vai ficar sempre bem e segura nessa parte que vem a seguir, ou Gifford, ou Eduardo, ou qualquer personagem que você veio a conhecer e amar. A verdade é que qualquer um deles pode morrer a qualquer momento, e, bem, a Rainha Maria passou mesmo os cinco anos seguintes fazendo jus ao seu apelido de “Maria Sangrenta” ao enviar centenas de pobres eðianos para a fogueira pública. Então tenha isso em mente ao ler as páginas seguintes.

Agora vamos voltar a Jane e toda a sua preocupação.)

— Estamos todos fazendo isso pela mesma razão — Eduardo disse gentilmente. — Os soldados sabem disso. Estão dispostos a sacrificar tudo por essa razão, se for necessário o sacrifício deles.

— E que razão é essa?

— Fazer da Inglaterra o lugar que gostaríamos que ela fosse: uma terra de paz e prosperidade, um reino onde seja permitido sermos nós mesmos sem medo.

— Talvez essa seja uma razão pela qual vale a pena morrer. — A voz de Gifford veio de trás dela.

Ela se virou. Ao vê-lo como homem de novo, um calafrio a tomou, tanto de deleite quanto de tristeza. Ela tinha implorado a ele que não se transformasse naquela manhã, e ele o tinha feito ainda assim.

— Está vendo? — Eduardo cutucou Gifford com o cotovelo. — Até o cavalo concorda.

Gifford fez que sim.

— Prenda essa sua coragem em um lugar onde ela fique firme, certo, Gê? — Eduardo disse, lembrando. Bateu no ombro de

Gifford e se inclinou para dar um beijo no rosto de Jane. — Agora, é melhor eu ir me transformar. Preciso me assegurar de que tenha tempo para não ceder à minha alegria de ser um pássaro.

É melhor ele conter mesmo essa tal alegria de ser pássaro, Jane pensou. É verdade que ele tinha mesmo melhorado nesse sentido, pelo menos do que ela tinha percebido. Mas se ele não estivesse lá quando ela estivesse pronta...

O primo virou um falcão e voou pelo céu estrelado. Ela o olhou indo embora.

— Não precisa ser você a fazer isso, Jane — Gifford disse quando estavam sozinhos. — Outros podem fazê-lo.

— Eu preciso. — Ela sorriu para ele com tristeza. — Fui rainha por apenas nove dias e não quero ser de novo, mas eu amo a Inglaterra. Quero lutar por ela. Pelos edianos. Por nós.

Gifford buscou os olhos dela e se aproximou, mas não a tocou. Não a beijou. A transformação daquela manhã ainda estava muito vívida entre os dois.

— Então vamos, milady.

Retornaram à barraca e encontraram Pet sentada com o queixo na cadeira de Eduardo.

— Venha, Pet. — Jane falou com uma voz bem calma. — Sei que você quer ajudar o Eduardo. Nós vamos fazer isso do jeitinho que combinamos antes. Vem.

Pet soltou um ganido como se achasse aquilo tudo muito bobo, mas seguiu Jane e Gifford para fora do acampamento.

— Não se preocupe, Pet — Gifford disse enquanto caminhavam. — Posso defender a nós todos, se necessário.

Pet ganiu de novo e Jane concordou. Não confiava totalmente nas habilidades do marido com a espada — muito embora pudesse supor que ele tivesse se saído bem contra o urso gigante.

Trombetas soaram a distância — o ataque à cidade tinha começado. Jane, Gifford e Pet se moveram rapidamente na direção oposta, paralelos à antiga muralha romana que protegia a cidade.

— Aqui. — Jane guiou o grupo até uma vala bem larga que corria junto à muralha. O mato alto seria um esconderijo perfeito, desde que todos ficassem em silêncio. — Todo mundo abaixado.

— Fácil para você dizer isso... — Gifford fez graça.

Ela esticou o pescoço para olhar para ele.

— Ninguém te pediu para ser tão alto. — Mas ela estava grata por sua baixa estatura finalmente ser útil em alguma coisa. Era uma vantagem, até que enfim. Um trunfo. Uma benesse. Uma virtude — ela se interrompeu enquanto entrava na sua habitual espiral de sinônimos. Havia trabalho a fazer. — Vamos na direção da rua Saint Katherine.

Os três iam se espreitando e correndo tão rápido quanto se atreviam. Cada grito vindo de detrás da muralha fazia os dois humanos (pelo menos no momento) se abaixarem. Pet sempre virava as orelhas na direção do som, ficando imóvel como uma estátua, e então balançava o rabo quando se assegurava de que estava tudo bem.

Foi uma ideia de última hora, aquela de mandar Pet com Jane e Gifford, e Jane ficou feliz de ter companhia, mesmo que Pet às vezes fosse uma garota nua e aquilo deixasse todo mundo desconfortável. Sempre era bom tê-la por perto em caso de confusão.

Mas ela esperava que aquela noite não terminasse em confusão.

Logo à frente, um enorme monastério se erguia contra o céu escuro. Jane conhecia bem aquelas terras — ela e Eduardo às vezes brincavam ali perto quando crianças. Havia um monte de capelas naquela parte dos arredores de Londres, além de uma igreja, jardins e um hospital. Ela já podia ver a torre e suas muitas estruturas adiante em meio à noite. Tochas brilhavam nas paredes. Ela se perguntava onde estaria Eduardo — se ele já estaria circulando lá no alto, apenas esperando por ela. Mas ela não conseguia enxergar bem. Estava muito escuro.

— Olha aqui — Gifford disse, avaliando o entorno. — Estamos na rua Tower Hill.

Jane estremeceu. Eles estavam justamente pisando no terreno onde Gifford poderia ter sido executado não muito tempo antes. Uma fogueira enorme tinha sido construída ali ao lado, com os galhos empilhados apenas esperando para serem acendidos. À espera de edianos, Maria tinha andado se preparando nas últimas

semanas. Jane nunca tinha testemunhado uma execução na fogueira, mas um de seus muitos livros — *A perseguição de edianos durante os anos: um relato detalhado da queda daqueles em forma animal* — tinha dado, de fato, um relato detalhado de como um deles morrera queimado. Uma morte terrível e muito dolorosa.

Aquele poderia ter sido Gifford. O seu Gifford. Seu estúpido marido-cavalo que nem ao menos tentava controlar sua transformação. Que não a amava, ou pelo menos não da mesma maneira que ela o amava. Mas Jane travaria qualquer guerra que significasse mantê-lo a salvo. Pegou a mão de Gifford e a encontrou justamente procurando pela dela. Se eles falhassem aquela noite, a pira estaria esperando por ambos logo de manhã.

Correram pela Aldgate e depois mais para o sul na East Smithfield até chegarem à Abadia de Santa Catarina. Os três queriam alcançar os jardins, atendo-se sempre aos lugares de mato alto que crescia nas bordas do rio.

— Aqui é o mais longe que a gente pode ir — Jane disse quando se viram atrás de um muro mais baixo perto da abadia. Apontou para um campo escuro na direção de uma pequena ponte que cruzava o fosso e levava direto à Torre de Londres. O portão de ferro, que era o destino de Jane, ficava do outro lado, com um rastrilho pequeno bloqueando o caminho. Havia quatro guardas na ponte; ela na verdade não exigia muita vigilância, e foi exatamente por isso que Jane a escolhera.

Ela levou um momento para recuperar suas forças. O Tâmis corria a menos de seis metros deles, mas Jane mal podia ouvir o barulho do rio em meio às batidas de seu próprio coração, enquanto observava os guardas e analisava seus movimentos para tentar encontrar um padrão.

— Não gosto disso — Gifford disse olhando para ela com preocupação. — Não é seguro.

— Não é uma escolha sua agora — ela disse abruptamente, mas então suavizou o tom quando ele pareceu desanimado. — Eu preciso ir. E você sabe que eu preciso. Sou a única que pode. Um cavalo seria pego. Mesmo um cachorro. Mas não eu.

— Minha querida, não acho que furões passem assim tão despercebidos quanto você imagina.

Jane beliscou o braço dele.

— Passo tão despercebida quanto precisar passar. Resgatei você da Torre Beauchamp, não foi?

— Sim, mas...

— E sei ficar perfeitamente imóvel se eu quiser.

— Nem quando está dormindo, meu dengo.

— E eu poderia desaparecer por horas e você não me encontraria.

— Só porque você cairia no sono em algum pedaço de cobertor esquecido. — Ele fazia piada, mas tinha uma expressão de puro terror. — Por favor, reconsidere.

— É o único jeito — Jane respondeu, elevando o olhar para vê-lo. Aguardando. Ansiando. Esperando que ele fosse dizer mais alguma coisa. Ela não tinha provado seus sentimentos na noite passada quando conseguiu não se transformar? Se ao menos ele dissesse alguma coisa agora, aquilo poderia ajudar a desatar o nó de emoções e ansiedade que ela estava sentindo.

Pet suspirou e deitou no chão, entediada.

Jane se transformou em furão.

A luz de sua transformação deve ter alertado os guardas, porque naquele mesmo momento, quando Gifford a jogou por cima do muro baixo atrás do qual eles estavam se escondendo e ela aterrissou com força e rolou no mato do outro lado, ela ouviu um grito, e então Pet começou a latir e Gifford teve de se mover para outro esconderijo.

Não havia tempo para se preocupar com os dois agora. Jane partiu em um passo apressado, mas sem correr — furões correndo na verdade parecem pular, então não são nem um pouco imperceptíveis. Gifford tinha razão quanto a isso.

Enquanto se apressava no mato alto, o que antes parecia um trajeto curto de repente ficou bem mais comprido agora que ela era minúscula. Jane também sentia falta de sua visão humana, ainda que, como furão, a escuridão não fosse assim tão impenetrável. Além disso, ela podia ouvir os guardas bem melhor.

— Procure por um eðiano — um guarda exclamou do meio da ponte.

— Matem qualquer animal que virem!

O rabo de Jane parecia grande e incômodo demais. O instinto a fazia querer correr na direção contrária. (Ela lera em algum lugar que furões eram criaturas destemidas, mas não tinha acreditado nisso, mesmo sendo um furão com cabeça de gente. Furões tinham um instinto de continuar vivos como qualquer outra criatura.)

— Olhe, um cachorro! Pegue-o!

Veio o som de botas batendo no chão. Ela não sabia dizer quantos guardas saíram da ponte. Com certeza não todos — eles não deixariam aquela entrada para a torre completamente desguarnecida.

Levantou a cabeça e olhou em volta. *Cheirou* em volta, poderíamos dizer, agora que ela tinha excelente olfato.

Primeiro, sentiu o odor fétido do esgoto no fosso, e de imediato se arrependeu de ter aquele focinho tão bom. Depois, tentou bloquear o fedor e procurar por notas diferentes no ar. Plantas. Mofo. Suor.

Havia ainda dois humanos ali, foi o que ela concluiu depois de um momento cheirando e ouvindo, e ambos estavam com armas em punho, prontos para matar qualquer animal que vissem. Prontos para matá-la.

Jane apertou a barriga peluda contra o chão e avaliou como seria sua jornada através da ponte. Era uma ponte estreita, pelo menos em termos humanos. Como furão, teria bem mais espaço. Ela só teria de passar pelos homens, se espremer pelo rastrilho fechado e encontrar a torre correta. Bem facinho. Certo.

Atrás dela, na direção da igreja onde tinha deixado Gifford e Pet, um cão uivou — e de repente ficou tudo em silêncio.

— Peguei um! — gritou um guarda.

Uma nova onda de adrenalina tomou Jane.

(Muito bem, nós falamos que qualquer um poderia morrer a qualquer momento, e parece que agora vocês estão ficando preocupados. Mas Pet está bem. Jane tinha previsto que os guardas veriam o clarão da transformação, então recrutou Pet justamente para despistá-los. O que, por sua vez, daria a Gifford tempo para se

esconder em algum outro lugar enquanto esperava que ela abrisse o portão. Pet deveria levar os guardas até uma emboscada com membros da Alcateia do outro lado do campo, mas se ela conseguiria isso ou não — ou se os guardas iriam desistir de ir atrás dela — é algo que ainda teremos de saber. Mas acredite: não somos narradoras do tipo que matariam um cachorro.)

O uivo era o sinal para Jane seguir em frente. Ela pulou para a ponte de madeira e correu tão rápido quanto suas pernas diminutas permitiam.

— Cuidado! — Jane ouviu botas correndo na direção dela. — Um rato!

Eu não sou um rato, Jane pensou, e foi reto rumo ao guarda mais próximo. Pulou na perna dele, escalou a borda de sua bota e mordeu com força a parte mais mole atrás do joelho. Suas garras se enfiaram fundo no couro da bota. *Um rato conseguiria fazer isso?*, ela pensou, orgulhosa.

O guarda gritou e a afugentou, jogando o minúsculo corpo de Jane na beirada da ponte.

— Pegue o rato!

Seu ódio a guiava agora. Jane ficou sobre as quatro patas, ignorando os lampejos da dor de sua queda, e continuou correndo em zigue-zague. Os guardas foram atrás dela, mas ela foi rápida o bastante para que eles nunca a alcançassem. Por fim, mudou bruscamente de direção para que, quando eles se abaixassem para pegá-la, trombassem uns contra os outros — e lá estava Jane do outro lado da ponte, passando por um buraco no rastrilho e correndo para a Torre de Londres em velocidade máxima.

Os muros de pedra se erguiam à sua frente, enormes e imponentes. Ainda mais quando se é do tamanho de um furão.

Mas é claro que Jane tinha passado o dia memorizando mapas da Torre de Londres e calculando quanto tempo levaria para ir de um lugar ao outro em sua forma ediana. Então, foi com algum grau de certeza que ela cruzou o jardim, se espremeu por baixo de uma porta, correu por alguns corredores e finalmente se viu frente a um interminável lance de escadas que a levaria até o alto da Torre do

Condestável — o lugar da Torre de Londres que eles tinham escolhido como ponto de entrada da invasão.

Os degraus eram, cada um, tão altos quanto ela própria.

Velocidade era importante. Mas também discrição.

Mas também velocidade. Eduardo estava esperando.

Ela se esforçou para ouvir se havia alguém em volta, mas não havia nenhum som. Ainda não. Os guardas que tinha conseguido evitar na ponte logo estariam atrás dela. O que significava que ela precisaria ser mais rápida do que furtiva naquela hora.

Transformou-se em humana.

Estava nua, mas também não havia qualquer opção de vestimenta. Tão rápido quanto pôde, ela se apressou pelas escadas de pedra com os pés descalços ficando cada vez mais frios a cada passada nos degraus estreitos. Foi a decisão certa, porque assim ela alcançou o alto muito mais rapidamente do que poderia como furão.

O quarto com as maiores janelas ficava bem no alto. Sempre correndo, Jane pegou um atizador de fogo ao lado da lareira e parou em frente à janela que dava para o sul. As janelas da torre eram feitas de vidro muito antigo, já embaçado, e não abriam. Ela se sentiu culpada, mas não tinha escolha. Acertou o vidro com o ferro com toda força, e continuou batendo até que ele trincou e se quebrou, deixando um buraco grande que dava para o céu noturno lá fora.

Aquilo deveria ser suficiente.

Jogou o atizador no chão e procurou em volta por qualquer coisa útil. O quarto estava lotado de armários, gabinetes e baús, o que era uma das razões pelas quais eles tinham escolhido aquela parte da Torre de Londres.

Primeiro, precisariam de roupas. A maior parte das roupas nos armários eram uniformes militares, que eram grandes demais para Jane (sem falar da indignidade de usar calças). Mas já que a nudez estava fora de questão, ela pegou o menor conjunto que pôde encontrar e deixou outro uniforme bem ao lado da janela.

— Vem logo, cérebro de passarinho. — Ela olhou lá fora, mas tudo o que viu foi a escuridão. Daquele ângulo não dava para ver

muita coisa; nada da batalha que Bess e Archer estavam conduzindo nas muralhas da cidade, nada do lugar ali perto onde Gifford estaria são e salvo esperando por ela. Contudo, podia ouvir os guardas no pátio abaixo chamando uns aos outros. Provavelmente não tinham visto para onde ela tinha ido (muito embora certamente tivessem ouvido a janela quebrando, então agora tinham uma noção), mas já sabiam que alguém tinha se infiltrado na torre. Em algum momento eles se organizariam o suficiente para procurar em cada lugar da torre. Se ela ficasse ali por mais tempo, seria pega.

Mas Eduardo ainda não tinha chegado. O que ela faria se ele não aparecesse?

Jane tentou ignorar as batidas enlouquecidas de seu coração e passou a perscrutar os gabinetes em busca de armas, mas só havia meias, botas e capacetes. Uma inspeção mais atenta revelou alguns objetos que vagamente lembrariam armas. Uma frigideira. Um rolo de macarrão. Ah, e o atizador.

Jane o pegou de onde o tinha jogado e sorriu ao ver a ponta afiada. Aquilo funcionaria.

Mas *onde* estaria Eduardo?

Como se tivessem combinado (ou pelo menos combinado com algum atraso), o falcão entrou voando pela janela naquela hora.

— Eduardo! — Ou pelo menos ela desejava que aquele pássaro fosse mesmo seu primo. Seria embaraçoso começar a conversar assim com uma ave aleatória.

Ao ver o clarão, Jane se virou e cobriu os olhos.

— Jane! — saudou o rei com alegria. — Desculpe, mas estava difícil identificar em qual janela eu deveria entrar. Sei que você falou daquela que apontava para o sul, mas eu não tenho o melhor senso de direção do mundo enquanto sou falcão.

— Não dá tempo de conversar, primo — Jane interrompeu. — Gifford está esperando.

— Certo. — Ele parecia mais nervoso que de costume. — Vamos.

— Mas arrumei roupas para você.

— Ah, é verdade. Quanta consideração. — Ele desembolou tudo e se vestiu rapidamente. Do pátio abaixo, Jane ouviu um grito: um

soldado tinha se deparado com o vidro quebrado lá embaixo. Eles tinham poucos momentos até serem descobertos. Eduardo olhou para ela com ar sombrio.

— Então, o que temos para usar como armas?

Jane jogou para ele o atizador.

Eduardo o empunhou como se fosse uma espada, então talvez fosse funcionar.

— Está bom assim. E você?

Jane pegou a frigideira.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Gifford

Onde estaria ela? Gê estava andando de um lado para o outro fora do portão de ferro, espremendo os olhos em meio à escuridão além do rastrilho, à espera de algum sinal de Jane. Os segundos pareciam horas, e os minutos eram como dias. Cada som violento que cortava a noite (e tinha mesmo havido alguns sons violentos desde que ele lançara Jane-furão por cima do muro) podia ser um anúncio da morte dela. A morte de sua esposa. De sua amada.

Gê a amava. Mas ainda não tinha dito a ela.

Jane tinha implorado que ficasse, e ele realmente queria, especialmente depois do jeito como ela o beijara. Como uma menina como Jane podia tê-lo beijado daquela maneira? De todo o coração e com todo o corpo? Ela provavelmente lera dezenas de livros com títulos do tipo *O beijo: não use só os lábios*.

O modo como Jane beijava era uma arte. Ela beijava como se deve.

E, ainda assim, ele se transformou em cavalo. E não tinha dito a ela que a amava. Agora, ela poderia morrer sem saber que tinha se tornado seu dia e sua noite, seu sol e sua lua. Ele adorava Jane — a amava! Ele a amava! — e deveria ter admitido isso para que todo mundo soubesse. Não deveria ter escondido seu coração.

Ele fechou os olhos e fez uma prece bem ligeira, rogando aos céus que pudesse vê-la de novo.

Rezou para que Eduardo a mantivesse salva.

Rezou para que, se Eduardo falhasse, ela conseguisse se transformar em furão e se esconder.

Rezou para que, se ela fosse descoberta, conseguisse escapar das mãos desajeitadas dos soldados.

E para que, se ela não conseguisse fugir, eles a matassem bem rápido.

Gê apertou os olhos e tentou esquecer aquele último apelo aos céus. Em vez disso, compôs uma sentença em prosa:

Se eu puder ao menos vê-la outra vez, minha querida, ostentarei meu coração por cima das roupas...

Ele se lembrou do rosto de Jane logo antes de beijá-lo. Olhou para as luzes trêmulas que enquadravam o portão pesado, as chamas fracas querendo se apagar com o vento. O rosto de Jane poderia ter ensinado àquelas tochas como queimar com toda a intensidade. Na noite passada, ela tinha sido como o sol, e todas as flores em todos os países se viraram para testemunhar seu calor. Gê puxou sua pena, a tinta e o caderno do bolso e tentou não se atrapalhar todo ao abrir o pote de tinta.

(Infelizmente, caro leitor, o lápis, bem mais portátil, só seria inventado no fim do século XVI, e a coisa mais parecida com uma caneta como as que temos hoje só apareceria no século XIX, então Gê tinha de se virar com a pena e aquele pote de tinta mesmo. As primeiras pessoas que leram nosso livro se perguntaram por que ele teria se incomodado em levar tudo aquilo para uma batalha, considerando que já estava carregando três espadas — uma para ele, uma para Eduardo e outra para Jane, quando precisassem delas —, mas Gê diria que ficava mais confortável com uma pena na mão do que uma espada; se tivesse de escolher entre levar uma ou a outra, levaria a pena. Porque, se as coisas chegassem a tal ponto, ele achava que se defenderia melhor com a pena.)

Só quando deixou as espadas caírem no chão, Gê finalmente conseguiu pôr a pena no papel.

Ah, como ela poderia ensinar às tochas a queimarem mais fortes. Ela foi o sol...

Antes que pudesse terminar de registrar seu pensamento, ouviu passos ecoando nas pedras dentro da torre, e então uma voz sussurrada.

— Gifford?

Era Eduardo. Gê chegou mais próximo ao portão e conseguiu divisar duas silhuetas vindo na direção dele, mas nem bem tinham

se aproximado quando duas outras figuras, com o contorno bem distinto dos guardas, os interceptaram.

— Jane! — Gê soltou um sussurro bem alto.

À medida que seus olhos se ajustavam à cena à sua frente, viu Eduardo erguer... um atizador de fogueira?... e Jane aparecer com... uma frigideira?

De quem raios tinha sido aquela ideia para as armas? Provavelmente de Jane. Parecia bem a concepção que Jane tinha de “armas”.

Ninguém prestou atenção à frigideira dela, no entanto. Pelo fato de ser uma lady, Jane teve a chance de se esgueirar para o fundo da cena sem qualquer protagonismo. Ninguém nem olhou em sua direção enquanto ela se espremia contra parede. Não representava ameaça.

Ótimo, Gê pensou. Mas parte dele tinha ficado condoída por ela mal tê-lo notado ali também.

Os guardas desembainharam suas espadas e foram para cima do rei.

— Senhores — Eduardo disse. — Guardem suas armas. Sou o Rei Eduardo VI, pela graça de Deus, monarca da Inglaterra, França e Irlanda. Nesta terra, o líder supremo. Sou seu soberano por direito.

— O Rei Eduardo está morto — um dos homens respondeu. — Além disso, a França não tem seu próprio rei?

— Não estou morto — Eduardo continuou. — Há vilões nefastos que os fizeram acreditar que morri. Mas todos os relatos sobre minha morte foram exagerados, posso lhes garantir, pois aqui estou eu, muito bem vivo.

Os guardas se entreolharam.

— Ele diz a verdade — Gê interveio lá de trás do portão. — Ele é o nosso rei verdadeiro. Viajei com ele até a França para reunir tropas. Lutei ao lado dele quando matou o Grande Urso Branco de Rhyl. Vida longa ao Rei Eduardo!

O guarda da direita começou a abaixar sua espada até o momento em que o da esquerda disse:

— Espera aí. Não existe esse tal de Grande Urso Branco de Rhyl. Ele obviamente está mentindo.

— Mas e se estiver falando a verdade? — O primeiro guarda coçou a cabeça.

— Se não estiver falando a verdade e o deixarmos ir, seremos enforcados por traição. Mas se estiver, podemos matá-lo aqui mesmo e ninguém jamais saberia.

— Não! — Gê gritou. — É uma péssima decisão!

O guarda da direita voltou a erguer sua espada e respirou profundamente como se fosse dizer alguma coisa, mas não conseguiu emitir nenhum som até que um grande *boooong* se fez ouvir e ele caiu feito uma pedra. Jane estava bem atrás dele com sua frigideira erguida.

— Maravilha, Jane! — Gê exclamou com um sorriso. — Uma frigideira, né? Quem diria.

Eduardo, com sua excelente habilidade de esgrima, anos de prática e suas forças renovadas, não teve problemas para despachar o outro guarda com dois movimentos de seu atizador.

— Muito bom, senhor — Gê disse. Por um momento, ele se perguntou se tinha tomado a melhor decisão ao matar as aulas de esgrima para escrever poesia. Mas era uma preocupação que teria de esperar pelo menos até depois das lutas de espadas.

Eduardo correu até o portão, logo seguido por Jane, e eles usaram seu peso combinado para ativar o mecanismo que abria o rastrilho.

Gê mal podia esperar pela abertura daquele portão. Estava encarando firmemente Jane pelas barras. O som de patas cavando cascalho anunciou a súbita chegada de Pet, e a cadela se espremeu sob o rastrilho para encontrar Eduardo. Assim que Gê pôde fazer o mesmo, se arrastou e tomou a esposa nos braços.

— Jane.

— Gifford.

— Eu... nós... Tem tanta coisa que eu queria te dizer e não...

— Temos de correr — Eduardo disse.

(Agora é o momento no qual nós, como narradoras, sentimos a necessidade de informá-lo, caro leitor, de que não sabemos como

Eduardo sempre conseguia evitar beijos. Tudo o que sabemos é que esse era um verdadeiro dom que ele foi demonstrando durante toda a sua vida. O exemplo mais notável foi quando sua prima em terceiro grau, Lady Dalrymple de Cheshire, estava para beijar seu novo marido bem no altar, logo que o padre os proclamou marido e mulher, e Eduardo deu um passo à frente em seu lugar de honra e declarou: “Odeio interromper, mas acredito que seria um excelente momento para lembrar aos presentes que não devem jogar arroz nos noivos, uma vez que pássaros, inclusive falcões, podem engasgar com os grãos”.)

De volta à cena corrente. Eduardo disse para Gê e Jane:

— Agora, precisamos chegar à Torre Branca. Onde a Maria está.

Todos se voltaram para a enorme estrutura de pedra que ficava no centro exato da Torre de Londres — a Torre Branca, o mais antigo e fortificado entre todos aqueles castelos. Onde Maria estaria ocupando o trono de Eduardo.

— Você trouxe as espadas? — Eduardo perguntou a Gê.

Gê voltou ao outro lado do portão e tentou agir como se não tivesse apenas esquecido as armas ali no chão. Jane manteve sua frigideira à mão, mas Gê e Eduardo pegaram uma espada cada um.

Estavam entrando na Torre de Londres à noite como ladrões furtivos, e Gê se viu subitamente atordoado pela diferença desde a última vez que entraram ali, quando Jane estava para ser coroada rainha, e os guardas reais os escoltavam com toda a cerimônia e deferência. Porém, antes que pudessem começar a correr para a Torre Branca, mais três figuras bloquearam seu caminho. O primeiro era um homem que Gê não reconheceu. O segundo era seu irmão, Stan. O terceiro era o dono do nariz gigantesco de águia. Eduardo levantou sua espada de imediato.

— Bash! — ele disse.

— Desculpe. O quê? — Gê perguntou, confuso.

Eduardo inclinou a cabeça para apontar o primeiro homem com a espada.

— Este é Bash, o mestre de armas. Ele me ensinou tudo o que sei de espadas.

— Ah, excelente — Gê disse sem ânimo. — Bash. Isso é apelido de alguma coisa?

O homem chamado Bash apenas os encarou e assumiu posição de luta. Gê entrou na frente de Jane e estendeu os braços em torno dela, sentindo a urgência de protegê-la, muito embora soubesse que, se as coisas piorassem, não haveria como impedi-la de fazer nada.

— Mas que belezinha. Um rapaz doente, um homem-cavalo inútil e uma menina. Vai ser muito fácil — Dudley disse em tom de escárnio.

Gê tinha de admitir que seu pai tinha certa razão. Talvez Eduardo pudesse estar à altura de Bash, mas não havia como Gê derrotar Stan e seu pai ao mesmo tempo.

— John Dudley — Eduardo disparou. — Sua cobra traiçoeira. Você é um traidor deste país e de seu rei. Terei sua cabeça na ponta de uma lança.

Bash fez um movimento ofensivo. Jane exclamou “Cuidado!”, e Eduardo reagiu rapidamente. Atacou Bash como se estivesse esperando a vida inteira para duelar com o mestre na esgrima. Os dois praticamente dançaram de um lado para o outro, com as espadas reluzindo à luz da lua. Eduardo parecia brilhante aos olhos de Gê — forte e com os pés ligeiros. Lutava como o rei que de fato era. Gê se virou para o irmão, que ergueu sua própria lâmina também impressionante.

— Stan — Gê tentou argumentar. — Caia na real. O rei está vivo. Isso tudo vai acabar revelando apenas dois lados: o dos corretos e o dos impostores. No momento, você está do lado errado.

A espada de Stan pareceu vacilar, e ele olhou para o pai ao seu lado.

— É você que está errado — Lorde Dudley rebateu. — Sempre foi um tolo.

— O tolo acha que é sábio — Gê retrucou. — Mas o sábio reconhece que ele mesmo é um tolo.

Era um belo ditado, ele pensou. Tentou se lembrar de onde teria deixado sua pena e seu papel. O pai parecia irritado. Limpou a garganta.

— Diga o que quiser. Bash vai despachar o menino, e todos sabemos que você não tem habilidade alguma como lutador.

Todos olharam para Eduardo e Bash. O mestre de armas estava, naquele momento, na ofensiva. Eduardo recuou graciosamente atrás de uma árvore a fim de conseguir tempo e descanso antes de partir para sua própria ofensiva. Mas, naquela hora, Bash parecia estar em vantagem.

— Você está vendo, Gifford? — o pai grasnou. — Está vendo como seu rei se acovarda?

— Eduardo nunca é covarde! — Jane bateu a frigideira na palma da mão. Stan e Dudley não pareceram nem um pouco impressionados com aquele gesto de ameaça, mas Gê sabia que ela lutaria com eles se preciso. Apesar de ser pequena, sua esposa era bem brava.

Bash avançou, e Eduardo tornou a recuar. Avanço. Recuo. Avanço. Mas, assim que Bash pareceu pronto a desferir um golpe definitivo, Eduardo mexeu os pés e saiu de trás da árvore já intimidando o oponente.

— Inesperado, não foi? — Eduardo disse, arfando muito. — Bem como você me ensinou.

Jane torceu por ele de um jeito que não era nada próprio de uma lady, se é que alguém estava prestando atenção a isso. Os dois homens voltaram à sua dança de esgrimistas experientes, e Gê se virou para o pai com o som de metal contra metal ao fundo.

— Talvez, pai, o senhor mude de ideia quanto a quem vai vencer esse duelo se eu te der as notícias mais recentes. A primeira é: o Rei Eduardo está totalmente recuperado de seu veneno. Eu mesmo o vi matar o Grande Urso Branco de Rhyl sem nem um pinga de suor. Não é nenhum rapaz doente. A segunda, que pode ser ainda mais desconcertante para o senhor: seu amado primogênito acabou de dar no pé.

Gê apontou com a cabeça para onde Stan estivera apenas momentos antes. De fato, entre os prédios mais ao longe, dava para distinguir a silhueta de Stan correndo e indo para trás de uma parede. Sempre tivera a coragem de uma pulga.

— Eu posso ir atrás dele — Jane sugeriu. — Com a minha frigideira.

— Nem vale a pena, minha querida. Guarde sua frigideira para alguém mais importante.

Jane soltou um “Hunf...”, mas ficou paradinha onde estava.

— E quanto à última notícia... — Gê subitamente ergueu sua espada até a ponta do narigão do pai. — Desde a última vez em que o senhor me viu, venho passando cada hora que posso aperfeiçoando minhas habilidades. Já cortei velas ao meio, perfurei bonecos de palha e enfrentei algumas das melhores espadas da França. Posso não ser ainda um mestre de armas, mas certamente consigo derrotar um velho pusilânime, cabeça-dura, duas caras, odioso e insignificante que é uma desculpa lamentável como ser humano. — Empurrou sua espada até roçar o casaco do homem. — Largue sua espada.

Lorde Dudley, desprovido de qualquer graça ou honra — e, àquele ponto, sem qualquer apoio — deixou a espada de lado, ao mesmo tempo que Eduardo conseguiu desarmar Bash. Bash juntou as mãos.

— Dou ao senhor qualquer coisa que me pedires, meu senhor — ele disse entre arfadas, abaixando a cabeça.

— Lealdade. Jure sua lealdade a mim — Eduardo exigiu.

— Meu rei, meu soberano, seu menor desejo é o comando de minha alma. Mate-me, se julgar necessário, mas, se me permitir a vida, serei seu humilde servo em tudo aquilo que de mim exigires.

Eduardo limpou o suor da testa e olhou para Gê.

— Faça o que tiver de fazer — ele disse, apontando com a cabeça para Dudley.

Agora, a questão era entre pai e filho. Gê se virou e encostou a ponta da espada no peito do pai. Apertou apenas o suficiente para perfurar a camada mais externa das roupas.

— Gifford, pense bem no que está fazendo. — A voz de Dudley estava estranhamente mais aguda.

— Calado, pai. — Gê disse aquela palavra com desgosto palpável.

— Meu filho, por favor. Só fiz o que era melhor para o reino.

— Um reino que o senhor destruiu? Mesmo agora, neste momento, há homens lutando atrás da muralha, lutando e morrendo por causa do que o senhor fez. O senhor é um covarde notório, um mentiroso contumaz e infinito, um conhecido descumpridor de promessas e possuidor de qualidade nenhuma.

— Você apenas não entende a política. — Lorde Dudley estendeu a mão. — Não aprendeu nada? Todos os envolvidos no governo de um país merecem morrer em algum momento. É como esse jogo é jogado. Ou você vence ou você morre.

— E o senhor merece morrer. — Gê olhou para a mão estendida do pai e se sentiu enojado por ter laços de sangue com aquele homem. (Ou talvez nem tivesse, já que ele não tinha o nariz.) Com um movimento de sua espada, abriu um talho na mão de Lorde Dudley. Atrás deles, Jane levou um susto. Dudley caiu de joelhos.

— Meu filho. Meu rapaz. Entendo que você esteja com raiva. O que posso fazer para você poupar minha vida? Farei qualquer coisa. Qualquer coisa!

— Qualquer coisa? — Gê disse. — Vai transferir para mim suas propriedades?

— Sim! Darei tudo o que tenho e ainda mais!

— Vai parar de dizer às pessoas que eu sou um idiota e admitir publicamente que sou *ediano*?

— Sim!

— Vai me dizer que sou tão bom quanto Stan?

— Bom... — Dudley hesitou. — Stan é excepcional. — Olhou outra vez para a espada de Gê. — Mas... sim. Você também é... bom. Por favor, não me mate.

A pequena mão de Jane pousou no ombro de Gê. Ele pôs a mão sobre a dela. Deixou escapar o ar e olhou para o céu noturno ao alto. Já sabia o que deveria fazer com seu pai. Sim, muitos diriam que Lorde Dudley merecia morrer, mas Gê não era o rei, tampouco juiz e muito menos executor.

— Vou deixá-lo, pai, à mercê do povo, que amanhã, a esta hora, já vai saber de tudo sobre sua traição.

Jane usou cordames para atar Bash e Dudley à tela de ferro do rastrilho (afinal, ela tinha lido, certa vez, um livro sobre como cuidar

apropriadamente de prisioneiros). Assim que eles estavam bem amarrados, os três seguiram seu caminho até a Torre Branca. À sala do trono.

(O leitor provavelmente está pensando o mesmo que nós: onde Jane conseguiu cordas para amarrar os prisioneiros? Pesquisamos profundamente a respeito dessa questão e, depois de duas semanas, podemos dizer, sem dúvida: ninguém sabe. É uma questão que veio intrigando tanto historiadores quanto arqueólogos. O Professor Herbert Halprin explica o seguinte: “Cordas vêm sendo um mistério para os acadêmicos há séculos. As primeiras cordas parecem ter surgido em torno de 17.000 a.C. e eram feitas de cipós. Infelizmente, por serem feitas desse material, nenhum exemplar restou. Mais tarde, Da Vinci fez desenhos de uma máquina de fabricar cordas, mas ela nunca foi construída. Em tempos medievais, havia sociedades secretas, chamadas de Guildas da Corda, cujas práticas de confecção de cordas eram protegidas por uma complicada série de apertos de mão e senhas que...” Ok. Suas narradoras terão de interromper o querido professor por razões de tédio. Além do mais, o sotaque inglês estava soando falso e forçado. Perguntamos a ele onde Jane teria conseguido cordas, e talvez ele tenha achado que perguntamos como é que *qualquer* pessoa teria conseguido *qualquer* corda em *qualquer* momento da história. Acredite: estamos tão frustradas quanto você com essa falta de uma resposta definitiva.)

Bem, onde estávamos? Era hora de nossos heróis fazerem o que tinham ido fazer. Hora de enfrentar Maria. Até que enfim.

— Seria melhor sermos rápidos, só entrar e sair — Gê comentou quando se aproximaram da sala do trono. Apontou com a cabeça para as janelas, onde sombras do nascer do sol já espreitavam. Mais alguns minutos e ele seria cavalo outra vez, preso dentro da Torre Branca. E era algo que ele já tinha feito naquele mesmo lugar; não precisava daquilo de novo. Mas, quando chegaram à porta do salão do trono, Eduardo parou.

— Você acha mesmo que isso vai funcionar? — perguntou subitamente. — Porque provavelmente tem uma boa quantidade de

gente do outro lado desta porta. — Olhou para baixo, para seu uniforme largo demais. — Talvez eles nem me reconheçam.

— Eles vão — Jane assegurou. — Vai funcionar.

— Ou isso ou então vamos todos morrer — Gê emendou. — Mas seria por uma boa causa.

Eduardo fez que sim e pôs a mão na porta.

— Espere! — Gê o interrompeu e se virou para Jane. — Tem algo que eu preciso lhe dizer.

— Agora?

— Não sei se vou ter alguma outra chance. — Ele respirou profundamente. — Tenho sido um fraco. Tenho sido um cavalo quando deveria ser homem. Mas não posso ir lá dentro e enfrentar o que quer que venhamos a enfrentar sem que você saiba que sou todo seu. Carne, homem, pelo, cavalo... Sou todo seu, Jane. — Gifford olhou mais uma vez para a janela. O sol estava quase nascendo. — Pelo menos por mais alguns segundos.

Jane ficou na ponta dos pés para que pudesse olhar nos olhos dele.

— Fique comigo, Gê.

— Nunca quis tanto na minha vida permanecer humano. — Ele suspirou.

— Mas você nem tentou antes. Por que não quis tentar?

— Na maior parte da minha vida, foi mais fácil correr. — Gê balançou a cabeça, envergonhado. — E se o desejo do meu coração for continuar correndo? E se eu não conseguir colocar minha casa em ordem, como Pet uma vez disse, para ser o homem que você quer que eu seja? Mas Jane... — Ele tomou a mão dela e a beijou. — Minha querida Jane. Você é a minha casa. Meu lar. Posso ter apenas meia vida, mas o que tenho eu entrego a você. Eu... Eu te amo.

— Você me ama? — ela sussurrou.

— No mesmo instante em que te vi, meu coração voou para você — ele disse.

— De verdade?

— Não — ele admitiu. — Não exatamente. Mas foi uma bela fala, não foi?

— Gê. — Ela suspirou. — Por favor, faça sentido.

— Da primeira vez em que te vi, achei que você era tão linda que jamais poderia me amar. Nunca tinha visto beleza verdadeira até aquela noite. — Ele acariciou o rosto dela com as costas da mão. — Mas eu não te conhecia bem. Não sabia o quanto era esperta, corajosa, o coração gentil que tem, o quanto sempre é honesta consigo mesma. Minha lady. Jane. Não desejaria nenhuma outra companheira neste mundo que não fosse você.

— Eu também te amo. — Os olhos dela brilhavam.

— Você ama?

— Sim. — Ela sorriu. — Mas tenho uma pergunta.

— O que é, milady?

— Está vendo a luz do outro lado daquela janela?

— O quê? — Gê piscou confuso, e Jane tomou o rosto dele entre as mãos.

— O sol nasceu, Gê — sussurrou. — Está vendo?

— Não pode ser o sol. Eu ainda sou gente...

— O sol nasceu e você ainda é gente — Jane confirmou.

Gê fechou os olhos e, pela primeira vez em seis anos, oito meses e vinte e dois dias, sentiu a luz do sol em sua pele. Inspirou os raios solares e absorveu todo aquele brilho, e uma paz emergiu de seu coração, o tipo de calma que só vem com o sentimento de chegar em casa depois de uma longa viagem. Sua maldição tinha sido quebrada.

Os dois amantes se abraçaram, ao que Eduardo e as narradoras olharam para o outro lado para dar aos pombinhos seu momento de união abençoada.

— Arrãmmm... Terminaram aí? — Eduardo perguntou quando os lábios de ambos finalmente se descolaram por tempo o bastante para que pudessem respirar de novo.

— Ainda não. — Gê deu apenas um selinho rápido na boca inspiradora de versos de Jane. — Agora sim.

— Ótimo — Eduardo disse. — Porque ainda tem uma coisa que *eu* preciso fazer.

CAPÍTULO VINTE E OITO



Eduardo

Eduardo abriu a porta de uma vez e adentrou o salão do trono.

Tinha conseguido. Tinha entrado na torre, um feito quase impossível. Tinha lutado bem e bravamente. Tinha se livrado dos guardas, confrontado Dudley e até derrotado Bash com a espada. E agora estava prestes a reclamar seu trono. Tudo estava indo de acordo com o plano de Jane. Ele estava quase lá — podia praticamente saborear sua vitória.

Sua primeira surpresa foi a de que o salão do trono estava quase vazio. Ele pensou que estaria lotado de cortesãos e membros do Conselho Privado para dizer a Maria o que fazer e demonstrar seu apoio durante o ataque às muralhas. Mas havia, no máximo, uma dúzia de pessoas presentes. Não era exatamente a multidão ruidosa que ele esperava ver presenciando seu retorno glorioso.

Ainda assim, a sala ficou em silêncio quando ele entrou, todos os olhos se viraram para ele e as bocas se abriram em choque. Mesmo que ele estivesse empapado de suor, manchado de sangue e sem sapatos, ainda era indubitavelmente o Rei Eduardo, ali, de volta dos mortos.

Ah, aquilo ia ser bom. Virou-se para o criado parado ao lado da porta, que ele conhecia desde garoto.

— Por favor, me anuncie, Robert — ordenou.

O homem parecia estar vendo um fantasma (o que Eduardo meio que era mesmo), mas obedeceu sem hesitar.

— Sua Majestade, o Rei Eduardo Tudor.

Eduardo seguiu em direção ao trono para ficar bem na frente de Maria.

— Você está sentada na cadeira dele — Jane interveio de trás.
Maria brincava nervosamente com um lenço.

— Oh, Dudu. Estou tão feliz de ver que você está vivo. Meu coração estava em pedaços por pensar que você tinha morrido.

— Como se atreve? — Eduardo começou a dizer com uma voz tão sombria que nem parecia vir dele. — Como se atreve a roubar o que é meu? Sua sapa venenosa e corcunda!

— Ahhh, essa foi boa. — Fez-se um farfalhar atrás dele quando Gifford tirou o papel e se pôs a anotar a fala.

O rosto da irmã empalideceu.

— Veja, meu irmão...

— Você tem a audácia de me chamar de “irmão” depois do que fez? Eu deveria mandá-la para o cavalete para ser esquartejada. Ou prefere ser queimada na fogueira? “Purificada”, não é assim que você chama? Não foi o que planejou? Uma queima geral dos traidores?

— Foi tudo maquinação do Dudley — Maria disse calmamente. — Ele tomou seu trono porque o queria para o filho. Eu simplesmente tomei de volta.

Eduardo riu, mas não com alegria.

— Ah, então eu deveria te agradecer por manter meu trono quente?

Ela olhou para ele sem palavras.

— Chega de mentiras, irmã — Eduardo continuou. — Vamos falar abertamente sobre tudo o que acontecerá agora.

Esta deveria ser a parte em que ela clamaria por sua vida, ele pensou, quando ela choraria e imploraria e se ajoelharia perante ele. Eduardo se perguntou se encontraria em seu coração alguma razão para perdoá-la. Provavelmente não.

Mas foi então que se fez outra surpresa, porque Maria não implorou por nada. Ficou de pé devagar, com as costas bem eretas e sem se curvar. E ainda usava a coroa.

— Você é apenas um garoto tolo — ela disse, enfim. — Como poderia saber o que fazer deste grande reino?

— Venho conduzindo este reino por anos — ele esclareceu.

— Você chama aquilo de governar? — ela zombou. — Você era uma marionete do Conselho e nada mais. E veja onde chegamos. Eðianos por aí, livres, causando confusão a todo momento, pilhando o país, desfigurando nosso modo de vida. Você conduziu este país à beira da ruína. Os eðianos estão determinados a nos levar de volta a uma era de trevas e perversidade, e você os estava ajudando.

— Eu sou um eðiano — ele disse. — Como meu pai antes de mim. Sou o filho de meu pai.

— E eu sou a filha! — Maria respondeu intempestivamente. — Sou a primogênita, a herdeira legítima. Ele pode ter desvirtuado seu casamento com um bando de vadias eðianas, mas minha mãe foi a única esposa legítima. E isso faz de mim, não de você, que é basicamente um bastardo, a verdadeira governante da Inglaterra.

Hã, Eduardo pensou. Ele não esperava que ela fosse querer discutir alguma coisa. Abriu a boca, depois fechou de novo. Queria dizer algo como “Espera aí. Não. Isso não tá certo. Eu sou o rei de direito. Maria não pode ser. Porque ela é mulher”.

Mas aquela lógica já não fazia sentido para ele. Ele nem acreditava mais naquilo. Não conseguia pensar no que dizer. Estava, literalmente, sem palavras.

Naquele silêncio, um brilho triunfante cintilou nos olhos de Maria.

— Eu sou a rainha — ela disse, elevando-se ainda mais. — Por toda a minha vida, vi você me arrancando este título; você, um herege óbvio, um garotinho patético e trivial. Você fala em roubo, mas é você o ladrão aqui. *Você é o usurpador.*

— Não — uma voz ecoou no fundo do salão. Uma voz de muita autoridade.

Bess.

Eduardo se virou para ver a outra irmã caminhando rumo ao trono. Os olhos cinzentos de Bess se estreitaram quando ela olhou para Maria.

— O Eduardo é o herdeiro de direito do trono da Inglaterra, uma vez que nosso pai assim o nomeou. O rei pode nomear quem bem entender para sucedê-lo.

— Mas nosso pai só o nomeou porque foi enganado pelos eðianos imundos a deixar de lado sua boa e virtuosa esposa. —

Maria insistia. — E também foi só porque o Eduardo era menino.

— Errado, irmã. — Bess sorriu com toda a sabedoria do mundo. — Nosso pai deixou o trono para o Eduardo porque ele sabia, mesmo então, que nosso irmão tinha o coração de um rei. Ele sabia que o Eduardo seria generoso e ponderado no que coubesse ao bem-estar da população, e sábio em suas decisões. Ele sabia que o Eduardo era a melhor escolha para este país.

Hã, Eduardo pensou outra vez, franzindo o rosto. Poderia se sentir lisonjeado pelas palavras, mas lá no fundo, sabia que elas não eram a verdade. Quando ele governara antes, não tinha pensado muito no bem-estar de ninguém. Na verdade, nem sabia nada a respeito das pessoas. E certamente não tinha sido nada de sábio. Tinha feito o que fora instruído a fazer, assinado qualquer papel que fosse posto na sua frente, concordado com os procedimentos que os homens à sua volta informaram ser os corretos. Tinha mesmo sido uma marionete, um rei apenas em título. E seu pai tinha *mesmo* escolhido Eduardo apenas porque ele tinha nascido menino, e não mais uma filha. Bess chegou ao lado dele.

— O Eduardo é o verdadeiro rei. É ele quem trará à Inglaterra paz e prosperidade. Fará a Inglaterra grande outra vez.

Ela se virou para falar diretamente a Maria.

— Você teria nos levado à ruína. Você, que conspirou para matar seu próprio irmão e tomar a coroa. Você, que ameaçou rasgar o tecido de nossa nação em dois. Você é uma desgraça para o sangue real que corre em suas veias.

— Prendam-na! — Maria gritou para os guardas. — Cortem a cabeça dela!

Os guardas não se moveram. Olharam para Eduardo. Ele não disse nada.

— O jogo acabou, Maria — Bess continuou em tom suave. — Você perdeu.

— Não! — A palavra ecoou no salão. Maria então soltou um urro de ódio e partiu para cima de Bess com as mãos espalmadas como se fosse estrangular a irmã.

Mas, antes que pudesse alcançar Bess, um clarão se fez. Todos os presentes soltaram uma exclamação de surpresa coletiva.

Onde Maria antes estivera, agora havia uma mula cinzenta e gorducha.

A primeira pessoa a cair na risada foi uma senhorinha que estava bem na frente da sala — uma completa estranha à corte, como depois as pessoas comentariam, mas uma figura distinta que daria em todos que jogavam baralho uma sensação de *déjà vu*.

— Ah, Deus... Mas que mula! — gargalhava a velhinha, ao que todos também começaram a rir enquanto a mula zurrava na frente de todos, parecendo se sentir miserável com a sequência de eventos que a tinham acometido. (Como narradoras, gostaríamos de informar que Maria nunca mais foi vista como humana outra vez. Permaneceu uma mula pelo resto de seus dias. Como mulas tipicamente fazem.)

Eduardo não riu junto com os outros. Se virou para os guardas.

— Levem-na daqui.

Um homem — que por acaso era Peter Bannister — passou uma corda em volta do pescoço da rainha deposta e a tirou do recinto. Eduardo se aproximou do trono. Era apenas um cadeirão superestimado, ele pensou. Nem mesmo era confortável. Ainda assim, ele se sentou com deferência e observou toda a sala. Porque era aquilo o que era esperado dele. As pessoas se aquietaram mais uma vez. Então, devagar, com um farfalhar de tecidos e de sapatos, todos se ajoelharam perante Eduardo.

— Vida longa ao Rei Eduardo — disseram em uma só voz. — Vida longa ao rei.

Um bolo se formou em sua garganta. Ele não se sentia como pensou que se sentiria naquele momento. Não se sentia nada triunfante, nem vitorioso, nem merecedor do trono por direito. Sentiu, na verdade, a mesma sensação de quando tinha sido feito rei. Um peso no estômago. Um certo terror.

Bess foi apanhar a coroa de onde ela tinha caído com estardalhaço quando Maria mostrou seu verdadeiro eu. Andou devagar e com um objetivo claro até chegar ao lado de Eduardo. Sorriu. Então, levantou a coroa sobre a cabeça dele e... Eduardo segurou o braço dela.

— Espere.

Ela parou.

— Eduardo, o que está fazendo?

— O que a Maria disse é verdade — ele sussurrou. — Não sou o herdeiro por direito.

— Mas é claro que é — ela disse.

— Por quê? Porque sou menino?

— Você não ouviu o que eu disse antes? Sobre o papai ter te escolhido?

Eduardo olhou para os pés e sorriu genuinamente.

— Você que é a generosa entre nós, minha irmã. Nunca considere o bem-estar do meu povo. Não sou sábio. Sou apenas um menino.

— Você nunca foi só um menino — Bess disse.

— Não tenho o coração de um rei, mas você tem — Eduardo disse com toda sinceridade.

— Eu? — Bess olhou bem para ele.

— É você quem vai fazer a Inglaterra grande. — Pegou a coroa gentilmente das mãos de Bess e ficou de pé.

Jane, Gifford e a avó estavam todos logo na frente, com os queixos caídos em choque — mesmo a avó, que todo mundo sempre pensara que não se espantaria com mais nada. Ele queria que Gracie estivesse ali. Tinha evitado pensar demais em Gracie, já que ela provavelmente ainda estava lá fora lutando com os soldados na muralha, e ele não podia se dar ao luxo de se distrair com a preocupação sobre o que estaria acontecendo com ela. Mas gostaria de ter visto a cara dela quando ele fizesse o que estava para fazer.

— Ouçam bem, vocês todos — anunciou aos presentes. — Eu, Rei Eduardo VI, neste momento abduco de minha coroa em prol de minha irmã, Elizabeth Tudor, que eu creio ser, tanto por direito de nascença quanto por suas apreciáveis qualidades, a legítima herdeira do trono da Inglaterra. Quaisquer direitos e privilégios que eu tenha como monarca deste belo país, concedo agora a ela.

Silêncio.

Eduardo olhou nos olhos de Jane. Ela fechou a boca e tentou sorrir. Então fez que sim muito timidamente.

— Vida longa à Rainha Elizabeth! — ela disse bem alto, com uma voz miúda, mas forte. Virou-se para Gifford, que segurava sua mão o tempo todo, e o cutucou.

— Ah. Vida longa à Rainha Elizabeth! — ele concordou, e então outras vozes se juntaram, cada vez mais alto.

— Venha, irmã — Eduardo disse a Bess. Tomou a mão dela e a conduziu ao trono.

— Você tem certeza? — ela perguntou baixinho enquanto se sentava com cuidado no trono dele. (Rei ou não, levaria um tempo até que deixasse de pensar naquele como sendo seu trono.) — Considere tudo de que está abrindo mão.

Eduardo sabia do que estava abrindo mão. Poder. Prestígio. Riquezas a perder de vista. Uma vida de lazer e luxo. Alguém sempre do lado para garantir que ele não fosse engasgar. E, mais do que tudo, seu futuro. Eduardo honestamente não podia imaginar o que poderia vir a ser se não fosse mais rei. Ao desistir daquilo, estava abrindo mão da própria identidade. Mas seu país precisava de um governo capaz e digno. A Inglaterra precisava de Bess.

— Nunca tive tanta certeza de algo em minha vida. Você será uma ótima rainha, Bess. A melhor. Até melhor do que nosso pai. Confie em mim.

Ela deu um sorriso sutil e pensativo ao perceber as palavras familiares que ele dizia, antes de se curvar a ele por um momento com os olhos fechados e o rosto pálido como gesso — ele podia contar todas as 22 sardas no rosto dela. Então se virou para as pessoas.

— Muito bem. Se esse é o meu destino, serei tão boa para meu povo quanto uma rainha pode ser.

— Vida longa à Rainha Elizabeth! — todos responderam em unanimidade. — Vida longa à rainha!

Eduardo pousou a coroa sobre a cabeça da irmã.



Vamos fazer uma pausa aqui. Pois é, pois é, a gente sabe... Estamos tão próximos do fim agora que você praticamente já pode sentir o gostinho do “felizes para sempre”. E quem poderia prever

um final assim, certo? Digo, quem poderia prever que Eduardo se postaria naquele momento em frente ao Conselho privado e todos os seus fãs ardorosos e diria que sua irmã — Elizabeth I — deveria ser a Rainha da Inglaterra?

Porque, obviamente, ela era muito mais qualificada para a posição. Até que enfim Eduardo tinha alcançado aquele estado iluminado do ser, quando percebeu que uma mulher poderia fazer um trabalho como aquele tão bem quanto qualquer homem.

Sim. Foi assim que aconteceu. Eduardo abdicou de seu trono. Elizabeth seria coroada rainha na Abadia de Westminster naquela mesma semana, e todos sabemos que ela viria a ser a melhor governante da Inglaterra de todos os tempos. E assim a História pode continuar mais ou menos do mesmo jeito que a conhecemos.

Mas e quanto a Eduardo? O que aconteceu a ele?, você nos pergunta. Bem... O caso é que ainda temos um pouquinho de história a contar.



Eduardo passou a maior parte dos dias seguintes pensando em (o que mais?) Grace MacTavish. Isso porque ele ainda tinha de lhe contar que tinha desistido do trono e ver a cara de surpresa que ela faria. E também porque (sejamos honestos) ele ainda queria muito beijá-la. Pensava nisso com uma frequência até embaraçosa.

Mas a charmosa escocesa não era encontrada em lugar nenhum.

— Ela vai aparecer uma hora — Bess disse ao ver Eduardo ansioso andando de um lado para o outro no salão do trono. Ela começou a puxar uma linha solta na almofada de veludo vermelho sobre a cadeira. — Não precisa se preocupar, Eduardo.

Bess tinha razão. Bess sempre tinha razão, e até mais agora que era rainha; chegava a irritar. Gracie estava viva. Houvera relatos exagerados sobre uma mulher de cabelos negros, muito valente, liderando a Alcateia durante o falso ataque às muralhas da cidade — mas, se fosse assim, onde estivera Archer, o líder de fato? E onde estaria ele agora?

A Alcateia ainda não tinha se apresentado propriamente em Londres. Tinha retornado ao Shaggy Dog no momento em que a

luta terminou. Gracie, Eduardo pensou, devia ter voltado com eles.

E com o Archer, provavelmente, pensou ainda com mais amargor. O momento em que Archer tinha dito a Gracie que ela estava linda tinha ficado marcado a fogo na memória do ex-rei. E também o modo como aquele pulguento a tinha olhado como se fosse um pedaço de carne.

Ele não conseguia tolerar a ideia de Gracie com Archer. E por que ela não voltava para vê-lo? Será que o último momento entre os dois na França tinha terminado de modo assim tão desagradável que ela nunca mais iria querer vê-lo outra vez?

— Eduardo, sente-se um pouco — Bess disse. — Você está me deixando enjoada.

Ele se afundou em uma cadeira. Pet se aproximou com o rabo frenético. Ele a acariciou atrás da orelha, como fazia, e ela soltou um suspiro feliz de cachorro e desabou aos seus pés. Pet pedira para continuar sendo guardiã da rainha, e, depois de tudo o que ela fizera pela causa do grupo, Bess tinha aceitado o pedido (mesmo que não fosse lá muito chegada a cachorros — lembre-se de que ela preferia gatos). Seria meio esquisito em alguns momentos, mas era o mínimo que podiam fazer por Pet — bem, isso e também fazer carinho na cabeça dela e dar uns pedaços de comida de gente de vez em quando.

— Hã, Majestade? — veio uma voz da porta. Uma voz amedrontada. — Sobre a sua coroa...

— O que tem minha coroa? — Bess perguntou ao criado trêmulo que se ajoelhou na frente dela (Eduardo se lembrou de que o nome do homem era Hobbs).

— Por acaso, a senhora... a mudou de lugar? — Hobbs perguntou.

— Mudar a coroa de lugar? — Bess perguntou franzindo o rosto. — Para onde eu a mudaria?

— É que normalmente ela fica em uma almofada de veludo no quarto do rei, digo, da rainha.

— Exato. — Eduardo e Bess se entreolharam com preocupação. Os cidadãos ingleses pareciam ter aceitado bem Bess como sua governante oficial, mas, se alguém tivesse literalmente roubado a

coroa, isso poderia significar problemas. Sem falar que o valor da coroa era praticamente inestimável.

— Fale logo, Hobbs — Bess ordenou. — Diga o que aconteceu.

— Ela não está lá, Majestade — Hobbs disse nervoso e cambaleante.

— Não está?

— Não, Majestade.

— E para onde ela teria ido? — Bess levantou a voz, ao que o criado se encolheu.

— Parece que se perdeu! — Hobbs disse quase chorando. — Meu trabalho é polir a coroa. É isso o que faço todas as quintas-feiras. Precisei polir a coroa, mas, quando fui pegá-la, só encontrei...

— E aí ele começou a chorar de fato. — Encontrei... — Soluços. — Encontrei...

Hobbs estendeu a mão fechada segurando alguma coisa muito pequena — pequena demais para ser uma coroa. Talvez fosse só uma joia da coroa. Mas era uma notícia ruim do mesmo jeito.

— O que é isso? — Eduardo e Bess se inclinaram para a frente para ver. — Mostre — ela insistiu.

Hobbs abriu a mão. Estava certo de que iria perder a cabeça por aquilo. Então, ficou chocado quando tanto o ex-rei quanto a atual rainha deram sorrisos largos.

— Majestade?

— Está tudo bem, Hobbs — Bess disse.

Eduardo começou a se despir.

— Hã, mas... Majestade? — Hobbs parecia bem confuso naquele momento.

— Você não precisa de mim aqui agora, precisa? — Eduardo perguntou a Bess enquanto tirava a camisa.

— Consigo me virar — Bess respondeu. — Vá.

— Obrigado. — Ele deu um sorriso agradecido e se virou para a janela, se desfazendo das calças. Então fez-se um clarão cegante e, quando Hobbs conseguiu enxergar outra vez, o rapaz que um dia fora rei tinha simplesmente desaparecido.

Hobbs ficou olhando para sua própria mão e para o item que encontrara repousando no lugar da coroa de Bess.

Uma pequena raposa de madeira.



Quando Eduardo pousou para descansar no telhado do Shaggy Dog, viu, com seus magníficos olhos de falcão, que uma das portas dos fundos tinha sido deixada aberta, mas só uma fresta. Calhava de ser uma entrada para um pequeno depósito, que estava abarrotado até o topo de tudo quanto era comida fresca e demais suprimentos. Era um presente, com os cumprimentos da Rainha Elizabeth, como uma promessa de que ela honraria seu acordo com a Alcateia.

Bem no meio do chão, havia um item que Bess não tinha enviado: uma pilha de roupas limpas e devidamente dobradas. Nada de mais, é claro. Apenas uma simples camisa de linho cru, calças pretas e um par de botas exatamente do tamanho que Eduardo calçava. Ele vestiu tudo tão rápido que enfiou a camisa ao contrário e só percebeu depois.

Quando saiu do depósito, havia um homem esperando. Ele resmungou alguma coisa do tipo “Ela tá *lencima*” e apontou para um morro que ficava atrás da taberna.

Eduardo correu. Se deparou com Gracie lá no alto, bem embaixo de um carvalho enorme e espreado. Ela não o viu logo de pronto. Estava observando o pôr do sol.

Eduardo parou e sorveu devagar a visão dela ali. Gracie vestia uma longa saia cinza e uma blusa branca, com os cabelos soltos se derramando por seus ombros. Tinha uma pequena sacola atravessada para trás e a faca com a pérola amarrada à cintura.

Ele limpou a garganta com o coração aos pulos. Ela se virou.

— Meu senhor.

— Não sou mais o rei — ele soltou estupidamente.

— Sou líder da Alcateia — ela disse ao mesmo tempo.

Ele ficou sem saber se tinha ouvido direito.

— Espera... O quê?

— Archer está morto — ela informou. — Ele levou uma flechada no peito nos primeiros dez minutos do cerco.

— Ah. Sinto muito. — Apenas um minuto antes, Eduardo poderia ter desejado que Archer morresse horivelmente de varíola. Mas agora se sentia mal por ele. — E você ouviu a parte em que eu... disse que não era mais rei?

— É só disso que o pessoal fala por aqui agora. Você não fez isso... por mim, fez? — Os olhões verdes dela pareciam genuinamente preocupados.

— Não, não fiz por você — ele respondeu rapidamente. (Ainda que, se tivérmos de ser totalmente honestos aqui, havia, sim, uma partezinha mínima e quase insignificante de Eduardo que quis mesmo desistir do trono da Inglaterra apenas para se ver livre para beijar a punquista escocesa sempre que quisesse.) — Não estava pensando em você quando fiz isso.

— Ah, entendo. — Ela olhou para baixo.

— O que eu quis dizer com isso foi que eu não quero ser rei — Eduardo continuou falando atrapalhado. — A minha vida inteira, a coroa foi colocada à força na minha cabeça. Mas, quando vi que poderia escolher, percebi que não era isso que eu queria.

Gracie mordeu o lábio para não dar um sorriso. Covinhas. E só precisava disso.

Eduardo se aproximou dela em duas passadas. Não sabia dizer exatamente o que estava fazendo, apenas que precisava fazer alguma coisa naquele momento ou iria explodir. Ele tomou seu adorável rosto em formato de coração entre as mãos, e seus dedos se entrelaçavam às mechas negras. Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas ele a beijou.

Ele a beijou!

Eduardo sabia que devia estar fazendo direito porque, depois de algumas batidas aceleradas do coração, os olhos de Gracie se fecharam, ela pôs as mãos nos ombros dele e retribuiu o beijo. Eduardo se sentiu como se estivesse voando, só que seus pés estavam bem firmes no chão. Ele a beijou e beijou mais um pouco.

De língua, devemos ressaltar.

Gracie se afastou com os olhos verdes arregalados.

— Minha santa mãe... — disse, retomando o fôlego.

Ele considerou aquilo um elogio.

— Você não tem ideia de quanto tempo tem que eu queria fazer isso.

Ele ajeitou uma mecha particularmente lustrosa atrás da orelha dela, e passou o polegar gentilmente em seu queixo. Ela se aproximou até que seus lábios estivessem quase se tocando.

— Dá pra ter uma ideia.

Ele a beijou de novo.

É claro que toda essa história de beijar Gracie não significava que Eduardo fosse se casar com ela, ou que eles viveriam felizes para sempre (mas, se ele jogasse o jogo do jeito certo, quem sabe?). O “felizes para sempre” desta história pertence a Gifford e Jane. Naturalmente. Mas, para o momento, Eduardo beijou Gracie. Bem mais devagar desta vez. Como um explorador de um novo mundo. Algum tempo depois, ele disse:

— Agora me devolva a coroa da Bess, sua duendezinha.

Ela riu e tirou a coroa da sacola.

— Muito bem. Fique com ela. Mas achei que você tinha dito que não a queria.

— Eu não quero. Não sou um gerifalte, sou? Sou um francelho — ele disse bem perto do ouvido dela. — Não sou rei.

Gracie virou a cabeça e o beijou, apenas roçando os lábios provocantes nos dele.

— Muito bem, então — ela disse com seu sotaque charmoso. — Mas você tem de saber, Eduardo...

— Você me chamou de Eduardo! — Ele a beijou outra vez.

— Sim. Eduardo. — Ela sorriu para ele. — Você sempre será rei para mim.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



Jane

Muito bem, estamos quase naquele “felizes para sempre”. Antes disso, contudo, temos de falar sobre o casamento. Ah, sabemos que já teve um casamento. Estamos falando agora de um *segundo* casamento.

O segundo casamento de Jane e Gifford foi bem parecido com o primeiro. A não ser pelo fato de que este segundo foi realizado ao ar livre. Durante o dia.

E a noiva e o noivo realmente gostavam um do outro.

E ambos eram humanos no momento da cerimônia, o que também foi igual à ocasião da primeira união, mas, dada a natureza diurna de agora, achamos que deveríamos deixar tudo bem claro.

Jane e Gifford ficaram debaixo de um arco ornamentado com flores, em um campo aberto. Havia apenas um punhado de cadeiras para os convidados, mas todas estavam ocupadas. Lady Dudley e a irmãzinha de Gê, Temperance, estavam sentadas à frente. Eduardo e Gracie (de mãos dadas, é claro), Bess e a avó estavam do lado oposto. Peter Bannister e Pet também estavam presentes, ambos em sua forma humana (e aquela foi a primeira vez em que alguém viu Pet usando roupas). Ausências notáveis do evento foram aquelas dos que conspiraram para arranjar o primeiro casamento: Lady Frances tinha sido exilada quando ficou claro que ela não conseguiria manipular (ou beliscar ou cutucar) Jane nunca mais (ela fugiu com o mestre de cavalos das propriedades da família, o que foi um verdadeiro escândalo); o Conselho Privado certamente não foi convidado; e Lorde Dudley... bem...

Nunca mais se ouviu falar em Lorde Dudley. Pelo que sabemos, ele sobreviveu, sentenciado a terminar seus dias em uma mina de

enxofre. Era isso ou a morte, e ele escolheu o enxofre. Se ficou feliz ou não com essa decisão, talvez nunca saibamos. Mas, então, de volta ao casamento.

No colo de cada convidado havia um livro. Um livro qualquer. No caso de a cerimônia ficar chata. Enquanto o padre ia falando sua ladainha como da vez anterior, Jane ficou feliz e também frustrada pelo fato de ninguém ter tirado vantagem de sua ideia tão astuta.

— E agora — disse o padre — vamos declarar os milagres do sagrado matrimônio.

Primeiro, o verdadeiro amor.

Com sua mão livre, Jane apertou a mão de Gifford enquanto sorria para ele. Amor era algo que eles definitivamente tinham agora. Era genuíno. O coração dela pulava quando o padre exaltou as maravilhas do amor e de como é encontrar seu par perfeito.

— Eu te amo — Gifford sussurrou, ao que Jane se sentiu toda cálida por dentro.

— Ainda não chegamos aos votos — o padre murmurou com o canto da boca.

— Desculpe.

Segundo, a virtude.

O olhar de Gifford percorreu o corpete que ela estava usando. Jane deu um ronco ao cair na risada e atraiu olhares de todos. Mas ela não estava nem aí. Não desta vez.

Terceiro, a progênie.

Bem, aquilo ainda estava em discussão. Talvez algum dia...

— Agora vocês podem declarar seus votos — disse o padre.

— Eu primeiro — Jane disse. Gifford tinha sido o primeiro no casamento anterior, e agora era justo que Jane comesçasse. — Eu, Jane Grey-Dudley, doravante declaro minha devoção a você. Prometo amá-lo fielmente e para sempre, resgatá-lo quando estiver em perigo mortal e manter uma despensa lotada de maçãs para que nunca tenhas fome. Para ilustrar o quanto meu amor é profundo, elaborei uma lista de itens acima dos quais você se encontra.

Jane levou um instante para desenrolar as flores de papel que carregava. Gifford ficou meio ansioso tentando ler o que estava escrito. Ela virou todos os papéis para que ele não pudesse ver.

— Gifford, eu te amo mais do que costurar, embora deva dizer, para ser bem honesta, que amo um monte de coisas mais do que costurar. Também te amo mais do que ser rainha, o que, devo admitir, eu não amava muito. Sei que já não inspiro muita confiança ao ler este terceiro tópico, mas há outra coisa que gostaria de mencionar. — Jane elevou o olhar para ele. — Eu te amo mais do que amo livros.

Gifford riu e se inclinou para beijá-la, mas o padre limpou a garganta em desaprovação.

— A aliança. E então mais votos. O beijo vem por último.

Gifford soltou um suspiro melodramático e ofereceu a mão.

— Muito bem...

Jane puxou um anel do bolso costurado ao seu vestido — a mesma aliança que ela tinha posto no dedo dele no primeiro casamento e que tinha sido largada em uma gaveta desde então. Ela pôs a joia novamente em seu dedo e pousou a mão sobre a dele.

— Eu me entrego a você.

— E eu a recebo — ele sussurrou. Então, disse mais alto: — Sei que eu disse isso da última vez, mas agora eu realmente estou sendo sincero de todo o coração. Eu, Gifford Dudley, doravante declaro meu amor a você. Prometo amá-la, protegê-la, ser fiel e fazer de você a mulher mais feliz do mundo. Meu amor por você é tão profundo quanto o oceano e tão resplandecente quanto o sol. Devo protegê-la contra quaisquer perigos. Sou cego para qualquer outra mulher. Sua felicidade é fundamental em meu coração. — Ele tomou uma aliança idêntica e a deslizou no dedo dela. — Me entrego a você, minha Lady Jane.

— E eu o recebo. — Jane não esperou instruções para o beijo. Ficou na ponta dos pés, enrolou os braços em volta dos ombros de seu marido e o beijou longamente enquanto os convidados aplaudiram por muito tempo.

CAPÍTULO TRINTA



Gifford

E o que é um casamento sem uma noite de núpcias? Considerando que a primeira noite anterior tinha acabado com um montão de estrume de cavalo no canto do quarto, não era difícil imaginar algo bem melhor para esta vez.

E foi mesmo bem melhor, pois Gê amava sua lady e sua lady o amava.

E não havia mais segredos entre eles, a não ser um. Gê queria confessá-lo a Jane antes que comesçassem com o tal “abraço muito especial”. Pediu que Jane se sentasse ao lado dele na cama.

— Há algo que preciso dizer.

— Vá em frente.

Gê tomou a mão dela e pousou os dedos sobre a pele delicada de seus finos braços. O que ela não tinha percebido era que ele estava rabiscando os versos de um poema que tinha escrito recentemente. Tinha sido inspirado por sua lady, e Gê tinha passado longas horas tentando encontrar as palavras que mais adequadamente retratassem os sentimentos em seu coração.

Houve muitos falsos começos, porque, em um primeiro momento, ele tentou capturar como um cavalo se apaixonaria por um furão.

Devo a um tonel de maçãs minha lady comparar?

És mais peluda; por dentro, porém, é mais doce iguaria.

Ventos fortes não poderiam me impedir de levá-la ao altar

Onde finalmente um cavalo a desposaria...

E então tentou ser poético só sobre o furão...

Devo compará-la a um imenso rato?

És um tanto mais comprida e com menos doenças decerto.

Nunca alguém a tomaria por um gato desanimado...

Nem por um cão sarnento, de pulgas coberto.

Ele nunca poderia confessar sua paixão por poesia com exemplos tão ruins.

E então, em seu segundo casamento, enquanto Gê se refestelava no sorriso radiante de Jane, a inspiração finalmente o atingiu em cheio. Depois do jantar, ele pôs a caneta no papel e escreveu e escreveu até que saísse tudo perfeito.

— Me diga, meu amor.

— Você se lembra de como eu tinha uma reputação... de ser mulherengo?

— Sim — ela disse, olhando com suspeita.

— A verdade é que nunca teve mulher nenhuma, sabe, nem escapadelas noturnas para casas de reputação duvidosa.

Jane pareceu confusa por um instante.

— Mas então de onde vieram aquelas histórias todas?

— Eu ficava mesmo fora até tarde. Mas minhas noites eram tomadas por... — A fala dele falseou naquele momento, enquanto seu coração disparava.

— Por... o quê? — Jane perguntou com a cabeça passando por todas as possibilidades pouco otimistas.

— P... — Ele começou a dizer a palavra, mas teve de parar.

— Perversões? — Jane arriscou.

— Não.

— Peculiaridades estranhas?

— Não. Bom, de certa forma.

— Se você não me disser agora o que era, eu mesma vou costurar todas as suas roupas daqui em diante — ela falou, realmente disposta a cumprir sua ameaça.

— Poesia — Gê soltou de uma vez.

— Desculpa. O quê? — Jane não entendeu.

Gê colocou-se de pé, puxou um papel e começou a recitar.

Minha Lady Jane...

Devo compará-la a um dia de verão?

Tu és mais serena e mais amável.

Os fortes ventos de maio movimentam os brotos,

E o prazo do verão é sempre inconsolável.

*Às vezes muito quente brilha o olho celestial,
E, com frequência, se ofusca a luz do seu semblante,
De quando em vez, parece estar perto do final
Por acaso ou força da natureza inconstante.
Mas seu eterno verão jamais se acabará,
Nem há de perder o encanto que possui;
E nem a morte sua sombra em ti projetará
Quando, em eternos versos, no tempo se perpetue.
Enquanto o homem possa respirar e os olhos possam ver,
É o quanto vive este poema, e neste há de sobreviver.*

Com um fôlego profundo, Gê tirou os olhos do papel para ver a reação de sua lady.

— Isso foi... lindo! — Jane disse.

— Você acha mesmo?

— Sim. Digo, fico feliz pelo fato de você não viver da escrita, porque já estou acostumada a ter comida na mesa. Mas agradeço muito o esforço que você colocou nessas palavras.

(Olha, alguns de vocês vão reconhecer os versos acima como de autoria de um certo Sr. Shakespeare, um sujeito que ainda não tinha nascido no ano de 1553. Mas vocês também têm de saber que existe todo tipo de teoria conspiratória a respeito de quem realmente escreveu as peças e os sonetos de Shakespeare, e aqui vamos insistir que o verdadeiro autor dessas palavras foi um velho e feliz Gifford Dudley — auxiliado por Jane e seu incomensurável conhecimento adquirido de tantos livros —, que continuou escrevendo a vida toda não para ser rico ou famoso, mas sim para fazer feliz uma certa lady.)

Gê sorriu e caiu de volta na cama.

— Você não tem ideia do alívio que eu sinto ao ouvir isso.

Jane se deitou ao lado dele, de lado, com a mão sob a cabeça.

— Tem alguma outra confissão, milorde?

— Hmmmm — Gê disse. — Você já ouviu aquela sobre o quanto eu te amo?

Jane pôs a mão no peito dele e, devagar, foi desfazendo o nó que mantinha sua camisa fechada. Gê quase parou de respirar.

— Sim, eu me lembro dessa.

O nó se abriu.

— E você também sabe daquela sobre a minha falta de habilidade com a espada? — A voz de Gê estava bem baixa e calma.

— Sim, também me lembro dessa.

Jane puxou o botão no alto do colete. Gê pegou a mão dela.

— Me beija, Jane.

Lábios tocaram outros lábios, a princípio suaves e questionadores, e então, de súbito, desesperados e afoitos. E, ao passo em que no primeiro casamento o quarto da noite de núpcias pareceu repleto dos ecos de estranhos ansiosos por mandar e desmandar, naquela noite os dois estavam muito mais a sós. Gê se perdeu no beijo de Jane. Recuou por um momento.

— Devo dizer, Jane. O jeito como você beija é como uma obra de arte que...

— Cale a boca e me beija — Jane rebateu.

Se beijaram de novo, com os lábios explorando e perguntando e respondendo, e então dedos apressados se atrapalharam com botões e desamarraram laços, e nunca os lábios se distanciaram, exceto por um momento aqui e ali para dizer outra vez.

— Eu te amo.

— Eu te amo.

Desabaram um sobre o outro e, embora seja indelicado detalhar o que aconteceu em seguida, as narradoras vão te informar que um “abraço muito especial” não serve nem para o começo da descrição.

PS: Os dois consumaram com vontade.

E agora, caro leitor, não há muito mais a dizer sobre esse assunto, a não ser que Gifford e Jane viveram felizes para sempre, com seus destinos se entrecruzando mais e mais vezes. E isso agradava deveras a ambos.

Fim

Agradecimentos

Olá! Somos nós, suas Ladies Janes aqui. Este é o momento no qual tiramos nosso chapéu para todas as pessoas maravilhosas que ajudaram a fazer deste livro o que ele é hoje. Mas nós somos três, e cada uma tem uma extensa equipe de apoio, então vamos tentar ser breves (ha ha). Afinal, você acaba de ler um livro de mais de trezentas páginas. Está cansado. Nós também.

Aqui vai uma lista (bastante incompleta) das pessoas que achamos que são espetaculares:

Primeiro, nossos leitores, tanto os jovens quanto os mais velhos. Sempre que mencionávamos estar escrevendo um livro sobre Lady Jane Grey (“Uma comédia?!”), vocês retribuíaam com todo o entusiasmo. Isso fez nossa ideia parecer sempre menos louca e mais factível. Obrigado por isso. Vocês são demais.

Nossos agentes, é claro: Katherine Fausset, Lauren MacLeod e Michael Bourret. “Nós três queremos escrever um livro juntas” foi provavelmente a coisa mais próxima de um pesadelo de logística que vocês já ouviram na vida, mas vocês seguiram em frente ainda assim. Obrigado pela crença inabalável em nós e na nossa historinha engraçada.

Nossas fantásticas editoras, Erica Sussman e Stephanie Stein, que simplesmente entenderam este livro desde o comecinho — o humor, os personagens, a graça das palavras. Uma das melhores coisas de escrever este livro foi conseguir fazê-las rir. E agradecemos a Kristin Rens e a Laurel Symonds por não se importarem quando Brodi e Jodi se afastaram para brincar com outro livro durante algum tempo.

Nossa especialista em comunicação, Rosanne Romanello, que leu este livro tão rápido que ficamos com torcicolo por ela. E ðianos pterodátalos são totalmente reais!

Nossa artista da capa original, Jenna Stempel, por não nos matar quando fomos extremamente criteriosas em nossas escolhas, e por nos dar uma capa com pérolas, rendas e uma Jane com cara de quem está disposta a fazer arte.

Nossas famílias, pela paciência e pelo apoio enquanto fugíamos por semanas a fio para escrever na Inglaterra. (Isso significa que Jodi agradece a Jeff; Cynthia agradece a John, Will e Maddie; e Brodi agradece a Carter e Beckham.)

Nossos bichinhos: Todd, Katniss, Kippy, Walter Fishop III, Stella, Frank, Pidge, Jewels e Fred, o pombo que encontramos em nossa sacada em Londres, que pode ou não ser uma menina. Vocês são nossa inspiração diária.

E o guarda da Torre de Londres que conversou conosco sobre Jane e nos levou à Torre Beauchamp, assegurando-se de que víssemos direitinho os dois lugares onde Guildford entalhou o nome de Jane.

E é isso. Vamos parar. Tchau.



A história do futuro de Glory O'Brien

King, A. S.

9788582354216

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

“Então nós duas bebemos. Ellie bebeu primeiro e agiu como se o gosto fosse bom. Eu bebi logo depois. E nem era tão ruim. Quando acordamos na manhã seguinte, o mundo estava diferente. Nós podíamos ver o futuro. Podíamos ver o passado. Podíamos ver tudo.”

O fim do ensino médio é uma época de possibilidades infinitas – mas não para Glory O'Brien, uma jovem norte-americana que não tem nenhum plano para o futuro. Sua mãe cometeu suicídio quando Glory tinha apenas 4 anos, e ela nunca parou de se perguntar se seguiria o mesmo caminho... Até que numa noite transformadora ela começa a experimentar um novo e surpreendente poder que lhe permite enxergar o passado e o futuro das pessoas.

De antepassados a muitas gerações futuras, a jovem é bombardeada com visões – e o que ela vê pela frente é aterrorizante: um novo líder tirânico toma o poder e levanta um exército. Os direitos das mulheres desaparecem. Uma violenta segunda guerra civil explode. Jovens garotas somem diariamente,

vendidas ou confinadas em campos de concentração.

Sem saber o que fazer, Glory decide registrar todas as suas visões, na esperança de que a sua História do Futuro sirva de alerta e evite o que vem por aí.

Mas será que as pessoas vão acreditar nela? Será que estarão dispostas a fazer o que é necessário para impedir a concretização daquele destino medonho?

Nesta obra-prima sobre feminismo, liberdade e escolhas, A. S. King mais uma vez nos brinda com seu realismo fantástico para contar a história de uma garota que tenta lidar com uma perda devastadora.

[Compre agora e leia](#)



Agente Amélia

Broad, Michael

9788582352649

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Três histórias cheias de mistério - e diversão - sobre eu mesma, Agente Amélia, e sobre como salvo o mundo todos os dias, sozinha! Beijos, Amélia"

Este é o segundo volume de uma série empolgante, indicada para crianças e jovens leitores. Com disfarces criativos, a garota Amélia desvenda os mais complicados mistérios de sua escola e de seu bairro, e agora até quando está de férias, evitando que "terríveis vilões dominem o mundo". Nesta obra, Amélia Kidd desvenda três casos: o das Vacas Zumbis, na fazenda em que ficou hospedada nas férias; o da Flauta Peralta, na escola; e o dos Bolinhos do mal, na padaria de seu bairro. A série, que também conta com Agente Amélia - O Diamante Fantasma! explora de maneira divertida a vida de uma criança imaginativa e inteligente e instiga a curiosidade dos jovens leitores.

[Compre agora e leia](#)



A Biblioteca do Czar



Gabriel Morato  Marcos Inoue

GUTENBERG

1
Vermis - Clã do Sangue

Red Luna

Morato, Gabriel

9788565383899

200 páginas

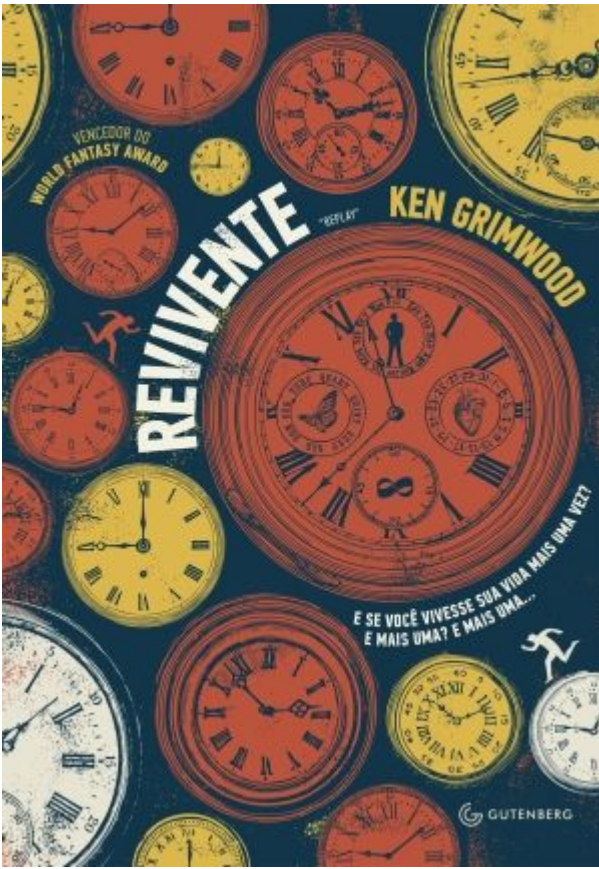
[Compre agora e leia](#)

A série Red Luna apresenta ao leitor uma trilogia fantástica que conta a história de três raças de vampiros que lutam entre si enquanto se alimentam da humanidade: os sugadores de sangue Varnis, os drenadores de magia Devas e os devoradores de emoção Auras.

Com suas origens envoltas em mistério, o ódio e o medo uns dos outros só aumentaram ao longo dos séculos, atingindo os humanos no fogo cruzado.

Neste livro, conheça os Varnis, os milenares senhores secretos da humanidade. Vencedores da guerra travada contra os místicos Devas, os Varnis sobreviveram ao fim da Era da Magia alimentando-se de sangue humano, mas foram condenados a não poderem mais andar sob o sol.

[Compre agora e leia](#)



Revivente

Grimwood, Ken

9788582351543

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jeff Winston é um jornalista de rádio de 43 anos, que está preso em um casamento fracassado e um emprego sem futuro. Ao sentir uma forte dor no peito, morre instantaneamente. Momentos depois, acorda em 1963, em seu quarto da época de faculdade, com 18 anos novamente, e lembrando-se perfeitamente de tudo o que aconteceu. Sem entender o que está ocorrendo, a única coisa que sabe são os fatos de sua vida e do mundo que se repetirão, inclusive o dia de sua morte. As dúvidas invadem sua mente: o que fazer dessa "nova" vida? Cometer os mesmos erros ou fazer tudo diferente? Deixar que os grandes desastres da história aconteçam ou tentar interferir? Nesta surpreendente e premiada obra, que foi inclusive inspiração para o filme "Feitiço do tempo" (Groundhog Day), é uma aventura emocionante que desafia os limites do tempo.

[Compre agora e leia](#)



Rani e O Sino da Divisão

Anotsu, Jim

9788582351888

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem não conhece bem Rani pode até achar que ela é uma adolescente comum, que mora em uma cidade do interior, acorda cedo para frequentar o ensino médio, e toca em uma banda de punk death metal com sua melhor amiga, Marina.

Só que sua vida começa a se distanciar totalmente da normalidade quando, um dia, ao ir para a escola, ela resolve cortar caminho pelo cemitério, onde vê um garoto estranhamente bonito, vestido com roupas coloridas e tênis fluorescente, que a olha de uma maneira intrigante. Mais tarde, para sua surpresa, ela descobre que Pietro é aluno novo em sua classe. Dias depois, ele revela a Rani que faz parte de uma turma de excluídos, chamados Animais de Festa, uma facção de jovens (e nem tão jovens) seres sobrenaturais. E mais: que ela deve se juntar a eles, já que é uma xamã adormecida que precisa de treinamento imediato, pois está sob a mira de Aiba, um xamã poderoso que se alimenta da força vital de seus semelhantes.

Cética mas curiosa, de repente ela se vê mergulhada em uma aventura com seus novos e estranhos amigos para encontrar o Sino

da Divisão, o único artefato mágico capaz de derrotar o destrutivo e cruel Aiba.

[Compre agora e leia](#)